

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM IMAGEM E SOM

SÔNIA MARIA REIS DE SOUZA

***Greg News: estratégias humorísticas utilizadas na eleição presidencial
brasileira de 2018***

SÃO CARLOS -SP
2024

SÔNIA MARIA REIS DE SOUZA

***Greg News: estratégias humorísticas utilizadas na eleição presidencial
brasileira de 2018***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som, na linha de pesquisa Narrativa Audiovisual, da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação da Profa. Dra. Margarida Maria Adamatti, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Audiovisual.

SÃO CARLOS -SP
2024

Souza, Sônia Maria Reis de

Greg News: estratégias humorísticas utilizadas na eleição presidencial brasileira de 2018 / Sônia Maria Reis de Souza -- 2024.
265f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Profa. Dra. Margarida Maria Adamatti
Banca Examinadora: Profa. Dra. Margarida Maria Adamatti (UFSCar), Prof. Dr. Arthur Autran Franco de Sá Neto (UFSCar), Prof. Dr. Alessandro Constantino Gamo (UFSCar), Prof. Dr. Tarcis Prado Junior (UTP)
Bibliografia

1. Audiovisual; 2. Jornalismo de Opinião; 3. Humor. I. Souza, Sônia Maria Reis de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

SÔNIA MARIA REIS DE SOUZA

***Greg News: estratégias humorísticas utilizadas na eleição presidencial
brasileira de 2018***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som, na linha de pesquisa Narrativa Audiovisual, da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação da Profa. Dra. Margarida Maria Adamatti, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Audiovisual.

Aprovado em: 22/04/2024.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Margarida Maria Adamatti (Orientadora)

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Alessandro Constantino Gamo

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Arthur Autran Franco de Sá Neto

Instituição: Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Tarcis Prado Júnior

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Sônia Maria Reis de Souza, realizada em 22/04/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Margarida Maria Adamatti (UFSCar)

Prof. Dr. Arthur Autran Franco de Sá Neto (UFSCar)

Prof. Dr. Alessandro Constantino Gamo (UFSCar)

Prof. Dr. Tarcis Prado Junior (UTP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som.

Para minha filha, meu marido, meus pais e irmãos. Por todo amor, apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

À Professora Margarida Maria Adamatti, pela orientação, por ter desempenhado tal função com excelência e maestria, por ter me guiado pelo caminho da pesquisa com muito profissionalismo, sem deixar de lado a humanidade, a sororidade e a amizade.

Muito obrigada, será sempre um exemplo para mim!

Aos Professores Alessandro Gamo e Arthur Autran Franco Sá Neto, pela leitura muito cuidadosa e sugestiva por ocasião do exame de qualificação;

A Denis Russo Burgierman, editor-executivo de *Greg News*, que gentilmente me concedeu uma entrevista para compor os dados desta pesquisa;

A todos os Professores do Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (PPGIS/UFSCar), pelos ensinamentos e sugestões que me permitiram apresentar um melhor desempenho em meu processo de formação;

À coordenação do PPGIS, pelo suporte durante os anos de pandemia e também durante minha licença maternidade;

Ao secretário do PPGIS, Felipe Rossit, cujas informações e orientações sempre me foram transmitidas com enorme eficiência e gentileza;

A meus colegas do mestrado, pelos diálogos enriquecedores e sugestivos, o que decerto foi determinante para o desenvolvimento desta pesquisa;

À UFSCar, essencial em meu processo de formação acadêmica e profissional.

Por que a invenção cômica não nos daria informações sobre os procedimentos de trabalho da imaginação humana e, mais particularmente, da imaginação social, coletiva, popular? Oriunda da vida real, aparentada com a arte, como não nos diria ela também uma palavra acerca da arte e da vida?

O riso, Henri Bergson (2004, p. 2).

RESUMO

Esta pesquisa realiza uma análise discursiva e audiovisual de *Greg News* (2017-2024) enfocando o posicionamento político do programa no contexto que antecede a eleição presidencial de 2018 no Brasil, marcada pela ascensão da extrema direita. Contando com uma linha editorial que se anuncia esquerdista e, portanto, contrária ao reacionarismo desvelado no país sobretudo ao longo da última década, o programa produzido pela HBO Brasil e apresentado por Gregorio Duvivier possui um formato híbrido entre jornalismo de opinião e humor: a informação e o ajuizamento sobre os fatos correntes no universo político aliam-se ao emprego do humor como recurso crítico. Partindo da hipótese de que não se pode considerar *Greg News* uma efetiva sátira política de esquerda, uma vez que, inserto na mídia liberal, o programa não afronta certas instâncias do neoliberalismo, o objetivo geral desta dissertação consiste em realizar uma análise audiovisual do programa em busca de demarcar seu posicionamento em relação ao contexto que precede as eleições presidenciais brasileiras de 2018, tendo em conta a posição dos pré-candidatos, bem como as respectivas políticas econômicas e sociais. Os objetivos específicos são: (1) definir as linhagens e gêneros em que se enquadra o programa; (2) identificar suas estratégias de humor; (3) analisar os impactos do programa sobre o cenário político e os impactos do contexto político sobre o programa. Foram selecionados para análise quatro episódios representativos do programa que se situam no contexto que precede esse processo eleitoral. A metodologia adotada para a análise dos episódios apoia-se na análise audiovisual, com base sobretudo em Jacques Aumont et al. (2001), e nas categorias da análise do discurso aplicadas ao audiovisual, tomando como aparato teórico principal Foucault (2008) e Orlandi (2009). Além da reconstrução histórica do humor no audiovisual brasileiro, foram também mobilizadas, em termos teóricos, referências canônicas sobre humor, como Bergson (2014), Minois (2003), Freud (2017) e Raskin (1985), entre outros, e sobre democracia e política, em particular Bobbio (2006, 2000) e Foucault (2012, 2010, 1999). Articulando questões nucleares do audiovisual – humor, entretenimento, jornalismo, política, esfera pública, engajamento e ativismo digital –, a dissertação estrutura-se em três capítulos que tratam sequencialmente dos seguintes assuntos: a trajetória profissional e o engajamento político de Gregorio Duvivier, os aspectos que caracterizam o programa e seus bastidores; as estratégias de humor empregadas em *Greg News*; análise dos episódios selecionados.

Palavras-chave: *Greg News*; Jornalismo de Opinião; Humor, Audiovisual; Eleições Presidenciais Brasileiras.

ABSTRACT

This research carries out an audiovisual and discursive analysis of *Greg News* (2017-2024) focusing on the program's political positioning in the context that precedes the 2018 presidential election in Brazil, marked by the rise of the extreme right. Relying on an editorial line that announces itself as leftist and, therefore, contrary to the reactionaryism revealed in the country, especially over the last decade, the program produced by HBO Brazil and presented by Gregorio Duvivier has a hybrid format between opinion journalism and humor: information and the judgment about current facts in the political universe are combined with the use of humor as a critical resource. Starting from the hypothesis that *Greg News* cannot be considered an effective left-wing political satire, since, as part of the liberal media, the program does not confront certain instances of neoliberalism, the general objective of this dissertation is to carry out an audiovisual analysis of the program in seeks to demarcate its position in relation to the context that precedes the 2018 Brazilian presidential elections, taking into account the position of the pre-candidates, as well as the respective economic and social policies aligned with them. The specific objectives are: (1) define the lineages and genera into which the program fits; (2) identify your humor strategies; (3) analyze the impacts of the program on the political scenario and the impacts of the political context on the program. Four representative episodes of the program were selected for analysis, which are located in the context that precedes this electoral process. The methodology adopted to analyze the episodes is based on audiovisual analysis, based mainly on Jacques Aumont et al. (2001), and in the categories of discourse analysis applied to audiovisual, taking Foucault (2008) and Orlandi (2009) as the main theoretical apparatus. In addition to the historical reconstruction of humor in Brazilian audiovisual, canonical references on humor were also mobilized, in theoretical terms, such as Bergson (2014), Minois (2003), Freud (2017) and Raskin (1985), among others, and on democracy and politics, in particular Bobbio (2006, 2000) and Foucault (2012, 2010, 1999). Articulating core audiovisual issues – humor, entertainment, journalism, politics, public sphere, engagement and digital activism –, the dissertation is structured into three chapters that deal sequentially with the following subjects: the professional trajectory and political engagement of Gregorio Duvivier, the aspects that characterize the program and its backstage; the humor strategies used in *Greg News*; analysis of selected episodes.

Keywords: *Greg News*; Opinion Journalism; Humor, Audiovisual; Brazilian Presidential Elections.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Elenco de <i>Zenas Emprovissadas</i> : Marcelo Adnet, Rafael Queiroga, Fernando Caruso e Gregorio Duvivier	38
Figura 2 –	Cenas do Especial de Natal “A primeira tentação de Cristo” (2019)	42
Figura 3 –	Paródia de Jesus (“Desculpem meu aramaico”, crônica de Gregório Duvivier)	43
Figura 4 –	Gregorio Duvivier na Vigília Lula Livre (7 de abril de 2019)	47
Figura 5 –	Campanha presidencial de Lula (2022): gravação do <i>jingle</i> Lula-lá	48
Figura 6 –	<i>Tweet</i> feito por Gregorio Duvivier sobre Luciano Hang	48
Figura 7 –	<i>Tweet</i> feito por Ciro Gomes sobre o debate com Gregorio Duvivier	50
Figura 8 –	<i>Greg News</i> : cenário	56
Figura 9 –	<i>Tweet</i> feito por Gregorio Duvivier sobre a fusão que afetou a disponibilização do <i>Greg News</i>	58
Figura 10 –	<i>Greg News</i> : apresentação das fontes	59
Figura 11 –	Gregorio Duvivier no início do episódio “Jovem Pan”	62
Figura 12 –	Gregorio Duvivier comemora a vitória contra a Jovem Pan	63
Figura 13 –	Resultado das Eleições Presidenciais de 2022 (Primeiro Turno)	69
Figura 14 –	Raízes do humor na televisão brasileira: Amácio Mazzaroppi	78
Figura 15 –	“Chico City” (Rede Globo)	79
Figura 16 –	“Chico Anysio Show” (Rede Globo)	79
Figura 17 –	Elenco de “Balança, Mas Não Cai!”	80
Figura 18 –	“A Família Trapo”	81
Figura 19 –	“Jô Soares Onze e Meia” (SBT)	82
Figura 20 –	“Programa do Jô” (Rede Globo)	82
Figura 21 –	Cena de “Os Trapalhões ” no início dos anos 1980 (Rede Globo)	84
Figura 22 –	“TV Pirata” (Rede Globo)	87
Figura 23 –	Parte do elenco de “Casseta & Planeta, Urgente!” (Rede Globo)	87
Figura 24 –	“Sai de baixo” (Rede Globo)	88
Figura 25 –	O humor na contemporaneidade: a linguagem dos memes	90
Figura 26 –	<i>Canal Hipócritas</i> e a ultradireita brasileira	98
Figura 27 –	<i>Brasil Paralelo</i> e Olavo de Carvalho (2018)	99

Figura 28 –	<i>Os Pingos nos Is</i> (Jovem Pan)	100
Figura 29 –	<i>Greg News</i> : campanha eleitoral (abertura do episódio “Robôs)	133
Figura 30 –	<i>Greg News</i> : a condenação dos marqueteiros do PT	134
Figura 31 –	<i>Greg News</i> : Campanha eleitoral de Dilma Rousseff (2014)	135
Figura 32 –	<i>Greg News</i> : Dilma Rousseff e os protestos de 2013	136
Figura 33 –	<i>Greg News</i> : recursos destinados a marqueteiros em campanhas petistas	137
Figura 34 –	<i>Greg News</i> : o contraste entre seriedade e o riso sardônico	138
Figura 35 –	<i>Greg News</i> : associações esdrúxulas e ridicularização	139
Figura 36 –	<i>Greg News</i> : José Serra e Mr. Burns (<i>Os Simpsons</i>), associação esdrúxula, ridicularização e linguagem subliminar	140
Figura 37 –	<i>Greg News</i> : ridículo real, os nomes utilizados por candidatos a deputados	141
Figura 38 –	<i>Greg News</i> : o custo das eleições presidenciais de 2014	142
Figura 39 –	<i>Greg News</i> : a redução do fundo eleitoral para as campanhas de 2018	143
Figura 40 –	<i>Greg News</i> : Bolsonaro e o fenômeno digital	144
Figura 41 –	<i>Greg News</i> : a influência de Bolsonaro e Lula nas redes sociais	145
Figura 42 –	<i>Greg News</i> : o emprego de memes por Bolsonaro	146
Figura 43 –	<i>Greg News</i> : o uso de robôs nas campanhas eleitorais	146
Figura 44 –	<i>Greg News</i> : associação entre o emprego de robôs em eleições mundiais e a sigla eleitoral do pré-candidato Bolsonaro	147
Figura 45 –	<i>Greg News</i> : o contraste em o uso de robôs pelo PSDB e pelo PT	148
Figura 46 –	<i>Greg News</i> : a sátira mediante o emprego da linguagem subliminar	148
Figura 47 –	<i>Greg News</i> : a venda de robôs em sites	149
Figura 48 –	<i>Greg News</i> : emprego de robôs na pré-candidatura de Bolsonaro (2018)	150
Figura 49 –	<i>Greg News</i> : eleitores de Bolsonaro imitam robôs	151
Figura 50 –	<i>Greg News</i> : a robotização e a polarização política	152
Figura 51 –	<i>Greg News</i> : abertura do episódio “Liberalismo”	154
Figura 52 –	<i>Greg News</i> : o neoliberalismo como modismo (recurso da intertextualidade)	155
Figura 53 –	<i>Os sete samurais</i> (1954), Akira Kurosawa	156
Figura 54 –	<i>Greg News</i> : montagem: Michel Temer e o coque de samurai	157

Figura 55 –	<i>Greg News</i> : políticos conservadores que se declaram liberais	158
Figura 56 –	<i>Greg News</i> : pré-candidato Bolsonaro anuncia a escolha do liberal Paulo Guedes para o comando do Ministério da Fazenda	159
Figura 57 –	<i>Greg News</i> : Partido Novo lança 152 pré-candidatos às eleições de 2018	160
Figura 58 –	<i>Greg News</i> : imagem do clipe “Libera geral”, de Xuxa	161
Figura 59 –	<i>Greg News</i> : definição de Liberalismo (<i>The Economist</i>)	162
Figura 60 –	<i>Greg News</i> : Adam Smith e o Liberalismo econômico	163
Figura 61 –	<i>Greg News</i> : Adam Smith e o conceito de “mão invisível”	163
Figura 62 –	<i>Greg News</i> : Liberalismo sob o ponto de vista de Mario Vargas Llosa	164
Figura 63 –	<i>Greg News</i> : Flávio Rocha, “liberalismo <i>made in Brazil</i> ”	165
Figura 64 –	<i>Greg News</i> : Flávio Rocha, a versão grotesca do “liberalismo <i>made in Brazil</i> ”	166
Figura 65 –	<i>Greg News</i> : o apoio de Latino à pré-candidatura de Flávio Rocha	166
Figura 66 –	<i>Greg News</i> : a adequação do liberalismo aos interesses de grupos bilionários no Brasil	167
Figura 67 –	<i>Greg News</i> : João Amoedo (NOVO), liberal na economia e conservador nos costumes	168
Figura 68 –	<i>Greg News</i> : a posição de João Amoedo (NOVO) sobre a legalização do aborto	169
Figura 69 –	<i>Greg News</i> : dados sobre o aborto no Brasil	170
Figura 70 –	<i>Greg News</i> : incongruências de Bolsonaro	171
Figura 71 –	<i>Greg News</i> : o liberalismo e a defesa da taxaço de grandes fortunas ..	171
Figura 72 –	<i>Greg News</i> : impostos cobrados sobre heranças no Brasil	172
Figura 73 –	<i>Greg News</i> : a intervenço do Estado em favor das grandes fortunas ...	173
Figura 74 –	<i>Greg News</i> : a concentraço de renda no Brasil	174
Figura 75 –	<i>Greg News</i> : participaço da <i>socialite</i> Narcisa Tamborindeguy no episódio “Liberalismo”	175
Figura 76 –	<i>Greg News</i> : conciliaço	178
Figura 77 –	<i>Greg News</i> : a aboliço como uma acomodação de interesses da elite local e de colonos portugueses	179
Figura 78 –	<i>Greg News</i> : Lula, um conciliador	180
Figura 79 –	<i>Greg News</i> : reproduço de “Central da Copa” (Globo)	182

Figura 80 –	<i>Greg News</i> : pesquisa sobre os pré-candidatos às eleições presidenciais de 2018	183
Figura 81 –	<i>Greg News</i> : Lula e a greve nos metalúrgicos nos anos 1970	184
Figura 82 –	<i>Greg News</i> : Lula carregado pelos metalúrgicos do ABC nos anos 1970	185
Figura 83 –	<i>Greg News</i> : Fernando Collor (campanha eleitoral de 1989)	186
Figura 84 –	<i>Greg News</i> : Carta de Lula para o mercado financeiro (campanha eleitoral de 2002)	186
Figura 85 –	<i>Greg News</i> : declaração de Lula sobre o lucro dos bancos durante seu primeiro mandato como presidente	187
Figura 86 –	<i>Greg News</i> : a reforma previdenciária, a concessão ao mercado financeiro e o racha no PT (2003)	188
Figura 87 –	<i>Greg News</i> : o apoio do empresário Eike Batista a Lula	188
Figura 88 –	<i>Greg News</i> : a reeleição de Lula em 2006	189
Figura 89 –	<i>Greg News</i> : a ascensão popular e a indignação da elite (coluna de Danuza Leão, <i>Folha de S. Paulo</i>)	189
Figura 90 –	<i>Greg News</i> : os avanços sociais nos dois mandatos de Lula (2003-2010)	191
Figura 91 –	<i>Greg News</i> : a proximidade entre Lula e Mares Guia (proprietário da Kroton)	192
Figura 92 –	<i>Greg News</i> : a ironia como recurso de humor	193
Figura 93 –	<i>Greg News</i> : o lucro dos bancos na Era Lula	193
Figura 94 –	<i>Greg News</i> : valor circulante (moeda impressa)	194
Figura 95 –	<i>Greg News</i> : declaração de Lula sobre a relação do Estado com o mercado financeiro ao longo de seus mandatos	195
Figura 96 –	<i>Greg News</i> : popularidade de Lula ao final de seu segundo mandato como presidente	195
Figura 97 –	<i>Greg News</i> : a vitória de Dilma Rousseff em 2010	196
Figura 98 –	<i>Greg News</i> : Dilma Rousseff expõe em rede nacional a necessidade de baixar a taxa de juros	197
Figura 99 –	<i>Greg News</i> : Dilma Rousseff e a redução dos juros	197
Figura 100 –	<i>Greg News</i> : Dilma Rousseff e a oposição comandada pelo PMDB	198
Figura 101 –	<i>Greg News</i> : protestos contra a realização da Copa do Mundo no Brasil	199
Figura 102 –	<i>Greg News</i> : obras para a Copo do Mundo viram sucata	199
Figura 103 –	<i>Greg News</i> : empregadas domésticas no Brasil	200

Figura 104 – <i>Greg News</i> : a <i>socialite</i> Regina Manssur critica a PEC 42 (“PEC das Domésticas”)	201
Figura 105 – <i>Greg News</i> : em meio à crise, Dilma substitui Guido Mantega por Joaquim Levy	201
Figura 106 – <i>Greg News</i> : a nomeação e a suspensão de Lula como ministro da Casa Civil	202
Figura 107 – <i>Greg News</i> : Lula e a Lava Jato	203
Figura 108 – <i>Greg News</i> : a parcialidade judicial em favor de Temer e Alckmin	204
Figura 109 – <i>Greg News</i> : Duvivier imita Lula lendo e debocha de Bolsonaro	205
Figura 110 – <i>Greg News</i> : o boneco de Lula como manchete do <i>Estadão</i>	207
Figura 111 – <i>Greg News</i> : Lula, o candidato mais votado na história da humanidade	208
Figura 112 – <i>Greg News</i> : abertura do episódio “Bolsonaro”	210
Figura 113 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro, o discurso misógino e a defesa do porte de armas	212
Figura 114 – <i>Greg News</i> : uma sátira da figura de Jesus (“Setor de RH – Jesus”, <i>Porta dos Fundos</i>)	213
Figura 115 – <i>Greg News</i> : a erotização da figura de Jesus (TV Folha)	214
Figura 116 – <i>Greg News</i> : o raciocínio motivado	215
Figura 117 – <i>Greg News</i> : experimento científico sobre o raciocínio motivado na política	215
Figura 118 – <i>Greg News</i> : os investimentos na Copa do Mundo de 2014	217
Figura 119 – <i>Greg News</i> : escândalos de corrupção envolvendo vários partidos	218
Figura 120 – <i>Greg News</i> : a crise econômica (2017)	218
Figura 121 – <i>Greg News</i> : os altos níveis de desemprego (2018)	219
Figura 122 – <i>Greg News</i> : denúncias envolvendo Michel Temer e o PMDB	220
Figura 123 – <i>Greg News</i> : a etiologia e o desdobramento do sentimento de raiva	221
Figura 124 – <i>Greg News</i> : definição de medo	222
Figura 125 – <i>Greg News</i> : o emprego do medo como instrumento de manipulação ..	223
Figura 126 – <i>Greg News</i> : os escândalos de corrupção envolvendo o PP	224
Figura 127 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro normaliza PP receber propina	226
Figura 128 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro e os escândalos de corrupção	226
Figura 129 – <i>Greg News</i> : depoimentos sobre a conduta de Bolsonaro no exército ...	227
Figura 130 – <i>Greg News</i> : o envolvimento de Bolsonaro com o garimpo	228

Figura 131 – <i>Greg News</i> : a aliança de Bolsonaro com o PR (atual PL)	229
Figura 132 – <i>Greg News</i> : os dois projetos de Bolsonaro aprovados ao longo de 26 anos como Deputado Federal	230
Figura 133 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro, a pena de morte alinhada à defesa da regulamentação do porte de armas, da ideologia repressiva e do culto da violência policial	231
Figura 134 – <i>Greg News</i> : a aumento do número de assassinatos nos estados americanos que adotaram a pena de morte	231
Figura 135 – <i>Greg News</i> : o apoio de Bolsonaro ao regime ditatorial venezuelano ...	232
Figura 136 – <i>Greg News</i> : afinidade entre as propostas de Bolsonaro e as medidas adotadas por Chávez e Maduro	233
Figura 137 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro e o racismo	234
Figura 138 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro e o uso da violência pelo Estado	234
Figura 139 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro e o direito das mulheres	235
Figura 140 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro e a homofobia	235
Figura 141 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro e a negação da existência de homofobia no Brasil	236
Figura 142 – <i>Greg News</i> : dados sobre o homicídio de homossexuais no Brasil	237
Figura 143 – <i>Greg News</i> : os eleitores de Bolsonaro relativizam suas declarações	238
Figura 144 – <i>Greg News</i> : o discurso de Donald Trump em campanha eleitoral de 2016	238
Figura 145 – <i>Greg News</i> : governo Trump separa mães imigrantes ilegais de seus filhos na fronteira	239
Figura 146 – <i>Greg News</i> : vídeo de crianças imigrantes retidas por Trump	239
Figura 147 – <i>Greg News</i> : a oposição de Bolsonaro à democracia eleitoral	240
Figura 148 – Logotipo utilizado pela coligação “Brasil da Esperança”	241
Figura 149 – <i>Greg News</i> : Bolsonaro x decência	243

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Seleção dos episódios: critério de inclusão (eleição presidencial de 2018)	28
Quadro 2 – Episódios analisados (2018)	30
Quadro 3 – Gregorio Duvivier: filmografia	40
Quadro 4 – Candidatos à Presidência e Vice-Presidência da República, seus partidos e coligações em 2018	127
Quadro 5 – Eleições presidenciais de 2018: episódios de <i>Greg News</i> analisados	131

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Proporção da população residente por cor ou raça – 1991/2022 (%)	52
Gráfico 2 – Deputados Federais eleitos por cor ou raça – 2014/2022 (%)	53

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	20
1. GREG NEWS	36
1.1. A trajetória de Gregorio Duvivier	36
1.2. <i>Greg News</i> : o perfil do programa	54
1.3. Os bastidores do programa	65
2. GREG NEWS: O RISO COMO INSTRUMENTO CRÍTICO	75
2.1. Humor e sátira política na televisão brasileira	75
2.2. <i>Greg News</i> e programas congêneres	92
2.3. A propósito do humor: apontamentos teóricos	101
2.4. Humor, sátira e política	112
3. GREG NEWS: HUMOR NO CENÁRIO POLÍTICO	124
3.1. As eleições presidenciais de 2018 e seus antecedentes	126
3.2. Análise dos episódios de 2018	132
3.2.1. “Robôs”	132
3.2.2. “Liberalismo”	153
3.2.3. “Lula e a conciliação”	177
3.2.4. “Bolsonaro”	209
CONSIDERAÇÕES FINAIS	244
REFERÊNCIAS	249
ANEXO	255
Entrevista com Denis Russo Burgierman, editor-chefe de <i>Greg News</i>	256

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A velha ideia era que a comédia representava as fraquezas da natureza humana e as tragédias retratavam os homens maiores do que eles são. Para pintá-los de um modo verdadeiro será preciso chegar a um meio-termo entre as duas; o resultado é algo muito sério para ser cômico, muito imperfeito para ser trágico, e a isso podemos chamar de humor.

“O valor do riso”, Virginia Woolf

O problema tratado por esta pesquisa é a efetiva compatibilidade da inscrição de um quadro midiático que se proclama alinhado à esquerda progressista na mídia liberal, que é historicamente aliada ao modelo político representado pela direita.¹ Dito de outro modo, trata-se de questionar em que medida é possível que um programa com inclinação à esquerda progressista faça parte da mídia liberal sem fazer determinadas concessões no que respeita aos ideais que *a priori* defende e, por consequência, sem trazer para o discurso do programa certa ambiguidade. Para tratarmos do referido problema, tomamos como objeto da pesquisa o programa *Greg News*, que estreou em 2017 e foi cancelado em 2024, exibido pela HBO Brasil, enfocando, em particular, o contexto que precede à eleição presidencial brasileira de 2018. A fim de podermos explicitar com maior precisão e rigor os propósitos em causa, retomamos o contexto em que se deu o pleito eleitoral para presidente no Brasil em 2018 e, para conferir respaldo para a análise, traremos também o contexto que antecedeu o pleito presidencial de 2022.

Em 2016, as manifestações pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff – reeleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições presidenciais de 2014 para cumprir o seu segundo mandato consecutivo – deflagram o acirramento da tensão política no Brasil. Com a destituição de Dilma Rouseff em 2016, sob a acusação de Improbidade Administrativa, seu então vice, Michel Temer (MDB – Movimento Democrático Brasileiro), assume o cargo da presidência. Vale lembrar que em 2023, o TRF-1 extingue a ação contra a presidenta e sua equipe.² O *impeachment* – bem como toda a operação Lava Jato, de que trataremos a seguir –

¹ Vejamos a definição: ““Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente a ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesse e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade(...)” (BOBBIO, 1995, p. 33).

² Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn37z5v89d4o>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

ocorreu sob o apoio da grande mídia, que incutiu a campanha em favor do *impeachment* de Dilma Rousseff e sustentou sua substituição por Temer. Em decorrência da proliferação de discursos de ódio e da ostensiva escalada de violência de fundo político, inicia-se um período de tolhimento da liberdade de expressão e de esvaziamento do debate de ideias.

Esse contexto marcado pela polarização e pela cisão radical se agrava ao longo das eleições presidenciais de 2018 e 2022. Em 2018, um dos eventos que estampam tais tensões ocorreu no dia 6 de setembro: o candidato de extrema direita Jair Bolsonaro, então filiado ao PSL (Partido Social Liberal), leva uma facada na região do abdômen, enquanto é carregado nos ombros durante um ato de campanha em Juiz de Fora (MG). O agressor, Adélio Bispo de Oliveira, é preso em flagrante e afirma ter agido por motivações religiosas e de cunho político. Bolsonaro passa por duas cirurgias, fica vinte e três dias internado e, ao deixar o hospital, segue para cumprir repouso médico em sua casa no Rio de Janeiro. Impedido de fazer campanhas nas ruas, o candidato intensifica suas postagens nas redes sociais.³

No dia 07 abril de 2018, após ter sido condenado em segunda instância no caso do triplex em Guarujá a 12 anos e 1 mês de reclusão, de acordo com a Lei da Ficha Limpa, o ex-presidente petista Luiz Inácio Lula da Silva (eleito nas eleições de 2002 e 2006) entrega-se à Polícia Federal, dois dias depois de Sergio Moro, juiz responsável pela operação Lava Jato (e que se tornaria Ministro da Justiça no governo de Jair Bolsonaro), ter expedido a ordem de prisão. Cumpre assinalar que, em 2021, o Supremo Tribunal Federal (STF) decide que Moro foi parcial contra Lula, após o portal de notícias *The Intercept Brasil* revelar, em julho de 2019, diálogos privados entre o ex-magistrado e o procurador Deltan Dallagnol (chefe da força-tarefa da Lava Jato), nos quais o ex-juiz adotava condutas ilegais em parceria com o Ministério Público Federal. O lavajatismo contou com grande apoio da mídia. Ao focar a chamada República de Curitiba, Tarcis Prado Júnior (2019) mostra a influência da mídia na construção de heróis, como ocorreu com relação a Sergio Moro na condução da Lava Jato.

O PT trava uma briga na Justiça para garantir que Lula pudesse concorrer às eleições presidenciais de 2018, lembrando que o ex-presidente liderava as pesquisas de intenção de voto às eleições presidenciais daquele ano⁴, mesmo estando preso junto à Superintendência da Polícia Federal de Curitiba. Contudo, em 1º de setembro, os ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) rejeitam a candidatura do ex-presidente. No último dia do prazo dado pelo TSE

³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/31/politica/1517399782_176018.html>. Acesso em: 17 dez. 2023.

⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

para que Lula fosse substituído, o PT oficializa Fernando Haddad (PT) – ministro da Educação de 2005 a 2012 e prefeito de São Paulo de 2013 a 2017 – como candidato em anúncio feito diante da Superintendência da Polícia Federal de Curitiba.

O pleito foi marcado pelas mais diversas formas de violência decorrentes da polarização política. Podemos citar o episódio ocorrido na madrugada de 8 de setembro de 2018: horas após a votação do primeiro turno das eleições, Paulo Sérgio Ferreira de Santana mata a facadas, em Salvador, o capoeirista, compositor, percussionista e ativista da cultura negra Moa do Katendê. Moa havia declarado voto no então candidato petista Fernando Haddad e criticado o adversário, Jair Bolsonaro (PL), o que leva o eleitor bolsonarista a golpeá-lo.⁵

Outro fato que merece destaque nas eleições de 2018 é a presença massiva de contas automatizadas nas redes sociais (os chamados *bots*, robôs) e o fenômeno da desinformação, as “*fake news*”, que marcaram as eleições nos Estados Unidos, no Reino Unido, na França, na Alemanha e no México, dominam o cenário político brasileiro aumentando o estado de tensão.

O processo eleitoral é caracterizado por outro fato inusitado: pela primeira vez desde a redemocratização, não houve debate entre os candidatos que disputaram o segundo turno da eleição presidencial, pois Jair Bolsonaro (PSL) – que havia participado de apenas dois debates no primeiro turno⁶ – decide não participar de nenhum debate no segundo turno. “Segundo fui informado tenho restrições, eu poderia me submeter a uma aventura, de participar de um debate, de duas ou três horas, mas poderia ter uma consequência péssima para a minha saúde”, alega Bolsonaro em 18 de outubro de 2018.⁷ Contudo, de acordo com os médicos do candidato, do ponto de vista clínico, o presidenciável estava liberado e o comparecimento aos debates dependeria apenas dele.

Manifestações apaixonadas, favoráveis e contrárias ao presidenciável Jair Bolsonaro ocorrem em diversas cidades durante o primeiro e o segundo turnos. Em 29 de setembro, mulheres lideram o movimento #Elenão e convocam a população pelas redes sociais a se manifestar em repúdio a Bolsonaro. Foram contabilizados atos em 114 cidades dos 26 estados e do DF. No mesmo dia, atos a favor de Bolsonaro ocorrem em 40 cidades de 16 estados.

⁵ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/augusto-diniz/vitima-do-odio-moa-do-katende-ganha-tributos-que-lembram-que-e-hora-de-mudanca/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/05/31/bolsonaro-defende-debates-com-perguntas-combinadas-e-confirma-presenca-so-no-2o-turno.ghtml>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/18/jair-bolsonaro-afirma-que-nao-vai-a-debates-no-segundo-turno.ghtml>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

Ostentando o mote “Deus, pátria, família”, um discurso reacionário extremado – marcado por misoginia, defesa da família tradicional, contestação das pautas LGBTQIAP+⁸, racismo, liberação do porte de armas, negação da ciência, entre outras posições intrínsecas às pautas ultradireitistas, e alegando-se um *outsider*, “antissistema” (apesar de estar na política desde 1989, primeiro como vereador da capital carioca, de 1989 a 1991, depois como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, de 1991 a 2018), Jair Bolsonaro é eleito presidente, no segundo turno das eleições, ocorrido em 28 de outubro de 2018, com 57,8 milhões de votos (55,13%), derrotando o petista Fernando Haddad, que obteve 47.040.819 votos (44,87%).

Após o Supremo Tribunal Federal alegar a inexistência de fundamento para o prosseguimento da execução penal provisória e impor a interrupção do cumprimento da pena privativa de liberdade, o ex-presidente Lula é solto no dia 08 de novembro de 2019, tendo permanecido 580 dias detento. Mais tarde, Lula seria absolvido em todos os processos que apuravam escândalos de corrupção pela operação Lava Jato. Paralelamente, a posição negacionista assumida pelo então presidente Jair Bolsonaro no contexto da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021, fragilizou a imagem do país, que se tornava o novo epicentro global da pandemia, com mais de 21 mil vítimas fatais, 300 mil infectados e mortes diárias quebrando recordes (resultando em mais de 700 mil mortes).⁹ Ora tratando a pandemia do coronavírus como uma “gripezinha”,¹⁰ ora ignorando o isolamento social, ora negando a eficácia da vacina em nome do chamado “tratamento precoce” contra a Covid-19 (cloroquina e hidroxicloroquina), cuja ineficácia havia sido cientificamente comprovada,¹¹ ora alegando não ser “coveiro” e que, portanto, não deveria se pronunciar sobre as mortes decorrentes da pandemia,¹² ora imitando pacientes com falta de ar,¹³ Bolsonaro não hesitou em fazer declarações nada compatíveis com a postura de um chefe de Estado diante de um país em luto. A tudo isso se somam o avanço da crise econômica e o agravamento dos contrastes sociais. O

⁸ LGBTQIAP+: L e G, lésbicas e *gays*; B, bissexuais; T, transexuais e travestis; Q, *queers* ou questionadores; I, intersexuais; A, assexuais; P, pansexuais.

⁹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/05/05/bolsonaro-chama-de-canalha-quem-e-contra-tratamento-precoce-contra-a-covid-ineficacia-e-comprovada-por-pesquisas-cientificas.ghtml>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹¹ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/blogs/sonar-a-escuta-das-redes/post/2022/10/eu-nao-sou-coveiro-frase-de-bolsonaro-durante-pandemia-viraliza-em-resposta-ao-luto-de-seus-apoiadores.ghtml>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹² Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-volta-a-imitar-pessoa-com-falta-de-ar-ao-vociferar-contra-vacinas/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/pessoas-procuram-restos-de-alimentos-em-caminhao-de-lixo-no-rio.shtml>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

Brasil reingressa no mapa da fome: manchetes diárias dos jornais estampam pessoas em busca de comida no lixo¹⁴ e de doações de ossos para alimentarem-se.¹⁵ O garimpo ilegal em áreas protegidas atinge índices alarmantes,¹⁶ a população indígena sofre as mais variadas formas de violência,¹⁷ o desmatamento da Amazônia atinge seus maiores índices.¹⁸

É diante desse cenário que, nas eleições presidenciais de 2022, tendo como vice candidato o seu antigo rival político, Geraldo Alckmin – que se desfilia do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), após trinta e três anos no partido, e se filia ao PSB (Partido Socialista Brasileiro) –, Lula consegue arregimentar uma Frente Ampla, composta, entre outros apoiadores, pela terceira colocada na disputa presidencial do primeiro turno, a senadora Simone Tebet (MDB), e pelo PDT (embora Ciro Gomes, candidato derrotado no primeiro turno, não tenha se engajado na campanha petista). Além de declarações de adesão dos ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e José Sarney (MDB – Movimento Democrático Brasileiro), Lula recebe apoio público de um contingente enorme de artistas, como é o caso do apresentador de *Greg News*, Gregorio Duvivier, e outros nomes ligados ao núcleo editorial do programa, como veremos nesta pesquisa.

Em meio a vários escândalos envolvendo Jair Bolsonaro, o uso da máquina administrativa para manipular eleitores e angariar votos,¹⁹ as ameaças de golpe de Estado,²⁰ o sistemático discurso falacioso envolvendo a credibilidade das urnas eletrônicas, o Brasil vivencia um processo eleitoral extremamente disputado: Lula é eleito para seu terceiro mandato como presidente com 60.345.999 de votos (50,90%) e Bolsonaro fica em segundo lugar com 58.206.345 de votos (49,10%).

¹⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/fila-para-conseguir-doacao-de-ossos-e-flagrante-da-luta-de-familias-brasileiras-contr-a-fome.ghtml>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁵ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2023/09/22/garimpo-em-areas-protegidas-cresceu-90-na-gestao-bolsonaro-diz-mapbiomas.htm#:~:text=Garimpo%20ilegal%20em%20%C3%A1rea%20protegida%20cresceu%2090%25%20sobre%20Bolsonaro%2C%20apontam%20dados&text=A%20atua%C3%A7%C3%A3o%20de%20garimpo%20no,divulgado%20hoje%20pelo%20projeto%20MapBiomas>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/04/19/bdf-explica-por-que-os-povos-indigenas-acusam-bolsonaro-de-genocidio>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/12/desmatamento-no-ultimo-ano-de-bolsonaro-ja-atinge-a-pior-marca-desde-2016.shtml>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/10/bolsonaro-intensifica-uso-da-maquina-para-ganhar-eleicao-especialistas-veem-violacao.shtml>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

¹⁹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/chance-de-golpe-no-brasil-e-remota-mas-bolsonaro-pode-ameacar-com-caos-diz-gavekal.shtml>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

²⁰ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/06/06/bolsonaro-critica-urna-e-diz-que-vai-discutir-eleicoes-com-embaxadores.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

No cenário de um país explicitamente dividido, que assistiu, sobretudo ao longo dos últimos anos, ao acirramento da polarização política e a uma escalada irrestrita da violência e dos discursos de ódio, o humor, além de ser uma ferramenta crítica, aparece como certo alívio e prazer, seguindo as pistas de Freud, de que trataremos nesta pesquisa, uma vez que impede o desencadeamento de desgastes afetivos. Em face dos fatos sobremaneira desgastantes que marcaram os dois últimos pleitos presidenciais, talvez fosse insuportável acompanhá-los sem uma crítica que pudesse transcender a gravidade do momento por intermédio do risível.

É nessa linha que, enfocando esses fatos conturbados que acompanharam o cenário político brasileiro, *Greg News* estreia em 2017 (portanto, durante o governo presidencial de Michel Temer). Trata-se de um programa de formato híbrido, uma vez que reúne gêneros distintos: o noticiário (as informações sobre a atualidade e o debate político) articula-se com o humor, recurso de que se vale o programa para externar seu posicionamento crítico. O programa é produzido e transmitido pelo canal por assinatura HBO Brasil, bem como pela plataforma de *streaming* HBO Max, e disponibilizado também pelo YouTube. Inspirado no programa norte-americano apresentado por John Oliver, *Last Week Tonight with John Oliver*, exibido pela HBO dos Estados Unidos, cujo gênero televisivo é classificado como *late-night talk show*, *Greg News* tem como apresentador o humorista, ator, roteirista e escritor Gregorio Duvivier, personalidade que se projetou nacionalmente sobretudo pelo sucesso do coletivo *Porta dos Fundos*. Após sete temporadas, *Greg News* é cancelado pela HBO em 11 de março de 2024.²¹

No campo político, *Greg News* assume um posicionamento esquerdista em defesa das pautas progressistas. No escopo que o programa faz parte, dadas as condições do momento histórico. Munido de uma postura crítica sobre os acontecimentos políticos da atualidade, o programa não se prende a orientações de determinadas siglas partidárias. Embora suas pautas sejam frontalmente contrárias ao reacionarismo e se posicione em favor da democracia, das questões sociais e ambientais, *Greg News* está longe de ser um programa popularesco com vistas a cooptar massas de adeptos a seguirem as instruções dos grandes nomes do jogo político. Isso se evidencia pelo fato de o programa tocar em temas sensíveis ao grande público brasileiro, majoritariamente orientado por valores conservadores e cristãos, sobretudo evangélicos. Dentre os temas sensíveis a esse eleitorado e que perpassam o programa, podemos citar a legalização do aborto, a regularização da maconha, o feminismo, a ciência, a sustentabilidade, entre outros. Todos esses temas que abrangem a esfera moral e sociocultural são sabidamente banidos pelo conservadorismo e aliam-se às pautas da esquerda progressista.

²¹ Ver matéria publicada na *Folha de S. Paulo*: <<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2024/03/greg-news-e-cancelada-pela-hbo-apos-7-temporadas.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

A despeito de haver muita zombaria, abordar questões muitas vezes superficiais e inócuas com a finalidade estrita de provocar o riso fácil, *Greg News* é marcado por um nível discursivo lastreado de referências que demandam certa instrução por parte do espectador, o que resulta em um programa que, por um lado, apresenta poder reflexivo, afastando-se, nesse sentido, do mero entretenimento (embora o entretenimento também compareça em seus quadros), e, por outro lado, distancia-se do alcance popular, de um repertório caro às massas. Além do tipo de discurso, a falta de alcance popular também se dá em razão de a HBO ser um canal por assinatura, a que, em geral, o acesso é adstrito às classes mais abastadas.²²

A despeito de declarar publicamente sua inclinação política à esquerda e defender pautas progressistas, Gregorio Duvivier tem uma carreira próxima da grande mídia, tendo sido articulista da *Folha de S. Paulo* e atuado em programas de grandes emissoras, como Record, Globo e HBO (*Greg News*). Alinhada ao posicionamento político de Duvivier, a diretora-geral de *Greg News* é uma figura pública engajada: Alessandra Orofino é economista, cientista política, ativista e diretora executiva da ONG Nossas, que se define como uma rede de ativismo, da qual trataremos nesta pesquisa.²³ Também assina o roteiro do programa Bruno Torturra, fundador do coletivo independente “Mídia Ninja”. *Greg News* traz como marca, portanto, um perfil intelectual que reúne uma nova geração de profissionais atuantes, ilustrados e progressistas.

Não obstante o fato de se colocar como uma sátira política de esquerda e adotar um discurso altamente crítico, *Greg News* realiza uma leitura dos acontecimentos políticos, sociais e econômicos sem afrontar a mídia liberal, de que, aliás, a HBO é parte. As críticas à grande mídia aparecem, como indicaremos na análise dos episódios, em comentários paralelos sobre alguns nomes representativos dos veículos de comunicação de massa, bem como em piadas pontuais sobre grandes veículos. No entanto em grande parte dos episódios veículos tradicionalmente integrantes da grande mídia são usados como fonte para embasar informações citadas no roteiro do programa. Tal postura situa o programa em uma posição política ambígua, na medida em que parece existir uma espécie de progressismo celetista, ou seja, um discurso que se coloca à esquerda, mas se abstém de criticar certos setores do neoliberalismo, em especial os grandes veículos de comunicação que constituem a mídia liberal. Ao se abster de empreender críticas explícitas e contundentes aos processos de manipulações e às posições reacionárias dos grandes meios de comunicação, o programa não operaria concessões

²² A partir do episódio de número 17 da 6ª temporada (2022), é anunciado que os episódios não serão mais disponibilizados na íntegra pelo YouTube.

²³ Site da ONG Nossas: <<https://www.nossas.org/>>.

incompatíveis com uma postura de efetiva inclinação ao progressismo de esquerda? Eis a questão que se coloca.

Conforme mencionamos, embora suas pautas situem-se no campo progressista, não se pode considerar *Greg News* (2017-2024) uma efetiva sátira política de esquerda, uma vez que, inscrito na mídia liberal, o programa não afronta certas instâncias do neoliberalismo, sobretudo os grandes veículos de comunicação. Mesmo que em determinados episódios criticando pontualmente alguns veículos específicos. Partindo dessa hipótese, objetivo geral da dissertação ora apresentada consiste em realizar uma análise discursiva e audiovisual do programa *Greg News* em busca de demarcar seu efetivo posicionamento no contexto que precede a eleição presidencial brasileira de 2018, tendo em conta os pré-candidatos, bem como suas respectivas políticas econômicas e sociais. Para além do discurso, trata-se de observar o papel do humor mediante uma análise da *performance* do apresentador, das imagens e de músicas empregadas nos quadros, que se apresentam como recursos discursivos e audiovisuais estratégicos para a mobilização de sentidos. É no “*in-between*”²⁴, na sofisticação presente nessas camadas discursivas, que a pesquisa procura compreender a visão sobre a política brasileira orquestrada pelo programa.

Diante desse propósito geral, os objetivos específicos são: definir o perfil de *Greg News* (em quais linhagens e gêneros é possível enquadrar o programa?); delimitar as estratégias de humor empregadas em *Greg News* e averiguar em que medida elas são inovadoras e em que medida elas dialogam com uma certa tradição (quais são os recursos humorísticos utilizados pelo programa? Tais recursos mantêm relações com a tradição humorística ou são irrestritamente contemporâneos?); analisar a participação de *Greg News* na esfera política (quais os impactos do programa sobre o cenário político e quais são os impactos do contexto político sobre o programa, tomando em particular o contexto que antecede a eleição presidencial de 2018?).

Pelas razões expostas, esta pesquisa busca debater questões nucleares do audiovisual – quais sejam: humor, entretenimento, jornalismo, política, esfera pública, engajamento e ativismo digital – mediante a análise do posicionamento de *Greg News* diante do contexto que precede o processo eleitoral em 2018 no Brasil.

Em razão dos objetivos acima descritos, a seleção dos episódios para compor o *corpus* da pesquisa tem como *critério de inclusão* os episódios que se situam em 2018. Aplicando esse

²⁴ O termo “*in-between*” a que nos reportamos é extraído de *Cinema and intermediality: the passion for the in-between* (2020), livro em que Ágnes Pethő debruça-se sobre as linguagens do discurso para discutir o conceito de intermedialidade.

critério, temos os episódios da segunda temporada, conforme se observa no quadro a seguir (Quadro 1).

Quadro 1 – Seleção dos episódios: critério de inclusão (eleição presidencial de 2018)

DADOS		TÍTULO	DATA DE TRANSMISSÃO
Temporada (Ano)	Nº do Episódio		
2º TEMPORADA (2018)	01	“A verdade sobre direitos humanos”	23 de março
	02	“Publicidade infantil”	30 de março
	03	“Plano de Saúde”	06 de abril
	04	“Regime Militar”	13 de abril
	05	“Refugiados”	20 de abril
	06	“Prisões”	27 de abril
	07	“Alimentos ultraprocessados”	04 de maio
	08	“Moradia”	11 de maio
	09	“Robôs”	18 de maio
	10	“Plástico”	25 de maio
	11	“Greve dos caminhoneiros”	01 de junho
	12	“Vai ter Copa”	08 de junho
	13	“Liberalismo”	15 de junho
	14	“Celular”	22 de junho
	15	“Lula e a conciliação”	29 de junho
	16	“Bolsonaro”	06 de julho
	17	“Guerra às drogas”	13 de julho
	18	“Centrão”	20 de julho
	19	“Cocô”	27 de julho
	20	“Apocalipse”	04 de agosto

Fonte: Elaborado pela autora.

Como se nota, no que respeita às eleições presidenciais de 2018, todos os episódios analisados são anteriores a 5 de agosto de 2018, prazo final para a realização de convenções destinadas a deliberar sobre coligações e escolher candidatos. A partir de 6 de agosto, conforme institui o STE, as emissoras de TV e de rádio ficam proibidas de praticar as condutas previstas no artigo 45 da Lei 9.504, entre elas dar tratamento privilegiado a candidato, partido ou coligação. Por essa razão, os principais acontecimentos que antecedem as eleições presidenciais de 2018 não são enfocados pelo programa.²⁵ A título de exemplo, podemos citar – como já foi mencionado – que em 01 de setembro de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) indeferiu, por maioria de votos, o registro de candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, facultando à Coligação *O Povo Feliz de Novo* (PT, Pcdob, Pros) a substituição do candidato a presidente no prazo de dez dias. Por essa razão, *não se pode afirmar que os episódios constituem uma cobertura política das eleições, mas uma análise do ambiente pré-eleitoral*. Trata-se de uma observação de extrema importância, uma vez que Lula é abordado – assim como Bolsonaro – como um potencial candidato e Haddad (que se candidataria pelo PT, substituindo Lula) sequer é mencionado.

Tendo em conta tais observações, adotamos como *critérios de exclusão*: (1) os episódios que não discutem o processo de configuração (os principais pré-candidatos) da eleição presidencial de 2018 e os episódios que sucedem ao período eleitoral; (2) episódios que tratam de temas locais (enfocando questões específicas do Rio de Janeiro, por exemplo) ou de temas amplos (meio ambiente, por exemplo), sem uma alusão central e específica aos nomes cotados para a disputa presidencial de 2018. Aplicando tais critérios de exclusão, foram selecionados quatro episódios, os quais estão elencados e tematicamente sumariados no quadro que se segue (Quadro 2).

²⁵ Sobre o calendário das eleições presidenciais de 2018, ver: <<https://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2018/calendario-eleitoral-resumido-eleicoes-2018>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Quadro 2 – Episódios selecionados

DADOS		TÍTULO	TEMA	DATA DE TRANSMISSÃO
Temporada (Ano)	Nº do Episódio			
2º TEMPORADA (2018)	09	“Robôs”	O emprego de robôs e <i>fake news</i> como instrumentos de manipulação política.	18 de maio
	13	“Liberalismo”	As incongruências entre o liberalismo e o conservadorismo da extrema direita brasileira.	15 de junho
	15	“Lula e a conciliação”	A trajetória política Lula: elogios aos avanços sociais e críticas ao perfil conciliatório com o mercado financeiro que marcou a Era Petista.	29 de junho
	16	“Bolsonaro”	Argumentos de dissuasão para demover o voto no candidato de extrema direita Jair Bolsonaro: sua trajetória pífia na política, sua atuação problemática no exército, a gravidade de suas declarações, sua proximidade com Donald Trump.	6 de julho

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao mapearmos as produções acadêmicas existentes sobre *Greg News*, verificamos que a maior parte dos estudos enfoca o programa centrada no conceito de infoentretenimento. Podemos citar, a título de exemplo, os seguintes: “O infotenimento no jornalismo: estudo de caso sobre o programa *Greg News*” (Aguiar; Cruz, 2022), “O programa *Greg News*: do entretenimento ao uso de valores notícia” (Garcia; Franzoni, 2022), “Infotenimento e legitimação da opinião: estudo de caso sobre o programa *Greg News*” (Aguiar; Cruz, 2019), “Jornalismo, infotenimento e legitimação da opinião: estudo de caso sobre o programa *Greg News*” (Cruz, 2020), “Da informação ao entretenimento: a apropriação humorística do jornalismo em *Last Week Tonight With John Oliver*” (Melo; Vieira, 2017), entre outros.²⁶ Tais estudos foram relevantes para esta dissertação sobre a cobertura da eleição brasileira de 2018 por *Greg News*, na medida em que pudemos definir com maior precisão o tipo de jornalismo de opinião praticado pelo programa.

²⁶ De acordo com Dejavite (2006), infotenimento é um tipo de jornalismo capaz de aliar serviço, informação e diversão ao espectador.

Em termos metodológicos, a análise dos episódios apoia-se no conceito de discurso e formação discursiva, conforme define Michel Foucault (1986) em *A arqueologia do saber (L'Archéologie du savoir)*, e nas categorias da Análise do Discurso (AD) arroladas por Orlandi (2009), as quais são aqui mobilizadas para o audiovisual. Em razão da especificidade do *corpus* desta pesquisa, a análise dos elementos audiovisuais (roteiro, imagens, sons, signos, *performances*) fundamenta-se também em conceitos e categorias sistematizadas por Jacques Aumont et al. (2001). Insetos em determinado contexto histórico, todos esses componentes permitem caracterizar o discurso audiovisual em sua complexidade.

Segundo Foucault (2008), o discurso consiste em um conjunto de enunciados que remetem a um mesmo sistema de formação, ou seja, que obedecem a regras comuns de funcionamento:

[...] lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras; gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (FOUCAULT, 2008, p. 54-55).

Com base nessa premissa, não é possível

[...] tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Dáí o filósofo francês postular que a análise do discurso consiste em compreender o enunciado em sua singularidade, determinar as condições de sua existência, fixar seus limites, estabelecer correlações com outros enunciados que a ele possam estar ligados e mostrar quais outras formas de enunciação são excluídas pelo discurso em questão:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza, não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas

uma lei de coexistência, e já que os enunciados, troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência. (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Sublinhando a importância da teoria foucaultiana sobre as forças de poder que determinam a formação discursiva, Orlandi (2009) defende que todo discurso constitui uma produção de sentidos dentro de um determinado contexto social, histórico e em certas condições de produção: “discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2009, p. 21). Tendo em conta essa definição, o discurso não pode ser compreendido como uma simples transmissão de informação, tampouco existe uma linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de algo seriado (alguém que fala, refere-se a alguma coisa com em um código, e o receptor capta a mensagem por meio da decodificação):

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos, e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. (ORLANDI, 2009, p. 21).

A noção de formação discursiva é essencial na AD, na medida em que, alega Orlandi (2009), permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e confere ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” (ORLANDI, 2009, p. 43). Decorre dessa definição o entendimento de pontos nucleares para a análise dos episódios de *Greg News*.

Tais pontos estão associados à noção de formação discursiva em sua relação de reciprocidade com a ideologia. O discurso constitui-se em seus sentidos porque o que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva específica. Isso mostra que as palavras não possuem um sentido nelas mesmas, uma vez que elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que estão inseridas. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. De onde se inferir que

[...] os sentidos são sempre determinados *ideologicamente*. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira com que no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. (ORLANDI, 2009, p. 43, grifo nosso).

É nesse sentido que o estudo do discurso abrange a maneira como a linguagem e a ideologia articulam-se e reciprocamente se implicam.

Na esteira de Pêcheux, Orlandi (2009) traz à tona a defesa da AD pelo primado do interdiscurso, uma vez que sua premissa é de que não existe discurso único: todo discurso delinea-se em relação a outros:

Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações. (ORLANDI, 2009, p. 103).

A noção do interdiscurso é preciosa na medida em que nos incita a escavar as relações interdiscursivas do programa *Greg News* com o universo político a que ele remete e, pensando em sua inscrição na mídia e nos gêneros com os quais dialoga, distinguir seu perfil, os pontos de ruptura e de contato com outros programas que comungam de propósitos afins, quais sejam: jornalismo de opinião, humor e política. Ao lado das noções da AD conduzidas ao audiovisual, tomamos como apoio para a análise dos episódios de *Greg News* conceitos atinentes ao audiovisual, como tonalidade, cromatismo, harmonia, montagem, entre outros, segundo definem Aumont et al. (2001).

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro deles – intitulado “*Greg News*” – apresenta a trajetória de Gregorio Duvivier, os aspectos que caracterizam o programa e os bastidores, em que analisamos depoimentos de Duvivier e Alessandra Orofino, além de discutirmos a entrevista que realizamos com Denis Russo Burgierman, editor-chefe do programa.

Com o propósito de caracterizarmos os recursos de humor empregados pelo programa, o segundo capítulo, cujo título é “*Greg News: estratégias de humor*”, busca inicialmente traçar um histórico do humor e da sátira política na televisão brasileira. Para tanto, tomamos como base artigos que tratam do percurso do humor na televisão brasileira, dentre os quais destacamos os textos de Cardoso e Santos (2008), Rosa (2004), D’Oliveira e Vergueiro (2011). Tratamos ainda da estética dos memes, que caracteriza a linguagem do humor na contemporaneidade. Para introduzir esse tópico, abordamos o conceito de cultura da convergência, conforme define Henry Jenkins (2009, 2004), indústria cultural e correção política, tomando como referência,

por exemplo, Scabin (2022). Mostramos que, no bojo da cultura de convergência, assistimos a um processo constante de associação entre gêneros, que tradicionalmente eram bem delimitados, como é o caso do jornalismo e do humor.

Ainda no segundo capítulo, traçamos um breve percurso sobre a linguagem jornalística, realizamos uma comparação entre *Greg News* e os programas congêneres – ou seja, programas que enfocam política conjugando informações e humor –, como é o caso de *Canal Hipócritas*, *Brasil Paralelo* e *Os Pingos nos Is* (Jovem Pan), os quais se apresentem como jornalismo de opinião, são assumidamente conservadores, neoliberais e afinados com o discurso da extrema direita, em contraste com o posicionamento político em que se situa o programa comandado por Gregorio Duvivier. Veremos que se trata de um contraste, não apenas de posições políticas, mas do modo como se arquiteta o discurso, teor de reflexão suscitado e recorrência a referências e fontes.

Com o propósito de desenvolver uma visão mais aprofundada do humor e da essência cômica de *Greg News*, discorreremos – também no segundo capítulo – sobre apontamentos teóricos do humor tomando como apoio Georges Minois (2003), Henri Bergson (2014), Freud (2017), Victor Raskin (1985), entre outros. Tais referências foram escolhidas por nos permitirem compreender a etiologia do riso, os efeitos do humor e as relações históricas entre humor e política. Concluimos esse capítulo com uma discussão sobre humor, sátira e política, tendo em conta o conceito de política moderna (biopolítica e biopoder) segundo Michel Foucault (1999, 2010, 2012).

O terceiro e último capítulo é composto pela análise dos episódios selecionados. Em um primeiro momento, buscamos definir os traços que caracterizam *Greg News* e o modo como as temáticas são desenvolvidas, na medida em que notamos que cada programa evolui segundo um roteiro basicamente fixo: a um longo preâmbulo, seguem-se a abordagem do tema central e uma breve conclusão. Todas essas partes são atravessadas por inúmeros escólios, mediante os quais o programa passa da temática central a assuntos marginais. Seguindo essa toada de desvios, a marca do programa é uma espécie de movimento espiralado: temos a presença do discurso informativo constante e abruptamente rompido por comentários satíricos e, em seguida, a retomada da informação para ser novamente rompida pela sátira cujo objeto é muitas vezes absolutamente alheio ao tema político tratado. É nessas associações inesperadas e, no mais das vezes, esdrúxulas, que se constitui o fundo humorístico do programa.

Outra regularidade no funcionamento *Greg News* analisada é a presença de um discurso fragmentário e/ou estilhaçado, que, aliás, é um traço da linguagem empregada nos meios digitais da contemporaneidade. É como se o programa convocasse o espectador a juntar

estilhaços para compor o complexo enredo do cenário político brasileiro. Por essa razão, apuramos de que modo o programa impõe ao espectador uma determinada postura reflexiva e analítica.

Enfocando esse andamento do programa, analisamos detidamente os episódios selecionados (“Robôs”, “Liberalismo”, “Lula e a conciliação” e “Bolsonaro”). A súmula temática desses episódios pode ser lida no quadro anteriormente apresentado (Quadro 2).

Além de explicitar o referido andamento do programa, a análise dos episódios visa a confirmar nossa hipótese de pesquisa, qual seja: *Greg News* (2017-2024) – embora se apresente como um programa de esquerda pautado por valores progressistas – não pode ser caracterizado como uma efetiva sátira política de esquerda, na medida em que, inscrito na mídia liberal, o programa não afronta certas instâncias do neoliberalismo, sobretudo os grandes veículos de comunicação, os quais possuem interferência direta sobre a história política brasileira. Trata-se de examinar o posicionamento de *Greg News* em relação à eleição presidencial brasileira de 2018, averiguando seu discurso com relação aos então pré-candidatos e aos partidos, bem como às suas respectivas políticas econômicas e sociais. A análise dos episódios enfoca a *performance* do apresentador, as imagens e as músicas empregadas nos quadros, que se apresentam como recursos discursivos e audiovisuais estratégicos para a mobilização de sentidos.

1. GREG NEWS

O presente capítulo é composto por três seções. Na primeira, apresentamos a trajetória profissional de Gregorio Duvivier, sua atuação pública e seu engajamento político. Na sequência, tratamos de *Greg News*: delimitamos o perfil do programa, descrevendo seu núcleo editorial e alguns temas abordados. Por fim, apresentamos os bastidores do programa, em que discorreremos sobre algumas entrevistas concedidas por Duvivier sobre humor, política e engajamento. Tratamos igualmente de analisar o perfil público de Alessandra Orofino (diretora-geral do programa *Greg News*), ressaltando sua atuação no comando da rede de ativismo Nossas.org, e discorreremos acerca dos pontos centrais da entrevista que realizamos com Denis Russo Burgierman, editor-chefe do programa.

1.1. A trajetória de Gregorio Duvivier

Tudo o que a direita brasileira propõe é o que já foi praticado nos nossos quinhentos anos de história. Feito dizer: “Você tá doente? Eu inventei um negócio: você corta seu antebraço e deixa sangrar”. Então, isso se chama sangria e faz quatro mil anos que não dá certo. “Queria propor uma coisa nova, que é queimar tudo que é bruxa.” Se tem uma coisa que o Brasil não precisa é de moral cristã e ordem militar. Tudo o que a gente teve até hoje é porrada e missa. E a gente é a prova viva do fracasso de ambos. Ninguém no Brasil nunca fez merda em nome do Capeta, da Maconha ou da Sacanagem. Toda vez que mataram, escravizaram e torturaram no Brasil foi em nome de Deus, da Pátria e da Família. “Nossa bandeira jamais será vermelha”, dizem os cidadãos de bem, vestindo verde e amarelo. Já é vermelha há muito tempo, graças a vocês.

Gregório Duvivier, prefácio a *O ódio como política* (2018).

Nascido no Rio de Janeiro em 1986, Duvivier é ator, humorista, roteirista e escritor brasileiro. Filho do músico e artista plástico Edgar Duvivier e da cantora e violonista Olivia Byington, casada com Daniel Filho, que foi um dos grandes nomes da Rede Globo, onde atuou como ator, diretor, produtor e roteirista. Duvivier foi casado até 2014 com Clarice Falcão, com quem trabalhou no coletivo *Porta dos Fundos*. Vale lembrar que Clarice Falcão – cantora, atriz, compositora, humorista, roteirista e diretora – é filha de Adriana Falcão (escritora e roteirista da TV Globo, autora de séries de humor, como “A Comédia da Vida Privada” e “A Grande Família”) e de João Falcão (diretor, roteirista e compositor, que assinou inúmeros roteiros

importantes para o teatro, a televisão e o cinema, como *O auto da compadecida*, adaptação da obra de Ariano Suassuna). Atualmente Duvivier é casado com Giovanna Nader, com quem tem duas filhas.

Inscrita em estrato social carioca privilegiado, a história de Duvivier não está, portanto, descolada dos grandes conglomerados de mídia, como a Globo. Daí dizermos que se trata de alguém dotado de “capital cultural”, segundo o conceito sociológico desenvolvido por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron em dois estudos: *Os herdeiros* (2014), *Les héritiers*, publicado originalmente em 1964, e *A reprodução* (1975), *La reproduction*, publicado originalmente em 1970. Ao tratarem da reprodução social e da distribuição social das práticas culturais, em particular a distribuição desigual entre as classes de instrumentos necessários para a apropriação de bens culturais, Bourdieu e Passeron mostram que o conceito de herança não se restringe ao patrimônio econômico, mas abarca sobretudo o patrimônio cultural, na medida em que, além dos bens econômicos, herda-se um sobrenome, um aporte cultural, um núcleo de relações, bem como os bens simbólicos.

Duvivier graduou-se em Letras pela PUC-Rio e começou a atuar nos palcos ainda na infância: aos nove anos de idade, ele ingressa na renomada escola teatro Tablado, fundada pela escritora e dramaturga Maria Clara Machado. Tendo optado por seguir a vida artística, sua carreira teatral tem como marco inaugural *Z.É. – Zenas Emprovizadas*, peça teatral que se compunha, como sugere o próprio título, por cenas improvisadas. Nessa peça, Duvivier atua ao lado de outros nomes conhecidos do humor brasileiro contemporâneo, Fernando Caruso, Marcelo Adnet e Rafael Queiroga (Figura 1).

Além desse elenco permanente, a peça contava com dois convidados diferentes por semana. Tendo como marca o improviso, o espetáculo – que atingiu a marca de mais de 150 mil espectadores – foi vencedor do Prêmio Shell em 2005. Sucesso público e de crítica, o espetáculo recebeu comentários como o de Brant (2013): “Um projeto que reúne gente do calibre de Marcelo Adnet, Fernando Caruso, Gregorio Duvivier e Rafael Queiroga é certeza de muitas risadas e, sobretudo, de humor ousado e inteligente.”

Depois da estreia em um pequeno espaço no Rio de Janeiro, o espetáculo tornou-se sucesso de bilheteria, com sessões lotadas, assinala ainda Brant citando o comentário de Marcelo Adnet:

Começamos em um pequeno espaço com sessenta lugares, em Botafogo. Passou a encher demais e fomos para um teatro maior. A divulgação boca a boca foi tamanha que ele tomou conta da cena carioca, tanto que estamos em

cartaz por uma década. Decidimos então que era a hora de levá-lo a outras praças. (ADNET apud BRANT, 2013).

Com aproximadamente uma hora de duração, o espetáculo é dividido em três blocos: esquete de humor (renovado a cada apresentação) com a participação de todo o elenco; uma aula ao vivo de teatro: um diretor convidado prepara uma aula surpresa e propõe encenações improvisadas aos atores, narrando, para a plateia, os objetivos e os resultados; jogos de improvisação fixos (o público sugere frases e inventa situações que serão vividas pelos atores). Embora tenha ficado em cartaz durante anos, esse formato garantiu que cada espetáculo fosse único.

Figura 1 – Elenco de *Zenas Emprovizadas*: Marcelo Adnet, Rafael Queiroga, Fernando Caruso e Gregorio Duvivier



Fonte: Cartaz de divulgação.²⁷

Depois de uma estreia que contou com excelente recepção por parte de crítica, Duvivier participou de diversas peças. Dentre os espetáculos mais recentes, podemos citar: *Você é o que lê* (2018), *Uma Noite na Lua* (2015-2016), *Sísifo*, monólogo que estreou em 2019 e foi escrito por Gregorio Duvivier e Vinicius Calderoni. Publicada sob o formato de livro em 2020 pela Editora Cobogó, a peça parte do mito grego para tratar de contradições da sociedade contemporânea e do caos do mundo hiperconectado. Segundo Calderoni:

²⁷ Disponível em sites de divulgação, como, por exemplo: <<https://soubh.uai.com.br/noticias/gerais/z-e-zenas-emprovizadas-chega-a-bh>>. Acesso em: jun. 2023.

Sísifo é o *gif* fundador da mitologia histórica, com essa ideia de eterno retorno. Percebemos como isso dava combustível para falar do momento histórico brasileiro, ao mesmo tempo em que falamos sobre travessia, sobre um trajeto que é preciso seguir. Não se chega a um novo Brasil sem passar por um Brasil distópico. Não se chega a um lugar sem passar por outro. (CALDERONI apud PEREIRA, 2022)

Duvivier publicou outros livros no campo da ficção, como essas coletâneas de poemas: *Ligue os pontos: poemas de amor e big bang* (2013), pela Companhia das Letras, e *A partir de amanhã eu juro que a vida vai ser agora* (2008), pela Editora 7Letras. Ainda pela Companhia das Letras, Duvivier publicou *Put Some Farofa* (2014), livro que reúne crônicas, esquetes e outros textos inéditos, *Percatempos: tudo que faço quando não sei o que fazer* (2015), *Sonetos de amor e sacanagem* (2021), além de dois livros infantis: *João Pestana* (2023) e *Em busca do famoso peixarinho* (2023). Ao lado dessas publicações, Duvivier participou da escrita de coletâneas de ensaios sobre política, como é o caso de *O ódio como política* (2018), organizada por Esther Solano Gallego.

Em julho de 2013, Duvivier passa a assinar uma coluna semanal na *Folha de S. Paulo*, em que aborda, mediante análises marcadas pelo tom humorístico e altamente provocativo que lhe é próprio, temas políticos, econômicos e sociais da atualidade. Em junho de 2018, Duvivier despede-se brevemente de sua coluna na *Folha* com o texto intitulado “Aprendi coisa à beça, volto já”, em que afirma:

Aprendi a ser xingado, aprendi a grafia dos porquês, aprendi a buscar a dúvida e não a certeza, aprendi a usar mais verbos de ação, aprendi a não ler os comentários. E aprendi que tem uma hora que o assunto acaba. É importante colher assunto. Acho que tô precisando. Volto já, se a *Folha* quiser. (DUVIVIER, 2018).

Após quatro meses, Duvivier volta ao jornal para cobrir as férias do jornalista Ruy Castro. Em seguida, ele passa a compor o time de colunistas do caderno especial sobre as eleições, permanecendo na *Folha de S. Paulo* até 2022.

Na televisão, Duvivier participou da novela *Alta Estação* (2006), produzida pela Record, e protagonizou *O Fantástico Mundo de Gregorio* (2012) pelo Multishow, *reality show* ficcional e bem-humorado sobre a sua vida. Sua atuação no cinema é extensa (Quadro 3): em 2019, em seu 25º papel cinematográfico, compôs – ao lado de atrizes como Fernanda Montenegro, Carol Duarte, Julia Stockler, entre outros nomes – o elenco de *A Vida Invisível*, filme dirigido por Karim Aïnouz e baseado no romance *A vida invisível de Eurídice Gusmão*,

da escritora pernambucana Martha Batalha. Atuou também como roteirista de filmes como *Louco Por Elas* (2012) e *O Fantástico Mundo de Gregorio* (2012).

Quadro 3 – Gregorio Duvivier: filmografia

Filmes

Especial de Natal do Porta dos Fundos: O Espírito do Natal (2022)
Pluft, o Fantasminha (2020)
Pluft, o Fantasminha (2020)
Especial de Natal Porta dos Fundos: Teocracia em Vertigem (2020)
Especial de Natal Porta dos Fundos: A Primeira Tentação de Cristo (2019)
A Vida Invisível (2019)
Especial de Natal Porta dos Fundos: Se Beber, Não Ceie (2018)
O Labirinto da Saudade (2018)
Refrigerantes e Canções de Amor (2016)
Desculpe o Transtorno (2015)
Porta dos Fundos – Contrato Vitalício (2015)
Vai que Dá Certo (2012)
O Diário de Tati (2012)
Eu Não Faço a Menor Ideia do Que Eu Tô Fazendo Com a Minha Vida (2011)
O Homem do Futuro (2011)
Consideração do Poema (2011)
Helena (2011)
Qualquer Gato Vira-Lata (2011)
Não Se Preocupe, Nada Vai Dar Certo (2011)
Giovanni Improtta (2011)
Chico Xavier – O Filme (2010)
À Deriva (2009)
5x Favela – Agora por Nós Mesmos (2009)
A Mulher Invisível (2009)
Reis e Ratos (2009)
Podia Ser Pior (2009)
Vida de Balconista (2009)
Apenas o Fim (2008)
Podecrer! (2007)

Séries

Pluft – O Fantasminha: a minissérie – Temporada 1 (2023)
O Que Você Não Sabia Sobre o Humor Brasileiro – Temporada 1 (2022)
5X Comédia – Temporada 1 (2021)
Viral – Temporada 1 (2014)
O Fantástico Mundo de Gregorio – Temporada 1 (2012)

Fonte: Elaborado pela autora.²⁸

²⁸ Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-544092/filmografia/>>. Acesso em 06 jan. 2024.

A notoriedade de Gregorio Duvivier adveio do coletivo *Porta dos Fundos*, canal do YouTube fundado em 2012 por Duvivier em parceria com outros humoristas de sua geração, Fábio Porchat, Antonio Pedro Osório Tabet, João Vicente Castro e Ian Raul Saramão Brandão Fernandes (Ian SBF). Utilizando esquetes humorísticos, *web series*, interações com internautas, *teasers* e programas especiais para abordar, de um modo satírico, temas sociais, políticos, econômicos e questões do cotidiano, o canal soube aproveitar a liberdade de expressão proporcionada pela *web*. “O conteúdo do *Porta dos Fundos* é amplo e explora várias temáticas: relacionamentos interpessoais de âmbito privado, relacionamentos interpessoais no mundo do trabalho, tecnologia e comportamento, religiosidade, política, entre outros.” (HOFF, 2018, p. 13).

Dentre os conteúdos de maior repercussão criados pelo *Porta dos Fundos* estão os especiais de Natal lançados anualmente. Em 2018 e 2019, os especiais – até então, vídeos curtos publicados no YouTube – foram coproduzidos e disponibilizados pela plataforma de *streaming* Netflix como filmes de média-metragem.

No especial de Natal de 2018, “Se beber, não ceie”, Jesus é apresentado como um mau caráter beberrão. Nesse episódio, Duvivier interpreta Judas. Em 2019, ele encarna um Jesus *gay* no especial intitulado “A primeira tentação de Cristo”, o que revoltou cristãos, sobretudo evangélicos.²⁹ Sob a direção de Rodrigo Van Der Put, o título “A primeira tentação de Cristo” faz uma clara alusão ao clássico de Martin Scorsese *A última tentação de Cristo* (1988).

Na trama desse especial produzido pelo *Porta dos Fundos*, Jesus, interpretado por Gregorio Duvivier, regressa de uma viagem de quarenta dias no deserto acompanhado do amigo Orlando (Fábio Porchat), que teria conhecido durante o retiro (Figura 2). Ao chegar em casa, Jesus é surpreendido por uma festa de aniversário preparada por Maria (Evelyn Castro) e José (Rafael Portugal), com a presença de Deus (Antonio Tabet), ocasião em que pretendem revelar-lhe sua verdadeira identidade: a de filho de Deus (que ele conhecia como tio Vitória). Estaria, pois, a encargo de Jesus levar a palavra divina para a humanidade. Jesus, contudo, revela-se hesitante em relação à nova missão e declara ter descoberto, com a ajuda de seu parceiro amoroso, Orlando, que queria viver seus desejos livremente.

²⁹ Ver o artigo “Jesus *gay* em especial do *Porta dos Fundos* atrai a ira não só de cristãos, mas também de muçulmanos”, de A. V. Balloussier, publicado na *Folha de S. Paulo* em 2019.

Figura 2 – Cenas do Especial de Natal “A primeira tentação de Cristo” (2019)



Fonte: Reprodução *Porta dos Fundos*.

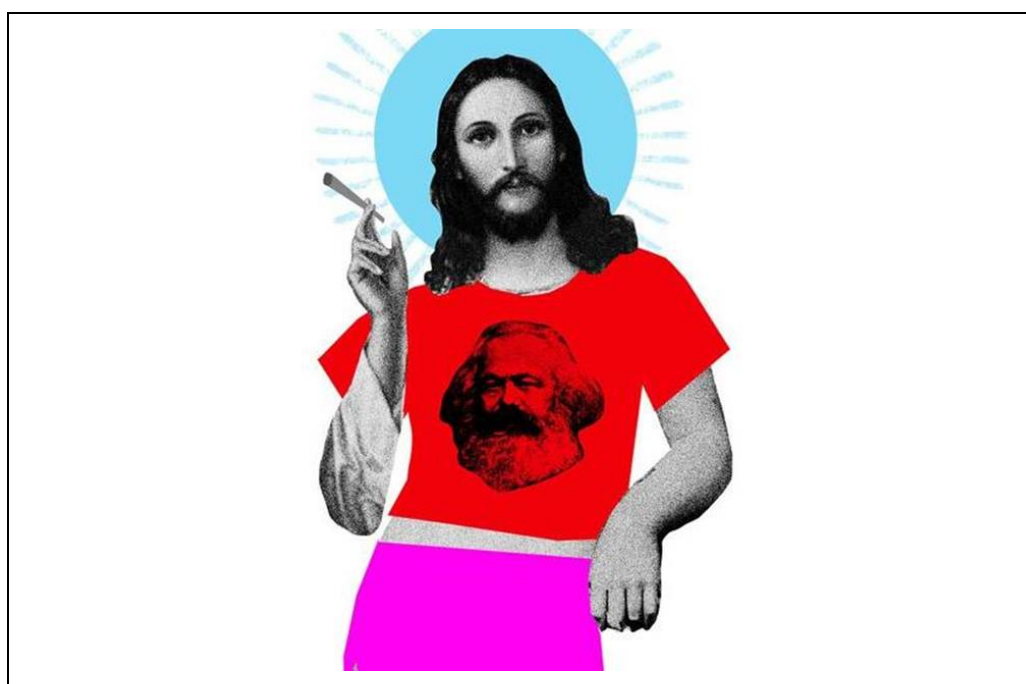
Sobre a repercussão gerada pelo especial, Gregorio Duvivier – que, como dito, encarna no filme o personagem de Jesus – evoca o livro de Mick Hume, *Direito a ofender: a liberdade de expressão e o politicamente correto*, e alega: “Sim, esse conteúdo pode ser ofensivo. Mas

ofensa é um critério totalmente subjetivo. Contrariamente à calúnia, o Estado não tem o direito de arbitrar sobre o que é por si só ofensivo, porque isso não existe.”³⁰

Em entrevista a Breno Altman (*Opera Mundi*), em 9 junho de 2022,³¹ ao ser questionado sobre o impacto gerado pelo especial de Natal, Duvivier afirma que, embora haja conteúdos de humor apelativos que perpetram a crueldade, não existe, a seu ver, uma linha vermelha, um limite para o discurso humorístico, pois o humor consiste justamente em ultrapassar limites. Por essa razão, o humor e o *bullying* estão, por vezes, muito intrincados. Ao se referir ao sagrado – que remonta ao conceito de tabu (etimologicamente, “aquilo que não pode ser tocado”) –, o humor gera necessariamente uma reação por parte de religiosos, conclui Duvivier.

Como colunista da *Folha de S. Paulo*, Duvivier publicou, em 11 de dezembro de 2019, como resposta às reações negativas do especial de *Natal do Porta dos Fundos*, uma crônica intitulada “Desculpem meu aramaico”, em que Jesus aparece como narrador.³² O artigo é acompanhado da imagem de Jesus ostentando um cigarro de maconha entre os dedos e vestindo uma camiseta com a estampa de Marx e uma saia cor-de-rosa (Figura 3).

Figura 3 – Paródia de Jesus (“Desculpem meu aramaico”, crônica de Gregório Duvivier)



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 19 dez. 2019.

³⁰ Ver o artigo “Jesus gay em especial do *Porta dos Fundos* atrai a ira não só de cristãos, mas também de muçulmanos”, de A. V. Balloussier, publicado na *Folha de S. Paulo* em 2019.

³¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2NZHjVxzXiI>>. Acesso em: 15 set. 2023.

³² Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivier/2019/12/desculpem-meu-aramaico.shtml?fbclid=IwAR1PtOTMBa0GTGI-A3J5GgY8jOG97LgDYeUj5Xt0ZkubBa5BYbn6wIpWzoE>>. Acesso em: 15 set. 2023.

Vejamos um trecho da crônica, pois o seu teor provocativo estará fartamente presente em *Greg News*:

No breve tempo em que estive na Terra, em algum momento, vocês me viram processando humorista? Acho que não. Olha que não faltava palhaço na Galileia. Malaquias, por exemplo, fazia um *stand-up* sofrível em Nazaré. Fui dar na cara dele? Não. Sabe por quê? Porque no horário do *show* dele eu tava muito ocupado lavando pé de mendigo. Mas não só.

Eu sou da galhofa, cacete. Tem algum registro em algum evangelho de eu ter ficado puto com piada? Nem que seja naqueles não autorizados de revista de fofoca. Tem? Eu era da turma do fundão. Muita coisa que eu disse, inclusive, foi mais pela zoeira. Esse negócio de passar camelo em buraco de agulha, por exemplo, em aramaico o pessoal se escangalhava de rir. Aquela brincadeira de transformar água em vinho era trote.

Antes que me esqueça: assisti ao especial. Não gostei. Merecia o Emmy? Não. O ator que me interpreta tem meio metro a menos que eu, e uns vinte quilos a mais, praticamente minha versão *hobbit*. Nesse sentido prefiro mil vezes o da Record, mais alto e mais sequinho. Mas ofender, ofender, não ofendeu.

“Ah, mas o Jesus deles é *gay*.” Gente, o humorista que quiser me irritar vai ter que se esforçar mais um pouquinho. Mas tem gente no Brasil que tá conseguindo. Desempregado pagando INSS? Vai tomar no cu. Desculpa meu aramaico.” (DUVIVIER, 2019).

Com o intuito de investigar a mobilização de sentidos de liberdade de expressão na recepção crítica do humor audiovisual brasileiro em um contexto marcado pela ascensão do conservadorismo e pelas constantes tentativas de cerceamento de discursos midiáticos contrários aos valores sociais hegemônicos, Scabin publica, em 2022, um artigo enfocando “A primeira tentação de Cristo”.

O artigo mostra que, em consonância com outros programas que sofreram processos judiciais e a ataques dirigidos contra humoristas que representam de forma satírica elementos da religiosidade cristã em suas produções neste início de XXI, a produtora *Porta dos Fundos* tornou-se alvo de tentativas de censura e intimidação em represália ao Especial de Natal “A primeira tentação de Cristo” (2019), disponibilizado na plataforma de *streaming* Netflix.

Além da tentativa, por parte de grupos religiosos, de retirar a obra de circulação por vias judiciais, a sede da produtora no Rio de Janeiro foi alvo de um ataque a bomba no dia 24 de dezembro de 2019. Mais tarde, a autoria do atentado foi assumida pelo empresário Eduardo Falzi Richard Cerquise, que teria declarado em entrevista que o ato seria uma resposta à “violência simbólica” do filme. (SCABIN, 2022, p. 42).

Em 2020, sem a parceria do serviço de *streaming*, o Especial de Natal do Porta voltou a ser disponibilizado pelo YouTube, tendo alcançado 2,4 milhões de visualizações em pouco

mais de seis meses após sua veiculação. O *Porta dos Fundos* trocou a Netflix pela Paramount+, onde estreou em 2021 com a animação de Natal “Te prego lá fora”, que apresenta Jesus na adolescência dublado por Rafael Portugal.

Clarice Falcão, uma das antigas integrantes do *Porta dos Fundos*, afirmou no programa *Altas Horas* (2013) que a intenção dessa produtora independente era reunir pessoas que separadamente possuíam algum destaque para construir algo que pudesse aproveitar a liberdade proporcionada pela internet (ALTAS HORAS, 2013).

Em dez anos, o canal *Porta dos Fundos* conquistou mais de 10 bilhões de visualizações e 17 bilhões de pessoas inscritas. Além das críticas endereçadas aos Especiais de Natal por parte de conservadores e religiosos, o canal também foi acusado de veicular conteúdo preconceituoso. Em 2015, o grupo postou o vídeo “Travesti”³³, no qual um homem fica revoltado ao descobrir que estava prestes a ter relações com uma mulher que não era transexual. O homem afirma: “Com essa maquiagem de travesti, em um lugar onde só tem travesti, na sua testa está escrito: ‘Sou um traveco’”. Posteriormente, Gregorio Duvivier desculpou-se pelo incômodo causado pelo vídeo.

Apesar das polêmicas, o grupo é famoso por suas sátiras e comentários irônicos em relação a temas importantes da atualidade. Esse mesmo episódio também foi muito elogiado por pessoas transexuais que identificaram no vídeo uma crítica irônica a uma situação muito corriqueira.

Motivado por questões políticas e éticas, Gregorio Duvivier assume fora das telas uma posição de destaque no debate público. Contudo, conforme revela Duvivier na referida entrevista a Breno Altman (Opera Mundi), em 9 junho de 2022,³⁴ a fusão entre humor e política nem sempre foi frequente em sua trajetória profissional. Nessa mesma entrevista a Altman (2022), Duvivier revela que era um sujeito bastante despolitizado até 2013. Lembremos que justamente em 2013 o Brasil vivia o contexto das manifestações que culminaram, nos anos seguintes, em eventos como o apogeu da operação Lava Jato, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, a ascensão de uma direita radical, a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 e o fortalecimento de movimentos antidemocráticos que resultariam, anos mais tarde, na invasão e depredação das sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023.

³³ Episódio “Travesti” (*Porta dos Fundos*), disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=7kQ_KkkzMXo&t=82s&ab_channel=PortadosFundos>. Acesso em: 17 set. 2022.

³⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2NZHjVxzXiI>>. Acesso em: 17 set. 2022.

Ainda nessa entrevista a Breno Altman, Gregorio Duvivier alega que, com o crescimento da extrema direita, quando os fascistas entram no páreo, não se pode ser mais isento, pois isenção torna-se sinônimo de cumplicidade. Essa declaração é de suma importância, pois veremos que *Greg News* assume um discurso cada vez mais engajado para fazer frente ao bolsonarismo.

Declarando-se politicamente à esquerda, Duvivier participou de diversos atos públicos. A título de exemplo, podemos citar seu posicionamento sobre o afastamento ilegítimo de Dilma Rousseff da presidência da República em 2016 e, anos mais tarde, seu discurso na Vigília Lula Livre, em Curitiba, em 7 de abril de 2019, data que marcou um ano da prisão política do ex-presidente (Figura 4).

Durante o ato, Duvivier declara:

Se hoje Moro fosse preso não reuniria essas pessoas aqui, se Bolsonaro fosse preso não ia receber pessoas aqui. Vocês aqui são a prova de que o Brasil nunca teve um presidente tão bom para o seu povo. Um presidente que depois de preso ganhou o sobrenome mais bonito que alguém pode ter que é “livre”. Antes ele era o Lula, hoje ele é Lula Livre, e ele vai ficar na história como um homem que lutou pela liberdade do seu povo e que foi punido por isso. (DUVIVIER, 2019).³⁵

³⁵ Disponível em: <<https://pt.org.br/gregorio-duvivier-e-ana-canas-participam-da-vigilia-lula-livre/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

Figura 4 – Gregorio Duvivier na Vigília Lula Livre (7 de abril de 2019)



Fonte: Partido dos Trabalhadores.³⁶

No encerramento da campanha de Lula nas eleições de 2022, Gregorio Duvivier reuniu-se com artistas, como Rocco Pitanga, Camila Pitanga, Antônio Pitanga, Humberto Carrão, Marieta Severo, Chico Buarque, os Gilsons, entre outros, para filmar *jingle* Lula-lá (Figura 5).

³⁶ Disponível em: <<https://pt.org.br/gregorio-duvivier-e-ana-canas-participam-da-vigilia-lula-livre/>>. Acesso em: 17 set. 2022.

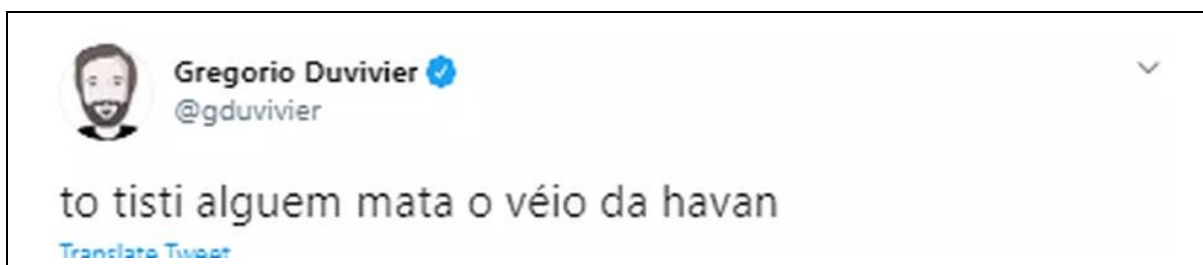
Figura 5 – Campanha presidencial de Lula (2022): gravação do *jingle* Lula-lá



Fonte: Reprodução YouTube.³⁷

Duvivier também se envolveu em polêmicas. Em junho de 2022, ele precisou indenizar Luciano Hang em R\$25 mil após um comentário feito no Twitter em 2019 (Figura 6). Proprietário da rede de loja de departamentos Havan e apoiador de Jair Bolsonaro, Luciano Hang – conhecido na internet como “o *véio* da Havan” – envolveu-se em ações bastante controversas, por assim dizer, como o fato de obrigar seus funcionários a votarem em Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Ao participar de uma inauguração de uma loja em Santa Maria (RS) em 2019, Hang afirmou que “As pessoas que vão às universidades federais são doutrinadas para serem zumbis, para trabalharem dentro do governo e atrapalharem a iniciativa privada, para serem contra o empreendedor, para serem contra quem gera riqueza neste país”.

Figura 6 – Tweet feito por Gregorio Duvivier sobre Luciano Hang



Fonte: Reprodução Twitter.

³⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x3HpJuXn7y0>>. Acesso em 15 out. 2023.

Em outubro de 2019, Duvivier participou de uma audiência pública do Supremo Tribunal Federal (STF), discursando em favor da liberdade de expressão artística após uma tentativa de censura do governo por meio do Decreto 9.919, de 18 de julho de 2019 (CONSULTOR JURÍDICO, 2019).³⁸

No episódio de *Greg News* intitulado “Memórias” (2021), Duvivier abordou esse tema e apresentou o EmLuta, projeto que promoveu a cobrança de políticas pelos milhões de brasileiros que perderam entes queridos na pandemia de Covid-19, como a aprovação de uma pensão para as crianças que ficaram órfãs, entre outras medidas.³⁹ O apresentador relembra que, com a proximidade das eleições de 2022, o presidente Jair Bolsonaro buscava encobrir sua má-gestão durante a pandemia. O apresentador ainda menciona as dificuldades de aprovação da Lei nº 14.128, de 26 de março de 2021, que traz disposições sobre uma compensação financeira a ser destinada à profissionais e trabalhadores de saúde que, por terem atuado no atendimento direto a pacientes acometidos pela Covid-19, tornaram-se permanentemente incapacitados para o exercício de suas profissões, ou ao seu cônjuge, dependentes e herdeiros, em caso de óbito. Essa postura reflete o engajamento na esfera pública, não apenas de Gregorio Duvivier, mas de Alessandra Orofino em sua atuação junto à ONG Nossas. Esse engajamento de ambos é evidente, não somente na esfera pública, mas também em *Greg News*, onde o apresentador estimula os espectadores a apoiarem causas como, além do referido projeto de lei, a defesa da Amazônia contra o desmatamento e o apoio à imprensa alternativa.

Em entrevista ao jornalista esportivo Juca Kfoury em setembro de 2022,⁴⁰ Duvivier comenta o processo de politização do humor:

O humor, que sempre foi político, está tomando cada vez mais. Ele passou por um processo de politização, no sentido de responsabilização do humorista. Muito humorista reclamou à beça e reclama até hoje dizendo que está muito difícil fazer humor, que o mundo está chato. Mas, assim, você escolheu essa profissão porque era fácil? Foi por isso que você virou humorista? Eu espero que não. É pra ficar difícil mesmo, você está fazendo uma coisa que é muito complexa, a operação de fazer rir é complexa. Você está sempre dizendo uma alguma coisa, você está sempre revelando alguma coisa, sempre ajudando a revelar algo para as pessoas e *essa escolha é política*. Então hoje o que acontece é que o humorista é confrontado, pergunta-se para o humorista “o

³⁸ O discurso foi transmitido ao vivo na TV Justiça, pela Rádio Justiça e pelo canal do STF no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H0s1OjSxXlM&ab_channel=Poder360>. Acesso em: 19 set. 2022.

³⁹ O episódio está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NTnk59MyD_U&ab_channel=HBOBrasil>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁴⁰ A entrevista completa está disponível no YouTube:

<<https://www.youtube.com/watch?v=poIKOFKGZrk&t=1503s>>. Acesso em: 25 set. 2022.

que que você quis dizer com essa piada?”. E não aceitam a resposta “ah, era só uma piada”. E eu acho que não tem que aceitar mesmo.⁴¹ (Grifo nosso).

Em 2022, ano de eleições, Gregorio Duvivier trocou farpas com alguns políticos, como André Ceciliano (PT),⁴² e participou de um debate com Ciro Gomes, presidenciável pelo PDT. Após a transmissão de um episódio de *Greg News* dedicado a Ciro Gomes (9º episódio da 6ª temporada),⁴³ no qual pedia que eleitores votassem no ex-presidente e então candidato, Luiz Inácio Lula da Silva, como uma forma de defesa do voto útil e da Frente Ampla contra Bolsonaro, o candidato Ciro Gomes publicou um vídeo em seu canal criticando o programa e convidou o humorista para um debate, que foi transmitido ao vivo em suas redes sociais (Figura 7).

Figura 7 – Tweet feito por Ciro Gomes sobre o debate com Gregorio Duvivier



Fonte: Twitter.

⁴¹ A entrevista na íntegra está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=poIKOFKGZrk&t=1503s>>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁴² Sobre isso, ver: <<https://odia.ig.com.br/colunas/informe-do-dia/2022/06/6417140-gregorio-duvivier-volta-a-criticar-pre-candidatura-de-ceciliano-ao-senado.html>>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁴³ O episódio está disponível no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=JXsGL6uCoU4>>. Acesso em: 12 set. 2022.

Nessa entrevista, a postura de Duvivier é basicamente defensiva, em razão dos ataques de Ciro Gomes à sua postura e às pautas de *Greg News* na cobertura das eleições de 2022 (incentivando que os espectadores cristas votassem em Lula). Inclusive, na mencionada entrevista a Breno Altman, Duvivier afirma não ter se arrependido de participar do debate com Ciro Gomes – que, aliás, Duvivier sublinha não considerar debate, em razão da agressividade do candidato –, pois acredita que era sua função ter ido a essa conversa para defender-se, bem como defender a equipe de *Greg News* dos comentários críticos de Ciro Gomes. Duvivier argumenta ser surpreendente e deplorável a postura agressiva então assumida por Ciro Gomes, em quem alega já ter votado (embora não especifique em qual pleito).

Ainda nessa entrevista, direcionamos a Gregorio Duvivier, através do *chat* disponibilizado para participação de espectadores, um duplo questionamento: se a política precisa de humor e se ele se vê concorrendo a algum cargo político. Para responder, Duvivier toca em um ponto bastante sensível da contemporaneidade, qual seja: a crise da representatividade. Ele responde que jamais faria parte da política, pois, embora seja uma posição que demanda uma vocação muito bonita, ele não a tem. Na sequência, ele afirma que a democracia eleitoral – tal como é feita no Brasil e em outras partes do mundo – privilegia, de um modo geral, políticos extremamente ruins. Haja vista, completa Duvivier, “a qualidade do Congresso Federal brasileiro, majoritariamente péssimo”. Por isso, com base no livro *Contra as eleições*, do belga David Van Reybrouck, um dos principais críticos do neoliberalismo, Duvivier adoraria – a despeito de ter consciência de que seja uma utopia – ver instaurada uma democracia aleatória.

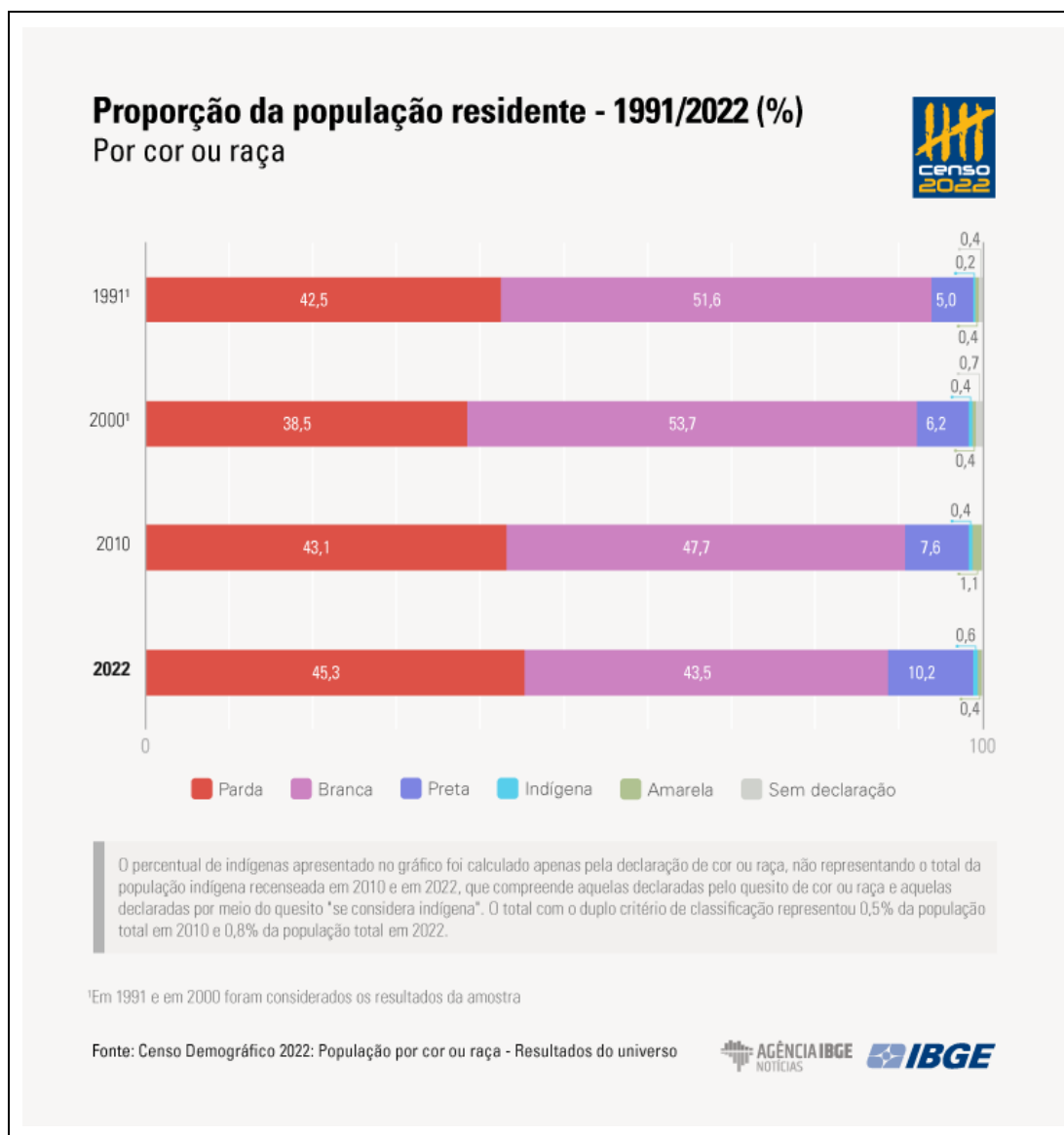
Gregorio Duvivier discorre sobre pontos nodais do livro de Van Reybrouck, apontando como essa modalidade de democracia ocorreu na Grécia Antiga e na Florença durante o Renascimento. Para Duvivier, “A nossa democracia burguesa eleitoral privilegia os mais ricos”. Contrário a isso, ele enfatiza que a política é algo pelo qual todo cidadão deveria passar ao longo da vida, o que seria viável por intermédio da democracia aleatória.

De fato, assistimos hoje a várias tentativas de ressignificar esse tipo de democracia, que remete ao sistema político ateniense na Antiguidade: Aristóteles descreve o emprego de sorteios para ocupação do poder como forma democrática. Atualmente, as ressignificações do conceito de democracia aleatória (também chamada de democracia tómbola ou democracia por sorteio) são guiadas por diferentes propósitos: a busca de isonomia, a expansão da participação, a redução de conflitos entre facções políticas e a contenção dos monopólios políticos.

No caso brasileiro, há quem considere, como Duvivier, a democracia aleatória uma via profícua para a isonomia, uma vez que, temos uma maior parte da população composta por

negros (pretos e pardos): segundo dados do IBGE de 2022, cerca de 92,1 milhões de pessoas (ou 45,3% da população do país) declararam-se pardas; 88,2 milhões (43,5%) declararam-se brancas, 20,6 milhões (10,2%), pretas, 1,7 milhões (0,8%), indígenas e 850,1 mil (0,4%), amarelas (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Proporção da população residente por cor ou raça – 1991/2022 (%)



Fonte: IBGE (Censo Demográfico 2022).⁴⁴

⁴⁴ Disponível em: <

Essa realidade, contudo, não se expressa em termos de representatividade, como se observa no gráfico a seguir (Gráfico 2):

Gráfico 2 – Deputados Federais eleitos por cor ou raça – 2014/2022 (%)



Fonte: Agência Câmara de Notícias.⁴⁵

Ainda segundo a Agência Câmara de Notícias, o mesmo descompasso na representatividade em relação a negros e pardos ocorre com as mulheres. Embora os números tenham crescido, eles são ainda menores do que o esperado. Esse crescimento deve-se à Emenda Constitucional 111, que firma incentivos para candidaturas de negros e mulheres. Segundo a emenda, os votos dados a mulheres e a negros são contados em dobro nas eleições de 2022 a 2030 para a distribuição dos recursos do Fundo Partidário e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), conhecido como Fundo Eleitoral.

Uma parte dos defensores da democracia aleatória acredita que ela seja uma ferramenta para romper com a crise de representatividade a fim de obter uma representação política mais adequada aos segmentos sociais. Contudo, tal modelo de democracia é bastante controverso, na medida em que pensadores de linhas antípodas o defendem: de um lado teóricos neoliberais, como Von Mises e Hayek; de outro, críticos do neoliberalismo, como Slavoj Žižek, Kojin Karatani e David Van Reybrouck, mencionado por Duvivier.

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/911743-numero-de-deputados-pretos-e-pardos-aumenta-894-mas-e-menor-que-o-esperado/>>. Acesso em: 15 fev. 2024.

Cabe observar que, embora, em um primeiro momento, a democracia aleatória possa parecer um instrumento interessante para contornar a crise da representatividade na democracia ocidental, que se concretiza por intermédio de eleições, não conseguimos compreender, seguindo a teoria de Norberto Bobbio (2000), como as nações – o que supõe, coletividade – poderiam instituir a democracia a não ser pela forma representativa fundamentada em processos eleitorais. Não somos ingênuos a ponto de crer que a existência de eleições seja um indicador suficiente para mensurar a efetiva existência da democracia em determinado sistema político. Tampouco, desconsideramos que a democracia pode ser apenas aparente, mesmo com a existência de uma democracia eleitoral. Contudo, o problema não está no processo das eleições, mas nas distorções sociais que não permitem uma equidade de direitos, o que reflete em todos os âmbitos do funcionamento social e institucional de uma nação. Parece-nos pertinente o que propõe Bobbio (2000) em *O futuro da democracia*. Nesse livro, a democracia é definida como um processo que implica um conjunto de regras e procedimentos que se voltam para a tomada de decisões coletivas com uma participação ampla dos interessados. Daí a democracia ser definida “como o governo do público em público”, isto é, “[...] todos aqueles expedientes institucionais que obrigam os governantes a tomarem as suas decisões às claras e permitem que os governados vejam como e onde as tomam.” (BOBBIO, 2000, p. 386). Nessa linha, a crise da representatividade não estaria nas eleições propriamente ditas, mas no modo como a política é feita. Por essa razão, a presente pesquisa não se posiciona contrariamente à democracia representativa por intermédio do processo eleitoral, mas defende políticas que visem a uma transparência das ações públicas e a uma mudança estrutural de base (o que permitiria uma equidade de direitos e uma real representatividade).

1.2. *Greg News*: o perfil do programa

Cristiane Toledo Maria (2015) introduz a análise da produção de Michael Moore com a frase de Mike Wayne extraída de *Political film* (2001): “Todos os filmes são políticos, mas os filmes não são todos políticos da mesma maneira.” Talvez pudéssemos dizer que, na verdade, todos os programas humorísticos são dotados de um fundo político, embora nem todos enfoquem a política da mesma maneira.

Na interlocução da informação e da política com o humor (ou, como defendemos aqui, utilizando humor para estabelecer uma visão crítica sobre os fatos políticos), inscreve-se *Greg News*, cuja estreia ocorreu em 2017 pela HBO. O programa é inspirado no *Last Week Tonight with John Oliver*, exibido pela HBO nos Estados Unidos, gênero televisivo classificado como

late-night talk show, em que apresentadores – geralmente, comediantes e/ou atores – realizam entrevistas com personalidades.⁴⁶

Trata-se de um programa encenado apenas pelo humorista,

[...] que se caracteriza como apresentador de telejornal, bem próximo dos parâmetros dos apresentadores masculinos presentes na bancada dos telejornais atuais, tais como *Jornal Nacional*, *Jornal Hoje* e *Bom Dia Brasil*, da TV Globo, ou *Jornal das Dez*, da emissora Globonews. O apresentador está sempre elegantemente vestido com terno completo e gravata, além de, na segunda temporada na qual o episódio em estudo foi exibido, com cabelos bem cortados e barba feita. Há um cenário característico de programa telejornalístico sóbrio e uma bancada simples sobre um palco. (AGUIAR; SILVA, 2019, p. 2).

O cerne do *late-night talk show* é discutir notícias e acontecimentos relacionados à política. De acordo com Goes (2017), esse tipo de programa informativo que utiliza o tom cômico para falar sobre política na televisão surgiu na década de 1990 com programas como *Politically Incorrect* e *The Daily Show*. No Brasil, o *late show* foi adaptado e consolidado pelo humorista Jô Soares, de quem voltaremos a tratar adiante. Embora não existam entrevistados, *Greg News* conta com uma plateia, que responde com risos aos comentários lastreados de sátira (Figura 8).

⁴⁶ John Oliver é humorista, roteirista, produtor e animador de televisão britânico naturalizado americano. Desde 2014, ele apresenta, pela HBO, o *talk-show* intitulado *Last Week Tonight with John Oliver*. Embora não exploremos o programa nesta pesquisa, vale mencionar que se trata de um noticiário de tom humorístico sobre os acontecimentos relevantes (fatos políticos e fatos atuais) nos Estados Unidos e no mundo. Sobre o formato de *Greg News* ser inspirado no *Last Week Tonight with John Oliver*: “*Greg News* é transplante de *Last Week Tonight*, também da HBO, que é capitaneado pelo frenético e extremamente competente humorista inglês John Oliver, e foi vencedor do Emmy de melhor roteiro para série de variedade de 2016, entre outros prêmios.” (FERES JR., 2017).

Figura 8 – Greg News: cenário



Fonte: Reprodução HBO.

Há quem alegue que essa junção da informação com o entretenimento responde aos interesses comerciais das empresas corporativas de comunicação, na medida em que se trata de um formato que cativa o público:

O estilo alternativo no jornalismo derivado da reestruturação produtiva do capitalismo diz respeito a novos modelos de negócios que visam a suplantar os métodos organizativos herdados do regime fordista de acumulação, apresentando, porém, uma solução edificante do assim chamado “jornalismo pós-industrial”. (BASTOS; FUSARO, 2018, p. 2).

Greg News foi ao ar em maio de 2017, momento em que o país era governado por governo de Michel Temer, advogado e político brasileiro, filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e vice-presidente de Dilma Rousseff (PT). Com o *impeachment* de Dilma, Temer é empossado presidente no dia 31 de agosto de 2016. Gregorio Duvivier e a diretora do programa, Alessandra Orofino, já pleiteavam fazer um programa com esse formato e chegaram a produzir um esquete chamado “Precisamos Falar sobre Temer”, que serviu de inspiração para o *Greg News*.

Greg News é produzido por temporadas e exibido semanalmente às sextas-feiras pela HBO. Segundo o editor-executivo do programa, Denis Russo Burgierman, o episódio tem duas partes:

O programa geralmente tem uma pequena escalada, notinhas e daí começa o tema principal, no YouTube você vê só o tema principal, então o programa no YouTube tem alguns minutos a menos. Mas assim, o programa tem meia hora, no Youtube você vai ver que tem 25 minutos e às vezes, na verdade, está o programa inteiro lá. (BURGIERMAN, 2022).⁴⁷

Após a exibição no canal pago, desde a primeira temporada, grande parte do episódio era disponibilizado gratuitamente no Youtube. Contudo, a partir do episódio 17 da 6ª temporada, intitulado “Queima de Estoque” e lançado em 2022, o apresentador avisa que os episódios deixarão de ser disponibilizados quase na íntegra no Youtube. Esse aviso é feito como uma forma de inserção publicitária, uma propaganda explícita da HBO com vistas a incentivar o público a assinar o *streaming* para ter acesso ao conteúdo do programa:

Olá, eu não sei se você reparou, mas nosso programa aqui no YouTube hoje acabou um pouquinho mais rápido. Sim, é que... Desculpa, nunca aconteceu comigo. É que a audiência de vocês foi muito gostosa. Mentira, é que na verdade, a partir desta semana, a gente vai sempre ter um segmento inédito do *Greg News* exclusivo para a plataforma de streaming, HBO Max. Ah, você não tem HBO Max? Tem certeza? Porque hoje em dia, é difícil saber com tanta coisa que a gente já assina. Talvez você tenha HBO Max assintomática. Às vezes, você assinou um pacote de TV e quando viu, contraiu a HBO Max. Aliás, contratou. Não sei como fala. E mesmo se você não tiver, vale a pena assinar. Não só porque você vai poder ver semanalmente o *Greg News* completinho, mas também porque tem muito mais coisa legal. Tem séries até sobre temas que a gente já tratou aqui no *Greg News*. É verdade. Por exemplo, tem uma série sobre o efeito dos agrotóxicos em uma plantação de soja brasileira, chama Chernobyl. Tem outra sobre a família Bolsonaro, chama *Sucessão*. E tem uma, claro, chama *Sopranos*, não sei se conhecem, sobre o Vivendas da Barra. Eles acompanharam lá, um barato. Hoje o nosso seguimento exclusivo é sobre o ministério que a gente gostaria que o Lula

⁴⁷ Entrevista concedida à autora desta dissertação. Disponível em: Anexo A.

montasse. Sim, a gente fez uma escalação dos sonhos só pra dividir com você. Para assistir, é só procurar o *Greg News* lá na HBO Max. Vai lá! Até já!⁴⁸

Essa redução do tempo de episódio no YouTube aconteceu por conta da fusão entre a HBO Max e o Discovery Plus. Apesar de realizar a publicidade, conforme explicitado acima, Duvivier demonstra seu descontentamento com a decisão em suas redes sociais (Figura 9).

Figura 9 – Tweet feito por Gregorio Duvivier sobre a fusão que afetou a disponibilização do *Greg News*



Fonte: Reprodução Twitter.

Vale ressaltar que essa mudança é feita a partir dos novos episódios, não havendo alterações nos episódios que já estavam disponíveis no YouTube, até mesmo porque, na plataforma de *streaming* HBO Max, as quatro primeiras temporadas não estão mais disponíveis. Na plataforma, os episódios contam com uma abertura, mas o primeiro bloco, mencionado pelo editor na entrevista, que se compõe de notas, não está disponível.

⁴⁸ Episódio disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=njqQyuLgIlo>>. Acesso em: 25 set. 2022.

A partir da quinta temporada, os episódios também passaram a ser disponibilizados em formato de *podcast* no Spotify e em todas as outras plataformas de *podcast*. A maioria dos episódios possuem duração de aproximadamente 30 minutos, sem intervalos comerciais.

O programa surgiu como uma proposta para discutir notícias relacionadas à política utilizando um tom humorístico. Durante os episódios, apenas Gregorio Duvivier entra em cena, caracterizando-se como apresentador de telejornal e abordando temas nacionalmente relevantes, realizando uma análise crítica dos últimos acontecimentos políticos, econômicos e sociais no Brasil, intercalando piadas com informações e opiniões.

O programa utiliza uma bancada de telejornalismo tradicional e tem seu apresentador vestido de terno e gravata, comentando as notícias, geralmente sentado. Durante a edição há também, como uma forma de fundamentar os tópicos abordados, a inserção de notícias e dados sobre o assunto, seja através da reprodução recortada de vídeos, seja através do recurso *picture-in-picture* (PiP), por meio do qual as informações acompanhadas de fontes aparecem em tela minimizada à direita do apresentador (Figura 10). Além de fornecer embasamento informativo aos espectadores, essa recorrência a fontes evita contestações e processos (BRUNO, 2019).

Figura 10 – Greg News: apresentação das fontes



Fonte: Reprodução HBO.⁴⁹

⁴⁹ Os *frames* do programa foram extraídos do episódio “Luxo” (2 out. 2023). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RkJPTAC5AIQ>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Como já mencionado, o programa é dirigido por Alessandra Orofino, economista pela Universidade Columbia com especialização em direitos humanos e cofundadora e diretora executiva da ONG Nossas.⁵⁰

Em artigo publicado pela *Carta Capital*, Feres Jr. (2017) afirma que o programa *Greg News* comete erro ao não criticar alguns setores reacionários, como os meios de comunicação: “A HBO ousa ao levar ao ar *Greg News*, mas nem ela nem Duvivier parecem ter coragem de criticar a Rede Globo, as manipulações do Jornal Nacional, os comentaristas ridículos e ridiculamente reacionários da *Globo News*, do Jornal da Globo” (FERES JR, 2017). Essa postura faria parte de uma política de uma prática antiga, um acordo de cavalheiros, que acontece entre os donos de televisão, que foi quebrada pela Rede Globo em relação ao grupo de Edir Macedo (Rede Record).

De acordo com Santos (2019, p. 40), o programa constitui uma variação no campo do infoentretenimento, pois os dados apresentados são majoritariamente jornalísticos, mas são “ressignificados a partir do humor”. Dejavite (2003), ao falar sobre o jornalismo e o entretenimento, afirma que o público faz solicitações de que as notícias sejam rápidas, de fácil entendimento e divertidas e que as informações satisfaçam os seus ideais de informação e que possam agir como distração. A seu ver, “[...] o termo jornalismo de infotenimento talvez seja o que melhor expressa, hoje em dia, a intenção editorial, de satisfazer essa necessidade do receptor, além, é claro, de ser a terminologia que mais determina essa especificidade” (DEJAVITE, 2003, p. 69).

Com base em Propp e Raskin (a cuja teoria voltaremos de modo mais detido nesta dissertação), Perotti (1995) arrola critérios para tipificar o humor. Seguindo essa classificação, podemos dizer que o programa *Greg News* realiza um humor político, na medida em que enfoca questões de ordem social, econômica e política. Sobre a classificação de níveis constitutivos do humor político sistematizado por Perotti (1995), o programa – no que respeita ao nível morfológico, ou seja, os efeitos de sentido que as palavras oferecem são segmentados e transformados em imagem e figuras – recorre amiúde a vídeos e imagens de notícias impressas para endossar a credibilidade do programa. No que concerne ao nível fonético-fonológico, abrangendo a veiculação de sentidos mediante o manuseio do potencial sonoro que é oferecido pela língua, como a pronúncia, aproximação fônica, assonância ou alusão sonora, Duvivier vale-se de imitações e diferenciações de pronúncia para instrumentos de humor.

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.nossas.org/about>>. Acesso em: 15 out. 2022.

Em um material produzido para a divulgação da terceira temporada, Gregorio Duvivier afirma:

Engraçado que a gente está em um programa que é de entretenimento, que é de humor, mas que acredita muito nos fatos. A gente tem uma equipe grande dedicada mesmo à checagem, à apuração. O elogio que mais me orgulha, talvez, seja esse [...]: hoje em dia, eu confio mais em um programa de entretenimento, que me dá as notícias, do que em um programa de jornalismo, pura e simplesmente. Eu acho que esse é um pouco o objetivo principal do programa, mostrar para as pessoas como a política, que muitas vezes, as pessoas acham que acontece em Brasília e que não diz respeito a você, de modo geral, ela é sobre você; sempre sobre você, você está diretamente implicado. (DUVIVIER, 2019).⁵¹

Desde sua estreia, o programa tem como propósito abordar assuntos políticos de forma cômica e deixa explícito a parcialidade no tratamento dos temas, devido a seu apresentador, Gregorio Duvivier, que é assumidamente de esquerda (GOES, 2017). Além disso, alguns episódios também contam com uma abordagem relacionada a temas culturais, como o programa sobre K-pop (abreviação de *korean pop*, gênero musical popular originado na Coreia do Sul), ou temas sociais, que são muito mencionados no decorrer de cada episódio.

O episódio intitulado “Bolsonaro”⁵² (06 de junho de 2018), que analisaremos no último capítulo desta dissertação, direciona-se especificamente aos possíveis eleitores de Jair Bolsonaro. O episódio mostra e comenta declarações de diferentes momentos que envolviam o candidato à presidência, na tentativa de persuadir os eleitores a não votarem nele. Durante o episódio, Duvivier possui um discurso claro e direto, fazendo questionamentos e trazendo possibilidades diversas para enxergar o cenário da época.

Outro episódio que vale mencionar é “Sergio Moro”⁵³ (21 de junho de 2019), que foi transmitido pouco tempo após a divulgação pelo site *The Intercept* das conversas privadas pelo aplicativo Telegram entre Sergio Moro, o juiz da operação Lava Jato, e procuradores. A matéria publicada pelo *The Intercept* deu início à investigação que ficou conhecida como “Vaza Jato”. Moro aparece dando orientações sobre o modo como Deltan Dallagnol, ex-procurador da Lava Jato, deveria agir durante o processo e opinando sobre a escolha de não investigar políticos suspeitos.

⁵¹ Disponível em: Vídeo de divulgação da temporada de 2019, disponível em: <www.youtube.com/watch?v=IyKa00j7hfY>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁵² O episódio está disponível no canal HBO Brasil e no YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xMYGCoJ_xC0&ab_channel=HBOBrasil>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁵³ O episódio está disponível no canal HBO Brasil e no YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9vvuN0HGSi8&ab_channel=HBOBrasil>. Acesso em: 25 set. 2022.

“Boa Noite, Família”⁵⁴ (20 de novembro de 2020) é um episódio que se apoia no tema da família para tratar de política, apontando para as contradições presentes em discursos de políticos conservadores. Duvivier aborda ainda a perda identitária de pessoas negras no Brasil durante o período da escravidão.

No episódio “Coach” (24 de maio de 2019), Duvivier enfoca aquilo que ele nomeia “epidemia de *coach*”, referente ao grande número de profissionais voltados para instruir pessoas a atingir um objetivo pessoal ou profissional.⁵⁵ O episódio é mais descontraído que os demais, na medida em que há dados objetivos sobre política, sendo direcionado ao público mais jovem.

O episódio intitulado “Jovem Pan” (24 de setembro de 2021) faz críticas à linha editorial próxima ao governo de Jair Bolsonaro.⁵⁶ “Só nessa plataforma [YouTube], a Jovem Pan acumula cerca de 250 milhões de visualizações e 30 milhões de espectadores, o que faria dela a maior produtora de conteúdo jornalístico da América Latina, se desse pra chamar o que ela faz de jornalismo”, afirma Gregorio Duvivier na abertura do episódio. A Figura 11 mostra a abertura do episódio: através do recurso *Picture-in-Picture* (PiP), é apresentada uma imagem vinculando Bolsonaro aos principais nomes da Jovem Pan.

Figura 11 – Greg News: Gregorio Duvivier no início do episódio “Jovem Pan”



Fonte: Reprodução HBO.

⁵⁴ O episódio está disponível no canal HBO Brasil e no YouTube, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ghQ9Oa9fR3w>>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁵⁵ O episódio está disponível no canal HBO Brasil e no YouTube, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M7KDXyKFU-E>>. Acesso em: 25 set. 2022.

⁵⁶ O episódio está disponível no canal HBO Brasil e no YouTube, Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z1YrEdZ7BBw>>. Acesso em: 25 set. 2022

Esse episódio traz informações muito relevantes sobre a história e os bastidores dos programas da Jovem Pan, o que pode ser de grande valia para pesquisas futuras acerca da história da imprensa.

É importante mencionar que esse episódio também foi alvo de complicações para o programa, pois a Jovem Pan entrou com um processo contra a HBO e *Greg News*. A ação terminou com a derrota da Jovem Pan, comemorada por Duvivier em uma postagem no Twitter, em que exalta os redatores e o time jurídico do *Greg News* (Figura 12).

Figura 12 – Twitter: Gregorio Duvivier comemora a vitória contra a Jovem Pan



Fonte: Reprodução Twitter.

Em “Filhos”, 15º episódio da 6ª temporada (04 de novembro de 2022), por exemplo, último episódio exibido antes de uma pausa para o período eleitoral, o apresentador utiliza experiências pessoais para tratar das aflições que cercam a paternidade e maternidade, tendo

em conta o contexto de desastres ambientais.⁵⁷ Nesse mesmo episódio, Duvivier aborda a legislação eleitoral e a censura interna da HBO, que o impedia de realizar seu programa com críticas políticas ao presidente em exercício, Jair Bolsonaro, como tem sido a marca do programa.

Duvivier refere-se às imposições da legislação eleitoral para os veículos de comunicação. Segundo essa legislação (Lei nº 9.504/1997; Resolução TSE nº 23.610/2019), os programas de rádio e televisão não podem veicular conteúdo político-eleitoral durante o período eleitoral. Essas restrições têm como objetivo garantir que candidatos tenham tratamento isonômico pelos meios de comunicação (TSE, 2022).

Duvivier apresenta algumas dessas recomendações legais:

1. Não transmitir, ainda que sob forma de entrevista jornalística, imagens de realização de pesquisa ou qualquer outro tipo de consulta popular de natureza eleitoral em que seja possível identificar o entrevistado ou em que haja manipulação de dados;
2. Buscar equilíbrio entre todos os candidatos ao veicular críticas e opiniões, ainda que no âmbito humorístico, para evitar acusações de favorecimento ou perseguição;
3. Evitar que o conteúdo assuma tom de propaganda política que favoreça abertamente uma das partes na disputa;
4. Não violar, de forma injustificada e desproporcional, a honra, a intimidade, a vida privada, ou a imagem dos candidatos.

Duvivier afirma que as restrições são extensas e, caso ele se prestasse a enumerá-las, descaracterizaria o teor humorístico do programa.

É importante mencionar que nem todos os canais de notícia e programas tiveram a mesma postura de realizar essa pausa para o período eleitoral. A Jovem Pan, por exemplo, é uma rede de rádio e TV comercial que declarou abertamente apoio a Bolsonaro, realizando comentários agressivos contra Lula, dando espaço para a transmissão de programas e *lives* de Jair Bolsonaro.

Em matéria publicada pela *Folha de S. Paulo*, Padiglione (2022) cita o posicionamento de Gregorio Duvivier sobre a lei eleitoral. Segundo Duvivier “[...] é muito difícil fazer o programa durante as eleições, que é um daqueles paradoxos do Brasil. Durante as eleições, justamente a época em que a gente mais precisaria do programa, não vai dar para fazer por causa da lei eleitoral.” E completa afirmando que a lei é “[...] muito rígida com comediante e

⁵⁷ O episódio está disponível no canal HBO Brasil e no YouTube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dCK2zK-riUE&ab_channel=HBOBrasil>. Acesso em: 25 set. 2022.

muito pouco com político, porque a gente sabe que os políticos disparam em massa no WhatsApp, não tem nenhuma regulação direito pra internet, mas pra televisão, pro jornalismo e pra comédia, essa é implacável.”

O humor praticado por *Greg News* possui formato crítico e reflexivo, definido pela HBO como uma forma irreverente de se apresentarem as notícias importantes do Brasil e do mundo. O programa possui um roteiro que, apesar de ser redigido para um programa humorístico, segue características de um programa jornalístico. Contudo, os espectadores têm ciência de que estão diante de um humorista que conduz um programa televisivo satírico. Trata-se de um meio legítimo para se abordar a política, pois, embora o perfil canônico do jornalismo seja ligado a noticiar informações sobre acontecimentos, que são narrados com seriedade, certeza e segurança, outros gêneros que flertam com o cômico, como charges e caricaturas, não possuem menor importância que editoriais, resenhas e artigos.

Para Bruno (2019), *Greg News* pode ser inscrito em um modelo opinativo, pelo modo como veicula as notícias. Barboza, Soares e Pereira (2018) alegam que o programa se encaixa em mais de um gênero jornalístico, podendo ser classificado como jornalismo interpretativo ou opinativo. O jornalismo interpretativo busca esclarecer fatos com vistas a fazer com que o público entenda o que está consumindo (REFKALEFSKY, 1997; FELIX, s.d.). O jornalismo opinativo expõe o ponto de vista do jornalista, com base em fontes fiáveis que possam dar credibilidade aos argumentos e, por consequência, convencer o público (FELIX, s.d.):

É o lugar em que as instituições jornalísticas podem, a partir de associados e colaboradores, emitir opinião de assuntos variados sem a sua assinatura corporativa, mas com assinaturas múltiplas e individuais. É nesse campo, que as instituições conseguem mesmo com sua linha editorial, dar maior abertura para a circulação de diferentes ideias. (BRUNO, 2019, p. 210)

Para Barboza, Soares e Pereira (2018), a característica principal do *Greg News* é o aprofundamento e contextualização do assunto, destoando do jornalismo tradicional.

1.3. Os bastidores do programa

Em entrevista dirigida a Gregorio Duvivier, Breno Altman (Opera Mundi) afirma que, ao assistir ao *Greg News*, tem a convicção de que está diante de um dos melhores – se não, o

melhor – programa sobre política e cultura do audiovisual brasileiro.⁵⁸ Embora *Greg News* tenha muito de humor, justifica Altman, não se trata de um programa de humor. Em face do exposto, o entrevistador pergunta a Duvivier se, por ocasião do contexto político vivido pelo país (lembrando que as eleições presidenciais ocorreriam em alguns meses), ele se sente mais como um humorista que visita a política ou como um polemista da política que recorre ao humor. Duvivier responde que tenta ser um humorista falando de política, e não o contrário, uma vez que sua formação e sua vocação sempre foram no campo humorístico. “Não tenho inteligência nem leitura para ser cientista político”, alega Duvivier. Ele atribui o teor político de alto nível à equipe de *Greg News*, marcada pela qualidade política e jornalística, pela pesquisa e consultas de fontes.

Para entendermos com maior profundidade o perfil da equipe, apresentamos neste tópico algumas posições defendidas pela diretora do programa *Greg News*, Alessandra Orofino, e trazemos os pontos centrais da entrevista que realizamos com Denis Russo Burgierman, editor-chefe do programa.⁵⁹

Alessandra Orofino, é economista, cientista política e ativista. Como dito, ela é diretora executiva da ONG Nossas, que surgiu 2011, com o Meu Rio.⁶⁰ Em uma matéria sobre ativismo digital publicada em 13 de novembro de 2020 pela *Gazeta do Povo*⁶¹ – jornal que, segundo o *Intercept Brasil*, em artigo publicado em 09 de dezembro de 2018, tornou-se o porta-voz do reacionarismo,⁶² – lemos que:

A Nossas.org é uma “rede de ativismo” que aglutina voluntários para fazer “pressão pública” por um “país mais justo e solidário”. Segundo o site da ONG, ela já contou com mais de 5,4 mil colaboradores que se dedicaram a projetos como o Programa de Mobilizadores, cuja descrição promete “treinamento em metodologias e tecnologias de ativismo”. (*Gazeta do Povo*, 13 nov. 2020).

A matéria prossegue com informações sobre a ONG:

A Nossas realiza uma série de programas focados em causas sociais. Alguns funcionam dentro da ONG, como é o caso dos sites Meu Rio, Minha Sampa,

⁵⁸ Entrevista a Breno Altman (Opera Mundi), 9 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2NZHjVxzXiI>>. Acesso em: 15 set. 2023.

⁵⁹ Disponível em: Entrevista integral em Anexo A.

⁶⁰ Sobre Meu Rio, ver: <<https://www.meurio.org.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

⁶¹ Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/conheca-a-ong-dona-da-plataforma-que-criou-um-site-usado-pelo-sleeping-giants/>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

⁶² Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2018/12/09/gazeta-do-povo-guinada-direita-bolsonaro/>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

Minha Campinas, Minha Jampa e Meu Recife. Há também projetos que foram incubados dentro do Nossas, mas hoje funcionam de forma independente. (*Gazeta do Povo*, 13 nov. 2020).

E comenta sobre Alessandra Orofino e o programa *Greg News*:

O estatuto social da ONG é assinado pela fundadora do Minha Sampa e pela criadora do Meu Rio, Alessandra Orofino. Alessandra, que é diretora executiva e cofundadora da rede Nossas, é responsável pela direção do programa de TV *Greg News*, apresentado por Gregorio Duvivier, crítico do liberalismo e do conservadorismo. Ela também foi idealizadora e diretora de um vídeo apresentado pelo youtuber Felipe Neto – crítico ferrenho de pautas que se choquem com o progressismo – publicado no jornal norte-americano *The New York Times* em agosto deste ano. (*Gazeta do Povo*, 13 nov. 2020).

Além de apontar a existência de doações milionárias para a ONG, a matéria veiculada pela *Gazeta do Povo* acusa a organização de milícia digital, por promover disparos massivos de informações:

Um dos projetos incubados pelas Nossas é o Bonde, uma plataforma de criação de ferramentas *online* para pressionar organizações. Os clientes compram a tecnologia que facilita o disparo massivo de e-mail contra os alvos escolhidos. O Bonde foi a tecnologia escolhida pela milícia anônima Sleeping Giants Brasil para tentar cortar todas as linhas de financiamento utilizadas pelo escritor Olavo de Carvalho, uma das vozes do conservadorismo brasileiro. (*Gazeta do Povo*, 13 nov. 2020).

Em resposta à matéria divulgada pela *Gazeta do Povo* – publicada pela própria *Gazeta* em 17 de novembro de 2020 –, a ONG Nossas afirma ser uma organização que impulsiona o ativismo democrático e solidário no Brasil.⁶³

O argumento empregado pela ONG é de o Bonde constitui uma de suas ferramentas de criação de sites personalizáveis de campanhas de mobilização e que foi disponibilizada para terceiros desde 2016. O Bonde permitiria que

[...] ativistas com muita ou pouca experiência podem criar campanhas de coleta de assinaturas, pressão direta ou financiamento coletivo. O Bonde é uma ferramenta segura e intuitiva, desenvolvida pela equipe de tecnologia do Nossas e que é compartilhada com organizações do terceiro setor, coletivos e ativistas, que sigam as previsões contratuais, que incluem o cumprimento às leis do país e o compromisso com valores importantes para o Nossas, além do pagamento de um valor que varia de acordo com as funcionalidades usadas e

⁶³ A resposta está disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/leia-na-integra-a-resposta-da-ong-nossas-sobre-o-caso-sleeping-giants/>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

o tipo de organização que está fazendo uso da plataforma. (*Gazeta do Povo*, 17 nov. 2020).

O texto indica ainda que a marca Sleeping Giants utiliza o Bonde na campanha “Bloqueia PagSeguro”:⁶⁴

A campanha pressiona um fundo canadense para deixar de financiar um site de arrecadação de dinheiro. A Sleeping Giants é apenas um dos usuários externos do Bonde, que utiliza nossos serviços pagos, o que de modo algum configura qualquer tipo de vínculo formal. O Nossas não se responsabiliza pelo conteúdo dos sites criados por terceiros usando o Bonde, de acordo com os termos de uso disponíveis na própria plataforma. (*Gazeta do Povo*, 17 nov. 2020).

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pela organização Sleeping Giants (em outras plataformas, como nas redes sociais) não seria de competência da ONG Nossas. Embora não disponha de meios formais para intervir na atuação do Sleeping Giants, caso a ONG julgasse tal atuação antiética ou contrária a valores de democracia e solidariedade, não seria permitido o uso do Bonde.

Em entrevista dada a Breno Altman (Opera Mundi) em 04 de outubro de 2022,⁶⁵ após o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais, ocorridas em 2 de outubro de 2022 (Figura 13), Orofino é questionada: “Para onde marcha o Brasil?”.

⁶⁴ Sleeping Giants é um movimento ativista digital que surgiu nos Estados Unidos e chegou no Brasil em 2020. No site do movimento, lemos: “Movidos por uma pesquisa acadêmica, em meio à uma eleição fraudulenta, desordem informacional, ódio diário nas redes sociais, negligência das plataformas em relação à publicidade, verbas públicas desperdiçadas em sites nocivos, negacionismo científico propagado durante uma pandemia e um ecossistema fraudulento e odioso bem estabelecido. A máxima de ‘seguir o dinheiro’ foi adotada como fundamento para a criação do Sleeping Giants Brasil.” Para maiores detalhes sobre o movimento, ver: <<https://sleepinggiantsbrasil.com/sobre-nos/>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cwTqGVKMoks>>. Acesso em 15 out. 2023.

Figura 13 – Resultado das Eleições Presidenciais de 2022 (Primeiro Turno)



Fonte: UOL.⁶⁶

Diante do desempenho de Bolsonaro, Orofino alega que a combatividade demonstrada pelo bolsonarismo no primeiro turno das eleições presidenciais deve-se à oportunidade concedida pelo então presidente às camadas médias da população de preservar seu poder de oprimir e humilhar os mais fracos. Em sentido contrário, estão os eleitores de Luiz Inácio Lula da Silva: “Os absolutamente oprimidos, que não experimentam no cotidiano a oportunidade de humilhar alguém, são as pessoas mais pobres, as pessoas negras e as mulheres pobres e negras. Não é à toa que aí Lula leva de braçada”, afirma Orofino.

Em uma análise política bastante percuciente, Orofino mostra que persistência dessas relações sociais remonta à herança escravocrata brasileira, que foi ameaçada durante os governos petistas em momentos como o da promulgação da Emenda Constitucional 72, mais conhecida como PEC das Domésticas, por Dilma Rousseff: “Ao fazer isso, a gente fez a alforria final no Brasil, e desde a primeira alforria esse é o ponto que revolta a classe média e a elite: perder a possibilidade de escravizar alguém”, defende Orofino.

É nesse sentido que a Jair Bolsonaro aparece como uma figura que se adequa perfeitamente ao levante antipopular, na medida em que ele representa a continuidade da subalternização dos mais fracos por parte das camadas médias. Tais camadas experimentam em

⁶⁶ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/analise/presidente-1-turno/resultado-das-eleicoes-para-presidente-considerando-os-votos-validos/?uf=sp>>. Acesso em 15 out. 2023.

maior intensidade a dualidade de ter subalternos e também de ser subalternizadas, seja por um patrão ou por outra figura de poder. Nos termos de Orofino: “É o homem que olha para uma feminista e se ressentido por não poder mais bater em sua mulher. É a patroa que olhou para a PEC das Domésticas e achou que não ia mais poder ter três empregadas que dormem em casa. São figuras de autoridade espremidas, e a única coisa que dá a elas a sensação de ascensão social e *status* é poder oprimir o outro.” Como se pode notar, Orofino tem uma visão política próxima à de Duvivier.

Denis Russo Burgierman, editor-chefe do *Greg News* é autor de livros como *O fim da guerra*, que trata políticas de drogas ao redor do mundo, publicado em 2011 pela Editora Leya, e *Piratas no fim do mundo*, em que relata sua experiência em uma viagem à Antártida junto a ativistas, publicado em 2003 pela Editora Abril. Foi colunista das revistas *Vida Simples* e *Veja*, além de ter sido diretor de redação da revista *Superinteressante*.

Na entrevista que realizamos com Denis Russo Burgierman,⁶⁷ o editor aborda brevemente a composição do time que auxilia na realização do programa. Em uma primeira instância há a diretora executiva, Alessandra Orofino, o apresentador, Gregorio Duvivier, e os editores-chefes, Denis Russo Burgierman e Bruno Torturra. Além disso, o programa conta com quatro repórteres, Carol Pires, escolhida para as pautas de bastidores, Fernanda Mena, repórter da *Folha de S. Paulo* que trabalha com direitos humanos, Luísa Miguez, que foi colunista da *Revista Piauí*, e Mariana Filgueiras, que trabalhou na *Globo*, sendo que duas delas são fixas e duas trabalham como *freelancer* mensal. Por último, o editor cita em sua entrevista os roteiristas Eduardo Branco e Arnaldo Branco, responsáveis pelo humor do programa.

Em relação à definição de temáticas do programa, toda segunda-feira há uma reunião da diretoria, que envolve Alessandra Orofino, Gregorio Duvivier, Denis Russo Burgierman e Bruno Torturra. Essa reunião tem como objetivo definir pautas que serão abordadas em programas mais distantes e que precisam de um tempo maior para o preparo da equipe. Além disso, às quartas-feiras a equipe também se reúne, logo após a gravação do episódio da semana, para discutir a próxima pauta.

Os roteiros do programa são montados e finalizados utilizando como base o texto escrito pelas repórteres do programa. Inicialmente o texto jornalístico passa por um dos editores-chefes do programa e, a seguir, é enviado para os roteiristas de humor. O editor menciona que o programa não é um produto jornalístico, ele é um texto híbrido:

⁶⁷ Disponível em anexo, Entrevista com Denis Russo Burgierman, editor-chefe do *Greg News*.

O *Greg News* não é um produto jornalístico, ele não é um programa jornalístico, ele é um texto híbrido, ele é muitas coisas ao mesmo tempo. O jornalismo é um componente fundamental, central para o que o programa é, mas ele não é um produto jornalístico que serve só para te deixar bem informado. A gente quando acerta, quando o programa fica bom é quando a gente percebe que ele informou também, que as pessoas vão ver o programa e vão aprender e entender uma coisa que elas não estavam entendendo direito, mas um programa de sucesso, ele não é só isso, ele precisa fazer essas três coisas, ele precisa informar, divertir e incidir. (BURGIERMAN, 2022).

Após todos os elementos que compõe o texto serem escritos e incluídos no roteiro, há uma reunião às terças-feiras para finalizar o texto com todas as pessoas envolvidas.

Quando a gente chega na terça-feira de manhã, todo mundo já colocou pra dentro do texto tudo que tinha quer colocar, o repórter já colocou pra dentro, eu já tentei dar alguma organização para a história, os humoristas já puseram as piadas, e daí vem o mais difícil, porque a terça-feira a gente trabalha juntos. A gente fecha o texto a muitas mãos. A verdade é que quem está mais com a mão no texto nesse momento é a Alessandra, nossa diretora, e o Gregório. Mas é uma reunião que envolve umas seis, sete pessoas e a gente faz uma reunião longuíssima, uma reunião de dia inteiro. Começa às 9h30 da manhã e vai até anoitecer, e o Gregório vai direto gravar depois dessa reunião, é uma passagem lenta pelo texto. (BURGIERMAN, 2022).

Na entrevista, o editor-chefe comenta sobre a revisão do conteúdo durante a reunião:

O jornalista falando “pô [sic], essa piada está atrapalhando a informação”, o humorista falando “pô, essa informação tá atrapalhando a piada” e a gente vai tentando chegar nesse ajuste em que tanto a informação quanto a piada funcionam. Nesse sentido ele é um programa meio único, não parece outros, porque essa busca do texto híbrido, do texto que nenhum de nós seria capaz de fazer sozinho. (BURGIERMAN, 2022).

O editor divide o programa em três dimensões, os jornalistas, os roteiristas e os ativistas, afirmando que na dimensão do ativismo está principalmente a diretora, Alessandra Orofino, que, como mencionado, é diretora da ONG Nossas.

Os roteiristas de humor, os jornalistas e os ativistas, tem essa outra dimensão o programa, se bem que aí é principalmente a nossa diretora, a Alessandra, que é uma ativista, ela é diretora executiva de uma ONG importante, que é o Nossas, ela é uma liderança ativista, e isso é um outro aspecto que todo texto tem que ter. A gente sempre está buscando incidência, a gente quer informar, a gente quer divertir e a gente quer incidir também, a gente quer impactar nos temas que a gente trata. (BURGIERMAN, 2022).

Sobre a apresentação e gravação dos episódios, o editor afirma que há, na verdade, uma construção em conjunto com o público, pois os episódios que funcionam melhor são aqueles nos quais o público entra na história e o apresentador consegue improvisar, dando mais fluidez para o programa.

Além disso, o roteiro que é apresentado por Gregorio durante os episódios e gravações é complementado pelas *picture-in-pictures* (PiP), recurso de receptores de televisão no qual um programa é exibido ao mesmo tempo em que um ou mais programas ou imagens são exibidos ao mesmo tempo. De acordo com o editor-chefe durante a entrevista, o principal papel dessa ferramenta é manter a credibilidade do programa, garantindo juridicamente que o que está sendo mostrado durante o episódio foi checado e possui veracidade:

Várias vezes a gente foi processado e teve decisões do juiz falando que a gente estava lá citando e mostrando na fonte, ou seja, que a gente agiu com responsabilidade, com diligência, como disse um desses juízes. Então ali a gente está se garantindo juridicamente, mas a gente está também afirmando para o público que a gente não é só um programa de humor, que tudo aquilo que a gente está rindo foi checado exaustivamente, não foi inventado da nossa cabeça né [sic]. (BURGIERMAN, 2022).

O *picture-in-picture* serve também como uma boa ferramenta de edição, pois, caso o Gregorio cometa algum erro durante o período da gravação, é fácil parar e voltar até o último corte. O editor afirma que “[...] é raro um programa ser gravado do começo até o final sem interrupção, às vezes acontece, mas é raro.”

Em 2017, Gregorio Duvivier deu uma entrevista ao Portal *El País* na qual comenta sobre a união entre humor e informação:

Eu acredito que humor e informação não são contraditórios, são complementares. A piada é uma ótima maneira de se falar a verdade e eu sinto falta disso. Humor no Brasil, em geral, é muito sem embasamento. E do outro lado, o jornalismo não se empenha em criar um texto mais gostoso e em ser mais franco, ele não tem a franqueza do humorista, no sentido de tirar a roupagem da imparcialidade. A gente vai ser parcial, mas não vamos mentir para você. Parcialidade não é sinônimo de mentira. (DUVIVIER apud MARTÍN, 2017)

A afirmação de que a parcialidade não é sinônimo de mentira feita pelo apresentador afina-se com o comentário do editor-chefe, pois, embora Duvivier expresse seu ponto de vista e suas opiniões, sua visão política sempre possui embasamento jornalístico, exemplificado pelo *picture-in-picture*.

Em relação ao impacto causado pelo programa, Burgierman comenta o caso dos episódios gravados sobre entregadores, afirmando que o programa ajudou a politizá-los.

Durante a entrevista, Burgierman sublinha a importância do diálogo entre o departamento jurídico no programa e a diretora executiva Alessandra Orofino, que possui papel fundamental na estrutura final do programa, na medida que é responsável pela manutenção das notícias e dos momentos de humor conforme o idealizado pela equipe.

A Alessandra tem uma longa reunião com o jurídico todas as semanas. Depois de eles lerem o texto, tem uma... o texto volta cheio de comentários, cheio de comentários e a Alessandra negocia, e aí acho que ela faz um papel muito... a Alessandra é muito central, sem a Alessandra não tinha esse programa, ela é realmente uma liderança que faz convergir todos esses elementos. (BURGIERMAN, 2022).

Por conta da participação ativa no desenvolvimento do roteiro, o setor jurídico passa a ser um personagem do humor realizado pelo programa.

Em relação ao público do programa, Burgierman acredita que o programa atinge públicos diversos nas diferentes plataformas, HBO Max e YouTube.

Isso é fruto dessa nossa negociação, a HBO acabou topando que o programa estivesse no YouTube, e a gente sente que daí os públicos são muito diferentes. No YouTube a gente atinge um público jovem e, não só jovem, mas mais jovem que o da HBO e a gente atinge mais gente que não é da nossa bolha, gente que está interessada no tema do programa e daí chega no programa por causa do tema. É uma lógica completamente diferente. A gente acha que a repercussão que a gente sente do programa, ela vem muito... ela vem principalmente por causa do YouTube, a HBO é mais, uma coisa mais exclusiva, um público pequeno. (BURGIERMAN, 2022).

Denis Russo Burgierman afirma que o programa tem como objetivo impactar o debate político. Nesse sentido, o alvo do programa é um público amplo e jovem, para conversar com aqueles que ainda possuem uma vida política pela frente.

Agora, a gente sabe que é claro que o grosso do nosso público é um pouco mais velho e é progressista, a gente faz um esforço grande de atrair um público mais novo, e aí a gente busca temas de tempos em tempos, “pô, vamos falar com os adolescentes, com os jovens”, porque a gente quer formar público, porque a gente quer... porque a gente quer incidir onde é mais relevante, a gente quer conversar com quem tem uma vida política pela frente, decisões a tomar. Então a gente tem esse esforço. (BURGIERMAN, 2022).

Contudo, Burgierman observa que, nas primeiras temporadas do programa, parecia ser mais frequente que um episódio perfurasse a “bolha” e fizesse sucesso em redes de direita.

Greg News tem um fundo de humor em que predomina a sátira de valores que são próprios ao conservadorismo. Nesse curso, o programa vai de algum modo na contramão da tradição do humor brasileiro, na medida em que o programa comandado por Duvivier não se vale de elementos do senso-comum estereotipados, os quais são historicamente recorrentes em programas de humor. Tendo em conta a peculiaridade de seu formato, *Greg News* inverte o mecanismo tradicional da produção do riso? Para respondermos a tal questionamento, é revisitaremos no capítulo subsequente a trajetória do humor e da sátira política na televisão brasileira, além de discutirmos aspectos da teoria do humor e da teoria política.

2. GREG NEWS: O RISO COMO INSTRUMENTO CRÍTICO

O presente capítulo visa a compreender o tipo de humor presente em *Greg News*, analisando em que medida o programa possui laços com a tradição humorística brasileira e como ele se distingue e/ou se aproxima de programas congêneres atuais. Seguindo esse propósito, o capítulo é dividido em quatro seções. Na primeira seção, mostramos o desenvolvimento histórico do humor na televisão brasileira e de que modo a política, a sociedade e os costumes são tratados nesses programas. Abordamos ainda a estética dos memes para caracterizar a linguagem do humor na contemporaneidade.

A segunda seção busca traçar um perfil de programas congêneres – ou seja, programas que enfocam política conjugando informações e opinião –, como é o caso de *Canal Hipócritas*, *Brasil Paralelo* e *Os Pingos nos Is* (Jovem Pan), os quais são assumidamente conservadores e afinados com o discurso da extrema direita, em contraste com o posicionamento político em que se situa o programa comandado por Gregorio Duvivier. Para introduzir esse tópico e compreendermos a fusão de gêneros midiáticos na atualidade, abordamos o conceito de cultura da convergência, indústria cultural e correção política.

Com a finalidade de desenvolver uma visão mais aprofundada do humor e da essência cômica de *Greg News*, a terceira seção traz apontamentos teóricos do humor. Tendo como critério a etiologia do riso, os efeitos do humor e as relações históricas entre humor e política, selecionamos referências canônicas sobre o humor, como Georges Minois (2003), Henri Bergson (2014), Freud (2017) e Victor Raskin (1985). A última seção, por fim, apresenta uma discussão sobre humor, sátira e política, enfocando a política no Estado Moderno mediante os conceitos de biopolítica e biopoder desenvolvidos por Michel Foucault (1999, 2010, 2012).

2.1. Humor e sátira política na televisão brasileira

Como se sabe, os gêneros televisivos não possuem uma estrutura rígida, na medida em que se modificam conforme as demandas que emergem do público, acompanhando, pois, as transformações políticas, econômicas, tecnológicas e culturais da sociedade. O humor também se inscreve no tempo: algo que tenha provocado o riso na segunda metade do século XX, por exemplo, pode hoje ser indiferente ao público. Em suma, os gêneros televisivos (aos quais se somam os gêneros que compõem a mídia audiovisual em seu conjunto) e o humor são instâncias históricas e dependem, portanto, do contexto em que se inserem. Para que isso fique mais evidente, convém recobrar o histórico do humor na televisão brasileira. Mediante essa visão

histórica, poderemos delimitar com maior clareza as estratégias de humor e seu potencial crítico em *Greg News*.

Desde a origem da TV Tupi, primeiro canal de televisão brasileiro sul-americano, fundada em 18 de setembro de 1950 por Assis Chateaubriand, o humor foi um dos elementos constitutivos centrais da televisão brasileira. Com efeito, ao longo desses pouco mais de setenta anos de existência, a televisão brasileira veiculou vários programas humorísticos, os quais representam marcos históricos no painel artístico nacional. De que modo as produções humorísticas contemporâneas – e, em particular, o programa *Greg News* – dialogam e rompem com essa tradição? Para responder a essa questão, que nos parece elementar para configurar o objeto desta pesquisa no fluxo histórico dos gêneros que o compõem (uma vez, que *Greg News* apresenta um formato híbrido, conjugando humor, informação e opinião), convém traçar o perfil do humor midiático no Brasil, procurando contextualizá-lo e identificar os aspectos que lhe são caros.

Até o início do século XX, a produção humorística nacional concentrava-se na tradição oral, na literatura, no teatro (em especial, no teatro de revista, marcado por músicas e danças maliciosas) e em periódicos impressos (jornais e revistas ilustradas). Com o desenvolvimento das técnicas de impressão, a caricatura tornou-se, na segunda metade do século XIX, o recurso empregado por humoristas para satirizar as situações cotidianas e para criticar políticos e governantes. Esse tipo de humor mais corrosivo convivía com aquele denominado “bom riso”, sem exprimir desagravo ao objeto risível. É o caso dos chistes, das adivinhas e dos trocadilhos.

Na fase de desenvolvimento da mídia radiofônica, os programas de variedades (com música, humor e promoção de concursos) foram fundamentais para conquistar o público e disseminar a recém-surgida linguagem radiofônica. (CARDOSO; SANTOS, 2008).

Ao surgir no Brasil, embora fizesse uso de uma linguagem particular de modo a construir uma experiência comunicativa própria com o espectador, a televisão assimilou de outras mídias e de diferentes manifestações culturais elementos como a dramaturgia proveniente do teatro, a composição de imagens própria do cinema (planos, cortes, sequências) e informações jornalísticas (notícias, reportagens, entrevistas), anteriormente veiculadas pelos meios impresso e radiofônico:

O pioneiro da televisão brasileira, Assis Chateaubriand – proprietário da TV Tupi e das Emissoras Associadas (empresas de radiodifusão localizadas em diversas localidades do país) – soube aproveitar as experiências da mídia radiofônica em seu novo empreendimento comunicacional. Assim, na gênese da programação televisiva brasileira, encontram-se diversos programas e formatos criados inicialmente para o rádio. No caso específico do humor feito

para a televisão, uma de suas influências marcantes vem dos programas humorísticos radiofônicos. (CARDOSO; SANTOS, 2008, p. 3).

Além de adaptar programas de sucesso do rádio e contratar humoristas consagrados da mídia radiofônica, como é o caso de Chico Anysio, a televisão brasileira criou programas novos, segundo os parâmetros da linguagem televisiva, o que inclui recursos de cenografia, enquadramentos, iluminação, movimentos de câmera, fusões e outros efeitos de edição. Tudo isso resultou em programas humorísticos com novos formatos.

Até meados dos anos 1980, predominaram os programas com uma estrutura narrativa baseada em esquetes, uma sucessão de quadros independentes, contando com uma ambientação (uma praça, um edifício ou um evento) como elemento unificador e com personagens caricatos que representavam de os tipos sociais. O “bordão”, frase de efeito enunciada por determinado personagem, é repetido a cada transmissão de modo a construir uma marca identitária, um mecanismo desencadeador do riso. (CARDOSO; SANTOS, 2008). “Estes programas eram bastantes representativos da sociedade onde se situavam e tinham grande audiência, pois espelhavam a mentalidade hegemônica sobre o que era risível.” (ROSA, 2004, p. 581). Tudo aquilo que não se enquadrava em um padrão hegemônico histórico e culturalmente construído (masculino, heterossexual, ocidental, branco e cristão) era considerado um objeto risível em potencial.

A despeito de a reivindicação pela inclusão social de homossexuais, negros e mulheres na década de 1960, suas demandas custaram (e ainda custam, embora de modo mais atenuado em razão das lutas e pautas identitárias) a serem atendidas.

Nos anos 1980, a TV brasileira começou a dar mostras de que estas questões poderiam entrar na grade de programação, inclusive nos programas humorísticos – ambiente em que se reproduziam ao máximo os ideais do conservadorismo nacional. Abrir espaço para as chamadas minorias sociais na mídia era o reflexo de um momento de abertura política, com o fim da ditadura militar e da liberdade de expressão. (ROSA, 2004, p. 581).

Foi com a TV Rio que o humor se projetou com maior intensidade na televisão brasileira. Em concorrência direta com a TV Tupi, a TV Rio articulou uma parceria com a Record, de São Paulo, e passou a investir em programas de humor. Abrindo o primeiro programa televisionado do país (*TV na Taba*, sob a direção de Cassiano Gabus Mendes e a apresentação de Homero Silva), temos um dos mais conhecidos humoristas, Amácio Mazzaroppi (Figura 14), que mais tarde faria grande sucesso no cinema (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011).

Figura 14 – Raízes do humor na televisão brasileira: Amácio Mazzaroppi



Fonte: BBC.⁶⁸

Nos anos 1950, TV Rio veiculou dois programas humorísticos de grande audiência, “Noites Cariocas” e “O Riso é o Limite”, transmitidos respectivamente às sextas-feiras e aos sábados. Escrito por Antonio Maria, Haroldo Barbosa e Sérgio Porto, o primeiro dos referidos programas tinha, em seu elenco, Chico Anysio, que atuava como redator e intérprete vários personagens, dentre os quais se destaca o Professor Raimundo:

Oriundo do rádio, o quadro “Escolinha do Professor Raimundo” pertencia à tradição de programas humorísticos ambientados em uma sala de aula repleta de alunos bagunceiros e pouco atentos à aula. Essa fórmula foi desenvolvida em programas como “Cenas Escolares”, criado em 1936, que, devido à pressão de professores e de associações de pais e à censura do Estado Novo, teve o nome mudado em 1938 para “Piadas do Manduca” (no ar por mais de 25 anos), que em lugar de se passar em uma escola pública, teria como “cenário” a casa de uma professora aposentada. (CARDOSO; SANTOS, 2008, p. 7-8).

Chico Anysio criou para a Rede Globo, nos anos de 1970, o programa “Chico City” (1973-1980), cujos quadros humorísticos se dariam em uma cidade do interior do Nordeste (Figura 15). Os personagens, com fortes características regionais, eram interpretados por seu criador. Seguindo o mesmo formato, o comediante lançou em 1982, na mesma emissora, “Chico

⁶⁸ Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60994928>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

Anysio Show” (Figura 16). Considerado um dos maiores humoristas brasileiros, Chico Anysio protagonizou uma série de outros programas de humor além dos mencionados e criou mais de uma centena de personagens que satirizam a política nacional e a vida cotidiana.

Figura 15 – “Chico City” (Rede Globo)



Fonte: Arquivo Globo.

Figura 16 – “Chico Anysio Show” (Rede Globo)



Fonte: Arquivo Globo.

Dentre os outros programas que se seguiram, vale destacar “Oh! Que delícia de show!”, cuja estreia na TV Globo deu-se em 1963. Sônia Mamede encarnou Ofélia, a pouco inteligente esposa de Fernandinho (Lúcio Mauro), papel que interpretou ao longo de muitos anos. Também apresentado pela TV Globo a partir de 1968, tivemos o “Balança Mas Não Cai!” (Figura 17), programa que contou com o personagem Tião Macalé (interpretado por Augusto Temóstocles da Silva Costa), cujos bordões – “Nojento!” e “Ô, crioula difícil!” – tiveram grande repercussão junto público, ao passo que Paulo Gracindo e Brandão Filho encarnavam, reciprocamente, “Primo Rico, Primo Pobre” (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011).

Ainda na década de 1960, no que respeita ao humor, “A Família Trapo” (Figura 18), uma sátira inspirada no filme *A noiva rebelde* (*The Sound of Music*, de 1965, dirigido por Robert Wise e protagonizado por Julie Andrews), foi o grande destaque da TV Record, em São Paulo. Os personagens – dentre os quais se destacam o casal Helena e Peppino Trapo (Renata Fronzi e Otelo Zeloni) e seus filhos Verinha (Cidinha Campos) e Sócrates (Ricardo Corte Real), o mordomo Gordon (Jô Soares) e o irmão da dona da casa, Carlos Bronco Dinossauro (Ronald Golias) – protagonizaram hilariantes peripécias de uma confusa família de classe média alta. Considerado revolucionário para a época, o programa foi sucesso de público.

Figura 17 – Elenco de “Balança, Mas Não Cai!” (Rede Globo)



Fonte: Jovem Guarda.⁶⁹

⁶⁹ Disponível em: <<https://jovemguardasempre.blogspot.com/2012/08/balanca-mas-nao-cai-deixou-saudades.html>>. Acesso em: 24 mai. 2023.

Figura 18 – “A Família Trapo” (TV Record)

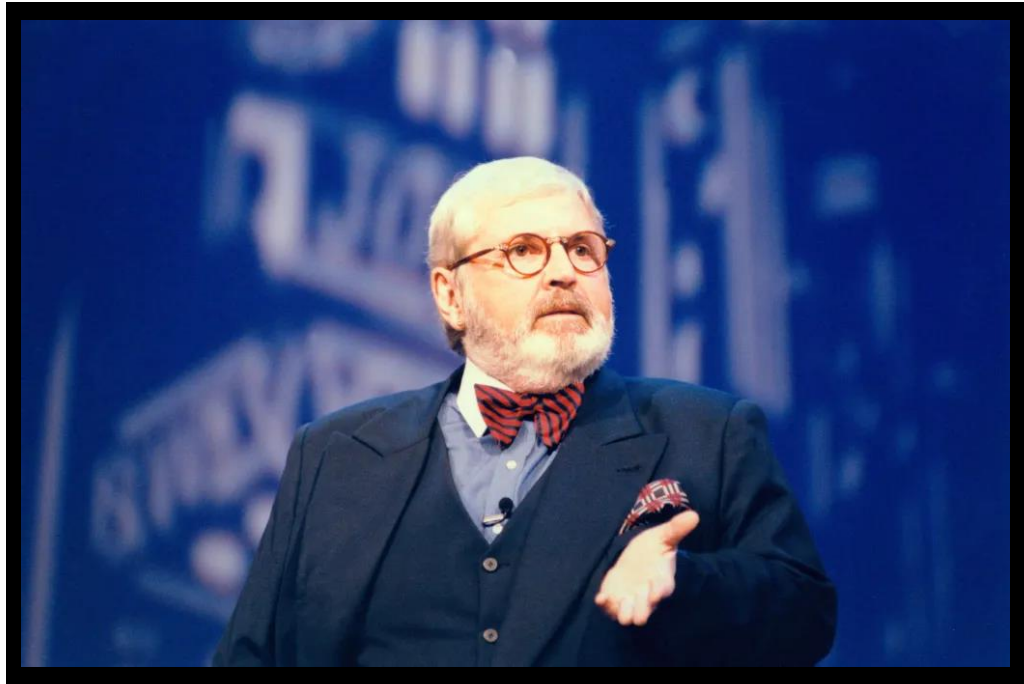


Fonte: Jornal de Candelária.⁷⁰

Em 1975, Jô Soares estaria presente em “Satiricon” e, mais tarde, protagonizaria “Faça humor, não faça guerra”, “Planeta dos Homens” e “Viva o Gordo”, cujos quadros de humor eram baseados em sátira de costumes, crítica social e paródias de programas de rádio e televisão, antes de enveredar para o *late show*, formato adaptado e consolidado no Brasil por Jô Soares, com dois programas de *talk show*: “Jô Soares Onze e Meia” (produzido pelo SBT), no ar de 1988 a 1999, e “Programa do Jô” (produzido pela Rede Globo), no ar de 2000 a 2016 (Figuras 19 e 20). “A consolidação do *talk show* no cenário televisivo e a efetivação de um formato próprio se deu de maneira gradual, a partir de relações que se estabeleciam entre o gênero e a sociedade.” (SILVA, 2009, p. 2).

⁷⁰ Disponível em: <<https://jornaldecandelaria.com.br/variedades/familia-trapo-revolucionou-o-humor-nos-anos-1960/>>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Figura 19 – “Jô Soares Onze e Meia” (SBT)



Fonte: CNN Brasil.⁷¹

Figura 20 – “Programa do Jô” (Rede Globo)



Fonte: TV História.⁷²

⁷¹ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/viva-o-gordo-jo-onze-e-meia-xango-de-baker-street-os-marcos-de-jo-soares/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

⁷² Disponível em: <<https://tvhistoria.com.br/ultimo-programa-de-jo-soares-terminou-em-2016-foi-um-alivio-2/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

É interessante determo-nos nesse formato de programa, pois *Greg News*, embora não seja um programa de entrevistas, guarda muitas similaridades com os programas de *talk show* conduzidos no Brasil por Jô Soares. O primeiro aspecto é o nível discursivo: ambos têm um discurso mais apurado, voltado para um público letrado, com um humor lastreado por sátiras, ironias e referências a fontes que, em geral, fogem ao domínio do senso-comum.

O segundo aspecto é a aproximação do *stand-up comedy*, modalidade que discutiremos mais ainda. Como mostra Silva (2009), o *talk show* acolhe elementos vinculados ao entretenimento a partir de assimilações de, pelo menos, dois outros gêneros. O primeiro deles é *stand-up comedy*, gênero teatral no qual um comediante atua diante de uma plateia fazendo piadas. Dele, o *talk show* se apropriou do modelo de apresentação, baseada em um apresentador que domina a cena e entretém o público com o emprego de um discurso marcado por humor. Dos programas de auditório, o *talk show* extraiu a plateia que participa da cena por meio de aplausos, risos, vaias e, em alguns casos, de perguntas para os integrantes no palco.

Seguindo o modelo norte-americano de estruturação do cenário e pegando aquilo que parecia ser o elemento central do gênero – *a informação com humor* –, “*Jô Soares Onze e Meia*”, embora recolhesse elementos do humor que ficavam nítidos na performance de seu apresentador, estava em conformidade com a proposta do jornalismo da época: *aprofundar as informações, principalmente sobre política*. Daí se justificam as entrevistas com candidatos às eleições presidenciais de 1989, momento em que o país celebrava a volta das eleições diretas. Com seu percurso em programas humorísticos e sua relação com a sátira política, Jô Soares firmava-se na cena televisiva nacional como uma figura de ampla credibilidade, pois, por meio de suas piadas, levava os políticos a uma posição de constrangimento. Dessa forma, “*Jô Soares Onze e Meia*” representou um ponto de passagem na história dos programas de entrevista e na configuração de um novo gênero: *a proposta de aprofundamento e visibilidade a fontes não tão exploradas midiaticamente, “Jô Soares Onze e Meia” acrescentava o humor e o entretenimento*. (SILVA, 2009, p. 5-6, grifos nossos).

Ora, é inegável que – a despeito de não se tratar de um programa de entrevista – *Greg News* possui laços estreitos com os *talk-shows* conduzidos por Jô Soares, em razão das pautas políticas e do viés satírico, que, como veremos, é um tipo de humor ancorado na ridicularização de vícios e imperfeições.

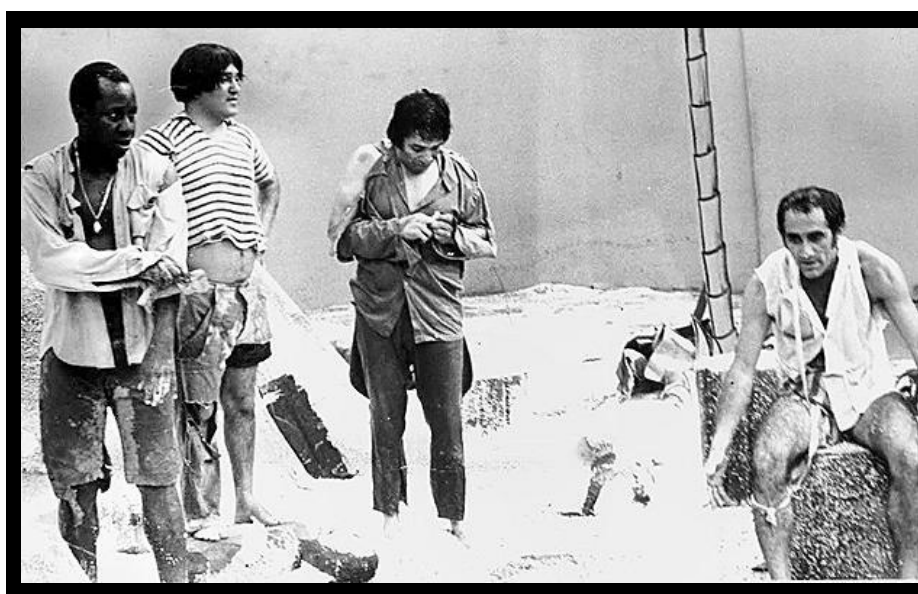
Seguindo com os quadros do humor na televisão brasileira, outro sucesso foi “A Praça da Alegria”. Concebido por Manoel da Nóbrega, o programa estreou em 1957, na TV Paulista, emissora que se incorporou, oito anos mais tarde, à Rede Globo. O único cenário compunha-se de uma praça com um banco, no qual se sentava Nóbrega e por onde passavam os diversos personagens (o mendigo com mania de grandeza, o garoto irrequieto, a velha surda e outros

tipos bizarros). Veiculado por várias emissoras (TV Record, TV Rio e Rede Globo), o programa passou a ser produzido pelo SBT com o nome “A Praça é Nossa”, tendo o filho do idealizador do programa, Carlos Alberto da Nóbrega, no lugar do pai.

O programa “Os Trapalhões” (Figura 21) foi um dos programas humorísticos de maior sucesso da televisão brasileira. Estreando na TV Excelsior de São Paulo, em 1966, seguiu para a TV Record (sob o título de “Os insociáveis”) e, posteriormente, para a TV Tupi, onde retomou a denominação original. Em 1977, o programa transferiu-se para a TV Globo, sob a direção de Wilton Franco, e encerrou-se em 1990. (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011; CARDOSO; SANTOS, 2008).

Protagonizado por Renato Aragão (Didi), Manfred Santana (Dedé), Antonio Carlos Bernardes Gomes (Muçum ou Mussum) e Mauro Faccio Gonçalves (Zacarias), o programa – exibido em horário nobre aos domingos, antes do “Fantástico” – explorou, ao longo de três décadas de duração “[...] um tipo de humor muito peculiar, no qual imperavam o improviso e a caracterização tipológica.” (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011, p. 126).

Figura 21 – Cena de “Os Trapalhões” no início dos anos 1980 (Rede Globo)



Fonte: *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 17 jul. 2017.

Juntos, os quatro humoristas realizaram 23 filmes, sete deles presentes na lista dos dez mais vistos na história do cinema nacional. Em 1997, o grupo entrou para o *Guinness Book* como o programa humorístico de televisão que permaneceu por mais tempo no ar (trinta anos ininterruptos).

O humor do programa “Os trapalhões” seguiu sempre uma fórmula bastante simples, semelhante a um espetáculo circense, mas também bebia das fontes das chanchadas do cinema brasileiro, em que brilharam atores como Oscarito, Grande Otelo e Dercy Gonçalves. Ele era composto por uma série de esquetes, ou seja, de pequenas peças ou cenas cômicas, geralmente com menos de dez minutos de duração. Não havia qualquer relação temática entre os esquetes. Um quadro passado no presente, relacionado com uma situação atual, podia ser seguido por um enfocando uma situação no passado, ridicularizando um fato ou personagem histórico, por exemplo. O único ponto comum entre os diversos quadros era a participação dos membros do grupo, isolados ou como um conjunto. (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011, p. 126).

Os personagens representavam elementos sociais que, em geral, eram excluídos das narrativas televisivas e com os quais se identificavam os telespectadores de modo a construir prontamente uma relação de empatia:

Didi é o migrante nordestino que vem ao Sudeste em busca de sobrevivência e utiliza todos os artifícios possíveis para isso, conseguindo muitas vezes, com sua argúcia, reverter as situações difíceis em que se vê envolvido. Dedé é o malandro carioca que sobrevive de pequenos subterfúgios, enganando muitas vezes os próprios companheiros na busca de lucros pessoais, mas sem lhes trazer realmente grandes prejuízos. Muçum (ou Mussum) também é carioca, mas personifica a comunidade negra à qual pertence. Dentre os estereótipos que compõem o personagem, destacam-se a ligação com a música popular e com a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, o gosto pela cachaça e a maneira peculiar de se comunicar, repleta de gírias e expressões próprias. Por fim, Zacarias, o último a se unir ao grupo, personifica uma forma diferente de comportamento, exibindo uma inocência infantil que contrasta com o jeito másculo de seus companheiros. (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011, p. 126).

No universo vivenciado pelos Trapalhões, a variedade temática era perpassada de cenas em que o menos privilegiado acabava por se beneficiar: temos o pobre que se vale da esperteza para ludibriar o rico. Em contraste com essa variedade, havia um quadro realizado em um mesmo espaço ficcional: um quartel do exército, o “Quartel Trapalhão”. Ao lado de artistas convidados, os membros do quarteto atuavam como soldados em cumprimento a ordem de seus superiores. O fato de se tratar de um quadro apresentado em pleno contexto da ditadura militar brasileira possui várias implicações, na medida em que o exército é desbragadamente ridicularizado. Esse descrédito a posições de autoridade subvertia a ordem social estabelecida.

A propósito do quadro “Quartel Trapalhões”, elucidam D’Oliveira e Vergueiro (2011, p. 128):

As dificuldades dos dois militares de maior patente, o Sargento Pincel (interpretado pelo ator Roberto Guilherme) e o Coronel (vivido por Carlos Kurtz), passam aos poucos a ser mais complexas. Elas, com frequência,

envolvem dois tipos de situação: a comédia de enganos ou de clara referência sexual. No primeiro caso encontra-se um quadro em que o Coronel ordena a Didi que o substitua na cama do casal enquanto ele vai jogar cartas com os amigos, de forma a enganar sua esposa para que ela não perceba a sua ausência noturna. No segundo, estão as diversas insinuações de homossexualidade dirigidas ao Sargento Pincel ou, em anos posteriores, a inclusão de um soldado homossexual no pelotão, interpretado por Jorge Lafond.

Cardoso e Santos (2008) indicam que esses programas formados por diferentes esquetes se inserem na tradição dos humorísticos radiofônicos e também do “Teatro de Revista”, que pode ser definido como uma peça musical e cômica que, da segunda metade do século XIX até a década de 1960, passava em revista os fatos mais importantes da política e da sociedade brasileira.

Seguindo a metalinguagem usada nos programas radiofônicos “PRK-30” e “Show de Rádio”, a Rede Globo produziu, em 1988, o humorístico “TV Pirata” (Figura 22), caracterizado pela paródia da programação televisiva: foram objetos de paródia a telenovela (“Fogo no Rabo”), o seriado (“As Presidiárias”), o programa feminino (“TV Macho”), o noticiário (“Plantão da Farmácia Central”, “Casal Telejornal”), peças publicitárias e atrações da emissora (“Tela Morna”).

A abertura mostrava a invasão de piratas no estúdio, que colocavam no ar seu programa. Com direção geral de Guel Arraes, teve entre seus redatores os principais humoristas da época (Luís Fernando Veríssimo, Mauro Rasi), autores de charges e histórias em quadrinhos cômicas (Laerte, Glauco, Agner) e os futuros idealizadores do humorístico “Casseta & Planeta, Urgente!”, que, a partir dos anos 1990, também passou a satirizar a telenovela, os programas de televentas e as propagandas. (CARDOSO, SANTOS, 2008, p. 9).

Figura 22 – “TV Pirata” (Rede Globo)



Fonte: Arquivo Globo.

Estreando em 1992 sob um estilo dinâmico de sátira de outros programas televisivos, o humorístico “Casseta & Planeta, Urgente!” (Figura 23) foi responsável pela criação de personagens famosos como o Seu Creysson, um homem de classe baixa estereotipado pela fala repleta de desvios.

Figura 23 – Parte do elenco de “Casseta & Planeta, Urgente!” (Rede Globo)



Fonte: Arquivo Globo.

Em 1996, a Rede Globo inova a programação humorística com “Sai de Baixo”. Idealizado por Luis Gustavo, o programa era gravado ao vivo em um teatro com a presença da plateia. A trama acontecia em torno de uma família paulistana de classe média alta que havia falido e vivia em meio a diversas confusões causadas pela ambição de retomar a pregressa vida abastada. Além de Luis Gustavo, o elenco contava com Aracy Balabanian, Marisa Orth, Claudia Jimenez, Tom Cavalcante e Miguel Falabella, que também era roteirista (Figura 24).

Como todo programa gravado ao vivo, em “Sai de Baixo” ocorriam inúmeros imprevistos e improvisos, bem como cenas em que os próprios atores não conseguiam se conter e caíam na risada. O programa era editado antes de ir ao ar todo domingo à noite, mas essas “falhas” não eram retiradas. Isso era um dos fatores que mais provocava o riso da plateia e do público de casa. O bordão do personagem de Miguel Falabella, Caco Antibes, era bradado em uníssono pelo ator e a plateia do teatro “Cala a boca, Magda!”, referindo-se a sua esposa, interpretada por Marisa Orth. Até os dias atuais é difícil encontrar um humorístico que tenha conseguido seguir o mesmo formato. (GUANDALINI,

Figura 24 – “Sai de baixo” (Rede Globo)



Fonte: Arquivo Globo.

Esses últimos exemplos mencionados, “Casseta e Planeta Urgente!” e “Sai de Baixo” são, respectivamente, um programa de esquetes e uma comédia de situação.

Analisando o arquivo da Memória Globo é possível perceber que a vida útil das comédias de situação é mais curta do que a dos programas de esquetes, por exemplo, “Casseta e Planeta, Urgente!” ficou no ar por dezoito anos,

enquanto “Sai de Baixo” foi transmitido por apenas seis. Isso porque aquelas precisam contar uma história e apresentar um desfecho, se elas se prolongam, o enredo acaba perdendo o sentido e a audiência cai. Os esquetes não necessitam disso, pois não há um aprofundamento na narrativa que cinge os personagens. (GUANDALINI, 2017, p. 7).

Observando a trajetória do humor na televisão brasileira, afirmam D’Oliveira e Vergueiro (2011, p. 125):

[...] em termos de popularidade, talvez tenham ficado atrás apenas das telenovelas, o verdadeiro fenômeno da produção televisiva nacional. Assim, não é de admirar que, ainda hoje, um grande número de antigos telespectadores lembre com nostalgia de programas, personagens, bordões e tiradas humorísticas que lhes trouxeram muitos motivos para divertimento e os fizeram rir das atribuições da vida.
2017, p. 7).

Com o afloramento da internet e das redes sociais, a contemporaneidade assiste ao surgimento de outras modalidades de humor, como é o caso da linguagem dos memes. Caracterizados como imagens irônicas que se aderem a problemáticas circunstanciais, os memes são elaborados para serem rapidamente consumidos e compartilhados.⁷³ Por esse motivo, os mais disseminados são os que trazem imagens acompanhadas de textos mínimos editados em letras garrafais. Trata-se de “[...] um formato em que o texto não funciona como complemento explicativo da imagem nem a imagem ilustra o texto, mas os dois elementos encadeiam-se para produzir um terceiro sentido.” (BEIGUELMAN, 2018).⁷⁴

O termo “meme” foi utilizado originalmente por Richard Dawkins em livro *O gene egoísta (Selfish gene)*, de 1976, enfocando a defesa do determinismo genético no contexto em que a sociobiologia constituía o pensamento dominante. O termo foi mais tarde adotado pelas mais diversas correntes de pesquisas, como é o caso da psicologia social, que se valeu desse conceito para explicar o fenômeno da reprodução de ideias e da imitação social. Em fins dos anos 1990, o termo foi retomado por parte dos internautas para designar um tipo de conteúdo digitalmente produzido e suscetível a sucessivas reapropriações. Os memes foram abordados como gênero de mídia por Knobel e Lankshear (2007) e incorporados como objeto de estudo em comunicação por Shifman (2009) e por Davison (2012). É apenas nos anos 2000, ao ser utilizado massivamente em redes sociais, tais como Twitter, Facebook e Instagram, entre outras, que o termo adquire o sentido de uma forma de comunicação visual, tal como o concebemos

⁷³ Cf., entre outros, N. Cannito (2010).

⁷⁴ Disponível em: <<https://revistazum.com.br/colunistas/memes/>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

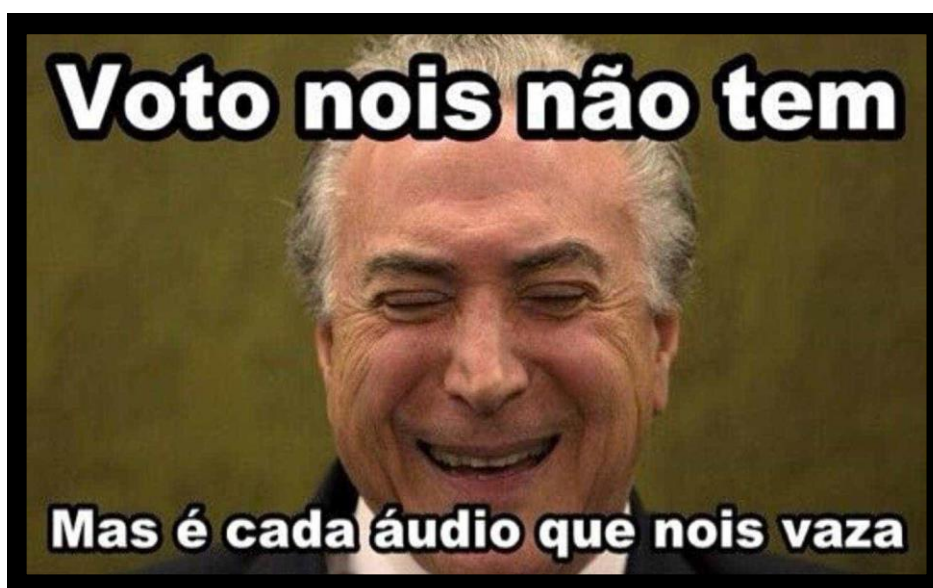
atualmente, e se desvincula do sentido estritamente evolucionista de Dawkins. Para além desse percurso etimológico, interessa-nos sublinhar que de algum modo o termo mantém resquícios semânticos da teoria de Dawkins, segundo a qual o meme é uma unidade replicadora sujeita a constantes mutações e misturas, e que se propaga por imitação.

Entre os princípios utilizados pela linguagem dos memes, destaca-se a paródia, uma vez que os memes apresentam essencialmente um caráter apropriador, em que um texto ou um discurso é representado (*re*-apresentado) em divergência com relação ao original. Nesse sentido, os memes podem ser encarados como uma releitura do texto ou discurso original com vistas a recriá-lo e atualizá-lo para fins satíricos.

Podemos pensar que há um princípio paródico que conduz o devir os memes, não só em sua criação inicial, mas também em suas réplicas. A paródia nos oferece, assim, uma base de entendimento que permite discutir a incorporação de uma informação e sua modificação, o que origina todo meme e o que caracteriza a maneira como se multiplicam: baseada sempre na apropriação e ressignificação de textos. (HORTA, 2014, p. 3).

A título de exemplo do fenômeno dos memes, selecionamos uma imagem divulgada pelo Twitter em 2016 durante processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff (Figura 25).

Figura 25 – O humor na contemporaneidade: a linguagem dos memes



Fonte: Reprodução Twitter.

A imagem ilustra o veio cômico dos memes por meio de uma linguagem que reconfigura informações impactantes apresentadas pelos veículos de comunicação. Ao se valer do risível

como para criar novas significações, os memes forjam uma nova perspectiva da realidade.

Nesse curso, podemos relacionar a linguagem de memes ao conceito de carnavalização, conforme definiu Mikhail Bakhtin. Para ele, os gêneros literários do sério-cômico “estão impregnados de uma profunda relação com o folclore carnavalesco. Variando de grau, todos eles estão impregnados de uma cosmovisão carnavalesca específica” (BAKHTIN, 2008, p. 122). Caracterizada como pagã e subversiva, em função da transgressão de hierarquias, regras e tabus, a cosmovisão carnavalesca penetra e determina esses gêneros, coloca a imagem e a palavra em uma relação especial com a realidade. “Debilitam-se a sua seriedade retórica unilateral, a racionalidade, a univocidade e o dogmatismo.” (BAKHTIN, 2008, p. 122).

As peculiaridades fundamentais e comuns a todos os gêneros do sério-cômico são segundo Bakhtin (2008, p. 123):

(1) Atualidade, dia a dia – não há distanciamento épico ou trágico – zona de contato imediato e familiar, contemporâneo;

(2) Não se baseiam na lenda, mas na experiência e na fantasia livre; chegam a ser críticos com a lenda e até cínicos-desmascaradores – “imagem quase liberta da lenda”;

(3) Pluralidade de estilos e variedade de vozes – “renunciam à unidade estilística da epopeia, da tragédia, da retórica elevada e da lírica.” –; fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico, prosa e poesia, gêneros intercalados.

O processo de carnavalização incorpora, ainda de acordo com Bakhtin, o conceito de grotesco, que se apresenta como inovações linguísticas constituídas a partir da assimilação da linguagem familiar e vulgar de modo a criar uma espécie liberdade lúdica.

Está presente na estética dos memes – que se define como uma dialética entre imagem e palavras em tom mordaz –, a linguagem carnavalesca associada ao grotesco. Caracterizada pela disseminação rápida, a linguagem dos memes é um misto de imagem e palavras que manifesta um elevado poder contestatório e funciona como uma forma de reação imediata e resistência.

Pensando no contexto da sociedade contemporânea, é de se destacar que os memes expressam uma cultura de apropriação, que se liga, como mencionado, ao próprio processo paródico pelo qual eles se constroem. Por se valer de uma linguagem acessível e democrática, os memes representam uma nova forma de humor, e atuam como expressão de evasão para os momentos de tensão de maneira a fortalecer vínculos de solidariedade e a persuadir a sociedade a ações coletivas.

2.2. *Greg News* e programas congêneres

Tendo o audiovisual e, mais especificamente, o domínio das novas mídias na contemporaneidade como objeto de investigação, Henry Jenkins (2004; 2009) define o conceito de convergência para explicar as mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam. Esse conceito refere-se ao processo de movimentação fluida e estratégica de conteúdos na sociedade moderna por meio de diferentes plataformas.

As mudanças tecnológicas, comunicacionais e históricas geradas pela cultura da convergência influíram no modelo de negócio da mídia de modo a revolver o ambiente convencional. Esse fenômeno provocou alterações nas estratégias de imersão, sobretudo pelo afloramento das multiplataformas, que se utilizam da televisão, da internet e dos dispositivos móveis para a produção e circulação de conteúdo. Por representar um novo perfil de produção, circulação e consumo dos conteúdos, o fato é a cultura contemporânea, caracterizada pela convergência, modificou as relações, não apenas entre as tecnologias existentes, mas entre indústrias, mercados e gêneros, audiências e consumo dos meios.

No bojo desse contexto, assistimos a um processo constante de associação entre gêneros, que inicialmente eram bem delimitados, como é o caso do jornalismo informativo e do humor. Embora seja recorrente que a política seja tomada como objeto de sátira pelos programas humorísticos, a presença do humor no jornalismo, marcada pela sobriedade, é mais recente.

Com vistas imprimir seriedade aos noticiários, predominavam no jornalismo, entre os anos 1950 e 1960, os enquadramentos de primeiro plano e *close*, pois os apresentadores – que na época eram chamados de “locutores de notícias” – possuíam posição de destaque (SILVA; ALVES, 2017). Esse é um fator que possui relação também com a forma da televisão de modo geral.

O apresentador (locutor) era elemento legitimador do telejornal, que mostrava seu rosto e sua voz, além de emprestar seu reconhecimento profissional para dar validade ao discurso das notícias. Do ponto de vista técnico, no Telejornal “Imagens do Dia”, as notícias eram apresentadas no formato de nota ao vivo (nota seca) e nota coberta (voz do locutor narrando as imagens). (SILVA, 2017, p. 101).

No final da década de 1950, houve a chegada do videoteipe⁷⁵ no Brasil. Essa tecnologia permitiu que programas de televisão pudessem ser gravados, substituindo, aos poucos, a

⁷⁵ Esta tecnologia permite a edição linear. Ver definições em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-canelas-video.pdf>

programação ao vivo, pois possibilitava que as imagens fossem editadas, melhorando o acabamento dos programas e permitindo que pudessem ser transmitidos em vários locais do país (PEREIRA, 2008; SILVA; ALVES, 2017). No início de 1960, a inauguração de Brasília pôde ser transmitida para todo o Brasil e, no final dos anos 1960, a chegada do homem à Lua foi transmitida pela TV Globo.

A partir de 1964, ano de início da ditadura militar no Brasil, o jornalismo passou a ter sua liberdade cerceada. Muitas emissoras deixaram de existir e tiveram seus programas censurados, e profissionais que foram considerados contrários ao regime militar tiveram dificuldade de exercer sua profissão. Um jornal da época que rompeu com o modelo que perdurava até então foi o *Jornal de Vanguarda*, da TV Excelsior, criado por Fernando Barbosa Lima. Esse jornal trouxe a presença de diversos apresentadores, utilizou linguagem informal e fazia comentários irônicos sobre a situação do país (SILVA; ALVES, 2017). Em 1969, surge o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, que é a primeira emissão jornalística em rede (PEREIRA, 2008). Na edição de estreia do jornal, o principal assunto era a reviravolta política causada pela entrega do país para uma junta militar (MEMÓRIA GLOBO, 2022).

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a televisão por assinatura chega ao Brasil. Pereira (2008) afirma que é nessa época que alguns telejornais começam a transformar notícia em espetáculo, através da utilização de linguagens e imagens que chamassem a atenção de telespectadores, que assistiam mais pela emoção do que pelo conhecimento.

Em 1991, surge a Globosat, que é “[...] programadora e operadora das Organizações Globo, que é responsável pelo primeiro canal de telejornalismo no Brasil, o GloboNews.” (PEREIRA, 2008, p. 7). O GloboNews foi inaugurado em 1996 e inovou com a proposta de emitir um novo telejornal a cada 30 minutos e até mesmo reprisavam algumas reportagens já exibidas.

De acordo com Mattos (1990), a década de 1990 é conhecida como a “Fase da Multiplicidade da Oferta”, devido à pluralidade dos canais de informação na televisão paga. O formato digital passa a ser predominante nessa época, dando maior visibilidade ao que fica conhecido como convergência dos meios de comunicação. Para Jenkins (2004; 2009), essa convergência modifica relações entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, audiências e consumo dos meios. A convergência jornalística é um processo “[...] cujo conceito alude à integração de meios de comunicação tradicionalmente separados, afetando a empresas, tecnologias, profissionais, produtos, conteúdos e aos usuários, no consumo, e interação com as informações” (CAJAZEIRA, 2014, p. 122).

Uma das grandes mudanças no jornalismo televisivo na época foi a edição não linear, que possibilitou que informações visuais fossem inseridas nas notícias. Aspectos como enquadramento, cor, iluminação, captação de áudio e ângulos sofreram adaptações para o formato digital (SILVA E ALVES; 2017). Os principais telejornais brasileiros passaram a reproduzir o conteúdo na internet e as emissoras a disponibilizarem informações sobre a programação, bastidores, entrevistas exclusivas, entre outros.

Aplicando esses recursos do jornalismo a um programa de formato híbrido, *Greg News* é inegavelmente um programa de informação e de humor concatenado com a era digital das grandes plataformas.

Ao longo das primeiras décadas do século XXI, presenciamos multidões de fãs que acompanham programas humorísticos nessas plataformas. É o que se verifica no YouTube, cujos canais brasileiros mais assistidos pertencem a humoristas. Segundo Nara Lya Cabral Scabin (2022, p. 40):

Entre os “gigantes” da plataforma, destacam-se nomes que se vinculam diretamente ao campo do humor: é o caso, segundo reportagem da revista *Veja* de 30 de julho de 2020, do canal de *Whindersson Nunes*, do canal *Porta dos Fundos* e do *Canal Canalha*, que totalizam dezenas de milhões de usuários inscritos.

A visibilidade e a expansão da produção humorística em plataformas digitais pressupõem uma série de reconfigurações pelas quais passou (e tem passado) o campo audiovisual. Na base desse processo, sobressai um duplo movimento, qual seja: rupturas e continuidades com relação à televisão de modo a estabelecer novos processos de produção, circulação e consumo de produtos audiovisuais. Isso é bastante visível no humor, na medida em que os humoristas transitam entre a internet e a TV explorando formatos consagrados, como é o caso do esquete, em canais do YouTube e, ao mesmo tempo, estilos populares mais recentes no Brasil, como o *stand-up comedy* (SCABIN, 2022).

O *stand up comedy*, nesses últimos anos, teve um aumento considerável de pessoas que se propuseram a atuar por meio desse estilo, também conhecido como comédia em pé, tornando-se um meio ou forma de vida. Na televisão, houve uma proliferação muito grande de concursos relacionados ao tema, tais como o quadro “Quem chega lá” do programa *Domingão do Faustão* (Rede Globo). Vários nomes do *stand up comedy* se destacaram, tais como: Marcelo Adnet, Gregorio Duvivier, Danilo Gentili, etc. Essas pessoas, com formação de ator ou de outras áreas, começaram a entrar na televisão, dando destaque ao *stand up comedy*, tornando essa profissão notória e reconhecida. (COELHO; WUO, 2020, p. 102).

É, portanto, nessa modalidade de comédia de costumes imbuída de teor crítico que se situa na formação Gregorio Duvivier como humorista. Ao lado do reconhecimento por parte do público, o *stand up comedy* promove muitas polêmicas no que concerne à questão da crítica social ou pessoal.

[...] o ator de *stand up comedy* diz coisas que muitas pessoas pensam, mas não podem dizer, por regras sociais, preservação de imagem, reputação. é sempre uma exposição do ridículo de si próprio, usando termos escatológicos, palavrões; o que somos treinados desde a infância para não falar ou fazer. (COELHO; WUO, 2020, p. 102).

De um lado, afirma-se que se trata de uma modalidade de entretenimento extremamente crítica do cotidiano, de outro lado, alega-se que esse tipo de espetáculo reforça preconceitos e confirma o paradigma dominante.

Sobre isso, é preciso salientar um outro ponto importante, no contexto atual, com o predomínio de outros comportamentos, o tipo de humor que se praticava nos programas televisivos até a década de 1980 teria dificuldade para ser aceito por parte do público. Isso se deve essencialmente ao movimento de correção política: “O movimento do politicamente correto ou de correção política parece ter se firmado em vários ambientes sociais. Isso atinge especialmente os meios de comunicação de massa, dos quais se espera, na maior parte das vezes, posturas apropriadas ao padrão vigente.” (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011, p. 128). Como salienta Renato Janine Ribeiro (2020, p. 53), a expressão “politicamente correto” é em si mesma contraditória, “[...] porque o político é o espaço da pluralidade, dos valores diferentes, que não podem ser medidos pela régua do certo e do errado, do correto e do incorreto.”

Estudos mostram que a correção política desabrochou nos anos 1980. Inicialmente restrita aos núcleos de debates universitários, trata-se de um código de conduta que se alastrou pela sociedade sob a forma de um conjunto de regras que deveriam ser postas em prática, o que foi recebido por muitos como uma afronta à liberdade de expressão.

Apesar das críticas sofridas, a correção política trouxe à tona expressões que atentavam contra determinados grupos sociais, mas que, por estarem assimiladas pelo discurso corrente, naturalizadas pela repetição, acabaram ficando ocultas. “Ao afetar a maneira como as pessoas se reportavam umas às outras, o politicamente correto conseguiu alterar a feição do discurso oral e verbal no que diz respeito a questões espinhosas do trato social, criando algo parecido com uma jurisprudência discursiva.” (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011, p. 129).

Embora seja passível de excessos, é indiscutível que politicamente correto trouxe mudanças importantes a serem reconhecidas.

As ações do politicamente correto baseiam-se no reconhecimento discursivo para coibir uma prática social. Ao desarticular as construções discursivas (verbais, visuais, sonoras) racistas, a correção política cessa de nutrir a corrente de associação entre a condição negra e a submissão ou a escravidão. (D'OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011, p. 130).

Segundo Scabin (2017), a categoria “politicamente correto” tornou-se, a partir de 1991, sobretudo nos Estados Unidos, uma pauta no jornalismo, transformando-se objeto de debate público. “Nesse momento, o campo circunscrito pela expressão já remetia a uma forma de conduta que visava respeitar todas as identidades.” Dito de outro modo, ser politicamente correto equivaleria a não possuir nenhuma forma de preconceito (raça, sexo, estilo de vida, etc.). Com efeito, no início dos anos 1990, não havia, no contexto brasileiro, debates com grande repercussão social sobre o assunto:

Provavelmente, as discussões sobre o poder das palavras na reprodução de preconceitos ficavam restritas a setores engajados e acadêmicos. Dada essa conjuntura, parece-nos igualmente claro que a mídia brasileira, em especial a jornalística, a exemplo da Folha de S. Paulo, teve papel decisivo na introdução da categoria “politicamente correto” no debate público. Além disso, as discussões em torno da categoria “politicamente correto” no Brasil, em seu início, importavam concepções e entendimentos oriundos do contexto norte-americano. (SCABIN, 2017, p. 273).

Scabin (2017) reconhece três momentos de discussão sobre o politicamente correto no Brasil. Os primeiros momentos marcados por uma preocupação em anunciar a suposta entrada do politicamente correto no Brasil, consideramos o estabelecimento de uma primeira fase do debate público sobre o tema. É nesse sentido que, entre 1991 e 1994, período em que o uso da expressão se dá, principalmente, em matérias sobre comportamento e consumo, o politicamente correto é apresentado como moda ou estilo de vida. Em um segundo momento, entre 1994 e o início dos anos 2000, a expressão “politicamente correto” passa a ser empregada, paulatinamente, para qualificar personagens e ações brasileiras. Por fim, a terceira fase do debate em torno do “politicamente correto”, entre os anos 2000 e 2010, evidencia que, à medida que o “politicamente correto” pareceu se integrar ao contexto brasileiro, mais específico, ao deixar de ser uma categoria referente a uma forma de conduta genérica (estilo de vida ou comportamento considerado civilizado) e tornar-se representativa de um modo de fazer política.

Trazendo essas reflexões para o contexto a que remete o *corpus* desta pesquisa, não se pode desconsiderar a situação política do Brasil e do mundo: marcada por um fortalecimento de setores conservadores conhecido como “virada conservadora”, que surge, conforme pontua Scabin (2022), como reação ao ordenamento social que se forma em fins do século XX com a concretização de pautas progressistas, a valorização da diversidade, a ampliação dos direitos de grupos minoritários e a defesa das possibilidades de expressão dos sujeitos.

Defendendo a volta de um desenho social anterior, a “virada conservadora” ganha força no início do século XXI, especialmente na década de 2010, culminando, no caso brasileiro, com a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, cujo governo tem se caracterizado por ataques às instituições democráticas, não raro recorrendo à retórica do combate ao “inimigo comum” – como é próprio dos novos populismos –, ao mesmo tempo em que ataca a educação, a universidade, a ciência, a arte e a cultura. (SCABIN, 2022, p. 41).

Na base dessa “virada conservadora” estão, como mostram Malerba e Fernandes (2024), programas como “Custe o Que Custar (CQC)”, “Pânico na TV”, “SuperPop”, “Programa do Ratinho”, entre outros, os quais contribuíram para constituir a imagem falaciosa de Jair Bolsonaro como um político antissistema.

O “CQC”, produzido pela Eyeworks, foi exibido pela Rede Bandeirantes de 2008 a 2015, ficou conhecido por seu humor ácido no que diz respeito às sátiras e críticas políticas. Sob um perfil conservador, a sua linha editorial abordava questões polêmicas na época, com reflexões sobre direitos humanos, preservação ambiental, direitos de pessoas LGBTQIA+, descriminalização da *cannabis* e a desigualdade socioeconômica do Brasil.

Alinhado a esse perfil conservador de um modo mais radical e explícito, acompanhando o acirramento da polaridade política brasileira, o *Canal Hipócritas* – que surgiu em 2014 e conta como um quadro editorial composto por Augusto Pacheco, Paulo Souza e Bismark Fugazza – produz um conteúdo de humor associado ao um discurso conservador ultradireitista. O quadro editorial é grande defensor do bolsonarismo. Em 29 de outubro de 2018, após o resultado das eleições presidenciais que garantiu a vitória a Jair Bolsonaro, Paulo Souza posta uma fotografia no Facebook com a seguinte legenda: “Com Luciano Hang e *Canal Hipócritas* no enterro do comunismo” (Figura 26).

Figura 26 – Canal Hipócritas e a ultradireita brasileira



Fonte: Facebook.⁷⁶

Seguindo essa mesma orientação, a plataforma da *Brasil Paralelo*, fundada em 2016, em Porto Alegre, produz vídeos sobre política e história, baseando-se em um discurso de extrema direita e conservador, declaradamente bolsonarista e seguindo os preceitos de Olavo de Carvalho (Figura 27), conhecido como o “guru do bolsonarismo”, figura determinante no cenário político de 2018 e que faleceu em 2022.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/paulosouzahipocritas/photos/com-luciano-hang-e-canal-hip%C3%B3critas-no-enterra-do-comunismo-/249765389047114/?paipv=0&eav=AfbQiPkiMk189_18tRI_NUGj1OBwkjmeNzT1pyTqR33Y5caxRa2zhLma0tPWGay7b94&_rdr>. Acesso em: 05 jan. 2024.

Figura 27 – Brasil Paralelo e Olavo de Carvalho (2018)



Fonte: Facebook.⁷⁷

Como mostra Lopes (2022) em uma matéria veiculada pela *Intercept*, um dos documentários originais da produtora, o sócio fundador Filipe Valerim afirma olhando para a câmera (eis aqui um recurso do telejornalismo cujo objetivo é dar credibilidade à informação): “A Brasil Paralelo é uma organização 100% privada. Nosso objetivo é reverter as mazelas feitas na nossa cultura nos últimos anos”.⁷⁸

Outro representante do reacionarismo de extrema direita é a Jovem Pan. Para ilustrarmos seu perfil, podemos citar *Os Pingos nos Is*, que se definem como “Um programa que aborda temas políticos de modo crítico, no formato de bate-papo e discussão aberta” (Figura 28).

⁷⁷ Disponível em: <[https://www.facebook.com/brasilparalelo/photos/@\[275181425967272:274:olavo-de-carvalho\]-j%C3%A1-confi/664863473903327/?paipv=0&eav=AfYY1SscIxQWPJd1YpX2WQKqxGS3Py8RU4j63m0PR1kzQK8WJZ43bmyAryQ1WprkeqQ& rdr](https://www.facebook.com/brasilparalelo/photos/@[275181425967272:274:olavo-de-carvalho]-j%C3%A1-confi/664863473903327/?paipv=0&eav=AfYY1SscIxQWPJd1YpX2WQKqxGS3Py8RU4j63m0PR1kzQK8WJZ43bmyAryQ1WprkeqQ& rdr)>. Acesso em: 05 jan. 2024.

⁷⁸ Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2022/05/19/brasil-paralelo-entrevista-historiadora-leandro-ruschel/>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Figura 28 – Os Pingos nos Is (Jovem Pan)



Fonte: Reprodução Jovem Pan.⁷⁹

Na contramão do que propaga essa apresentação, os episódios assumem um discurso de cunho populista, apoiam-se em posições autoritárias e na visão dicotômica, segundo a qual a sociedade é dividida entre “decentes” (como Bolsonaro, representado como líder) e “criminosos” (como Lula, representado como incompetente).

Como se nota por essa breve descrição, além da divergência de posições políticas, *Greg News* destoa-se da linha editorial do *Canal Hipócritas*, do *Brasil Paralelo* e da Jovem Pan pelo fato de defender a liberdade de expressão por intermédio de um discurso que, embora seja ideologicamente engajado nas linhas do pensamento progressista, não endossa cegamente siglas partidárias, mas fica no campo da sugestão reflexiva, da incitação ao pensamento crítico. Seguindo esse curso, o programa busca dar complexidade aos fatos sem recair em uma representação simplificadora da realidade por intermédio de uma perspectiva dicotômica.

Essa postura está em grande medida presente no núcleo de humoristas de que Duvivier faz parte. Esse núcleo, em resposta ao politicamente correto, orienta-se pelo poder de contestação: o politicamente incorreto, movimento diversificado e anárquico que visa a reagir contra a contenção associada ao politicamente correto (D’OLIVEIRA; VERGUEIRO, 2011). Um exemplo do politicamente incorreto é justamente o *Porta dos Fundos*. Para Scabin (2022, p. 42):

⁷⁹ Disponível em: <<https://jovempan.com.br/programas/os-pingos-nos-is>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Nos últimos anos, a relação entre humor e liberdade de expressão tem ganhado destaque no debate público midiático em face de episódios que vão de denúncias contra conteúdos supostamente ofensivos do ponto de vista dos direitos da personalidade a discussões sobre o autodenominado humor “politicamente incorreto” – em geral, um rótulo que abriga manifestações que invocam a liberdade de expressão como forma de justificar discursos estigmatizantes contra minorias e grupos marginalizados –, passando por tentativas de proibir produções humorísticas, além de ataques (verbais e físicos) a produtores de conteúdo.

Mas como se pode qualificar, de modo mais específico, o tipo de humor presente em *Greg News*? Para tentarmos responder a essa questão, é necessário que revisitemos alguns conceitos teóricos sobre o tema.

2.3. A propósito do humor: apontamentos teóricos

A complexidade de qualquer investigação sobre o humor tem como ponto de partida as múltiplas teorias e definições que se sucederam ao longo da história da humanidade: a busca da definição do conceito de humor acompanha um arco remonta de Platão e Aristóteles, de Tomás de Aquino a Hobbes e Locke, de Baudelaire a Bergson e Freud, Molière, Ionesco, entre tantos outros. É sabido que qualquer tentativa de esboço conceitual de humor implica a compreensão de seus correlatos, como é o caso do riso. Para além de uma manifestação física ou fisionômica, expressão facial que comporta um aspecto visual e sonoro, o riso é um termo amplo que abrange diversas acepções e admite diferentes realidades. Delimitar esse conceito múltiplo e, mais especificamente, o estatuto do humor nessas diferentes realidades constitui, cremos, o passo necessário para adentrar os diversos estratos semânticos que compõem o campo audiovisual do objeto desta pesquisa, a saber: o programa *Greg News* como expressão do humor político na contemporaneidade.

Dotado de uma função de sociabilidade, na medida em que é um modo de comunicação, o riso é social, podendo ser uma expressão de agressividade ou um refúgio, um fator de união ou de exclusão. Em suma, o riso pode testemunhar tendências variadas, que englobam, por exemplo, benevolência, autossuficiência, hostilidade, derrisão. O riso é também um fenômeno cultural que funciona de modos diferentes de acordo com as sociedades. Com efeito, o riso é prescrito, autorizado ou proibido conforme os sujeitos (em razão da idade, do sexo, da posição social), o quadro sociocultural, o objeto da mensagem, os emissores. É nesse curso que se pode atribuir ao riso um estatuto polimorfo, multifuncional e polissêmico.

Em *Histoire du rire et de la dérision (História do riso e do escárnio)*, publicado em 2000, Georges Minois constrói um painel histórico fundamental para a compreensão do riso. Identificam-se três grandes períodos:

(1) Antiguidade, em que prevaleceu a ideia de riso divino associado à suprema liberdade dos deuses:

A concepção do riso é, então, largamente positiva. Rir é participar da recriação do mundo, nas festas dionisíacas, nas saturnais, acompanhadas de ritos de inversão, simulando um retorno periódico ao caos primitivo, necessário à confirmação e à estabilidade das normas sociais, políticas e culturais. Nas relações sociais, o riso é vivido como elemento de coesão e de força diante do inimigo, como o mostram os risos homéricos ou espartanos; ele é também um freio ao despotismo, com as bufonarias rituais dos desfiles triunfais em Roma, ou as sátiras políticas de Aristófanes; é, por fim, um instrumento de conhecimento, que desmascara o erro e a mentira, como no caso da ironia socrática, das zombarias dos cínicos, da derrisão dos vícios em Plauto ou Terêncio. Se os deuses riem, é porque tomam distância deles mesmos e do mundo. Eles não se levam a sério. E, se os homens riem, isso é para eles uma maneira de sacralizar o mundo, de conformar-se com as normas, escarnecendo de seus contrários. É também um modo de endossar o terrível peso do destino, de exorcizá-lo, assumindo-o. (MINOIS, 2003, p. 445-446).

(2) Idade Média, marcada pelo riso diabólico, juízo sustentado pela mentalidade judaico-cristã:

Deus, único e de plenitude imutável, coincidindo perfeitamente com sua essência, é a seriedade por excelência. Ele criou o mundo de uma vez por todas, o que exclui os regozijos festivos à base da inversão, como o Carnaval, cada vez menos tolerado. O cristão deve imitar o Senhor e conduzir-se com a maior gravidade. A perspectiva do inferno deve inspirar-lhe temor e tremor. (MINOIS, 2003, p. 446).

O riso diabólico e negativo, que prevaleceu na Europa cristã até o século XVI, é decorrente do pecado original, que degradou a criação: “Foi o diabo que provocou essa fissura, pela qual se introduziu o riso. O diabo é ridente, zombador, eternamente distante de si mesmo, para isso foi criado.” (MINOIS, 2003, p. 446). Cumpre observar que no cristianismo, assim como no paganismo, o riso está associado à ideia de recreação, porém sob perspectivas bem diferentes: o riso pagão liga o homem à obra divina, à criação do mundo inteiro; o riso cristão é apenas um paliativo humano que permite um alívio temporário para enfrentar a vida. Trata-se, portanto, de uma expressão de fraqueza da criatura decaída. “Nessa perspectiva, o riso é a desforra do diabo. O riso antigo sacralizava o mundo; o riso diabólico o dessacraliza.” (MINOIS, 2003, p. 446). Nas fábulas, nas farsas, nas paródias religiosas, no Carnaval, entre

outras formas de expressão, o riso é instrumento de subversão tolerado, sob uma ótica negativa, durante a Idade Média, e possui um estatuto de uma válvula de escape.

(3) Modernidade, que se caracteriza pelo afloramento do riso humano, de viés interrogativo, na medida em que os valores são questionados e assistimos à ascensão do medo, da inquietação e da angústia. A história mostra-nos que, diante da ruína das certezas, o riso e a razão têm a oportunidade de intervir eficazmente:

Foi assim que o século XVIII troçou da religião, do absolutismo; no século XIX, a sátira e a caricatura aumentaram as brechas dos governos monárquicos autoritários, participaram nas lutas sociais, políticas e econômicas; no século XX, elas contribuíram para o recuo das ideologias. Pouco a pouco, o riso insinuou-se nas brechas abertas pela filosofia no seio da consciência humana individual. O humor está sempre nos calcanhares da dúvida. Ele aparece quando as ciências humanas mostram a fraqueza e a complexidade do ser humano. Este começa a rir de si mesmo, a zombar de suas antigas pretensões, a não se levar a sério, demonstrando certa ternura consigo. É a vez do próprio ser, da existência, que, tendo perdido o sentido, se torna objeto de derrisão. O riso engolfou-se por todas as brechas abertas pelas ciências nas certezas humanas. (MINOIS, 2003, p. 447).

Os motivos por detrás do riso, independentemente do posicionamento moral diante dele ao longo dos séculos, sempre foram objeto de investigações teóricas, dando origem ao que hoje chamamos de teorias do humor.

Ao se darem conta da importância desse fenômeno, Sócrates, Platão, Descartes, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, Bergson, Freud, além de vários teóricos contemporâneos, buscaram compreender os mecanismos e sentidos do riso. Não obstante as particularidades de cada pensador, todos postulam o caráter humano do riso, compreendido como algo próprio do homem e uma expressão da vida em sociedade. A título de exemplo da importância do riso para tais filósofos, Nietzsche – em *Para além do bem e do mal*, de 1886 – manifesta uma explícita indignação diante de pensadores que conferiram má reputação ao riso. Para Nietzsche, o riso provém da constatação humana da solidão em face da inexistência divina. A presença do riso no niilismo que atravessa a filosofia nietzschiana é sumariada por Georges Minois nestes termos:

A obra de Nietzsche é permeada de aforismos sobre o riso. Leves em todos os sentidos, são extravagantes e parecem, às vezes, contradizer-se. Dão uma impressão geral de nostalgia e uma vontade de rir de tudo e contra tudo, porque o riso é a única tábua de salvação, é a redenção. (MINOIS, 2003, p. 367).

Em contraste com os pensadores que o precederam, tais como Hegel, Schopenhauer e Nietzsche, Henri Bergson, por seu turno, irá perscrutar o aspecto técnico do riso. “O que significa o riso?” É com essa questão aparentemente simples que Bergson abre *Le rire (O riso)*, livro – cujo subtítulo é “*essai sur la signification du comique*” (“ensaio sobre a significação da comicidade”) – publicado em 1900 e que, na verdade, constitui a reunião de três artigos que haviam sido veiculados pela *Revue de Paris* em 1899. Influenciados pelo espírito positivista da época, os escritos desse contexto, conforme destaca Minois (2003), veem no riso um ato reflexo, sem intencionalidade. Embora não negue os aspectos psicofisiológicos do riso, Bergson é marcado pelo florescimento da sociologia e pela renovação da espiritualidade, fato que o leva a elaborar uma teoria do riso como manifestação do ímpeto vital.

Longe da pretensão de encerrar a comicidade em uma definição, o alvo de Bergson é determinar *os procedimentos que provocam o riso*. É nesse sentido que filósofo apresenta três princípios elementares, o quais se referem “menos ao cômico propriamente que ao lugar onde devemos buscá-lo” (BERGSON, 2014, p. 7). Em primeiro lugar, a comicidade e, conseqüentemente, o riso consistiriam, assim como a linguagem e a inteligência, em expressões tipicamente humanas:

[...] não há comicidade fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas no caso o cômico não será um pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde da fantasia humana que ele assumiu. (BERGSON, 2014, p. 7).

O segundo princípio bergsoniano é de que o riso constitui um produto racional. Bergson mostra que capacidade de rir implica uma atitude de distanciamento emocional com relação ao objeto que desperta a comicidade. Portanto, para produzir efeito pleno, a comicidade exigiria a insensibilidade e a indiferença:

O maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição: apenas, no caso, será preciso esquecer por alguns instantes essa afeição, ou emudecer essa piedade. (BERGSON, 2014, p. 7).

Isso leva Bergson a concluir que “[...] o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. Ele se destina à *inteligência pura*.” (BERGSON, 2014, p. 8, grifo nosso). Como bem observa Basques (2011, p. 113), *O riso* pode ser considerado um ensaio que condensa um momento de maturação e reflexão bergsoniana

sobre o estatuto da inteligência e que desembocaria, pouco tempo depois, na célebre *L'Évolution créatrice (Evolução criadora)*, de 1907.

O terceiro princípio postulado por Bergson é de que o riso não existe na solidão, na medida em que sempre será o riso de um grupo de ridentes, reais ou imaginários:

Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados. O riso parece precisar de eco. Ouçamo-lo bem: não se trata de um som articulado, nítido, acabado, mas alguma coisa que se prolongasse repercutindo aqui e ali, algo começando por um estalo para continuar ribombando, como o trovão nas montanhas. (BERGSON, 2014, p. 8).

Daí inferir que o riso possui incondicionalmente um sentido social:

Para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. Digamo-lo desde já: essa será a ideia diretriz de todas as nossas reflexões. O riso deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (BERGSON, 2014, p. 9).

Bergson entende o riso como um produto daquilo que é involuntário, do que causa surpresa: “Alguém, a correr pela rua, tropeça e cai: os transeuntes riem. Não se riria dele, acho eu, caso se pudesse supor que de repente lhe veio a vontade de sentar-se no chão. Ri-se porque a pessoa sentou-se sem querer.” (BERGSON, 2014, p. 9). O risível estaria, portanto, naquilo que é acidental, é a existência de certa “rigidez mecânica” onde se esperam a maleabilidade atenta e a flexibilidade vívida de uma pessoa (BERGSON, 2014, p. 10).

Os três princípios destacados por Bergson caracterizam o riso como uma resposta à comicidade, ou seja, a coexistência desses três mecanismos engendra a comicidade que propicia o riso. Bergson postula que, por se tornar “invisível a si mesmo ao tornar-se visível a todos”, o cômico é inconsciente (BERGSON, 2014, p. 13). Apesar de não se guiar pelo viés da psicanálise, é importante notar que tal conclusão convidaria Freud mais tarde a inquirir nessa direção.

Para Bergson, se, por um lado, a personagem trágica, mesmo reconhecendo o sentimento de horror que nos inspira e sabendo como a julgamos, preserva sua conduta, a personagem cômica, por outro lado, procura modificar, ao menos exteriormente, um defeito ridículo. Com base nessa evidência é que Bergson, recorrendo à máxima latina “*castigat ridendo mores*” (corrigem-se os costumes rindo), atribui ao riso uma função corretiva: o riso obriga-nos a buscar parecer aquilo que deveríamos ser verdadeiramente.

Por consequência, Bergson identifica duas forças que se completam na vida em sociedade: tensão e elasticidade. A tensão designa a atenção vigilante acerca da situação que nos envolve, ao passo que a elasticidade é a capacidade de adequarmo-nos a tal situação:

O que a vida e a sociedade exigem de cada um de nós é certa atenção constantemente desperta, que vislumbre os contornos da situação presente, e também certa elasticidade de corpo e de espírito, que permitam adaptar-nos a ela. Tensão e elasticidade, eis as duas forças reciprocamente complementares que a vida põe em jogo. (BERGSON, 2014, p. 13).

Toda rigidez é suspeita para a sociedade, uma vez que, por constituir o indício de adormecimento e de isolamento, a rigidez física e espiritual tende a ser excêntrica, a afastar-se do centro em torno do qual a sociedade gravita. Com base nesse argumento, Bergson defende que a sociedade deve, assim, temer a fixação ao automatismo dos hábitos adquiridos, a qualquer combinação de atos e de acontecimentos que engendre a sensação nítida de arranjo mecânico. É nesse sentido que o riso pode ser concebido como um efeito provocado pela *sobreposição do mecânico ao vivo* (“*du mécanique plaqué sur du vivant*”): eis a conhecidíssima tese bergsoniana.

Tendo em conta essa acepção que reúne dois elementos de caráter absolutamente heterogêneos (quais sejam: o mecânico e o vivo), o riso pode ser considerado um mecanismo repressor da excentricidade e, por dirigir-se à inteligência pura, revelaria a inflexão da vida rumo ao automatismo. Por essa razão, o riso é uma espécie de “gesto social”:

Pelo temor que o riso inspira, reprime as excentricidades, mantém constantemente despertas e em contato mútuo certas atividades de ordem acessória que correriam o risco de isolar-se e adormecer; suaviza, enfim, tudo o que puder restar de rigidez mecânica na superfície do corpo social. (BERGSON, 2014, p. 14).

O automatismo humano, portanto, concebido como uma rigidez mecânica, como um decalque do puro mecanismo fazendo com que o homem se assemelhe a uma coisa, provoca o riso, o qual, por sua vez, atua corrigindo esse gesto mecânico, que constitui uma imperfeição individual ou coletiva.

Henri Bergson vislumbra no riso algo como um despertar de uma consciência que ri do automatismo que a constrange e a limita a uma forma, pois uma expressão risível do rosto será aquela que nos leva a pensar em algo rígido, congelado, por assim dizer, na mobilidade ordinária da fisionomia. Nas suas palavras, automatismo, rigidez, vezo contraído e mantido: aí está por que uma fisionomia nos faz rir. (BASQUES, 2011, p. 113).

Por ser estranho ao homem, o mecanismo uniforme é risível e, não por acaso, objeto de imitação. Só se pode imitar gestos repetitivos, os quais são alheios à vida humana. É nesse curso que o riso poderia ser concebido como uma reação ao comportamento maquinal do ser humano:

É que a vida bem ativa não deveria repetir-se. Onde haja repetição ou semelhança completa, pressentimos o mecânico funcionando por trás do vivo. Que o leitor analise a impressão obtida diante de dois rostos muito parecidos: verá que pensa em dois exemplares obtidos de um mesmo molde, ou em duas impressões de um mesmo carimbo, ou em duas reproduções de um mesmo clichê, em suma, num processo de fabricação industrial. No caso, a verdadeira causa do riso é esse desvio da vida na direção da mecânica. (BERGSON, 2014, p. 20).

Como se vê, demonstrando os efeitos cômicos e explicando sua propagação, Bergson oferece uma análise precisa das várias condições que provocam o riso. Para além, ele analisa pragmaticamente os modos de produção do riso como uma atividade vital e necessária em face do maquinismo social. Tal associação entre o mecanicismo padronizado do homem e o riso tem um *fundo crítico* essencial: “Conduzir-se de forma diferente é deixar de ser uma máquina: a teoria de Bergson pode, assim, voltar-se contra a homogenia social.” (MINOIS, 2003, p. 370).

Ao passar em revista as deformidades diversas, Bergson discerne dois grupos: por um lado, as deformidades que a natureza orientou para o risível e, por outro, as que dele se afastam em definitivo. Extrai-se dessa distinção a conclusão: “Pode tornar-se cômica toda deformidade que uma pessoa bem conformada consiga imitar.” A feiura cômica estaria no semblante enrijecido, tal como “um cacoete consolidado, uma careta permanente” (BERGSON, 2014, p. 16). É nesse sentido que a comicidade aparece como uma caricatura:

Automatismo, rigidez, hábito adquirido e conservado, são os traços pelos quais uma fisionomia nos causa riso. Mas esse efeito ganha em intensidade quando podemos atribuir a esses caracteres uma causa profunda, e relacioná-los a certo desvio fundamental da pessoa, como se a alma se tivesse deixado fascinar, hipnotizar, pela materialidade de uma ação simples. (BERGSON, 2014, p. 16).

Ao captar esse movimento às vezes imperceptível e torná-lo visível a todos, o caricaturista constitui sua arte:

Ele faz com que os seus modelos careteiem como se fossem ao extremo de sua careta. Ele adivinha, sob as harmonias superficiais da forma, as revoltas profundas da matéria. Efetua desproporções e deformações que poderiam

existir na natureza se ela pudesse ter vontade, mas que não puderam concretizar-se, reprimidas que foram por uma força melhor. (BERGSON, 2014, p. 17).

Para que seja cômico, o exagero não poderia, contudo, aparecer como o alvo, mas como o meio de manifestar as contorções, as quais aparecem nos elementos da fisionomia menos passíveis de movimento, como na curvatura de um nariz. Por essa razão, o cômico alia-se mais à rigidez do que a feira propriamente dita.

Analisadas as diversas formas do cômico verbal, onde se situam o trocadilho e a paródia, Bergson busca definir os conceitos de humor e de ironia. Concebido como termos opostos, a ironia consistiria em falar do que deveria ser, fingindo crer que é o que é, ao passo que o humor trataria o que é como se fosse o que deveria ser. As direções inversas assumidas pela ironia e pelo humor são enunciadas nesses termos:

A mais geral dessas oposições seria talvez a do real com o ideal: do que é com o que deveria ser. Ainda aqui a transposição poderá ser feita nas duas direções inversas. Ora se enunciará o que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é. Nisso consiste a ironia. Ora, pelo contrário, se descreverá cada vez mais meticulosamente o que é, fingindo-se crer que assim é que as coisas deveriam ser. É o caso do humor. O humor, assim definido, é o inverso da ironia. Ambos são formas da sátira, mas a ironia é de natureza retórica, ao passo que o humor tem algo de mais científico. Acentua-se a ironia deixando-se arrastar cada vez mais alto pela ideia do bem que deveria ser. Por isso a ironia pode aquecer-se interiormente até se tornar, de algum modo, eloquência sob pressão. Acentua-se o humor, pelo contrário, descendo-se cada vez mais baixo no interior do mal que é, para lhe notar as particularidades com mais fria indiferença. (BERGSON, 2014, p. 61).

De onde se conclui: “O humorista é no caso um moralista disfarçado em cientista, algo como um anatomista que só faça dissecação para nos desagradar; e o humor, no sentido restrito que damos à palavra, é de fato uma transposição do moral em científico.” (BERGSON, 2014, p. 61).

Em face do exposto, ao conceber o riso como um gesto humano dotado de funções sociais específicas, o ensaio bergsoniano – que, como bem situa Minois (2003), inscreve-se numa corrente filosófica que, desde Hegel, consagrou, ao longo do século, dezenas de escritos sobre essa questão – tem um caráter funcionalista. A esse respeito, eis o trecho que merece destaque:

Como as eletricidades se atraem e se acumulam entre as duas placas do condensador donde se fará sair a centelha, do mesmo modo, pela simples presença dos homens entre si, produzem-se atrações e repulsões profundas,

rupturas completas de equilíbrio, enfim, essa eletrização da alma que é a paixão. Se o homem se deixasse ir no movimento de sua natureza sensível, se não tivesse lei social nem lei moral, essas explosões de sentimentos violentos seriam o comum da vida. Mas é útil que essas explosões sejam contidas. É preciso que o homem viva em sociedade, e se conforme por isso a uma norma. (BERGSON, 2014, p. 75).

Em 1905, Sigmund Freud publica *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten (O chiste e sua relação com o inconsciente)*. Nesse livro, com o objetivo de mostrar o prazer provocado pelos chistes, e não propriamente suas condições de produção ou de recepção, Freud testemunha a importância adquirida pelo sentido do cômico, particularmente pelo chiste, na vida contemporânea:

Com relação a isso, também se poderia lembrar o peculiar e fascinante encanto que o chiste desperta em nossa sociedade. Um chiste novo funciona como um acontecimento de interesse geral; ele é passado de uma pessoa à outra como a mais recente notícia de vitória na guerra. (FREUD, 2017, p. 25-26).

Tendo em conta sua capacidade de provocar prazer, alega Freud (2017), o chiste pode ser sistematizado, no que respeita às suas técnicas, em três grandes grupos. Embora sigam caminhos distintos, os mecanismos que envolvem esses grupos consistem na economia psíquica, ou seja, no corte de esforços. O primeiro grupo é composto pelos chistes cuja fonte de prazer são as próprias técnicas. Estaria nele situado o jogo de palavras, na medida em que se trata de um caso em que nossa atividade psíquica focaliza o som em lugar do sentido, o que provoca prazer pelo fato de que, ao não empregarmos as palavras seriamente, somos desobrigados a valermos-nos de esforço. O segundo grupo é formado pela unificação, similaridade de som, uso múltiplo, modificação de expressões familiares, alusões a citações. Trata-se de casos em que, segundo Freud, o prazer desdobra-se do fato de que algo familiar é redescoberto. Por fim, o terceiro grupo engloba chistes conceptuais, é o caso de raciocínios falhos, deslocamentos, absurdos, entre outros. Em todos esses exemplos, o prazer deriva do mais fácil – mais econômico em termos psíquicos – confundir coisas distintas do que contrastá-las.

Em razão da estreita solidariedade das diversas manifestações psíquicas, o estudo do chiste permite esclarecer outros domínios da personalidade. O chiste é um gesto social e uma de qualidades essenciais é a concisão. Sua forma superior é o humor, que obtém o máximo resultado com a maior economia de meios. Eis a definição completa nos termos de Freud:

Por mais superficial que seja, uma investigação que trata do cômico seria gravemente incompleta se não comportasse também algumas observações sobre o humor. Há tão pouca dúvida sobre a íntima relação de parentesco entre ambos, que uma tentativa de explicar o cômico deve fornecer no mínimo um componente para a compreensão do humor. Não obstante o muito de pertinente e apologético que já se escreveu sobre o humor – uma das operações psíquicas mais elevadas, que goza do particular apreço dos pensadores –, não podemos deixar de tentar exprimir a sua natureza por uma aproximação com as nossas formulações para o chiste e o cômico. (FREUD, 2017, p. 323).

Freud mostra que a liberação de afetos dolorosos (dor ou qualquer mal, psíquico ou moral) constitui – a quem experimenta tais afetos, a não ser que se consiga suportar esse desprazer – um obstáculo para um efeito cômico, ao passo que alguém não envolvido mostra, com o seu comportamento, que a situação tem tudo o que é requerido para o efeito cômico. Daí a distinção entre efeito cômico e humor:

O humor é, afinal, um meio de adquirir prazer apesar dos afetos dolorosos que o dificultam; ele age como um substituto desse desenvolvimento dos afetos, ele se coloca no lugar deles. A condição para ele é dada quando acontece uma situação em que, por força de nossos hábitos, somos tentados a liberar um afeto doloroso, mas outras motivações agem então sobre nós, reprimindo esse afeto *in statu nascendi*. Nos casos que acabamos de apresentar, a pessoa atingida pelo dano, pela dor etc. adquire prazer humorístico, ao passo que a não envolvida ri de prazer cômico. O prazer do humor surge então – não podemos dizer outra coisa – à custa dessa liberação reprimida de um afeto; ele brota de um gasto afetivo economizado. (FREUD, 2017, p. 323).

Em síntese, o humor consiste em um alívio, uma vez que impede o desencadeamento de afetos dolorosos, permite-nos economizar um desgaste afetivo, e é nisso que reside o prazer que ele propicia. Freud utiliza o exemplo do bandido que é levado para a forca numa segunda-feira e exclama: “A semana está começando bem!” e do bandido que, a caminho da execução, pede um cachecol para seu pescoço nu, para não ficar resfriado. Tais blagues, explica Freud, escondem uma grandeza de alma, na medida em que narram um apego à natureza habitual e afastam do que deveria abalar essa natureza e conduzir o sujeito ao desespero. “Esse tipo de grandeza do humor aparece claramente em casos nos quais nossa admiração não se vê inibida pelas circunstâncias da pessoa humorística.” (FREUD, 2017, p. 325). A pessoa que ri se poupa, de alguma forma, e ela ri por isso, ao passo que o homem triste se enfraquece. Vale dizer que essas conclusões coincidem, em parte, com recentes estudos psicofisiológicos sobre o caráter benéfico do riso sobre a saúde.

Segundo Freud, embora tenham esclarecido aspectos variados e complementares, as teorias filosóficas do riso não conseguiram captar seu sentido geral, porque a palavra “riso”

abrange realidades extremamente diversas ou contraditórias. O riso não existe: é uma ilusão. Há os risos, cujo ponto comum é apenas uma manifestação psíquica que, evidentemente, pode traduzir toda uma variedade de sentimentos, ideias e vontades. Ademais, as filosofias do riso teriam se interessado pela pessoa que ri e, com exceção do caso particular do humor, o ridente dificilmente é aquele que faz rir, a não ser que ria das próprias blagues. Aquele que procura fazer rir utiliza conscientemente meios visando a um fim, e muitas vezes esse fim não é o riso; o riso é apenas uma transição.

Com vistas a preparar o terreno para o tópico subsequente sobre o discurso humorístico, é importante ressaltar alguns pontos da teoria de Freud retomada por Sírio Possenti (2009). Para mostrar a tese de que o humor é universal, o artigo de Possenti tem como objeto de análise a segunda parte do livro de Freud sobre os chistes, em particular o segundo tipo freudiano de chistes, conforme a divisão que acima apontamos sobre os três grandes grupos propostos pelo psicanalista austríaco.

Ao tratar do segundo grupo de chistes, Freud sustenta que a redescoberta do que é familiar, ou seja, o reconhecimento, constitui um processo gratificante e possui uma relação íntima relação com a lembrança, a qual também provoca prazer. Na sequência, Freud afirma que a redescoberta do que é familiar alicerça outro recurso muito utilizado nos chistes, qual seja, o fator atualidade: existem muitos chistes independentes desse fator, ou seja, chistes que não são circunstâncias. Com base no argumento de Freud, Possenti (2009) mostra que os chistes que dependem da atualidade precisam, ao serem repetidos em circunstâncias diversas daquelas em que são produzidos, ser explicados para serem compreendidos e produzirem, assim, um efeito de prazer, de que o riso é a marca. Na medida em que compromete seu efeito, a necessidade de explicação enfraquece o chiste, quando não faz com desapareça. Daí a tese sustentada por Possenti (2009) de que o humor é, em essência, universal:

[...] o discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória – mas não necessariamente a uma cultura específica. E que o que faz um texto “falhar” é fundamentalmente a ausência dessa memória ou desse saber (exceto quando o que falha é um jogo ou uma associação verbal). Mas essa não é uma característica exclusiva do humor. Fato análogo pode fazer falhar um poema, um romance, um filme, ou, pelo menos, uma passagem de obras como essas. Os textos podem fazer apelo a memórias diferentes, de “prazo” diferente (seja em seu aspecto psicológico, seja em seu aspecto histórico, que, creio, podem ser associados de alguma forma). (POSSENTI, 2009, p. 228).

As teorizações aqui expostas muito sumariamente mostram que, como pontua Justo (2006) com toda propriedade:

Nas suas raízes históricas e na sua constituição psicológica e social, o humorismo não é um gênero frívolo, por si, como a alegria não é um sentimento banal. São extremamente importantes e poderosos como recursos de transformação da subjetividade e do mundo. (JUSTO, 2006, p. 124).

2.4. Humor, sátira e política

Henri Bergson, vimos, atribui ao riso uma função corretiva. Tal função já se apresentava na referida máxima latina: “*castigat ridendo mores*” (corrigem-se os costumes rindo). Característica verdadeiramente humana, o riso é, com efeito, capaz de corrigir e reorganizar a vida em sociedade, na medida em que estimula o homem a esquivar-se do estado de inércia, o que constitui objeto de ridicularização, e adaptar-se diante de situações distintas.

Associada a essa lição que nos foi legada por Bergson, é possível dizer que o riso tem o poder de iluminar determinadas questões e um potencial revolucionário, como mostrou Mikhail Bakhtin (1987) ao se debruçar sobre o carnaval, que se apresentava um conjunto de manifestações da cultura popular e um princípio de compreensão da cultura popular na Idade Média e no Renascimento. Marcadas pelo riso e pela sátira, tais festividades representavam a liberdade (as máscaras permitiam que se fizesse qualquer coisa sem quaisquer ameaças de retaliações), evocavam a subversão da ordem social vigente, pois as estruturas rígidas se desestabilizam de modo a possibilitar renovações:

Ao contrário da festa oficial, o carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto (BAKHTIN, 1987, p. 8-9).

Ora, a carnavalização está na base do humor audiovisual, em particular do humor político, o qual aflora sobretudo em contextos de repressão e de dificuldades econômicas assumindo uma postura desafiadora em face da autoridade e do poder.

Para que consigamos entender de que modo a política está enraizada nos microcosmos das relações de poder e como o discurso humorístico a ela se reporta, recorreremos a Michel Foucault. Na segunda metade do século XX, precisamente em meados da década de 1970, ao elevar a crítica do Estado e da figura da norma jurídica ao modelo de denúncia, a filosofia de Foucault abre novas perspectivas para o pensamento acerca do conceito de política, tendo em conta as relações de poder na sociedade moderna e contemporânea.

Em *La volonté de savoir (A vontade do saber)*, que constitui o primeiro tomo da *Histoire de la sexualité (História da sexualidade)*, publicado em 1976, e em *Il faut défendre la société (Em defesa da sociedade)*, resultado de cursos ministrados no Collège de France em 1975-1976, Foucault propõe uma nova abordagem do poder. Ao examinar as tecnologias do poder que afetaram os corpos individuais a partir do século XVIII, ele constata a existência de um processo de subjugação dos corpos associado ao argumento de regulamentação biológica como ferramenta de poder. Trata-se daquilo que ele designa como *biopoder*, uma forma de poder que abrange do orgânico ao biológico, do corpo à população, por intermédio das tecnologias de disciplina e das tecnologias de regulamentação. Dito em outras palavras, para Foucault, o funcionamento da sociedade moderna apoiou-se em um conjunto de procedimentos discursivos e institucionais sobre o corpo, tomado como objeto de atuação do poder.

Por meio de uma leitura cruzada das múltiplas relações de poder, de amplitude microscópica e estruturante das atividades dos homens em sociedade, Foucault mostra que, à diferença do poder medieval, caracterizado pelo poder absoluto do soberano, o poder que surge no século XVIII atua sobre o ser humano com o propósito de assegurar a existência e a continuidade de sua espécie biológica. Em meados desse mesmo século, a vida da espécie humana torna-se o grande desafio para as estratégias políticas, marcando o limiar da modernidade biológica da sociedade. É nesse contexto que se assiste ao aparecimento das técnicas de poder, dos mecanismos reguladores que controlam os processos biológicos de modo a afetar as populações: eis aquilo que Foucault denomina *biopolítica*. Por intermédio desse conceito, seu alvo é debater sobre a utilização do poder político como instrumento de controle. O *biopoder* e a *biopolítica* são, pois, conceitos interdependentes. Cumpre averiguar em que consiste essa interdependência.

Na qualidade de poder sobre a vida, o biopoder desenvolve-se em torno de dois eixos: as disciplinas do corpo e as regulações da população. Essa concepção de poder tem um papel central nas formas de produção que surgem com a Revolução Industrial. Em consequência da migração das populações rurais para as cidades, por conta da industrialização, fez-se necessário o controle dos processos econômicos e gerenciamento da cidade como uma unidade sob a organização de um poder único e regulamentado.

Para Foucault, a hipótese de biopoder implica uma redefinição de poder e, sobretudo, do modo de apreensão do poder. Por revelar os mecanismos específicos do poder na modernidade, os quais fogem à teoria tradicional do poder soberano, o biopoder – ou seja, a vida controlada pelo poder – funciona, em associação com os mecanismos jurídicos na

modernidade, em conformidade com as tecnologias do poder, as quais visam controlar e direcionar as potencialidades humanas.

Em síntese, os tempos de biopoder, que também são nossos tempos, caracterizam-se pela ampliação crescente das articulações dos saberes biológicos e biomédicos com os dispositivos jurídico-institucionais, com grandes efeitos no campo da macropolítica, seja nas relações entre os Estados, seja no interior de cada Estado, indo até mesmo à interferência, micropolítica, no modo de vida das pessoas (CASTELO BRANCO, 2009, p. 31).

Em vista da premissa de que a vida se relaciona intimamente com o poder ou, nos termos de Foucault (1977, p. 134), que “[...] o homem moderno é um animal, em cuja política sua vida de ser vivo está em questão”, o problema do biopoder está incondicionalmente imbricado com a questão do sujeito. Segundo o ponto de vista foucaultiano, uma redefinição do poder não se abstém da análise de dois planos, quais sejam: o modo de exercício do poder e o modo de apreensão do poder. Assimilar a transformação do modo de exercício do poder é lê-lo segundo uma nova perspectiva. É esse o motivo pelo qual a definição de biopoder requer uma análise crítica dos modos tradicionais de enfoque do poder ligado à figura do soberano.

Por endereçar-se aos homens como massa global afetada pelos processos inerentes à vida, a biopolítica é massificadora. Enquanto sempre recai sobre os fenômenos coletivos, o seu objeto é a população, concebida como um problema científico e político. A biopolítica abarca, portanto, os fenômenos coletivos: trata-se de regular tais fenômenos mediante mecanismos de segurança. A passagem do poder soberano para o biopoder é marcada, segundo Foucault, por uma transformação do regime de poder, pois o esquema organizador do corpo econômico e do corpo político de uma sociedade industrial de intenso crescimento requer novos procedimentos e novas tecnologias. É desse modo que, tendo como meta abranger o corpo da população, os mecanismos disciplinares e normalizadores constituem modos de exercício de uma nova forma de poder, a qual o soberano já não poderia exercer plenamente.

É válido ressaltar que em *Surveiller et punir (Vigiar e punir)*, de 1975, Foucault discute o problema do corpo como objeto nuclear da modernidade. O

[...] investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da

ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e, no entanto, continuar a ser de ordem física. (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Em lugar de serem expostas publicamente, as punições tornam-se, portanto, mais sutis. O sistema punitivo passa a ser definido pela sujeição dos indivíduos ao poder exercido sobre os seus corpos:

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico e a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. (FOUCAULT, 1999, p. 15).

Raramente formulados em discursos de maneira explícita, o saber e o controle do corpo – aquilo que Foucault (1999, p. 27) define como “tecnologia política do corpo” – são difusos e multiformes. “Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças.” (FOUCAULT, 1999, p. 30). Uma questão se desdobra dessa assertiva: se em toda e qualquer sociedade, conforme o argumento foucaultiano, o corpo é inevitavelmente objeto de controle, qual é a especificidade do poder disciplinar na sociedade capitalista?

Ao longo da época clássica, mostra Foucault, houve a descoberta do corpo como objeto e alvo de poder: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2010, p. 126). Em toda e qualquer sociedade, o corpo está incondicionalmente ligado ao poder, na medida em que este o constrange e impõe-lhe proibições ou obrigações. Tendo em conta essa tese, Foucault demonstra – ao abordar a economia política do corpo – que o poder disciplinar capitalista é peculiar em função da escala, do objeto e da modalidade de controle:

Em primeiro lugar, a *escala* do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O *objeto*, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a

linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A *modalidade* enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos (FOUCAULT, 1999, p. 163, grifos meus).

Típico da sociedade capitalista, esse tripé que define o controle político ocorre por meio de processos biológicos regulamentados, estrategicamente organizados e arquitetados pelos saberes: biopolítica. As técnicas de poder, define Foucault, são a *disciplinarização* (tecnologia de controle dos corpos adestrados), a *normalização* (controle positivo do comportamento e do pensamento) e o *biopoder* (controle da população). Não obstante apresentarem características próprias e terem emergido em diferentes momentos da história, tais técnicas atuam em reciprocidade.

Na linha de Durkheim, Weber e Marx, Foucault trata da raiz da disciplina em conventos e exércitos a fim de mostrar o perfil de dominação vigente nos séculos XVII e XVIII:

Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes. Diferentes também da domesticidade, que é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão, seu “capricho”. Diferentes da vassalagem que é uma relação de submissão altamente codificada, mas longínqua e que se realiza menos sobre as operações do corpo que sobre os produtos do trabalho e as marcas rituais da obediência. Diferentes ainda do ascetismo e das “disciplinas” de tipo monástico, que têm por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que, se implicam em obediência a outrem, têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo (FOUCAULT, 1999, p. 164).

Essa análise a contrapelo possibilita a Foucault defender a tese de que a modernidade passou por um processo de suavização dos castigos. Estando os corpos já disciplinados, a modernidade conseguiu atenuar a penalidade. Não se trataria, pois, de um gesto humanitarista, mas de uma constatação de que a população estava previamente disciplinada. Daí a lei penal poder se valer de procedimentos jurídicos para que os indivíduos se subjuguem de modo dócil às normas sociais. Temos, com a modernidade, a disciplina que, em contraste com os outros modos de dominação, prescinde da violência sobre o corpo, uma vez que ela própria controla minuciosamente o corpo e o condena a uma submissão.

De fato, com o desenvolvimento do capitalismo, a sanção dos transgressores das normas sociais é realizada através de métodos de extração das forças produtivas do indivíduo de modo a torná-lo disciplinado e útil. “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplinas.” (FOUCAULT, 1999, p. 164). Instrumento político, a disciplina tem por fim produzir *corpos dóceis*, ou seja, *corpos úteis e obedientes*. Por manipular seus movimentos, gestos e comportamentos, a disciplina investe sobre o corpo humano com vistas a gerar, além da aptidão ou capacidade, uma relação de sujeição. “A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 1999, p. 164-165). Em lugar da figura individual do soberano, temos, portanto, o poder arraigado a uma pluralidade de corpos, os quais são responsáveis pela produção e pelo consumo. Disciplinado e adestrado, o corpo converte-se no elemento central da política e das relações de poder:

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 1999, p. 29).

É assim que o Estado moderno exerce uma coerção contínua, cujo propósito é o controle das operações do corpo populacional de maneira a ampliar ou diminuir suas forças, segundo os interesses e as demandas desse mesmo Estado. Vigiado pela disciplina e sujeito a punições, o corpo é submetido a regras e contenções de vontades. É nesse sentido que o biopoder gerencia o corpo social. Ter-se-ia, pois, um poder focado na normalização da vida mediante uma regulação biológica. Daí se dizer que, balizado pela visão economicista de custos e benefícios, o biopoder tem como esteio a disciplinarização do corpo e a regulação da população, como explica minuciosamente Foucault (2012, p. 132-133) no excerto a seguir transcrito:

Este biopoder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. Mas, o capitalismo exigiu mais do que isso; foi-lhe necessário o crescimento tanto de seu reforço

quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de biopolítica, inventados no século XVIII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; operaram, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornados possíveis pelo exercício do biopoder com suas formas e procedimentos múltiplos. O investimento sobre o corpo vivo, sua valorização e a gestão distributiva de suas forças foram indispensáveis naquele momento.

O biopoder tem como desígnio, portanto, dirigir o corpo da população, controlar os direitos, as condições de vida, o exercício da cidadania e a atuação de determinados grupos sociais. Nesse sentido é possível afirmar que, para Foucault, as relações de poder se reproduzem nos microcosmos do cotidiano.

A relação entre política e poder na história moderna e contemporânea teorizada por Foucault permite compreender o motivo pelo qual Minois (2003), conforme indicamos anteriormente, afirma que, na Modernidade, aflora o riso humano, de viés interrogativo, pois se trata de um contexto em que os valores são questionados e assistimos à ascensão do medo, da inquietação e da angústia. Contudo, a despeito de ser marcada pelo riso diabólico decorrente do pecado original, a Idade Média também conheceu um riso totalmente humano, o da sátira política e anticlerical, instâncias praticamente indiscerníveis nesse contexto em que os poderes civis e espirituais estão tão entrelaçados. Desse modo é que o gênero satírico reaparece sobretudo a partir do século XII, depois de um longo eclipse na Alta Idade Média:

É que, para se expandir, ele precisa de certa estabilidade do contexto sociopolítico, naturalmente para poder definir seus alvos. Estes são os grupos dominantes, aqueles que impõem sua vontade e controlam seus valores. A anarquia feudal do período precedente, marcado pela fragmentação e pela confusão, não era propícia a esse exercício. A partir do século XI, o fortalecimento do poder real, de início muito lento, mais evidente no século XIII, assim como a crescente eficácia das estruturas eclesiásticas, depois a ação espetacular dos monges pedintes e, por último, a ascensão dos legistas burgueses fornecem quadros definidos, que podem ser responsabilizados por diversos males e, portanto, criticados. (MINOIS, 2003, p. 146).

Entretanto, a crítica às autoridades do momento pode se recobrir de dois aspectos contraditórios: pode ser progressista ou conservadora (entendendo esses termos segundo os padrões da época).

A sátira medieval inscreve-se, nitidamente, no segundo tipo. Ela exprime a inquietação dos moralistas diante das mudanças sociais, religiosas, políticas. Ela olha para trás, para uma mítica idade de ouro que representaria um equilíbrio sociopolítico ideal, refletindo um plano divino imutável. (MINOIS, 2003, p. 146).

O conservadorismo é, portanto, a chave para que se compreenda a sátira política na Idade Média. O riso aparece um ato de desagravo do homem medieval em face da afirmação do um poder político: “O riso satírico medieval é muito agressivo, até mesmo cruel. Trata-se, manifestamente, de uma sublimação da atividade guerreira. Grosseria, invectivas, sarcasmos, indignação: ele toma forma de panfleto da gesticulação guerreira, com o objetivo de intimidar.” (MINOIS, 2003, p. 146).

Muitas vezes, a sátira é moralizadora e, ainda, ataque direto contra um ponto específico da política real pode dar lugar a uma sátira espiritual. E nesse contexto é que se inscreve Rabelais, objeto de estudo de Mikhail Bakhtin em *A cultura popular na idade média e no renascimento*, o que não é fortuito, pois, como mostra Minois (2003, p. 146):

O riso rabelaisiano é mais vivamente sentido porque, atrás de sua erudição arcaica, é muito moderno. As alusões geográficas e pessoais são claras, a sátira político-religiosa aflora nitidamente. O que fere mais, talvez, os chefes dos credos opostos, fixados numa visão estática do mundo, é que o riso rabelaisiano faz surgir um dado novo, o tempo, que lhes sugere que seus combates são estéreis porque são ultrapassados, fossilizados, não têm mais poder sobre a vida. As civilizações também podem morrer de rir, quando seus valores se tornam derrisórios. O riso rabelaisiano é um pouco o riso do tempo, que deixa atrás de si o mundo medieval.

Inscrita no contexto dos cortesão do século XVI, a sátira política é remota:

Zombar do soberano é apanágio do bufão do rei. Mas o tempo das guerras de religião vê desenvolver-se a sátira política. Reis e rainhas tornam-se alvo de zombarias cada vez mais virulentas, especialmente Catarina de Médici, “mulher machona”, e Henrique III, “rei mulher ou homem rainha”. Sob Henrique IV, os panfletos satíricos multiplicam-se, como *A sátira menipeia da virtude do católico de Espanha*. No século XVI, o riso diversifica-se, portanto, e explode por toda parte sem comedimento. É, sem dúvida, símbolo de vitalidade, mas não vai demorar para provocar reação, quando as crescentes exigências de civilidade e decoro se unem às dos reformadores religiosos. (MINOIS, 2003, p. 219).

A sátira ocupa o lugar da bufonaria e, cada vez mais, o homem utiliza o riso de maneira consciente, com uma finalidade precisa, dotada agressividade e destruição: “Dominando essa faculdade, faz dele um instrumento, uma arma. Transformando-se em ironia e humor, o riso bruto perde a naturalidade, civiliza-se, intelectualiza-se e refina-se.” (MINOIS, 2003, p. 256).

Não é de surpreender que esse século de zombaria tenha conhecido o verdadeiro desabrochar da caricatura. No século XVII, ela ainda hesita sobre o caminho a seguir. É adquirindo uma dimensão social que a caricatura se torna uma arte autônoma: “Na Inglaterra, onde o parlamentarismo e o apreço pela liberdade fazem progressos decisivos, no século XVIII, a caricatura já ataca a esfera política, em parceria com o panfleto.” (MINOIS, 2003, p. 304).

Todos esses fatos evidenciam que, em razão de ser substancialmente contestador, o humor questiona o estatuto do poder e torna-se, em consequência desse caráter subversivo, uma forma de resistência. Desse ponto de vista, todo humor seria político e ao humorista caberia uma postura de engajamento, eis o que postula Henfil (1985, p. 40) em *Como se faz o humor político*: “A chave para você fazer humor engajado, é você estar engajado. Não há chance de você ficar na sua casa vendo os engajamentos lá fora, e conseguir fazer algo.”

Tal imbricação entre humor e política foi objeto de Victor Raskin (1985) em *Semantic mechanisms of humor*. O linguista discerne três tipos de humor: sexual, étnico e político. De caráter jocoso, trocista e estruturalmente mais simples do que o humor sexual e o étnico, o humor político seria direcionado a autoridades e líderes governamentais, políticos, partidos, ideias e regimes.

Para Raskin (1985), existem duas classes básicas de piada política, conforme o alvo a que se dirijam: as piadas difamatórias (*denigration jokes*) atacam uma pessoa, um grupo, uma ideia ou uma sociedade inteira; as piadas expositoras (*exposure jokes*) visam a desmascarar um regime político, fazendo referência a eventos não amplamente publicados e normalmente suprimidos por tal regime. Em relação às piadas difamatórias, faz a seguinte classificação, no que respeita ao objeto a que se endereça:

(a) Figura política:

As piadas difamatórias de uma figura política são bastante comuns e se baseiam na simples oposição entre um *script* e sua negação. Mais precisamente, na oposição do tipo bom / mau, embora haja outras maneiras de mostrar que nem sempre uma pessoa com cargo político o ocupa como deve. Em suma, podemos lidar com as seguintes oposições de *script*: bom/ mau; competência/incompetência; conhecimento/ desconhecimento; honestidade/ desonestidade (corrupção); não-sexo/sexo; vida longa/ vida curta (morte desejada); pessoa conhecida/ pessoa

desconhecida. Raskin (1985), contudo, lança um argumento que dá margem a questionamentos: a seu ver, um líder político nunca é atacado como pessoa, mas somente como figura pública que, supostamente, não deve possuir determinados traços, mas exatamente seus

(b) Grupos ou instituições políticas:

Segundo Raskin (1985), diante da difamação de um grupo e/ou de uma instituição, a piada é normalmente sobre um membro ou membros desse grupo ou instituição. Porém, tal pessoa acaba sendo destituída de suas individualidades. A complexidade maior ou menor dessas piadas decorre do fato de sua mensagem variar conforme a natureza e o propósito dos grupos e instituições em causa. Raskin (1985) toma como apoio uma piada russa dos meados de 1890: “Como você reconhece um russo liberal? Muito facilmente. Ele tem um mordomo negro que pega seu sobretudo no hall.” Há, nesse exemplo, uma crítica contundente à falsidade das atitudes dos políticos diante de suas promessas. Os russos liberais daquela época, por exemplo, não praticavam o que pregavam, sobretudo a igualdade e amor aos simples, oprimidos e desprivilegiados. Trata-se, portanto, de casos bastante alusivos, ou seja, utilizam-se de associações e inferências.

(c) Ideia ou bordões políticos:

Se no primeiro tipo de piada difamatória o alvo humano é tratado como uma pessoa não privada, pelo menos na opinião de Raskin (1985), e, no segundo tipo, como alguém não individualizado, o alvo da piada é despersonificado. Uma ideia abstrata, um credo, um mote ou *slogan* é que são difamados, embora a piada seja direcionada contra pessoas, cuja ideia ou slogan sejam difamados. Um exemplo de piada soviética dos anos 60: “No capitalismo, o homem explora o homem. No socialismo, acontece o inverso” (RASKIN, 1985, 229). Uma das suas tendências é ridicularizar o patriotismo, o que acaba levando a difamar toda uma sociedade.

Quanto ao segundo tipo de piada apontado por Raskin (1985), as piadas expositoras, estas são classificadas da seguinte forma, conforme exponham:

(a) Traços nacionais:

Esse tipo de piada se aproxima do humor étnico, diferenciando-se dele somente pelo fato de que o *script* principal é: o que o grupo nacional ou entidade nacional alvejados devem ser e a negação desse *script*. Os traços aludidos podem envolver vários *scripts*: a irreverência e desrespeito a autoridade dos americanos, a praticidade, a racionalidade dos judeus, a estupidez dos tártaros e a obediência cega e hipócrita dos russos etc. Como exemplo do primeiro caso, isto é, o desrespeito a autoridade dos americanos, há uma piada soviética da década de 50, citada por Raskin (1985, p. 230): Dois pilotos, um americano e outro britânico, estão atravessando o Atlântico e se aproximando das Ilhas Britânicas. “Acabamos de atravessar a costa britânica”,

disse o britânico com orgulho. “Que se dane sua costa!”, responde o americano. “Estamos voando sobre Londres.”, diz o britânico alguns minutos depois. “Que se dane sua Londres!”, diz o americano. “E este é o Palácio de Buchinghan. Nossa rainha mora aqui.” “Que se dane sua rainha!”, diz o americano. “Neste caso”, extravasa o britânico, “que se dane seu presidente!” “Dane-se nosso presidente!”, concorda o americano.

(b) Expressão política:

Esse tipo de piada expõe a natureza repressiva de um regime, aludindo ao *script* reprimido de prisão e/ou terror. Sustentando-se primeiro no *script* largamente publicado (e também aludido) do regime livre e popular, nega-o em seguida. O exemplo a seguir expõe a natureza repressiva do fascismo: “Esta é nossa bela liberdade no Fascismo - tudo o que não é proibido é compulsório.” (RASKIN, 1985, p. 232). Além disso, tais piadas podem expor a falta de liberdade (*freedom*) política e de liberdade (*liberties*) civil. Um exemplo vem da Alemanha Oriental da década de cinquenta:

As bases da democracia socialista foram criadas quando Deus fez Eva e disse a Adão: ‘E agora escolha você mesmo uma mulher’.” Soma-se a esses casos o *script* da liberdade/não liberdade de expressão. É interessante observar que esse *script* “incorporou a oposição padrão em que muitas piadas políticas são baseadas: uma pessoa deve dizer somente boas coisas sobre um regime opressivo e todas as suas manifestações e não a verdade sobre ele.” (RASKIN, 1985, p. 234, tradução nossa).

(c) Escassez:

Decorrentes ainda de regimes políticos repressivos e hipoteticamente provedores das necessidades de sua população, tais piadas são baseadas no *script* da abundância e de sua realística negação. Vejamos um exemplo: Alguns economistas eminentes da Alemanha Oriental são convidados pela África para modernizar a área do Saara. Nada muda no primeiro ano, nada muda no segundo. No terceiro ano, Saara fica sem areia. (RASKIN, 1985, p. 235).

d) Situações políticas específicas

Piadas desse tipo são sempre alusivas: a alusão é normalmente um *script* enciclopédico particular, evocando a situação comprometedor ou indesejável. Aqui também pode haver combinações desse *script* básico com os vistos anteriormente (*script* difamador de um líder, de escassez, de repressão), resultando num uso alusivo da oposição a vida é boa/ a vida não é boa, que caracteriza várias piadas políticas. Raskin (1985, p. 136) exemplifica citando o monólogo de Johnny Carson (NBC, fevereiro de 1982): Nancy Reagan insistia na livre distribuição de manteiga excedente do governo aos verdadeiramente necessitados. Ela dizia: “Mesmo estas

pobres pessoas devem ter algo para mergulhar suas caudas de lagosta.”. Para entender essa piada, o ouvinte deve ter internalizada uma série de *scripts* correspondente ao conhecimento ao seguinte: (1) O governo está, realmente, distribuindo manteiga ao pobre; (2) Os *Reagans* são frequentemente descritos como ricos e amigos dos ricos; (3) Caudas de lagostas são caras, e os pobres não as podem adquirir.

Além disso, não se pode deixar de lado a intertextualidade ligada à frase normalmente atribuída a Maria Antonieta (Viena 1755 – Paris 1793), esposa de Luís XVI, da França, dirigida ao povo que sofria de fome: “Na falta de pão, que comam brioques.”

Insertas em uma época e em determinado local determinado, tais alusões fariam um chiste falhar se desconhecidas pela audiência ou pelo leitor. Raskin conclui que, embora novas situações políticas introduzam novos *scripts* e criem novas piadas, seus tipos e princípios básicos permanecem os mesmos. Finalizando esse assunto sobre piadas combinatórias, ou seja, aquelas em que pode haver combinação do *script* básico de uma situação indesejável com outros *scripts*, como o da escassez, da repressão etc., Raskin (1985, p. 237) indica que se trata de piadas “[...] intercambiáveis de país a país e de regime a regime, conforme as mesmas variedades de traços indesejáveis caracterizem o alvo.”

Tendo em conta tal sistematização proposta por Raskin (1985) e os apontamentos teóricos sobre humor e política desenvolvidos neste capítulo, passamos, no capítulo subsequente, à análise dos episódios de *Greg News* selecionados como *corpus desta* pesquisa.

3. GREG NEWS: HUMOR NO CENÁRIO POLÍTICO

Como visto, *Greg News* (2017-2024) foi um programa produzido pela HBO Brasil e seus episódios são disponibilizados pela HBO Max (plataforma de *streaming*) e pelo YouTube (plataforma de vídeos *online*).⁸⁰ O programa tem como roteiristas Gregorio Duvivier, Bruno Torturra e Alessandra Orofino, que é também diretora-geral. Além desse núcleo responsável pela seleção e hierarquização das informações sobre atualidades políticas, econômicas, sociais e culturais (obtidas por intermédio de pesquisas de fontes) a serem transmitidas, bem como pela perspectiva crítica sobre elas, a qual se constrói com recursos do humor, *Greg News* também conta com Denis Russo Burgierman na função de editor-chefe.

Apresentado por Duvivier, o programa possui um formato híbrido, pelo qual o jornalismo informativo e de opinião se alia ao humor. O código empregado é a linguagem audiovisual, em que imagens, sons e textos escritos (os quais são, em geral, apresentados pela técnica *picture-in-picture*, que consiste na sobreposição de imagens na tela) mesclam-se e interagem para gerar o sentido almejado.

Seguindo os critérios de exclusão de episódios explicitados na introdução desta dissertação, quais sejam: (1) os episódios que não discutem o processo de configuração (principais candidatos cogitados) da eleição presidencial de 2018 e os episódios que sucedem ao período eleitoral; (2) episódios que tratam de temas locais (enfocando programas específicos do Rio de Janeiro, por exemplo) ou de temas amplos (meio ambiente, por exemplo), sem uma alusão central àqueles que seriam candidatos à eleição presidencial de 2018. Aplicando tais critérios de exclusão serão objeto de análise quatro episódios de *Greg News*: “Robôs”, “Liberalismo”, “Lula e a conciliação” e “Bolsonaro”.

Ao tratarmos do perfil do programa, vimos também que *Greg News* possui elementos do *talk show*, que, por sua vez, assimilou do *stand-up comedy* o modelo de apresentação, baseado em um apresentador que domina a cena e entretém o público com o emprego de um discurso marcado por humor. Duvivier, cuja trajetória nos palcos é marcada pela atuação em *stand-up*, insere-se em um cenário típico do jornalismo: o apresentador fica atrás de uma bancada e, olhando de frente para a câmera, discorre sobre os principais eventos da atualidade.

O discurso informativo, como mostraremos na análise dos episódios, é abruptamente rompido por comentários satíricos e associações com objetos que, muitas vezes, escapam da

⁸⁰ Como foi assinalado, a partir do episódio 17 da 6ª temporada, intitulado “Queima de estoque” (11 de novembro de 2022), Gregorio Duvivier anuncia que os episódios de *Greg News* deixarão de ser disponibilizados quase na íntegra no YouTube.

política (montagens esdrúxulas e inesperadas), de onde advém o efeito cômico, e, em seguida, recobrado para, em uma espécie de movimento espiralado, ser novamente rompido. Essa alternância constante entre a sobriedade da informação e a sátira – que Duvivier consegue realizar com maestria – causa um efeito de surpresa no espectador, provocando o riso. Rimos do absurdo factual, daquilo que *a priori* não seria objeto de escárnio. Ora, a sátira proposital que se segue à informação alinha-se ao que nos indica Minois (2003) acerca da capacidade do riso, sobretudo com florescimento da modernidade, de intervir eficazmente sobre os fatos. É nesse sentido que a sátira, acompanhando ainda os apontamentos de Minois, é moralizadora e ataca frontalmente a política real. Daí se dizer sobre a utilização consciente do riso para uma finalidade crítica precisa. Essa função crítica, aliás, é também postulada por Bergson (2014), que recorre à máxima latina “*castigat ridendo mores*” (corrigem-se os costumes rindo) para atribuir ao riso uma função corretiva: o riso obriga-nos a buscar parecer aquilo que deveríamos ser verdadeiramente.

A mencionada alternância entre a informação e o humor também remete à teoria bergsoniana pelo fato de o riso advir do inesperado (a existência de certa rigidez onde se esperam a maleabilidade atenta e a flexibilidade vívida). É esse riso que desabrocha da informação séria – embora passível de deboche, em razão da essência de absurdidade do fato real, notável sobretudo no campo político – que perpassa os episódios de *Greg News*. Em suma, as deformidades reais do campo político orientam para o risível: eis o que nos mostra perspicazmente o programa. O risível, por seu turno, funciona como um recurso crítico mordaz.

As sátiras políticas presentes em *Greg News*, acompanhando a classificação proposta por Raskin (1985), conjugam piadas difamatórias (*denigration jokes*), as quais atacam uma pessoa, um grupo, uma ideia ou uma sociedade inteira, e piadas expositoras (*exposure jokes*), que visam a desmascarar um regime político, fazendo referência a eventos não amplamente publicados e normalmente suprimidos por tal regime. Em relação às piadas difamatórias, o programa tem como alvo, conforme visto e reiterado, a extrema direita (representada por Jair Bolsonaro) e o neoliberalismo (representada por setores econômicos e grupo de políticos conservadores, como é o caso de Joice Hasselmann, Kim Kataguiri, João Doria, além do próprio Bolsonaro). No que respeita às piadas expositoras, o programa busca escavar informações sobre os regimes de direita conservadora, muitas vezes deturpadas pela grande mídia (veículos de comunicação em massa) e pelas informações difundidas em redes sociais.

Ora, em meio a um país dividido, como é o caso do Brasil, que assistiu, sobretudo ao longo dos últimos anos, ao acirramento da polarização política e a uma escalada irrestrita da violência e dos discursos de ódio, o humor, além de crítico, aparece como certo alívio e prazer,

seguindo as pistas de Freud, uma vez que impede o desencadeamento de desgastes afetivos. Em face dos fatos sobremaneira desgastantes que marcaram os dois últimos pleitos presidenciais, talvez fosse insuportável acompanhá-los sem uma crítica que pudesse transcender a gravidade do momento por intermédio do risível.

Para discutir se *Greg News* pode ser considerado uma efetiva sátira política de esquerda, uma vez que o programa se insere na mídia liberal, realizaremos neste capítulo uma análise audiovisual do programa em busca de demarcar seu posicionamento em relação à eleição presidencial brasileira de 2018, tendo em conta os candidatos e os partidos, bem como as respectivas políticas econômicas e sociais propostas.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita dos episódios de *Greg News* selecionados para a análise, retomamos o contexto em que tais episódios foram produzidos, conforme foi detidamente exposto na introdução desta dissertação.⁸¹

3.1. As eleições presidenciais de 2018 e seus antecedentes

As eleições presidenciais de 2018 ocorreram em dois turnos: o primeiro, em 7 de outubro; o segundo, em 28 de outubro. A escolha dos candidatos à presidência foi oficializada durante as convenções partidárias ocorridas entre 20 de julho e 5 de agosto de 2018.

A convenção do Partido Social Liberal (PSL) aconteceu em 22 de julho, confirmando a candidatura do candidato de extrema direita Jair Bolsonaro à Presidência da República; enquanto a convenção do Partido dos Trabalhadores (PT) aconteceu em 4 de agosto, confirmando a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República e, como vice, Fernando Haddad. No entanto, após a condenação de Lula em segunda instância, pela denúncia de corrupção e lavagem de dinheiro, de acordo com as alegações da Operação Lava Jato, coordenada pelo então juiz Sergio Moro, sua candidatura foi, com base na Lei da Ficha Limpa, indeferida pelo TSE. Como já se assinalou, em 2021, o STF decide que Moro após o portal de notícias *The Intercept Brasil* revelar, em julho de 2019, diálogos privados entre o ex-magistrado e o procurador Deltan Dallagnol (chefe da força-tarefa da Lava Jato), nos quais o então juiz adotava condutas ilegais em parceria com o Ministério Público Federal. Em 11 de setembro, a executiva do PT aprova a candidatura de Haddad à Presidência da República e, como vice, Manuela d'Ávila, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

⁸¹ Sobre um detalhamento do contexto das eleições, ver o primeiro tópico da introdução desta dissertação (“Enunciado do problema”).

As eleições de 2018 foram fortemente marcadas por questões envolvendo a segurança pública, a renovação política e o combate à corrupção, principalmente após o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT), acusada de crime de responsabilidade contra a lei orçamentária e o emprego de recursos públicos, as chamadas “pedaladas fiscais”. Conforme mencionado, em 2023 o TRF-1 extingue a ação contra a presidenta e sua equipe.

O Quadro 4 traz os candidatos à Presidência e Vice-presidência da República, seus partidos e coligações.

Quadro 4 – Candidatos à Presidência e Vice-Presidência da República, seus partidos e coligações em 2018⁸²

Presidência		Vice-Presidência		Coligação
Candidato	Partido	Candidato	Partido	
Álvaro Dias	Podemos	Paulo Rabello	PSC	Podemos, PRP, PSC e PTC.
Cabo Daciolo	Patriota	Suelene Balduino	Patriota	Sem coligação.
Ciro Gomes	PDT	Kátia Abreu	PDT	PDT, AVANTE.
Fernando Haddad	PT	Manuela d'Ávila	PCdoB	PT, PCdoB, PROS.
Geraldo Alckmin	PSDB	Ana Amélia Lemos	PP	PSDB, PP, PTB, PSD, PRB, PR, DEM, SD e PPS.
Guilherme Boulos	PSOL	Sônia Guajajara	PSOL	PSOL e PCB.
Henrique Meirelles	MDB	Germano Rigotto	MDB	MDB e PHS.
Jair Bolsonaro	PSL	Hamilton Mourão	PRTB	PSL e PRTB.
João Amoêdo	NOVO	Christian Lohbauer	NOVO	Sem coligação.
João Goulart Filho	PPL	Léo Alves	PPL	Sem coligação.
José Maria Eymael	DC	Helvio Costa	DC	Sem coligação.
Marina Silva	REDE	Eduardo Jorge	PV	REDE e PV.
Vera Lúcia	PSTU	Hertz Dias	PSTU	Sem coligação.

Fonte: Elaborado pela autora.

⁸² PSC: Partido Social Cristão; PDT: Partido Democrático Trabalhista; PT: Partido dos Trabalhadores; PCdoB: Partido Comunista do Brasil; PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira; PP: Partido Progressista; PSOL: Partido Socialismo e Liberdade; MDB: Movimento Democrático Brasileiro; PSL: Partido Social Liberal; PRTB: Partido Renovador Trabalhista Brasileiro; NOVO: Partido Novo; PPL: Partido Pátria Livre; DC: Democracia Cristã; REDE: Rede Sustentabilidade; PV: Partido Verde; PSTU: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.

A definição desses candidatos e coligações somente ocorreria após a temporada de *Greg News* de 2018. Portanto, o contexto dos episódios é ainda marcado por um impasse. De todo modo, vale observar alguns pontos do quadro acima. Veja-se que vários nomes ligados a partidos de direita (PSDB, MDB, NOVO, PPL e DC) – em defesa, com diferentes gradações de intensidade, do modelo neoliberal, cujo cerne consiste no Estado mínimo e na preponderância do mercado na coordenação da vida social – concorreram às eleições presidenciais de 2018. Contudo, o PSDB, que historicamente contou com relevante capital político, protagonizando e polarizando as eleições com o PT de 1994 a 2014, sofreu – a partir de 2014, com a derrota de Aécio Neves (PSDB) por Dilma Rousseff (PT) – um intenso declínio organizacional, em razão de rivalidades internas, o que acarretou em seu enfraquecimento eleitoral. Prova disso é que Geraldo Alckmin obteve, no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, 4,76% dos votos, ficando em quarta posição na corrida eleitoral, perdendo para Ciro Gomes (PDT), terceira posição (12,47%), Fernando Haddad (PT), segunda posição (29,28%), e Jair Bolsonaro (PSL), primeira posição (46,03%), representando a extrema direita, fenômeno que discutiremos com mais minúcia ainda neste tópico.

No campo progressista, em defesa – também com diferenças de intensidade – de pautas da esquerda, a qual se caracteriza pela atribuição ao Estado de um papel ativo na redução das desigualdades sobretudo sociais, as eleições de 2018 contaram com Vera Lúcia (PSTU), Guilherme Boulos (PSOL) e Fernando Haddad (PT). Como centro-esquerda, tivemos Ciro Gomes (PDT) e, pela REDE, partido representado por figuras que vão da centro-esquerda ao centro, tivemos Marina Silva.

É óbvio que tais distinções em termos de posição ideológica não escapam a certas oscilações, em razão das circunstâncias históricas, e de certa artificialidade, uma vez que nem todos os partidos e nem todos os membros de um mesmo partido assumem posições com a mesma coerência. Recorrendo a Bobbio, para elucidar a definição dos parâmetros direita e esquerda, temos que:

“Se me for concedido o critério para distinguir a direita da esquerda é a diversa apreciação [apprezzamento] da idéia da igualdade, e que o critério para distinguir a ala moderada da ala extremista, tanto na direita quanto na esquerda, é diversa postura [atteggiamento] diante da liberdade (...)” (BOBBIO, 1995, p.118).

O segundo turno das eleições presidenciais de 2018, aconteceu no dia 28 de outubro daquele ano, com a disputa entre Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), que obteve

apoio de das seguintes siglas partidárias: PPL, PSB, PSOL. Anunciaram “apoio crítico” à candidatura de Haddad REDE e PDT, do presidenciável Ciro Gomes, que viajou a Paris após o encerramento do primeiro turno, abstendo-se de uma aliança formal com o PT, partido com o qual se defrontaria mais asperamente nos anos seguintes. A despeito de declarar o voto em Fernando Haddad, o PSTU explicitou que não apoiaria politicamente um eventual governo petista.⁸³ Sem que se conseguisse arregimentar uma frente ampla para enfrentar a extrema direita, Jair Bolsonaro foi eleito Presidente da República com 55,13% dos votos.

Para que entendamos o que representam Bolsonaro e os valores defendidos pela extrema direita brasileira (os quais atenderiam pela alcunha de bolsonarismo, em razão de Jair Bolsonaro incorporar as aspirações de fundo ultraconservador), trazemos algumas considerações de primeira importância desenvolvidas pelo filósofo franco-brasileiro Michael Löwy (2015) acerca da ascensão política e eleitoral de forças de extrema direita, racistas, xenófobas, fascistas ou semifascistas.

Como explica Löwy (2015), trata-se de um fenômeno que não se explica estritamente pela crise econômica. Embora não seja um tema específico da extrema direita, a luta contra a corrupção tem sido, especialmente nas últimas décadas, demagogicamente manipulada por setores conservadores, na Europa e, sobretudo, no Brasil, com vistas a legitimar golpes militares. Com efeito, o discurso em favor de uma intervenção militar e o saudosismo da ditadura militar constituem pontos sobre os quais se erigiu a extrema direita no Brasil. Uma das grandes responsáveis pela reverberação desse fenômeno foi, como já assinalamos, a imprensa conservadora – intitulada de PIG (Partido da Imprensa Golpista) por Paulo Henrique Amorim⁸⁴ –, em razão de posturas como o apoio ao *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) e ao lavajatismo.

Ao lado disso, temos, completa Löwy (2015), a defesa de dois temas de agitação sociocultural do conservadorismo mais reacionário. Um dos temas é a ideologia repressiva, o culto da violência policial, a reivindicação para se estabelecer o porte de armas, segundo defende a “bancada da bala”, uma das maiores do Congresso Nacional (LÖWY, 2015). Conforme dados apresentados pelo *Congresso em Foco*,⁸⁵ a chamada “bancada da bala” possui uma estrutura interna robusta, hierarquizada em coordenações regionais e institucionais. Seu corpo organizacional possui atualmente 47 deputados, sendo o PL, a que está hoje filiado Jair

⁸³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/09/saiba-quais-partidos-ja-adotaram-posicao-no-segundo-turno-das-eleicoes-presidenciais.ghtml>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

⁸⁴ Sobre isso, ler o artigo disponível em: <<https://fpabramo.org.br/2010/03/19/os-ataques-do-partido-da-imprensa-golpista-ao-pt/>>. Acesso em: 17 dez. 2023.

⁸⁵ Ver: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/09/saiba-quais-partidos-ja-adotaram-posicao-no-segundo-turno-das-eleicoes-presidenciais.ghtml>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Bolsonaro, o partido majoritário. O segundo tema grato à extrema direita indicado por Löwy (2015) é a intolerância com as minorias sexuais, em particular os homossexuais. Trata-se de um tema fortemente acolhido pelos evangélicos neopentecostais no Brasil. Inscrita nessa dimensão de moralidade, crenças e costumes defendidos pelo reacionarismo conservador está igualmente a postura contrária à legalização do aborto e à regularização do uso da maconha.

Esses aspectos defendidos pelo discurso da extrema direita brasileira, e que ganharam força ao longo da última década, são objetos de *Greg News*, conforme discutiremos neste capítulo. Os episódios de *Greg News* situados no contexto das eleições de 2018 analisados nesta pesquisa estão dispostos cronologicamente e sumariados no quadro que se segue (Quadro 5).⁸⁶

⁸⁶ Sobre os critérios de seleção do *corpus* da pesquisa, ver a introdução desta dissertação.

Quadro 5 – Eleições presidenciais de 2018: episódios de *Greg News* analisados

DADOS		TÍTULO	TEMA	DATA DE TRANSMISSÃO
Temporada (Ano)	Episódio (Nº)			
2º TEMPORADA (2018)	09	“Robôs”	O processo eleitoral, a utilização de robôs e das <i>fake news</i> como instrumentos de manipulação política.	18 maio
	13	“Liberalismo”	Liberalismo brasileiro presente no discurso político da extrema direita brasileira, representada por Jair Bolsonaro.	15 de junho
	15	“Lula e a conciliação”	A história de política de Lula: críticas e elogios às conquistas do presidente petista.	29 de junho
	16	“Bolsonaro”	Motivos para não votar em Jair Bolsonaro.	6 de julho

Fonte: Elaborado pela autora.

Cabe observar que todos os episódios analisados são anteriores a 5 de agosto de 2018, prazo final para a realização de convenções destinadas a deliberar sobre coligações e escolher candidatos. Ademais, como foi dito, em 01 de setembro de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) indeferiu, por maioria de votos, o registro de candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, facultando à Coligação *O Povo Feliz de Novo* (PT, Pcdob, Pros) a substituição do candidato a presidente no prazo de dez dias. Por essa razão, não se pode dizer que os episódios são uma cobertura política das eleições, mas uma análise do *ambiente pré-eleitoral*, da *configuração do cenário político no ano das eleições*. Trata-se de uma observação de extrema importância, uma vez que Lula é abordado como um potencial candidato, Bolsonaro, como pré-candidato (ainda sem partido definido), e Haddad (que substituiria Lula) sequer é mencionado. A próxima temporada (3ª temporada) de *Greg News* teve início em março de 2019.

3.2. Análise dos episódios de 2018

3.2.1. “Robôs”

Seguindo a cronologia dos episódios selecionados como *corpus* desta pesquisa, o primeiro deles é “Robôs”, que foi ao ar em 18 de maio de 2018.⁸⁷ Como sugere o título, o tema é a manipulação das informações em processos eleitorais mediante o uso de robôs, os chamados *bots*, que criam perfis falsos para dispararem automaticamente mensagens, em geral, *fakes news*, para influenciar o voto.

Antes de abordar a questão do uso de robôs nas eleições, Duvivier abre o episódio enfocando a questão da campanha eleitoral de modo generalizado (Figura 29). Observemos que, na ocasião da produção do episódio, as campanhas eleitorais de 2018 sequer haviam sido iniciadas e sequer tínhamos ainda a definição de quais seriam os candidatos e seus respectivos partidos. Por determinação do TSE, as campanhas eleitorais poderiam começar apenas a partir de 16 de agosto de 2018, portanto, quase três meses depois desse episódio de *Greg News*. Sabíamos apenas que dois nomes encabeçavam as prévias das pesquisas eleitorais presidenciais: em primeiro lugar, o ex-presidente Lula que, embora preso junto à Superintendência da Polícia Federal de Curitiba, era o nome escolhido pelo PT para disputar as eleições daquele ano, seguido de Bolsonaro, que havia se filiado ao PSL em março de 2018 para concorrer ao Planalto.

Duvivier nomeia o período de campanha eleitoral como “festival do humor involuntário” ou “temporada do bloqueio dos grupos de família”. Cabe dizer que a introdução longa (que, em geral, tem a duração de um terço do tempo do episódio) é uma característica recorrente em *Greg News*.

⁸⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DU5ANYfn-wc>>. Acesso em: 27 nov. 2023. Ver transcrição do episódio em Anexo B.

Figura 29 – Greg News: campanha eleitoral (abertura do episódio “Robôs”)



Fonte: Reprodução HBO.

Na sequência, Duvivier empreende um longo escólio, recobrando os processos eleitorais anteriores. Em um primeiro momento, o espectador pode estranhar a retomada de campanhas pregressas e a alternância entre muitas questões levantadas antes de adentrar o tema central (o uso de robôs como forma de manipulação política), mas, ao final, aquilo que parece um discurso fragmentário e/ou estilhaçado, que aliás, é um traço da linguagem empregada nos meios digitais da contemporaneidade, torna-se coeso, na medida em que temos uma visão mais abrangente da ligação entre os fatos políticos atuais e outros que se sobressaíram na história política brasileira mais recente. É como se o programa nos convocasse a juntar fragmentos para compor um enredo complexo que começava a se montar no cenário político de 2018. Impõe-se ao espectador uma capacidade reflexiva e analítica. De certa maneira o pensamento político está bem orquestrado no discurso do programa, uma vez que juntando os estilhaços conseguimos, de certo modo, notar o posicionamento político no texto do roteiro.

Nessa linha, Duvivier assinala como sendo a primeira diferença entre as campanhas pregressas e as que se iniciariam em agosto de 2018, a ausência de grandes marqueteiros, como é o caso do publicitário João Santana e da jornalista Mônica Moura, processados por receberem recursos ilícitos para conduzirem as campanhas do PT nas eleições de 2006, 2010 e 2014.

Duvivier – em olhar frontal para a câmera – assume a posição de locutor, tendo a plateia e os telespectadores como interlocutores. Valendo-se de um tom de voz sóbrio e informativo,

Duvivier utiliza o método *picture-in-picture* (sobreposição de imagens) para tratar do caso (Figura 30).

Figura 30 – *Greg News*: a condenação dos marqueteiros do PT



Fonte: Reprodução HBO.

Até esse momento, temos acesso a um perfil típico de jornalismo informativo. Isso se rompe quando Duvivier apresenta trechos da campanha de Dilma Rousseff de 2014, produzida por João Santana. Em um desses trechos, Dilma afirma que, quando criança, rasgou uma nota de dinheiro para dividir com um menino que pedia esmolas e não tinha o que comer (Figura 31) Duvivier satiriza o episódio ao comentar: “Dilma, meu anjo, desde pequena generosa, honesta e com uma política econômica duvidosa”. O comentário reproduz o discurso amplamente repetido pela grande mídia no contexto do *impeachment* de Dilma Rousseff, qual seja: de que a economia estava em frangalhos, a inflação alta e as contas públicas destroçadas. Ao comentário satírico de Duvivier, a plateia responde com riso generalizado.

Figura 31 – Greg News: Campanha eleitoral de Dilma Rousseff (2014)



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier afirma que, para além de marqueteiro, João Santana era convocado para opinar sobre “qualquer assunto”. O apresentador apoia-se no exemplo das manifestações de 2013, quando Dilma, em lugar de convocar uma reunião ministerial, recorre a Santana. Mais uma vez, temos o recurso do *picture-in-picture* (Figura 32):

Figura 32 – Greg News: Dilma Rousseff e os protestos de 2013

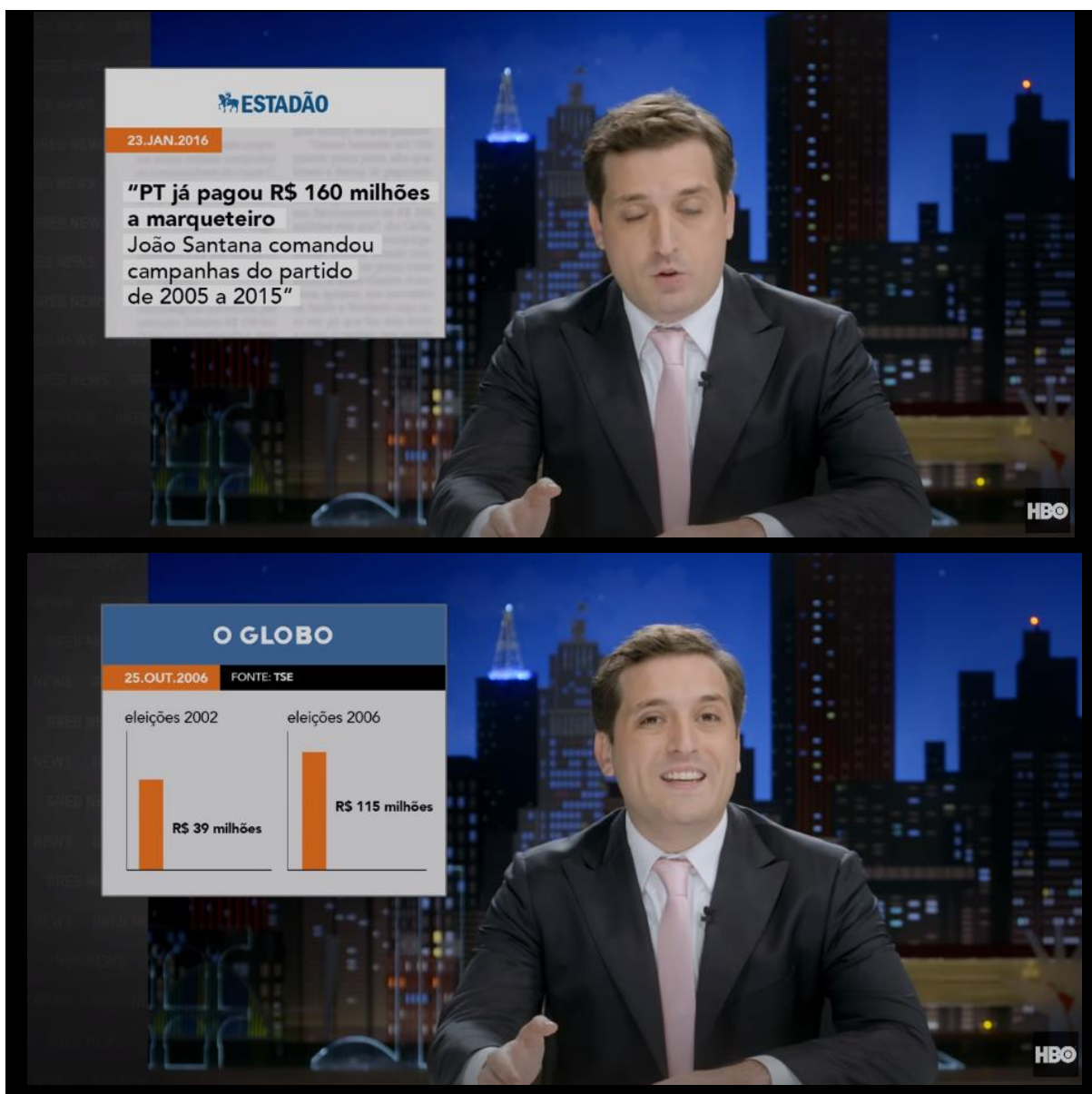


Fonte: Reprodução HBO.

O tom informativo convencional é quebrado novamente quando Duvivier comenta que convocar João Santana para discutir uma questão desse relevo é o mesmo que “tomar um tiro e chamar um maquiador”. Veja-se que o recurso humorístico é o da intertextualidade, conforme define Orlandi (2009): o marqueteiro é associado a um maquiador pela suposta tentativa de camuflar os fatos. É essa associação construída por intermédio da sobreposição de imagens (entre o marqueteiro e o maquiador, entre a crise financeira e o tiro no pé) que promove o riso da plateia.

Com apoio no *picture-in-picture*, Duvivier mostra o valor investido nas campanhas eleitorais indicando os gastos da coligação de Lula em 2002 e 2006, conforme se vê nas imagens a seguir (Figura 33).

Figura 33 – *Greg News*: recursos destinados a marqueteiros em campanhas petistas



Fonte: Reprodução HBO.

Na sequência, Duvivier satiriza o dado com um autodeboche irônico ao dizer que valor ganho por João Santana é “mais do que ganhei do PT”. Duvivier faz essa afirmação olhando para a câmara com uma expressão séria e, em seguida, arremata com um sorriso irônico: “Eu estou bem chateado, inclusive com o PT” (Figura 34). A ironia deve-se ao fato de a mídia conservadora, no caso a revista *Veja*, noticiar que Duvivier estaria recebendo benefícios em troca do apoio à petista Dilma Rousseff.⁸⁸

⁸⁸ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/eleitor-de-dilma-gregorio-duvivier-arruma-boquinha-no-banco-do-brasil>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

Figura 34 – Greg News: o contraste entre seriedade e o riso sardônico



Fonte: Reprodução HBO.

A ridicularização vem em seguida estampada na comparação esdrúxula entre os ganhos do marqueteiro petista João Santana e o salário de Faustão (apresentado mediante a técnica *picture-in-picture*), responsável por “[...] garantir que a família brasileira fique junto e deprimida. Aliás, é isso que une todo o Brasil: essa vontade de morrer todo domingo”, diz Duvivier (Figura 35). Temos aqui uma interdiscursividade, conforme define Orlandi (2009), ou seja, Duvivier traz um discurso aparentemente desconexo do problema abordado, aproveitando para fazer uma crítica ao programa dominical da Globo. Essa sobreposição de discursos e o riso sarcástico estampado pelo apresentador rasgam o tom sóbrio.

Figura 35 – Greg News: associações esdrúxulas e ridicularização



Fonte: Reprodução HBO.

Além do PT, o PSDB gastou muito dinheiro em suas campanhas, lembra Duvivier, que novamente se apoia em uma relação de intertextualidade, desta vez imagética: a associação esdrúxula entre a figura de José Serra (PSDB) – que concorreu com Dilma Rousseff (PT) nas eleições presidenciais de 2010 – e o personagem Mr. Burns de *Os Simpsons*, que, na qualidade de patrão de Homer, Lenny e Carl e proprietário da Usina Nuclear de Springfield, representa a figura do empresário cruel, ambicioso e ganancioso. A associação entre Serra e Mr. Burns por conta da similaridade física fica explícita na sucessão de imagens apresentadas pelo programa (Figura 36), ao passo que a proximidade de caráter é apenas sugerida, permanecendo na instância subliminar, o que impõe ao leitor refletir sobre outros pontos de contato, para além do físico, entre Serra (e, por extensão, o PSDB, cujo candidato às eleições presidenciais seria definido, e a direita como um todo) e os valores representados pelo personagem de *Os Simpsons*.

Figura 36 – Greg News: José Serra e Mr. Burns (*Os Simpsons*), associação esdrúxula, ridicularização e linguagem subliminar



Fonte: Reprodução HBO.

Analisando as passagens expostas, podemos dizer que, se, por um lado, é compreensível que os programas de humor tomem todas as posições como objeto de escárnio (uma vez que uma das características do humor é zombar de gregos e troianos, ou seja, de indivíduos pertencentes a diferentes grupos, partidos, ou que têm ideias e opiniões divergentes), não podemos desconsiderar que, ao incluir o PT e o PSDB em ações duvidosas nas campanhas eleitorais anteriores, o programa corre o risco de passar a mensagem de que a política não vale a pena, independentemente da orientação. Dito de outro modo, retomando a classificação proposta por Raskin (1985), temos aqui uma sequência de piadas difamatórias (*denigration jokes*), na medida em que Duvivier ataca grupos de políticos cujas propostas são contrastivas. Ao ridicularizar o trecho da campanha de Dilma Rousseff em 2014, questionando sua visão

econômica sem um adendo sobre os avanços sociais promovidos pela esquerda, o programa pode incitar o eleitor a realizar nas eleições de 2018 o voto de protesto. Contudo, se acompanharmos os demais episódios (sobretudo os que analisaremos na sequência), Duvivier faz questão de sublinhar os avanços sociais conquistados pela “Era Petista” e se posicionará frontalmente contrário ao *impeachment* de Dilma Rousseff, sublinhando sua idoneidade e tratando sua destituição como um golpe (“*golpimpeachment*”, segundo o termo empregado pelo apresentador).

Após a menção às campanhas presidenciais de 2010 e 2014, o programa mostra como o humor está inscrito na própria realidade das eleições brasileiras, intrinsecamente pautadas pela excentricidade e pelo ridículo, o que se verifica nos nomes de candidatos que concorreram a eleições anteriores para o legislativo (o que corrobora Duvivier ter aberto o programa qualificando as campanhas políticas como “festival do humor”): eis o que mostra Duvivier valendo-se de imagens apresentadas por meio do método *picture-in-picture* (Figura 37):

Figura 37 – Greg News: ridículo real, os nomes utilizados por candidatos a deputados



Fonte: Reprodução HBO.

Tais candidatos são exibidos sem que a eles seja reportado qualquer conteúdo. A tônica recai apenas nos nomes pelos mesmos registrados para concorrer às eleições, factíveis de troca. A apresentação de tais nomes se restringe à piada pela piada.

Além do fim do investimento privado nas campanhas eleitorais, Duvivier aponta outra modificação que ocorreria nas eleições de 2018: a troca da televisão pela internet como

principal meio da difusão da propaganda eleitoral paralelamente à redução do fundo eleitoral para as campanhas de 2018. O apresentador destaca aqui o fato de Michel Temer sancionar em janeiro de 2018 o orçamento de 1,7 bilhão para o fundo eleitoral. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgou em 18 de junho de 2018 o montante total do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC): um total de R\$ 1.716.209.431,00 será transferido aos diretórios nacionais dos 35 partidos com registro no TSE, em conformidade com as regras de distribuição estabelecidas na Resolução-TSE nº 23.568/2018, aprovada pelo Plenário da Corte Eleitoral em 24 de maio de 2018.⁸⁹ Em um primeiro momento, são mostrados os custos das campanhas em 2014 (Figura 38) e, em seguida, o novo orçamento sancionado em 2018 (Figura 39).

Figura 38 – Greg News: o custo das eleições presidenciais de 2014



Fonte: Reprodução HBO.

⁸⁹ Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Junho/eleicoes-2018-tse-divulga-montante-total-do-fundo-especial-de-financiamento-de-campanha-1>>. Acesso em 24 fev. 2024.

Figura 39 – Greg News: a redução do fundo eleitoral para as campanhas de 2018



Fonte: Reprodução HBO.

Enfocando o tema campanha eleitoral de uma perspectiva alternadamente diacrônica e sincrônica, com essa digressão sobre as eleições de 2014 e sobre o corte orçamentário para o fundo eleitoral em 2018, Duvivier alerta o eleitor sobre aquele que seria o principal mecanismo utilizado nas campanhas eleitorais de 2018: as redes sociais mediante o uso de robôs. E menciona, na sequência, aqueles que eram os dois principais nomes cogitados a candidatos presidenciais: Bolsonaro e Lula. Duvivier faz alusão ao fato de o pré-candidato Jair Bolsonaro, que ocupava, no caso da exclusão de Lula do pleito eleitoral, primeiro lugar nas pesquisas prévias de intenção de voto (Figura 40). Como foi mencionado, no momento em que o episódio foi produzido, Lula já estava preso junto à Superintendência da Polícia Federal de Curitiba e que a decisão sobre o deferimento de sua candidatura (que acabou sendo indeferida) ocorreria apenas em 01 de setembro de 2018.

Duvivier anuncia Bolsonaro como “[...] o político mais influente nas redes sociais, mesmo sem nunca ter sido apresentador de televisão, como João Doria ou o ex-futuro-candidato Luciano Huck”, completa Duvivier satirizando o apresentador da Globo cuja candidatura à presidência entra na berlinda a cada eleição desde de 2014.

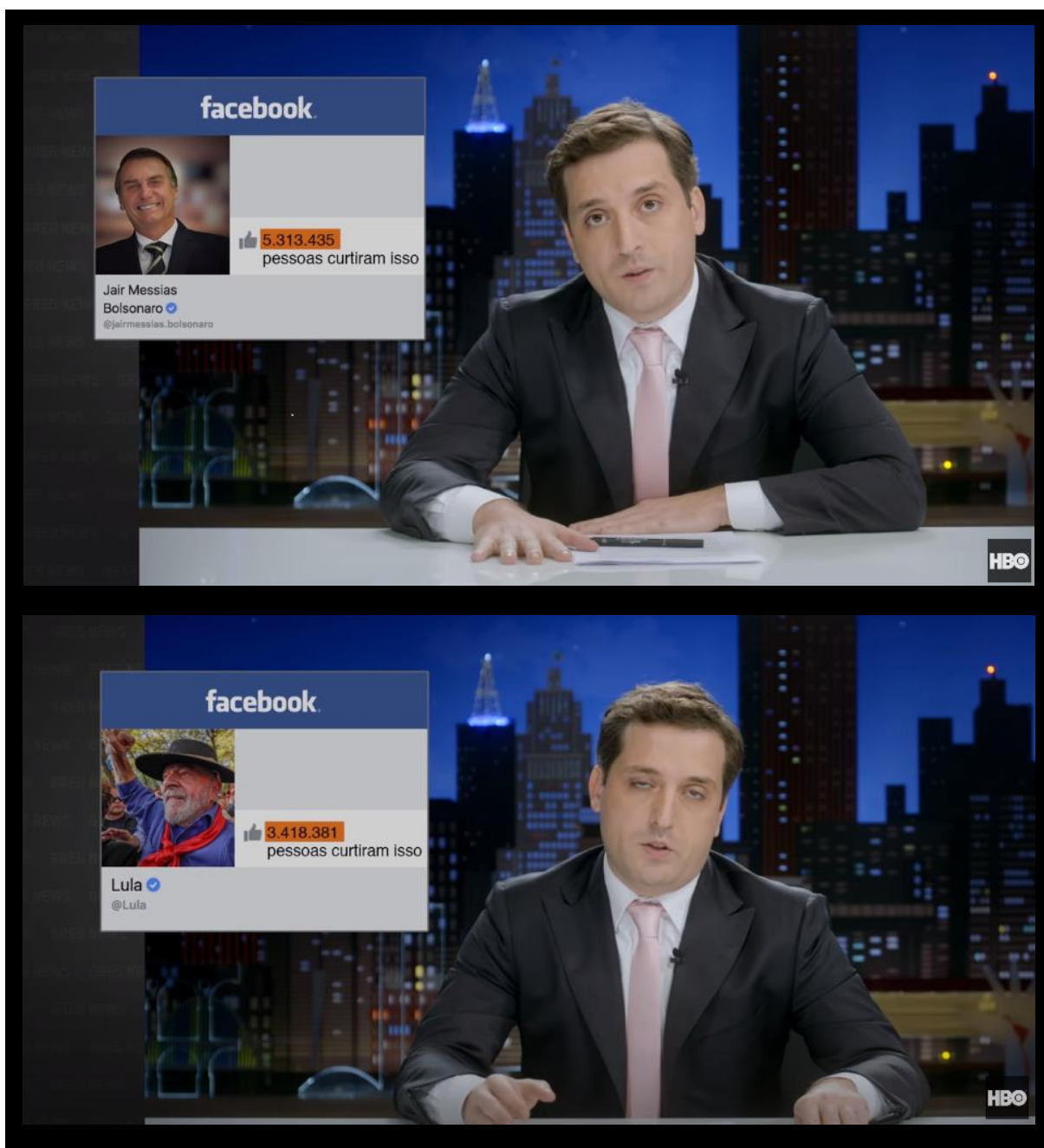
Figura 40 – Greg News: Bolsonaro e o fenômeno digital



Fonte: Reprodução HBO.

Na sequência, dados sobre a popularidade de Bolsonaro e Lula nas redes sociais são apresentadas pelo método *picture-in-picture* (Figura 41).

Figura 41 – *Greg News*: a influência de Bolsonaro e Lula nas redes sociais



Fonte: Reprodução HBO.

Ao perfilar a figura de Bolsonaro, Duvivier recorre a uma comparação inesperada ao defini-lo como o “Dado Dolabella da política” (o ator Dado Dolabella é conhecido por uma sequência de agressões a mulheres e Bolsonaro jamais hesitou em externar uma postura violenta e misógina). Temos novamente a intertextualidade marcada pela associação esdrúxula, inesperada.

A sátira é interrompida pelo tom informativo acerca dos memes, recurso empregado por Bolsonaro e que lhe garante um público eleitoral jovem (Figura 42).

Figura 42 – *Greg News*: o emprego de memes por Bolsonaro



Fonte: Reprodução HBO.

Na sequência, Duvivier traça para o espectador todo um histórico da linguagem dos memes. O emprego dos memes por bolsonaristas serve-lhe de gancho para discutir o papel que os robôs teriam nas eleições presidenciais de 2018, tema central do episódio (Figura 43). Note-se que o episódio é bem recuado cronologicamente da definição dos candidatos e suas respectivas campanhas eleitorais, funcionando, assim, como um aviso ao eleitorado acerca do uso do meio e da linguagem digital nas campanhas de 2018. Temos aqui uma prévia da dimensão da guerra digital no jogo político.

Figura 43 – *Greg News*: o uso de robôs nas campanhas eleitorais



Fonte: Reprodução HBO.

Para apresentar dados sobre o uso de robôs em diferentes países, o apresentador associa a notícia (a influência de robôs no resultado eleitoral de 17 países) a Bolsonaro, que em março de 2018 havia se filiado ao PSL (oitava legenda de sua carreira política!), cujo número eleitoral é 17 (Figura 44). Mais uma vez temos um recurso subliminar: o programa alerta o eleitorado sobre o emprego de robôs pelo pré-candidato Jair Bolsonaro. É possível notar, pelo modo como o próprio programa se arquiteta (desvio e retomadas) e pela linguagem utilizada, que não estamos diante de algo produzido para a grande massa, habituada com associações simples e com o comentário escancarado.

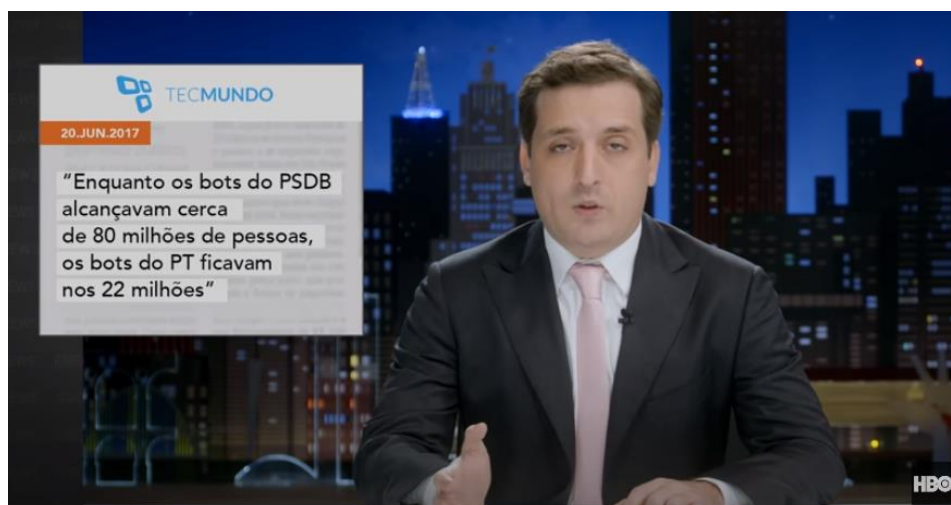
Figura 44 – Greg News: associação entre o emprego de robôs em eleições mundiais e a sigla eleitoral do pré-candidato Bolsonaro



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier esclarece que os robôs já vêm sendo empregados por outros partidos em campanhas anteriores, como é o caso do PSDB e do PT, cujos alcances possuem escalas muito contrastivas, tendo o PT quase um quarto do alcance atingido pelo PSDB (Figura 45).

Figura 45 – *Greg News*: o contraste em o uso de robôs pelo PSDB e pelo PT



Fonte: Reprodução HBO.

Para quebrar o enfado da sequência de dados, Duvivier satiriza o PSDB, particularmente a figura de Aécio Neves nas eleições presidenciais de 2014, afirmando que “ao que parece, até os robôs do Aécio tinham rinite”, ao que Duvivier, “puxando o nariz” e fazendo um movimento com as mãos, liga subliminarmente Aécio ao uso de cocaína (Figura 46), assunto extremamente explorado nas eleições de 2014. Notemos que, sob o risco de transformar o programa em um noticiário político, o que desfiguraria seu perfil humorístico, a cada passo o apresentador recorre a associações e/ou comentários debochados.

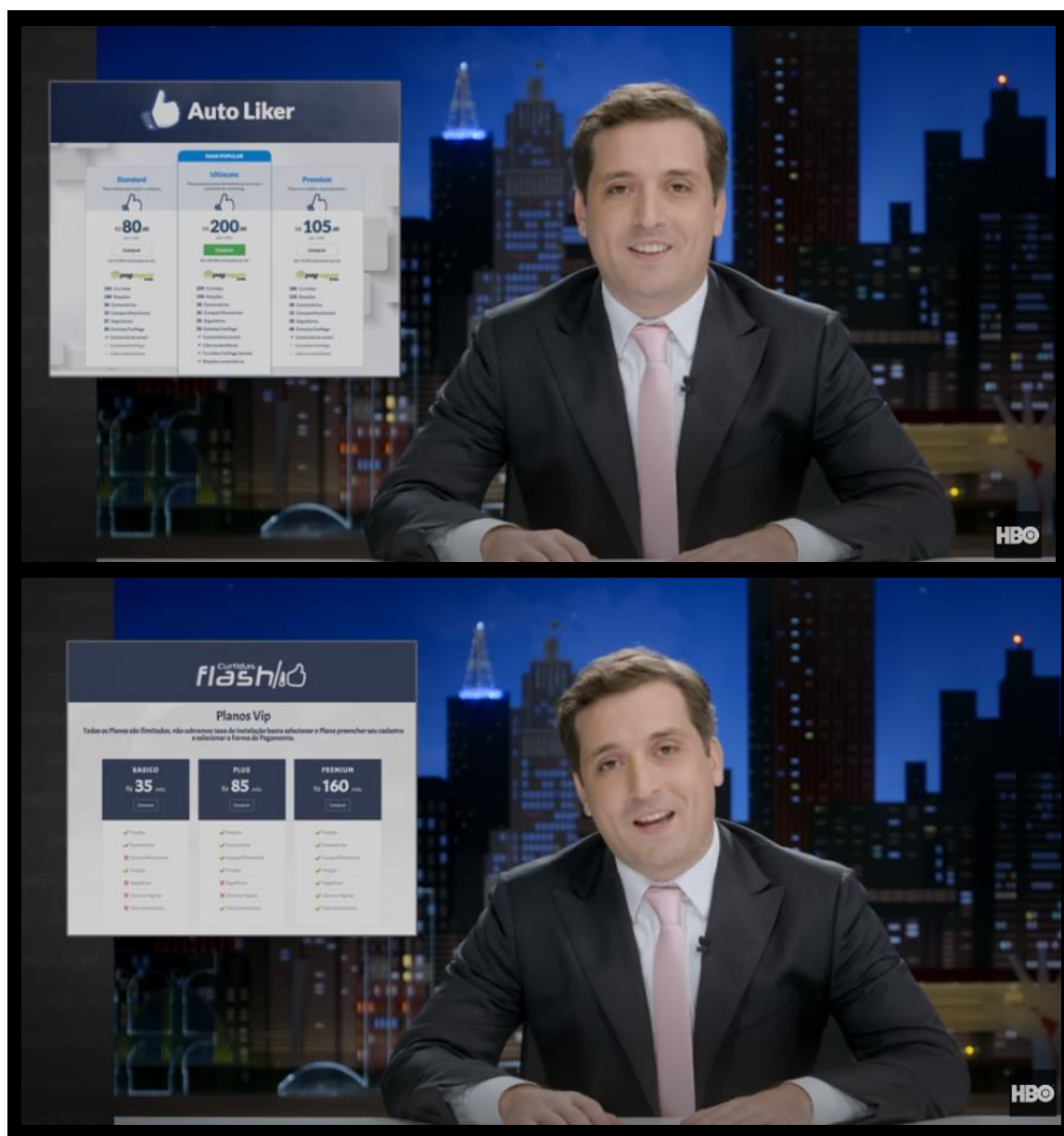
Figura 46 – *Greg News*: a sátira mediante o emprego da linguagem subliminar



Fonte: Reprodução HBO.

Para dar a dimensão da fácil acessibilidade ao uso de robôs e da então falta de regulamentação nesse sentido, Duvivier aponta para a existência de sites especializados na venda de tais robôs (Figura 47).

Figura 47 – Greg News: a venda de robôs em sites



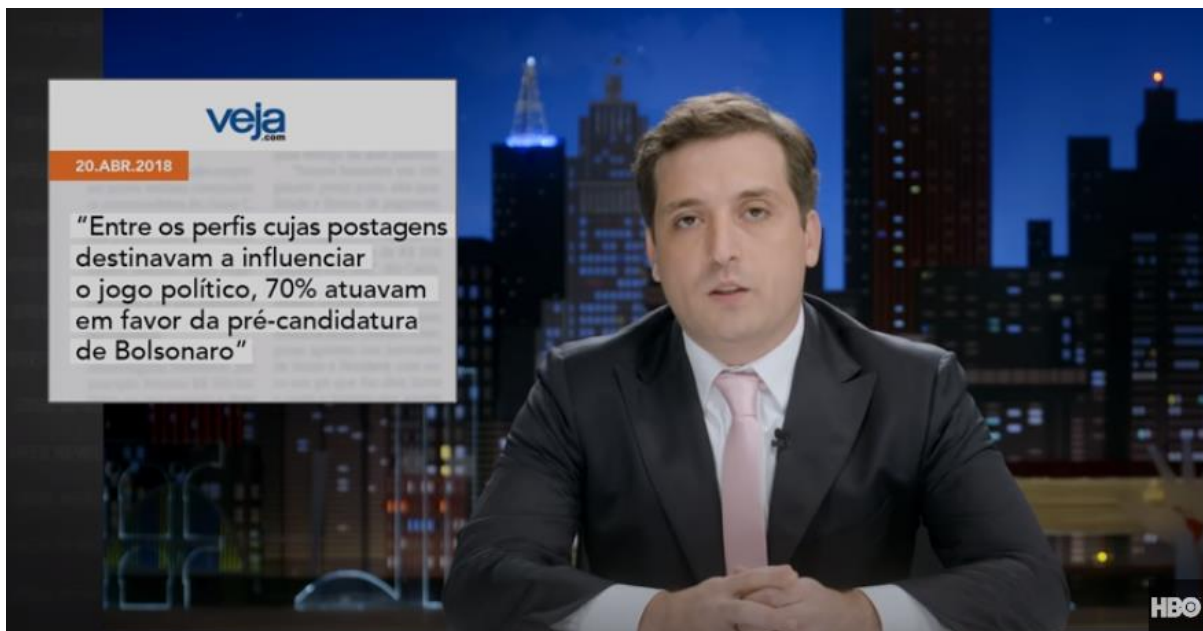
Fonte: Reprodução HBO.

Ao explicitar sobre o modo como os robôs operam, Duvivier descreve os conceitos de dominância informativa e psicometria (análises do perfil de cada eleitor com base em algoritmos). Ele também aponta para as tentativas (até aquele momento, frustradas) de que se valerem outros países para evitar o uso de robôs em processos eleitorais.

Com isso, o apresentador volta aos dados sobre o emprego de robôs pelo então pré-

candidato Jair Bolsonaro, que dominava 70% das postagens (Figura 48).

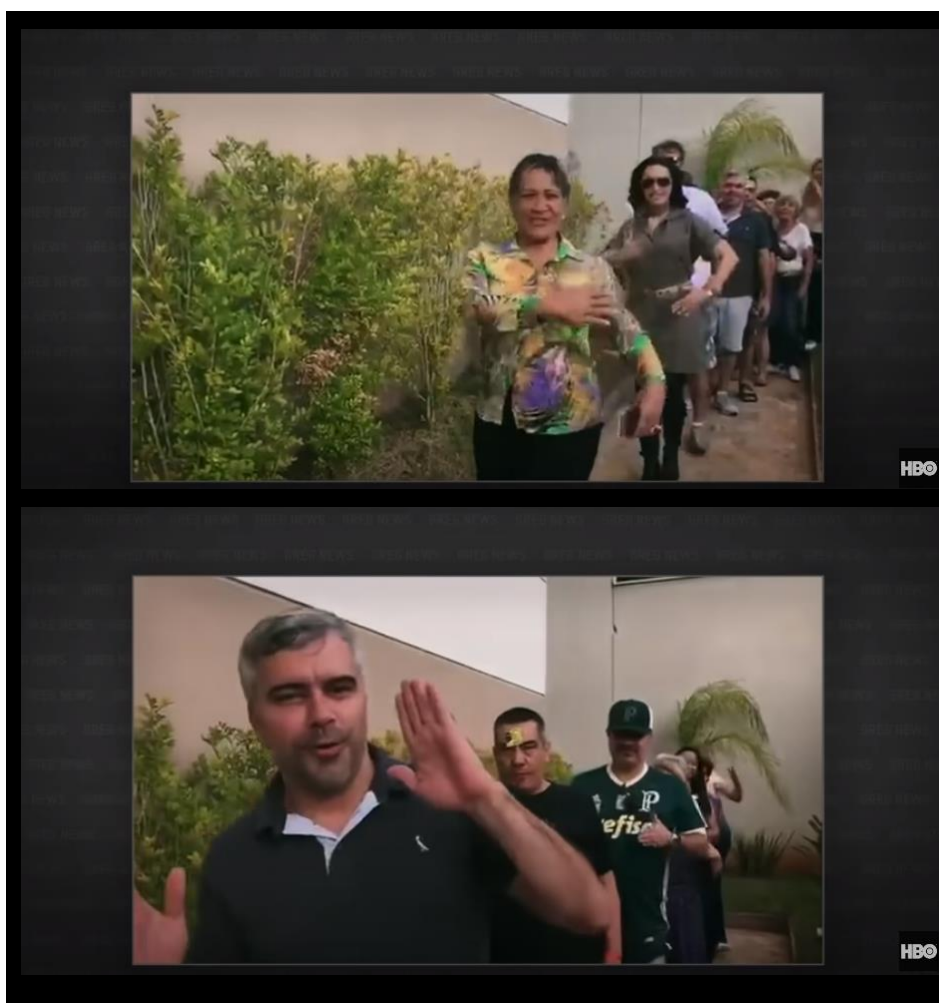
Figura 48 – Greg News: emprego de robôs na pré-candidatura de Bolsonaro (2018)



Fonte: Reprodução HBO.

Na análise desse fenômeno, o qual impactaria absurdamente as campanhas eleitorais de 2018, Duvivier comenta que, com o novo formato digital de campanha, o qual despontava mundialmente em proporções estratosféricas, as pessoas deixaram de ser espectador. Na sequência desse comentário, é reproduzido um vídeo em que os apoiadores Jair Bolsonaro imitam robôs repetindo frases de apoio ao pré-candidato com o intuito de assentirem nas estratégias de que a extrema direita já se valia: “Galera, é melhor JÁ-IR se medicando”, avisa Duvivier com apoio no trocadilho corrente com o prenome de Bolsonaro (Figura 49).

Figura 49 – Greg News: eleitores de Bolsonaro imitam robôs



Fonte: Reprodução HBO.

Para encerrar o episódio Duvivier, afirma que, embora ainda nem houvessem se iniciado, as campanhas de 2018 já existiam desde 2014. Essa frase justifica de algum modo para o espectador a recorrência do programa a eleições pregressas e a imagens ligadas aos possíveis candidatos em 2018 da campanha eleitoral que se abriria. Pelo fato de o episódio datar de 18 de maio de 2018, ele funciona como uma sorte de anúncio antecipado da guerra de desinformação ancorada no uso indiscriminado de robôs que atravessaria e se disseminaria ao longo de toda a campanha eleitoral.

Na última cena do programa, Duvivier apresenta a cena de um episódio do *Porta dos fundos* narrando a história de uma família que se robotiza: a mãe e o pai falam palavras de ordem do bolsonarismo (“Vai pra Cuba!”, “Ustra vive!”, “É melhor já-ir se acostumando!”, “E a Venezuela, por que vocês não falam da Venezuela?” “Bandido bom é bandido morto!”, “Não tenho nada contra gays, só não suporto verem dois homens se beijando!”, “Bolsomito!”, “Eu

sou um robô do Bolsonaro!”), ao passo que o casal de filhos repete os bordões petistas (“Lula livre!”, “Fora Temer!”, “Não passarão!”, “Golpista!”, “Coxinha!”) (Figura 50).

Figura 50 – *Greg News*: a robotização e a polarização política



Fonte: Reprodução HBO.

Com isso, além de arrematar o problema dos robôs na política, o episódio resgata sua frase de abertura sobre as campanhas eleitorais: “temporada do bloqueio dos grupos de família”.

Notamos que o episódio chama atenção para um fato que marcou as eleições de 2018: o uso das mídias sociais como ferramenta estratégica para cooptar eleitores. Na qualidade de fonte de informação para grande parte do eleitorado, muito dos assuntos que assumem centralidade no meio virtual acaba por se tornar notícia nos meios de comunicação tradicional. O ambiente virtual já havia exercido influência na eleição de Donald Trump em 2016, tendência que se proliferou para outros países, como na campanha do Brexit, nas eleições da Alemanha e da França, entre outros. A esquerda demorou bastante tempo para se dar conta da importância dessa ferramenta, ao passo que Jair Bolsonaro ampliava seu alcance nas mídias sociais.

3.2.2. “Liberalismo”

O episódio “Liberalismo” foi ao ar em 15 de junho de 2018.⁹⁰ Como foi dito, os episódios são marcados por uma longa introdução ao tema central. As questões pinçadas no preâmbulo, embora possam gerar em um primeiro momento a impressão de tergiversação, são, na verdade, carregadas de uma linguagem irônica e subliminar, que confere sofisticação ao discurso, uma vez que cabe ao espectador compreender e mobilizar a mensagem subjacente a tais questões. Outro ponto que merece ser reiterado que o programa se dota de um estilo fragmentado, as informações, expostas em estilhaços, compõem-se aos poucos durante o desenvolvimento de cada episódio. Ao espectador é legada a função de reunir os fragmentos para a compreensão do discurso.

É com esse procedimento que Duvivier abre o episódio “Liberalismo”, cuja imagem projetada sobre a tela (*picture-in-picture*) é composta por dois planos: acima, os teóricos do liberalismo clássico (Adam Smith, Stuart Mill e John Locke) tapando olhos, ouvidos e boca; abaixo, políticos nacionais conservadores que se apregoam como liberais (Flávio Rocha, Kim Kataguirí, João Dória e Jair Bolsonaro) (Figura 51). Ao longo do episódio todos esses nomes e suas respectivas posições serão enfocados.

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UF7OUWZrWEU>>. Acesso em 20 abr. 2023. Ver transcrição do episódio em Anexo C.

Figura 51 – Greg News: abertura do episódio “Liberalismo”



Fonte: Reprodução HBO.

Para introduzir a questão da retomada do liberalismo clássico (o chamado “primeiro liberalismo”) pelos políticos conservadores no Brasil, Duvivier explica: “Liberalismo é uma *moda* de muitos séculos atrás que voltou com tudo no verão passado, um pouco como o *coque samurai*” (grifos nossos). Com um sorriso irônico, o apresentador mostra, sobreposta à sua tela (*picture-in-picture*), a imagem de um indivíduo com o tal coque samurai, moda corrente entre os homens que buscam a conferir a si um visual “despojado e descontraído”⁹¹ (Figura 52). Cumpre assinalar que mais adiante, como mostraremos, Duvivier trará uma definição de liberalismo respaldada pela teoria.

⁹¹ Essa ideia ligada ao visual do coque samurai é corrente entre os sites voltados para “sugestões de estilo”, como se pode ver aqui: <<https://www.cpt.com.br/cursos-salaodebeleza/artigos/visual-descontraido-e-super-na-moda-coque-samurai-nos-cabelos>>. Acesso em 24 fev. 2024.

Figura 52 – *Greg News*: o neoliberalismo como modismo (recurso da intertextualidade)



Fonte: Reprodução HBO.

Poderíamos nesse início do episódio perguntar: por que começar um tema dessa gravidade com uma relação aparentemente tão banal? Em face dessa questão, devemos lembrar que não estamos assistindo a um documentário político ou a uma conferência de cunho sociopolítico, mas a um *programa de humor* cujo objeto central é a política. Levando em conta a particularidade desse perfil é que devemos analisar o programa. E não se trata de um humor superficial, pois demanda do espectador, conforme ficará evidente no correr da análise, mobilizar seu conhecimento sobre a política brasileira e o seu ponto de vista crítico. A ideia que se depreende inicialmente é de que essa nova versão do liberalismo à brasileira constitui uma versão deturpada e deformada do primeiro liberalismo, assim como o transplante modista para atualidade de um dado cultural, o coque utilizado pelos samurais (guerreiros, na organização feudal do Japão, a serviço de um daimiô, antigo nobre japonês que recebia, do imperador, o governo de um território do império), como se vê na clássica representação fílmica de Akira Kurosawa, *Os sete samurais*, de 1954 (Figura 53). Temos aqui, portanto, uma associação comparativa sutil – uma intertextualidade, se quisermos – como recurso para a introduzir a abordagem do tema.

Figura 53 – Os sete samurais (1954), Akira Kurosawa



Fonte: Plano Crítico.⁹²

É interessante notar que o transplante de algo ligado ao universo cultural de um povo para o círculo da moda sob uma nova significação remete-nos ao conhecido livro *Dialética do Iluminismo* (1947), em que Adorno e Horkheimer cunham a expressão “Indústria Cultural” para tratar da instrumentalização dos indivíduos, ou seja, da transformação da consciência coletiva em consumidores desprovidos de espírito crítico, em uma sociedade massificada. É alinhado a essa associação subliminar com o modismo do coque samurai – como algo estandardizado, reproduzido e comercializado por uma sociedade consumidora amputada de consciência crítica, produto do capitalismo neoliberal – que o tema central do episódio (qual seja: liberalismo) é apresentado. E não se trata de uma associação fortuita, pois, veremos, ela atende aos propósitos da mensagem a ser transmitida.

“Todo mundo, dos mais variados espectros, está usando [coque samurai]”, completa Duvivier sobrepondo à sua tela (*picture-in-picture*) uma montagem da imagem do então presidente, Michel Temer (MDB) – que assume o cargo de Presidente (de 31 de agosto de 2016 a 1 de janeiro de 2019), após o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) – com um coque samurai, o que arranca risos da plateia (Figura 54). Essa “ditadura cultural” (aqui representada pelo modismo do coque samurai, *transplante deturpado de uma cultura*) é parte do neoliberalismo (*transplante deturpado do liberalismo*), da qual Temer é também representante.

⁹² Disponível em: <<https://www.planocritico.com/critica-os-sete-samurais/>>. Acesso em: 24 fev. 2024.

Figura 54 – Greg News: montagem: Michel Temer e o coque de samurai



Fonte: Reprodução HBO.

Veja-se que, recorrendo a uma linguagem altamente condensada e subliminar (a associação de imagens, às quais subjaz um farto repertório sobre o modismo e a indústria cultural, o desprovimento de consciência crítica, o liberalismo e neoliberalismo, aspectos que cabe ao espectador captar e mobilizar seus conhecimentos para penetrar integralmente na mensagem do programa), *Greg News* consegue, sem fugir à essência de um *programa de humor*, mas, ao contrário, instrumentalizando sua função crítica mordaz e, por extensão, contundente, preparar o espectador para a abordagem do problema.

Duvivier conclui: “Liberalismo é a palavra da vez” e apresenta uma sequência de vídeos curtos com pré-candidatos conservadores (João Amoedo, Joice Hasselmann, Kim Kataguiri) afirmando-se liberais (Figura 55).⁹³ Observemos que Duvivier não emprega o termo neoliberalismo para se referir ao liberalismo à brasileira, pois, como evidenciam seus argumentos, o conservadorismo no Brasil que se imbuí do título de liberal em nada dialoga com as bases teóricas do liberalismo.

⁹³ Em 18 de novembro de 2017, João Amoedo havia sido anunciado como pré-candidato à presidência nas eleições de 2018 e em 4 de agosto de 2018, João Amoêdo tornou-se o candidato oficial do partido durante a convenção. Ver: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/partido-novo-anuncia-joao-amoedo-como-pre-candidato-a-presidente-em-2018.ghtml>>. Joice Hasselmann (PSL), então aliada de Jair Bolsonaro, e Kim Kataguiri (DEM), cofundador do Movimento Brasil Livre (MBL), concorreriam (e seriam eleitos) para o cargo de Deputado Federal em 2018.

Figura 55 – Greg News: políticos conservadores que se declaram liberais

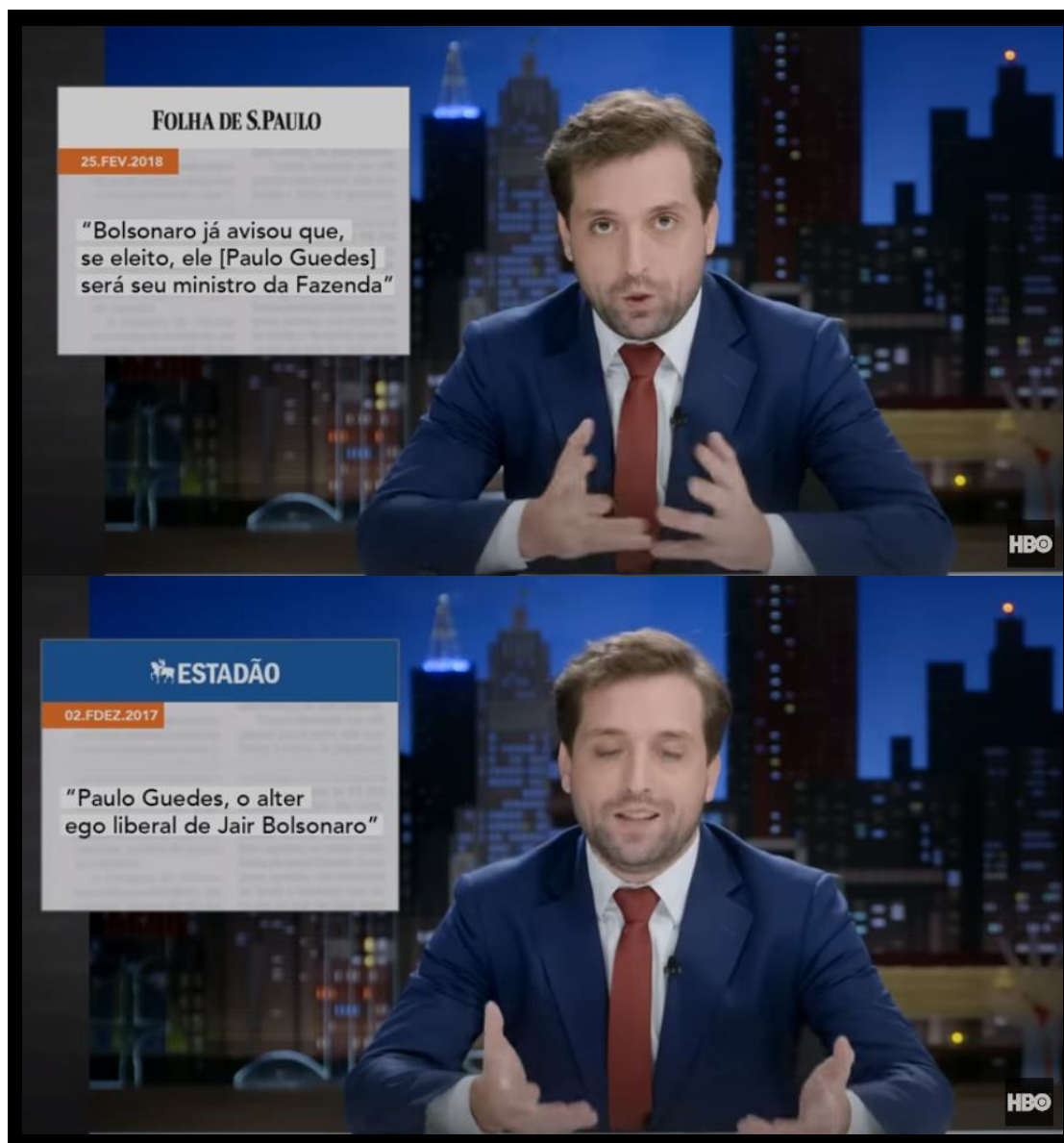


Fonte: Reprodução HBO.

Sobre as declarações de conservadores se classificando como liberais, comenta Duvivier: “Liberal virou a palavra da *moda*, tipo funcional, que serve tanto para treino quanto para suco” (grifo nosso), e acrescenta: “Até Jair Bolsonaro – líder nas pesquisas entre os pré-candidatos já anunciados – se diz liberal: Bolsonaro indicou para a sua equipe econômica Paulo Guedes, um dos fundadores do BTG Pactual e um autodeclarado liberal”⁹⁴ (Figura 56).

⁹⁴ Paulo Guedes fundou, em 1983, um banco de investimento, que mais tarde evoluiu para o BTG Pactual.

Figura 56 – Greg News: pré-candidato Bolsonaro anuncia a escolha do liberal Paulo Guedes para o comando do Ministério da Fazenda



Fonte: Reprodução HBO.

Entretanto, o “Voldemort” – diz Duvivier utilizando a figura do poderoso bruxo das trevas da saga *Harry Potter* para se referir a Bolsonaro – não está sozinho nessa tendência, pois há muita gente que fazia parte dela antes de “virar modinha”, “os pré-candidatos à presidência, Flávio Rocha (PRB), João Amoedo (NOVO) e Geraldo Alckmin (PSDB) fazem questão de anunciar uma agenda liberal”, comenta Duvivier,⁹⁵ que completa: “E não é só entre os presidenciáveis que o liberalismo é a palavra da vez, pois só o Partido Novo vai lançar 152 pré-

⁹⁵ Vale assinalar que em julho de 2018, o PRB anuncia a retirada da candidatura de Flávio Rocha. Ver: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/prb-anuncia-retirada-da-candidatura-a-presidente-do-empresario-flavio-rocha.ghtml>>. Acesso em 24 fev. 2024.

candidatos pela legenda aos cargos de senador, deputado federal e deputado distrital.” (Figura 57).

Figura 57 – Greg News: Partido Novo lança 152 pré-candidatos às eleições de 2018



Fonte: Reprodução HBO.

E a verdadeira precursora, *hipster* desse movimento, é ela: a Rainha dos Baixinhos, anuncia Duvivier apresentando o clipe em que Xuxa canta “Libera Geral”. Além do efeito de humor, a menção à música de Xuxa servirá de mote para que o apresentador traga alguns conceitos nucleares do liberalismo clássico e a versão criada pelos “falsos liberais”, os conservadores brasileiros, conforme os nomeará Duvivier. É com uma paráfrase irônica da música que o episódio será encerrado, vale assinalar.

Para não perder a “deixa cômica” do clipe, Duvivier aproveita a imagem em que aparece um helicóptero sobrevoando (Figura 58) para aludir ao episódio político em que o helicóptero de Gustavo Perrella (Solidariedade-MG) foi flagrado pela Polícia Federal transportando cocaína: “Não sei se vocês perceberam o helicóptero do Perrella sobrevoando quando ela canta ‘Libera geral’? Libera geral e passa um helicóptero do Perrella?! A polícia Federal não ignoraria um pedido desses”

Figura 58 – Greg News: imagem do clipe “Libera geral”, de Xuxa



Fonte: Reprodução HBO.

Na sequência, Duvivier faz um resumo do que foi o liberalismo. “Senta que lá vem história”, avisa o apresentador:

O Liberalismo surgiu entre os séculos XVII e XVIII na Europa, a partir das reflexões de filósofos e economistas ingleses. O Estado era na época liderado por reis e rainhas que controlavam a religião e a vida e eram os donos vitalícios de toda a terra e riqueza. “O Estado sou eu”, teria dito Luís XIV em um famoso *Tweet*. Os monarcas eram, portanto, sinônimos do Estado, assim como o PMDB no Rio ou o PCC em São Paulo. Filósofos – como Adam Smith e John Locke – propunham desconcentrar o poder e garantir liberdade. Eles achavam que não fazia sentido nenhum que reis e rainhas mandassem na porra toda sozinhos. Era um pessoal bem radical e progressista para a época deles. Ou seja: *não eram conservadores*, mas o contrário disso. Isso só evidencia como o Brasil é uma zona, pois eles queriam tirar o poder da monarquia, mas aqui quem pede para ‘liberal geral’, é a *rainha* dos baixinhos. (Grifos nossos).

É óbvio que para quebrar a seriedade de uma definição canônica, Duvivier recorre a referências atuais (como *Twitter*, PCC, PMDB) e retoma a menção à Xuxa de modo a não romper com a coesão do enredo proposto para episódio. E, seguindo com a explicação, Duvivier apresenta os pilares do Liberalismo mediante a reprodução de um vídeo feito pelo *The Economist*, que afirma: “Liberalismo é uma visão mundial baseada na liberdade e na igualdade de oportunidade. Liberais valorizam o livre comércio, competição aberta e liberdade de expressão.” (Figura 59).

Figura 59 – Greg News: definição de Liberalismo (*The Economist*)



Fonte: Reprodução HBO.

“Liberdade e igualdade de oportunidades”, enfatiza Duvivier, que expande a asserção explicando: “uma premissa fundamental do Liberalismo é que o Estado não pode tudo, mas deve assegurar direitos iguais a todos de modo a garantir que se consiga viver em sociedade”. Com essa explicação, Duvivier alinha-se ao que diz Norberto Bobbio, ao situar o Liberalismo como pressuposto da democracia. Eis o trecho que merece destaque:

O Estado liberal é o pressuposto não só histórico, mas também jurídico do Estado democrático. Estado liberal e Estado democrático são interdependentes em dois modos: na direção que vai do liberalismo à democracia, no sentido de que são necessárias certas liberdades para o exercício correto do poder democrático, e na direção oposta que vai da democracia ao liberalismo, no sentido de que é necessário o poder democrático para garantir a existência e a persistência das liberdades fundamentais. Em outras palavras: é pouco provável que um estado não liberal possa assegurar um correto funcionamento da democracia e de outra parte é pouco provável que um estado não democrático seja capaz de garantir as liberdades fundamentais. A prova histórica desta interdependência está no fato de que Estado liberal e Estado democrático, quando caem, caem juntos. (BOBBIO, 2006, p. 32-33).

Já na economia, Liberalismo significa – prossegue Duvivier – limitar o poder do Estado defendendo a autonomia da sociedade e do espaço econômico. E o papa dessa ideia é Adam Smith (Figura 60).

Figura 60 – Greg News: Adam Smith e o Liberalismo econômico



O vídeo explica o famoso conceito forjado por Smith, a saber: a “mão invisível do mercado”, que pregava a não-intervenção do Estado na economia, que deveria ser concorrencial, autorregulada pelo mercado financeiro. Para Smith, o interesse individual resultaria no bem coletivo (Figura 61).

Figura 61 – Greg News: Adam Smith e o conceito de “mão invisível”



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier expõe que os liberais clássicos tinham como regra básica a liberdade individual, mas, com o tempo, eles sofisticaram essa ideia para incorporar a noção de igualdade

de oportunidade: os liberais entenderam que sem condições básicas, como saúde e educação, não seria possível esperar que alguém possa usufruir da liberdade. “A educação torna as pessoas livres”, enfatiza Duvivier e explica que meritocracia – conceito definido no contexto das ideias liberais modernas defendendo que as pessoas deveriam prosperar por seus méritos individuais – tem como dado elementar que a *situação de partida seja igual para todos*, ou seja, a equidade.

Contudo, o liberalismo supera os limites da economia e da política, indica Duvivier trazendo um vídeo com a definição do escritor Mario Vargas Llosa (Figura 62). Ao reproduzir o vídeo de Llosa, conhecido por posições políticas ambíguas com tendências à direita, é como se a intenção fosse mostrar que não precisa ser de esquerda para saber dissociar liberalismo de tolhimento, como o fazem conservadores brasileiros.

Figura 62 – Greg News: Liberalismo sob o ponto de vista de Mario Vargas Llosa



Fonte: Reprodução HBO.

“Liberdade em todos os campos da atividade humana”, sublinha Duvivier e acrescenta: para os liberais, “liberalismo econômico, político e individual são inseparáveis”, ao passo que o “liberalismo *made in Brazil*” assimila um movimento tradicional abstraindo dele tudo o que possa haver de interessante. “É praticamente o que eles fazem com os samurais: ‘Vamos aprender a lutar?’ ‘Não.’ ‘Vamos aprender a usar a espada pelo nosso país?’ ‘Não, vamos pegar só o coque!’”, arremata Duvivier.

É nessa linha deturpadora que o deputado Flávio Rocha (Republicanos) – pré-candidato à presidência em 2018 pelo PRB, antes de o partido anunciar a retirada de sua pré-candidatura – defende o liberalismo econômico associado a práticas conservadoras do comportamento, conforme se vê no vídeo reproduzido por Duvivier (Figura 63).

Figura 63 – *Greg News*: Flávio Rocha, “liberalismo made in Brazil”



Fonte: Reprodução HBO.

Para não perder o veio cômico, Duvivier associa essa definição descabida à figura grotesca de Flávio Rocha, que remontaria ao personagem de *Men in Black* (Figura 64).

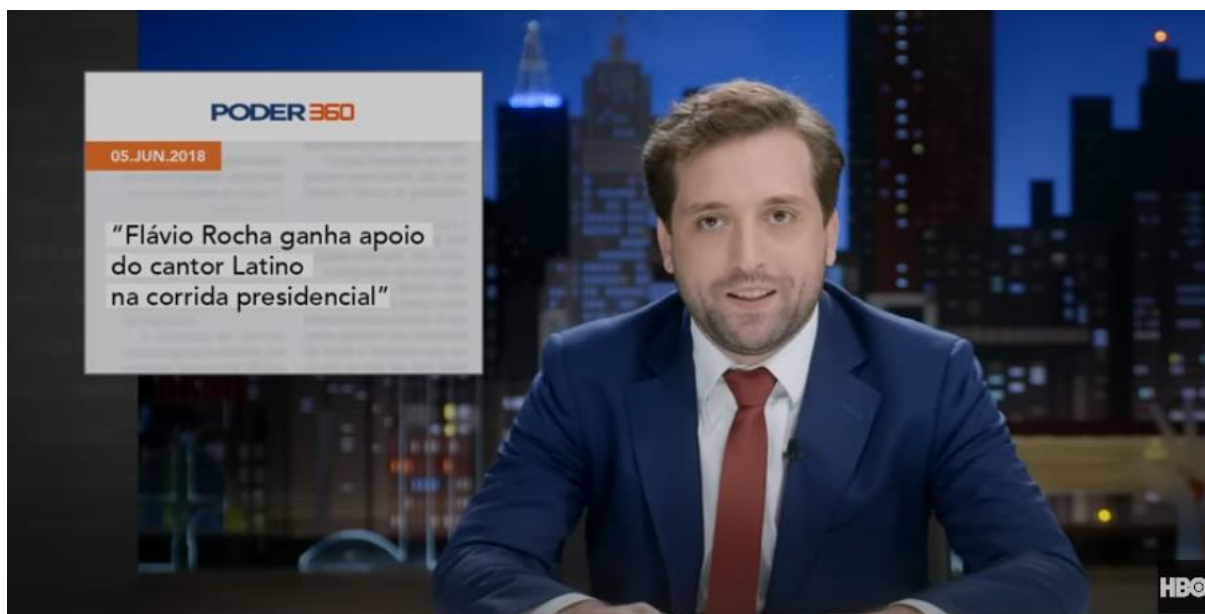
Figura 64 – *Greg News*: Flávio Rocha, a versão grotesca do “liberalismo *made in Brazil*”



Fonte: Reprodução HBO.

Ainda zombando de Rocha, Duvivier mostra uma manchete em que o cantor Latino divulga seu apoio ao então pré-candidato à presidência (Figura 65)

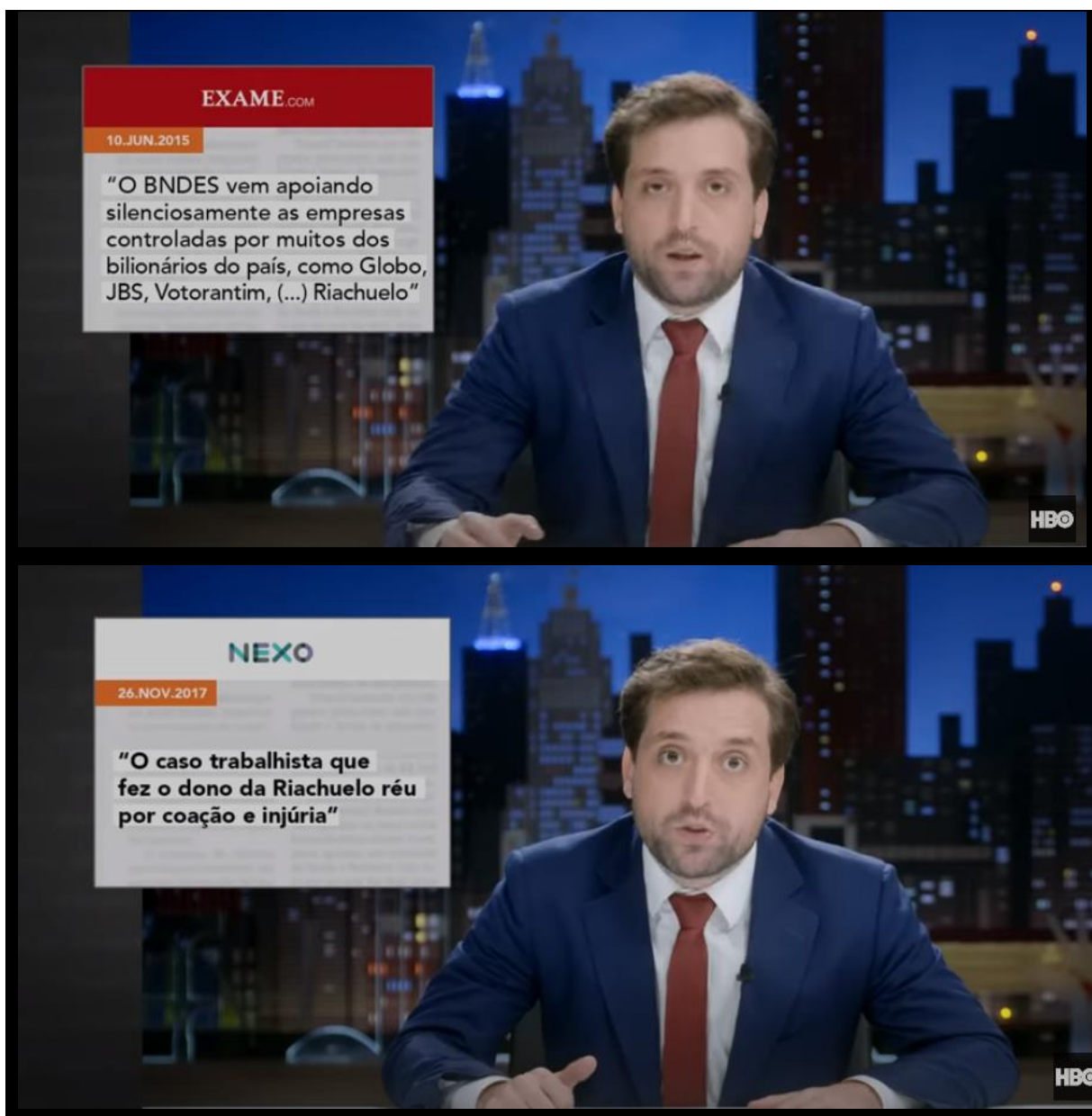
Figura 65 – *Greg News*: o apoio de Latino à pré-candidatura de Flávio Rocha



Fonte: Reprodução HBO.

O liberalismo no Brasil assume feições de fato deturpadas, assinala Duvivier ironizando: “Não dá para ser metade liberal, metade conservador, a não ser que você seja bilionário e dono da Riachuelo, que consegue empréstimos a juros bem baixos do BNDES e é acusada de exploração de trabalho escravo.” (Figura 66).

Figura 66 – Greg News: a adequação do liberalismo aos interesses de grupos bilionários no Brasil



Fonte: Reprodução HBO.

E o discurso de outro pré-candidato à presidência, João Amoedo (Partido Novo), não é muito diferente do de Flávio Rocha, mostra Duvivier ao reproduzir um vídeo do programa “Roda Viva” em que Amoedo é questionado se ele se define como um candidato liberal ou

conservador, ao que ele responde ser um liberal na economia e conservador nos costumes (Figura 67).

Figura 67 – *Greg News*: João Amoedo (NOVO), liberal na economia e conservador nos costumes



Fonte: Reprodução HBO.

Interpretando a fala de Amoedo, Duvivier diz: “O Estado não tem que se meter no mercado, mas tem que se meter no seu cu”. Em outro vídeo reproduzido pelo programa, Amoedo reitera sua noção de liberal na economia e conservador nos costumes ao se posicionar contra o aborto, a não ser em casos previstos em lei (Figura 68). “Como alguém pode se declarar liberal controlando o que a pessoa faz com o próprio corpo?”, questiona Duvivier, que traz dados alarmantes sobre o aborto no Brasil (Figura 69).

Figura 68 – Greg News: a posição de João Amoedo (NOVO) sobre a legalização do aborto



Fonte: Reprodução HBO.

Em seguida, Duvivier traz dados sobre o aborto no Brasil (Figura 69).

Figura 69 – Greg News: dados sobre o aborto do Brasil

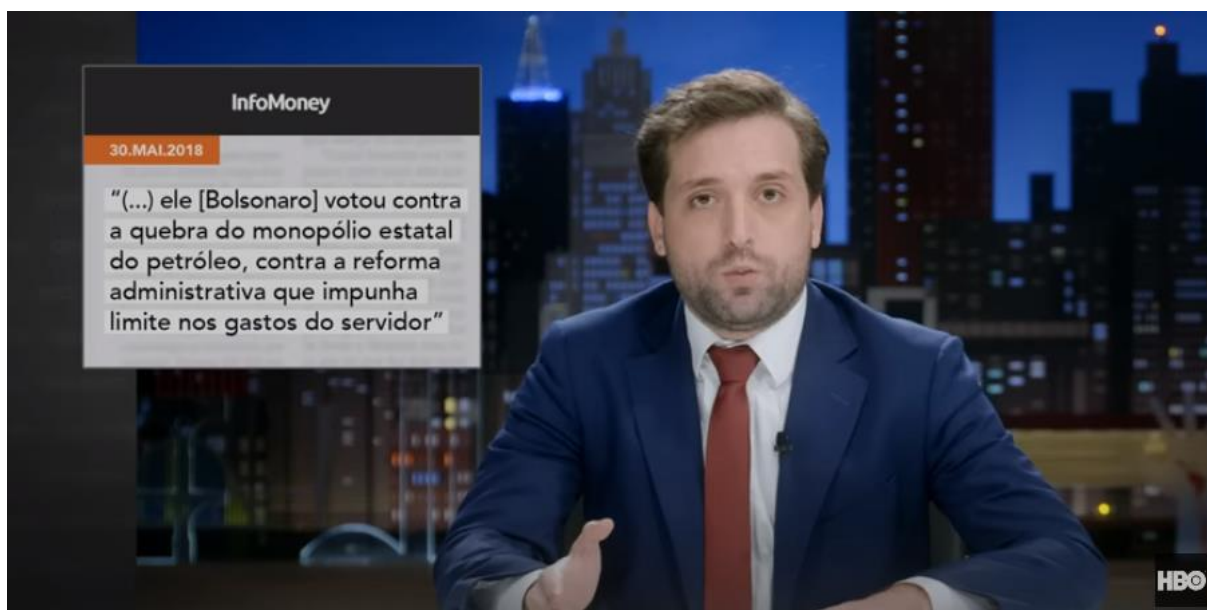


Fonte: Reprodução HBO.

Ou seja, conclui Duvivier: esses “falsos liberais” estão simplesmente jogando para a plateia, afirmam o que a maioria quer ouvir, mesmo que para isso eles abandonem tudo o que é de base liberal.

Outra incongruência: na contramão de um dos princípios do liberalismo econômico, a não-intervenção do Estado, o pré-candidato Jair Bolsonaro – que anunciou liberal Paulo Guedes como Ministro da Economia – votou contra a quebra do monopólio estatal do petróleo e contra a reforma administrativa que impunha limite de gastos ao servidor (Figura 70).

Figura 70 – Greg News: incongruências de Bolsonaro



Fonte: Reprodução HBO.

Os “falsos liberais” também não falam sobre taxar heranças, conforme preconizou o teórico liberal John Stuart Mill, acrescenta Duvivier (Figura 71).

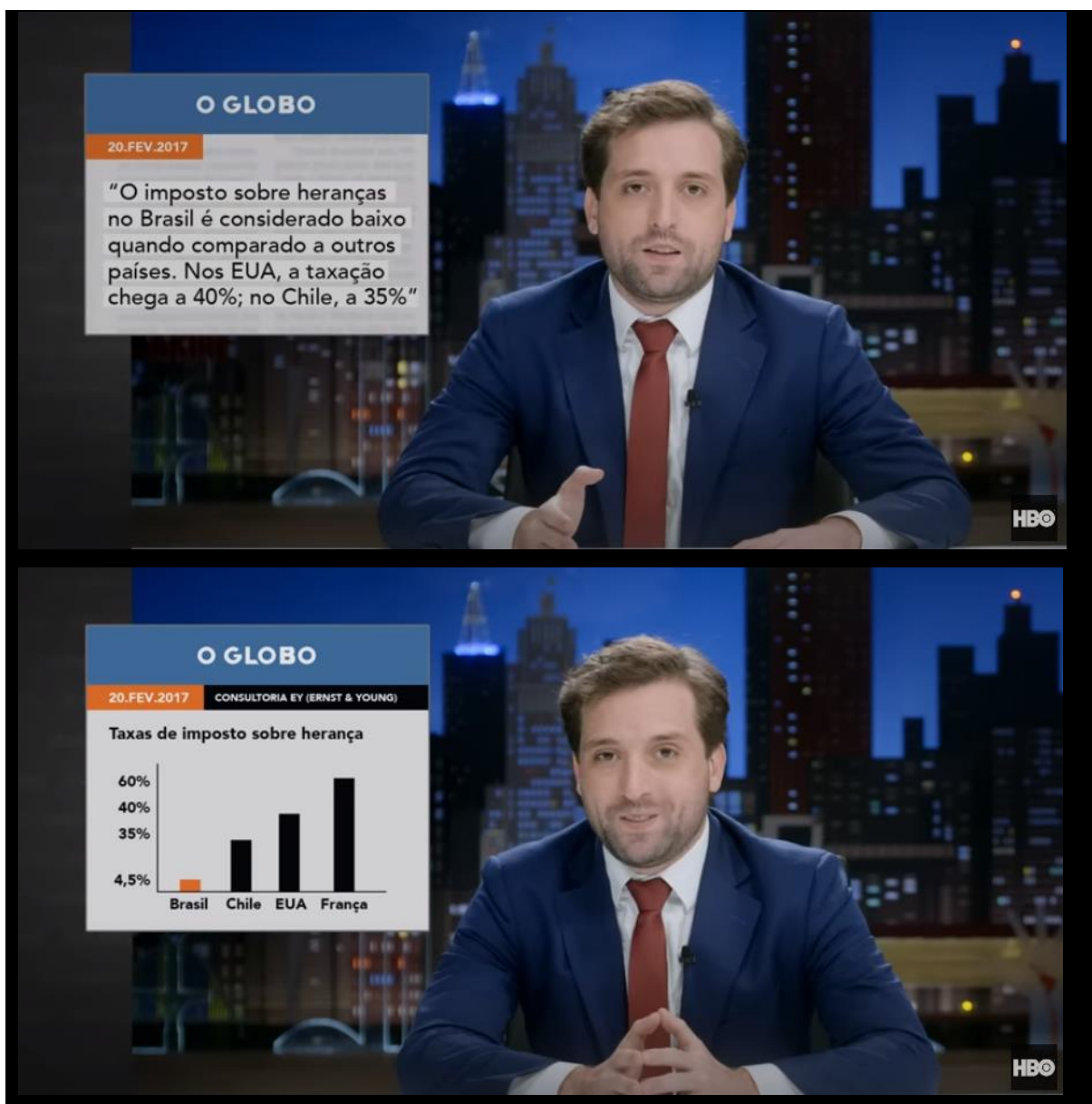
Figura 71 – Greg News: o liberalismo e a defesa da taxaço de grandes fortunas



Fonte: Reprodução HBO.

Em seguida, são trazidos dados sobre impostos cobrados sobre heranças no Brasil (Figura 72).

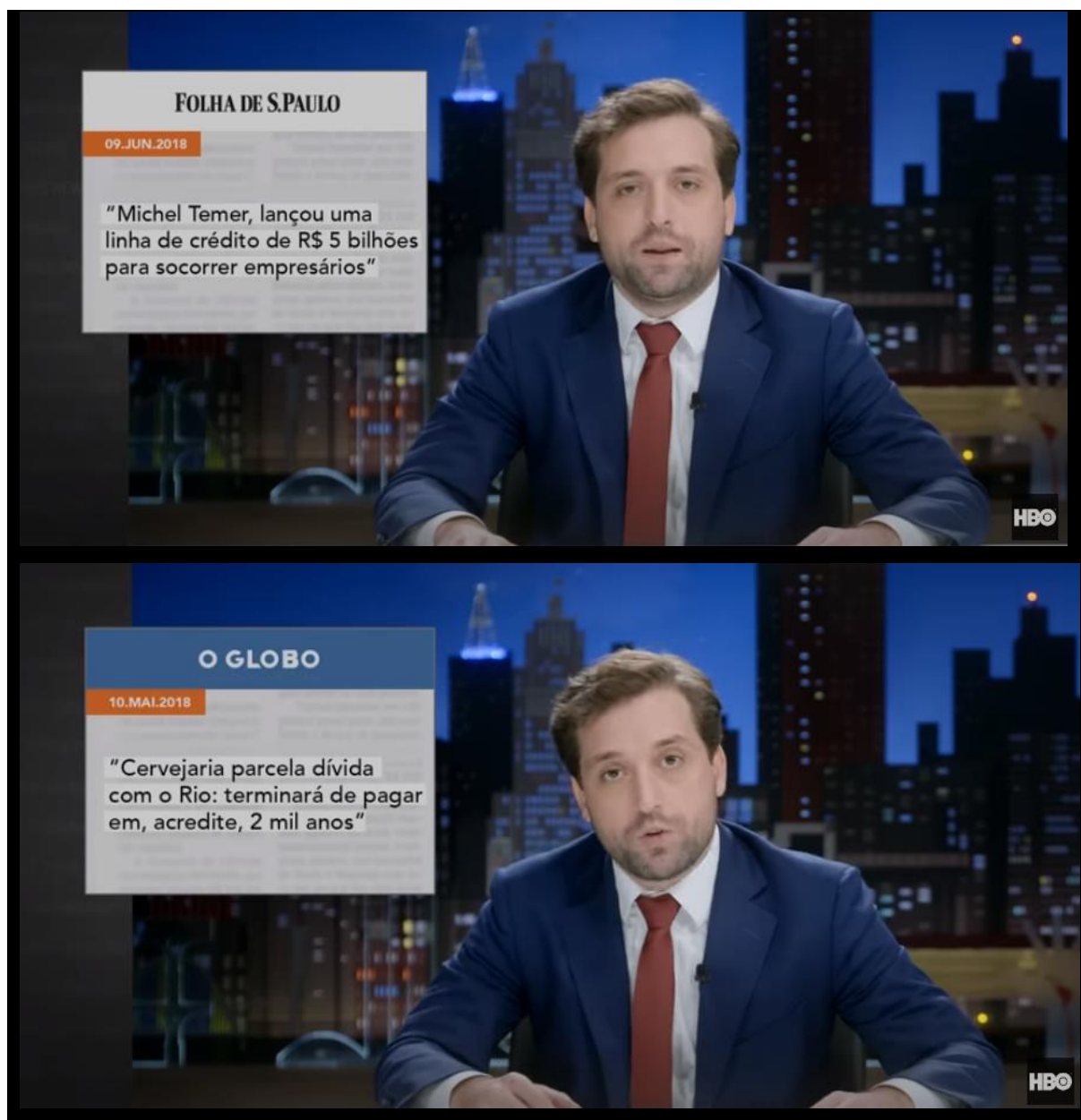
Figura 72 – Greg News: impostos cobrados sobre heranças no Brasil



Fonte: Reprodução HBO.

Reportando-se aos pré-candidatos à presidência em 2018, Duvivier afirma: “Nossos presidenciáveis, os jovens ditos liberais, reclamam de um Estado máximo nas políticas sociais, mas não se posicionam quando esse mesmo Estado lança linhas de crédito para salvar empresas ou renegocia dívidas da cervejaria Itaipava” (Figura 73).

Figura 73 – Greg News: a intervenção do Estado em favor das grandes fortunas



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier também indica que os “falsos liberais” também parecem não se incomodar com a concentração de renda e poder no Brasil (Figura 74).

Figura 74 – Greg News: a concentração de renda no Brasil



Fonte: Reprodução HBO.

Em suma, o programa mostra que os conservadores brasileiros são a síntese da incongruência, na medida em que se alegam liberais e negam pontos basilares defendidos pela doutrina liberal clássica: concentração econômica de poder, privilégios hereditários, dinastias familiares. Duvivier aponta que nenhum desses “falsos liberais” se dedica a desconcentrar riquezas e a promover a liberdade. Na verdade, muitos deles definem como “comunista” quem defende a taxaço de heranças, a igualdade de liberdade e de oportunidade:

Por isso não se engane: candidatos que se dizem liberais, mas que estão mais preocupados com a liberdade de ganhar dinheiro do que com a igualdade de oportunidades não são liberais. Candidatos que estão mais preocupados com a liberdade de carregar armas do que com a liberdade da mulher de poder controlar sua vida reprodutiva não são liberais. Meia liberdade não é liberdade. A liberdade de verdade precisa ser real.

O programa é encerrado com uma paródia de “Libera geral” de Xuxa. A letra da música, a seguir reproduzida, traz os nomes dos teóricos do liberalismo e sua deturpação pelos políticos conservadores brasileiros (representados, na música, pelos direitistas Kim Kataguiri, Joice Hasselmann e João Doria). A escolha da *socialite* debochada Narcisa Tamborindéguy para cantar, trazendo adereços similares aos de Xuxa (Figura 75), amplia o poder irônico da letra, uma vez que se trata de uma figura que representa própria negação das bases do liberalismo tradicional (concentração econômica de poder, privilégios hereditários, dinastias familiares) questionando o liberalismo à brasileira.

Figura 75 – Greg News: participação da *socialite* Narcisa Tamborindugy no episódio “Liberalismo”



Fonte: Reprodução HBO.

Ai que loucura, ai que badalo!
 Libera real, libera real, libera real
 Libera aborto!
 Libera real, libera real, libera real
 Libera erva!
 Libera real, libera real, libera real
 Libera gays!
 Libera real, libera real, libera real
 Libera tudo!
 O Adam Smith não tá mais aqui
 E Thomas Hobbes não pode mais te ouvir
 As ideias deles não absorveu
 Acha que é realeza, mas é só plebeu
 O cu e útero vai fiscalizar
 Mas a herança você não quer taxar
 Libera real, libera real, libera real
 Libera Kim!
 Libera real, libera real, libera real
 Libera Joice!
 Libera real, libera real, libera real
 Libera Novo!
 Libera real, libera real, libera real
 Libera Doria!
 Libera o mercado pra competir
 Mas legaliza *beck* pra geral sorrir
 Não vem falar em meritocracia
 Se só trabalhou na empresa da família
 Por favor escute esse refrão
 Liberalismo é mais que ostentação
 Libera real, libera real, libera real
 Então libera!
 Libera real, libera real, libera real

Então libera!
 Libera real, libera real, libera real
 Então libera!

A paródia é feita sobre uma música de Xuxa “Libera Geral” que foi lançada em 1997. A escolha da música a ser parodiada pode ser por conta do alcance da apresentadora que é um dos mais fortes produtos da Indústria Cultural no Brasil.

Ao analisarmos os *frames* do clipe da paródia, podemos perceber que o cenário em *Chroma Key* foi a mesma escolha que o clipe oficial da música. No clipe oficial Xuxa veste um fraque, sem gravata e uma camiseta misturando os estilos e usa dois rabos no cabelo. Ainda no clipe oficial, são inseridas imagens com estilo de animação que remetem a cenários do Rio de Janeiro e insere de pessoas dançando, como idosos, enfermeiras, garis, entre outros.

No clipe da paródia, temos Narcisa Tamborindeguy, uma *socialite* brasileira, com uma roupa que lembra a que Xuxa vestia no clipe oficial: peças de alfaiataria, blazer, camisa e calça. Trata-se de uma roupa masculinizada, mas com grandes adereços, brincos e colares que remetem ao imaginário popular acerca de uma mulher abastada. Ela também usa dois rabos no cabelo, fazendo uma *performance* paródica que se aproxima do ridículo. No *Chroma Key* são inseridas imagens em forma de animação que remetem a monumentos de Brasília, Praça dos Três Poderes, Esplanada dos Ministérios e Igreja de Nossa Senhora de Fátima projetada por Oscar Niemeyer. O ápice da ironia está no fato de *socialite* solicitar a taxaço de grandes fortunas.

O liberalismo constitui um dos temas mais complexos, na medida em que sua teoria sofreu e ainda sofre uma série de redefinições. A título de exemplo, podemos mencionar o ordoliberalismo, elaborado na Alemanha, na década de 1930, a fim de constituir um sistema liberal e democrático que gerasse um progresso econômico ao país. Naquele contexto, a Alemanha acabava de sair da República de Weimar, em que a combinação entre os monopólios, a proximidade excessiva entre empresas e governo, a hiperinflação e desorganização política levou a uma crise social, a qual facilitaria a chegada de Adolf Hitler ao poder.

Na contemporaneidade, além da autonomia da economia em relação ao político, o liberalismo transmutou-se em psicologia moral:

A autonomia da economia, sua posição de discurso de poder ilimitado na definição das orientações de gestão social, caminha juntamente com a legitimação cada vez mais clara de suas injunções como uma psicologia moral, ou seja, como um discurso no qual se articulam injunções morais e pressuposições a respeito de desenvolvimento e maturação. (SAFATLE, 2002, p. 13-14).

É óbvio que *Greg News* não entraria em uma contenda de debates teóricos para definir o que o programa entende por liberalismo e por neoliberalismo. Contudo, fica evidente sua manifestação a respeito da psicologia moral conduzida pelo conservadorismo no Brasil. Dito de outro modo, o programa busca elucidar que o liberalismo, conforme concepção da ultradireita brasileira, não passa de um “falso liberalismo”, se levarmos em conta a doutrina clássica. Para além, o programa mostra a atuação de cerceamento moral conduzida por esses “falsos liberais”, sem desconsiderar a adesão cega dos mesmos ao mercado financeiro. Em nenhum momento *Greg News* defende a sobreposição do sistema financeiro às políticas sociais orquestradas pelo Estado. Isso fica bastante evidente no episódio subsequente – “Lula e a conciliação” – em que Duvivier, ao mesmo tempo em que reconhece os avanços sociais trazidos pela Era Petista, aponta como sendo a sua principal fragilidade a adesão ao mercado financeiro representado pelos bancos.

Se entendermos o neoliberalismo como uma resposta política às conquistas sociais obtidas majoritariamente pela via estatal, conforme o conceito mais corrente, podemos inferir que *Greg News* afronta o neoliberalismo, na medida em que seu discurso apoia as políticas sociais desenvolvidas pela Era Petista, tendo como alvo de crítica exatamente o viés liberal associado ao perfil conciliatório de Lula com o mercado financeiro. Tal conciliação, veremos a seguir, é tratada como uma espécie de acordo artificial, uma vez que as disparidades sociais no Brasil evidenciam a existência de interesses inconciliáveis. Essa conciliação se voltaria, mostrará Duvivier, contra a própria esquerda, como atestam o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2015 que o programa aponta como um golpe e na própria condução tendenciosa do lavajatismo que levaria à prisão de Lula.

4.2.3. “Lula e a conciliação”

O episódio “Lula e a conciliação” foi ao ar em 29 de junho de 2018.⁹⁶ Lembremos que nesse momento Lula estava preso (desde o dia 07 abril de 2018) junto à Superintendência Federal de Curitiba e era principal nome a ser lançado pelo PT como pré-candidato às eleições presidenciais de 2018 para cumprir o seu terceiro mandato. Em todas as pesquisas daquele ano, vislumbrando os mais variados cenários, uma vez que ainda não havíamos definições de candidatos e coligações, Lula ocupava primeiro lugar no primeiro turno e em um possível segundo turno.

⁹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=CNbd1PAeDXw>

Esse episódio traça o mesmo roteiro dos demais: empreende uma introdução que aparentemente desvia do núcleo temático central ao fazer alusões aparentemente descontextualizadas e/ou banais, mas, ao final do percurso, o apresentador consegue amarrar todos os possíveis escólios e justifica a presença de tais alusões. Portanto, cabe a nós, espectadores, acompanhar esse trajeto, deixando-nos guiar pelos aparentes desvios, para reunir os fragmentos que compõem o discurso e compreendermos, de uma perspectiva crítica, o sumo da mensagem transmitida.

O primeiro passo dado por Duvivier é definir a noção de conciliação, que compõe o título do episódio. Na qualidade de um *programa humorístico*, o apresentador recorre a expressões de uso corrente, sobretudo usado por mães quando repreendem seus filhos em situações de contenda. Diz Duvivier: “Conciliação, mais conhecido como ‘deixa disso’, ‘abraça sua irmã’, ‘não quero saber quem começou’, ‘se não parar com isso, vou dar um tapa pra trás e em quem pegar pegou’” (Figura 76).

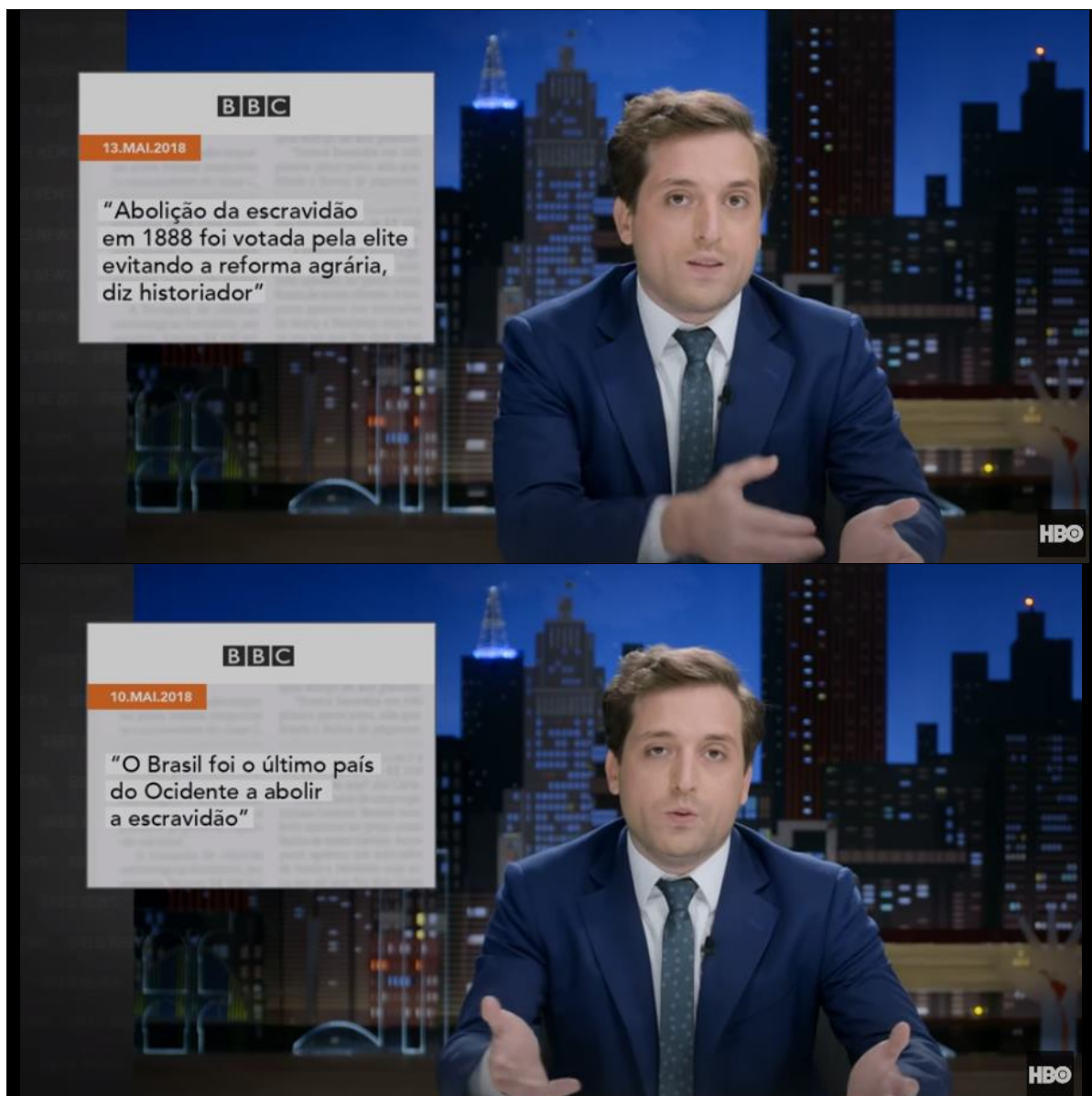
Figura 76 – Greg News: conciliação



Fonte: Reprodução HBO.

Após essa definição digamos, superficial, Duvivier afirma que conciliação é um modelo de solução recorrente no Brasil. Justificando a asserção, ele acrescenta dados sobre história do Brasil: a nossa Independência foi uma *conciliação* entre o interesse dos colonos e a garantia do protagonismo português, tanto é que ela foi declarada pelo próprio monarca; a abolição da escravatura foi a *conciliação* promovida pela elite a fim de evitar uma reforma agrária, ademais, o Brasil já era o último país do ocidente onde a escravatura ocorria (Figura 77).

Figura 77 – Greg News: a abolição como uma acomodação de interesses da elite local e de colonos portugueses



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier recorre a outro dado sobre a conciliação como processo intrínseco à história brasileira: a proclamação da República em 1889 foi a *conciliação* da elite latifundiária com o exército, quando não fazia mais sentido para esses setores continuar apoiando a monarquia. Aliás, a ditadura no Brasil, instaurada pelo Golpe Militar de 1964, terminou de forma conciliatória, pontua com merecida ironia Duvivier ao se referir à anistia: “Todo mundo estava errado, não importa quem começou, não importa quem torturou e estuprou, vamos dar as mãos e fazer uma grande ciranda chamada democracia”.

Embora o programa não cite referências teóricas no campo da teoria política, a ideia de que a história brasileira se instituiu como uma acomodação de interesses da classe dominante sem se livrar da segregação social foi descrita por vários historiadores e sociólogos.

Feito esse preâmbulo sobre o conceito-guia do episódio (qual seja: conciliação), Duvivier chega à figura de Lula, afirmando que, nos últimos anos, o Brasil teve um conciliador mais eficaz. “Um conciliador que conseguiu acalmar tanto os banqueiros quanto a parcela mais pobre da população, conseguiu apaziguar tanto os sindicatos quanto os donos das empresas e conseguiu conciliar na mesma chapa inimigos históricos, como o PT e o PMDB: Luiz Inácio Lula da Silva, filho de Garanhuns, rei de São Bernardo” (Figura 78). É sobre essas conciliações empreendidas por Lula e seus desdobramos que o episódio se debruçará.

Figura 78 – Greg News: Lula, um conciliador



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier afirma que não importa de que lado se esteja, Lula sempre desperta alguma coisa. É tipo Neymar, com a diferença de que “só um deles tirou 40 milhões da miséria, enquanto o outro só tirou o pai da miséria”.

Esse subterfúgio – a comparação, aparentemente despropositada entre política e futebol – constitui um *recurso de humor*, que carece da associação esdrúxula e inesperada para arrancar o riso. Contudo, isso não implica um esvaziamento do discurso ou uma tentativa de tergiversação, como veremos. Sem se desviar de seu perfil humorístico, em nenhum momento o programa perde o viés da complexidade no enquadramento dos fatos políticos conforme se anunciavam naquele contexto.

Duvivier afirma que ambos – Lula e Neymar – são abominados por uns e idolatrados por outros. No caso de Neymar, o maior fã é o Tiago Leifert (o qual chama o jogador pela alcunha de “Menino Ney”), que, aliás, escreveu uma “carta de amor” para Neymar em seu programa na Globo, “Central da Copa”. O vídeo em que Leifert narra tal carta é reproduzido por Duvivier (Figura 79).

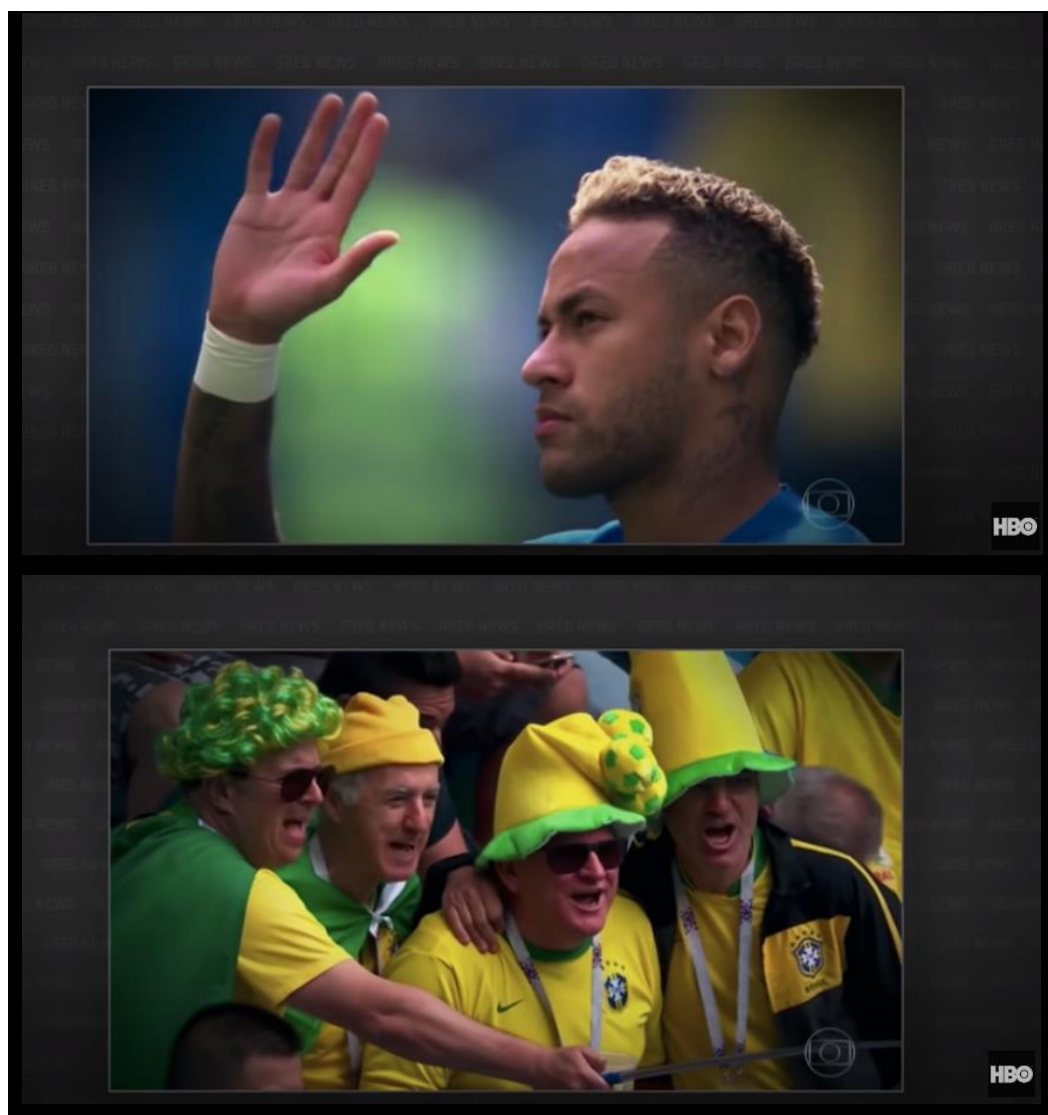
Vejamos a seguir o teor da carta, pois o episódio se encerra com uma paráfrase muito cômica e irônica da mesma.

“Oi, Ney,
Já eu falo com você, antes vou bater um papo com quem está assistindo a gente aqui.
Você que está assistindo à “Central da Copa”, eu não sei a sua idade,
Mas, com 26 anos, onde você estava ou vai estar?”

E a tal carta prossegue, agora com as sugestões de Leifert endereçadas a Neymar:

“Então, da próxima vez, mano, pega de primeira de esquerda,
Arrasta o zagueiro para dentro do gol,
Arranca o braço dele fora.”

Figura 79 – Greg News: reprodução de “Central da Copa” (Globo)



Fonte: Reprodução HBO.

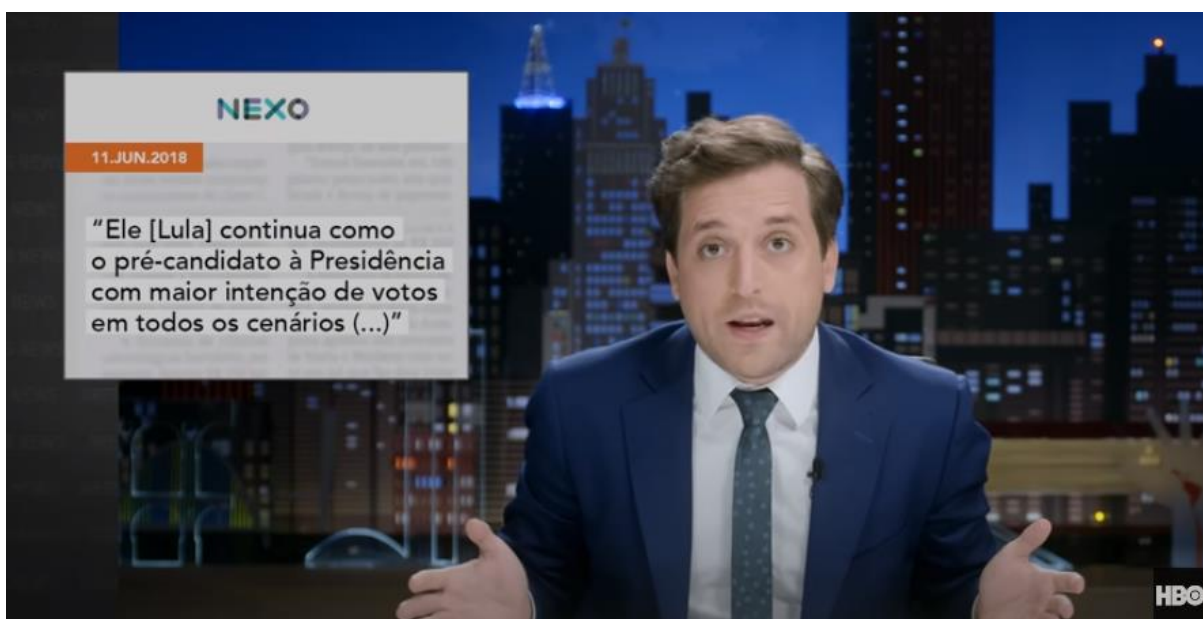
Duvivier comenta: “Não bastasse o brasileiro ter que aturar o Neymar, ainda tem que tomar esporro do Tiago Leifert”. E completa: “Aliás, eu nunca entendi o que ele está fazendo apresentando um programa, ele tem o maior jeitão de auxiliar de enfermagem: o carisma de um catéter”. Sobre o comentário de Leifert – “Então da próxima vez, mano, pega de primeira de esquerda, arrasta o zagueiro para dentro do gol com você, arranca o braço dele fora” –, Duvivier debocha: “Eu não entendo muito de futebol, não, mas acho que arrancar o braço do zagueiro é falta.”

Observemos que a figura de Neymar – assim como a camiseta da seleção brasileira vestida por uma elite branca e todos os símbolos nacionais, confiscados pela ultradireita para simbolizá-la – não se restringe ao sujeito empírico na qualidade de um profissional esportivo,

na medida em que tudo o que Neymar representava e as posições por ele assumidas passaram, nos últimos anos, a serem vinculadas ao ufanismo da extrema direita reacionária. Tanto é que, mais adiante, já no contexto propriamente dito das eleições, Neymar apoiaria publicamente a candidatura de Bolsonaro. Por essa razão, a alusão a Neymar é uma espécie de *metonímia* (figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente pensado) e assume um tom provocativo, próprio do humor praticado por *Greg News*.

Mas voltando a Lula: mediante o contraste da biografia de Lula com o vídeo sobre a trajetória de Neymar, Duvivier afirma que, aos 26 anos de idade, Lula estava tomando posse como primeiro secretário dos metalúrgicos. Duvivier comenta que a única coisa certa (no momento em que o episódio foi produzido) com relação às eleições de 2018 é que havia mais desistentes do que pré-candidatos. Ademais, segue Duvivier: “quer você goste ou não, o Lula ganha em todos os cenários possíveis e isso de dentro da cadeia” (Figura 80).

Figura 80 – *Greg News*: pesquisa sobre os pré-candidatos às eleições de 2018



Fonte: Reprodução HBO.

Daí em diante, Duvivier traça toda a trajetória política de Lula. Explica que ele surgiu na política como metalúrgico durante os anos 1970, justamente quando a ditadura reprimia violentamente as greves (Figura 81). Trata-se de um contexto, prossegue o apresentador, em que era preciso muito jogo de cintura para defender os trabalhadores sem emprego. Uma das

primeiras estratégias de Lula foi levar as assembleias para a porta das fábricas, já que os operários não iam até o sindicato.

Figura 81 – *Greg News*: Lula e a greve dos metalúrgicos nos anos 1970



Fonte: Reprodução HBO.

Enfim, Duvivier chega ao tema do episódio, conforme indicado na introdução – “Lula e a conciliação” –, informando que, nos anos 1970, Lula sela sua habilidade conciliatória: ele conseguiu junto aos trabalhadores uma trégua de 45 dias na greve para negociar com os patrões: “Foi aí que Lula usou pela primeira vez seu superpoder de caminhar sobre as massas”, pontua Duvivier (Figura 82).

Figura 82 – *Greg News*: Lula carregado pelos metalúrgicos do ABC nos anos 1970



Fonte: Reprodução HBO.

E prossegue explicando, de modo muito sumário, o surgimento do PT: “havia a necessidade de se criar um partido que representasse toda essa gente trabalhadora, de onde a criação do PT”, pontua Duvivier. Segundo o apresentador, depois da criação do partido, a conciliação ficou mais difícil: Lula foi enquadrado na lei de segurança nacional, por conta das greves do sindicato, quando ele ficou preso por um mês. E a partir de então, sua militância no PT não foi muito de conciliar com o mercado, como foi amplamente explorado por seu adversário nas eleições presidenciais de 1989, Fernando Collor, que atribuía a Lula a ideia do risco ao associá-lo ao marxismo soviético. Vale acrescentar que estávamos em plena Guerra Fria, pois a queda da URSS só ocorreria em 1991.

É nesse cenário que, no trecho da campanha de 1989 reproduzido por Duvivier (Figura 83), Collor afirma que, de um lado, estaria a candidatura do centro democrático por ele representado; do outro lado, estaria uma candidatura que sustenta teses marxistas, estatizantes e que não primam pelos princípios democráticos consagrados na nova Carta Constitucional (Constituição de 1988).

Figura 83 – Greg News: Fernando Collor (campanha eleitoral de 1989)



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier prossegue indicando que Lula precisou perder quatro eleições, ou seja, precisou de duas décadas para perceber que precisava retomar sua atitude conciliatória para conseguir sair vitorioso nas eleições. E isso viria expresso na carta publicada por Lula em junho de 2002 com vistas a acalmar o mercado financeiro (Figura 84). E, de fato, naquele ano – que sela, como se costuma dizer, a passagem do “risco-Lula” para o “Lula *light*” ou o “Lulinha paz e amor” – Lula conseguiria adentrar o Planalto pela primeira vez como Presidente do Brasil.

Figura 84 – Greg News: Carta de Lula para o mercado financeiro (campanha eleitoral de 2002)



Fonte: Reprodução HBO.

E Lula cumpriu sua promessa, mostra Duvivier saltando para um vídeo em que Lula, já em seu primeiro mandato como presidente, afirma que durante o seu governo os bancos tiveram o maior lucro da história brasileira (Figura 85).

Figura 85 – *Greg News*: declaração de Lula sobre o lucro dos bancos durante seu primeiro mandato como presidente



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier mostra a seguir o ônus da atitude conciliatória, uma vez que a conciliação, como sabemos, implica concessões. Lula conquista a confiança com o mercado financeiro em 2003 – portanto, já no primeiro ano de governo – com a reforma da previdência que dava continuidade à proposta iniciada por FHC: a PEC 40 acabava com a aposentadoria integral dos futuros servidores públicos. “E se fosse proposta do Temer, estávamos na rua gritando ‘Não passarão’, afirma Duvivier. A proposta tramitou rapidamente pelo Congresso, recebeu apoio massivo da oposição comandada pelo PSDB e pelo então PFL (atual DEM).

O PT rachou nessa votação, explica o apresentador: quem não concordou com a reforma foi expulso do partido, como é o caso de Heloísa Helena, atualmente filiada à Rede de Sustentabilidade, e Luciana Genro, que seria uma das fundadoras do PSOL (Figura 86).

Figura 86 – Greg News: a reforma previdenciária, a concessão ao mercado financeiro e o racha no PT (2003)



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier explica que a reforma da previdência foi o estopim para o surgimento do PSOL dois anos mais tarde: antigos companheiros que acreditavam que o PT estava conciliando demais criam o novo partido. “Enquanto alguns pulavam fora do barco, outros pulavam dentro, como o empresário Eike Batista”, cita Duvivier (Figura 87). Com esse comentário, Duvivier insinua um certo afastamento petista de suas bases ideológicas.

Figura 87 – Greg News: o apoio do empresário Eike Batista a Lula



Fonte: Reprodução HBO.

A despeito do escândalo do Mensalão (que nada mais foi que “a compra de conciliação com o Congresso”), com o qual jamais foi provado seu envolvimento direto, Lula foi reeleito em 2006 (Figura 88), indica Duvivier saltando para o segundo mandato de Lula (2007-2010).

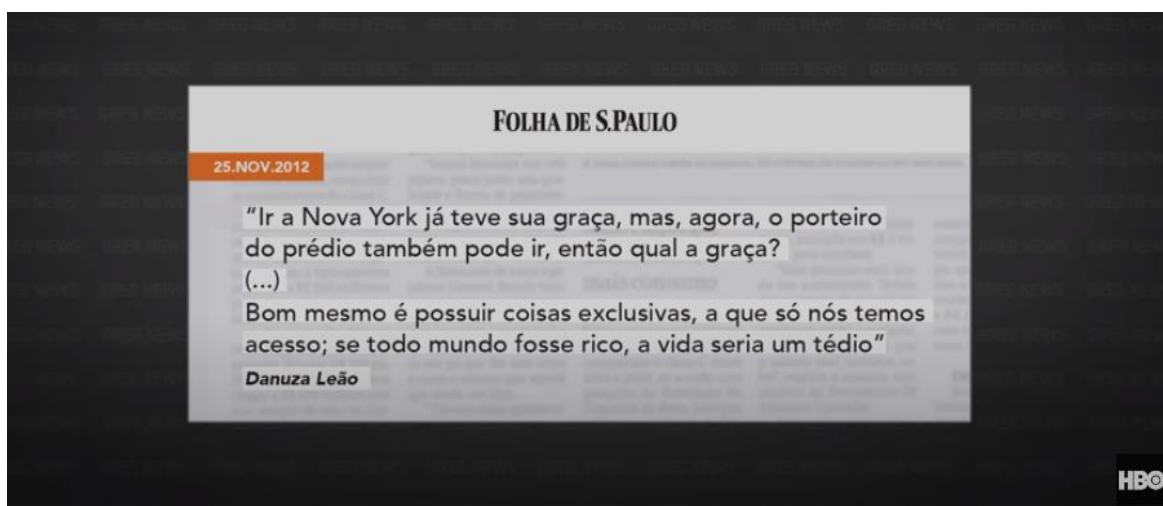
Figura 88 – Greg News: a reeleição de Lula em 2006



Fonte: Reprodução HBO.

Graças ao crescimento econômico acelerado, Lula conseguiu conciliar as políticas sociais com a manutenção do ganho dos muitos ricos. Mas o que não foi muito conciliável foi a perda de *status* de muita gente, como o de Danuza Leão, que disse o seguinte em sua coluna na *Folha de S. Paulo* (Figura 89).

Figura 89 – Greg News: a ascensão popular e a indignação da elite (coluna de Danuza Leão, *Folha de S. Paulo*)



Fonte: Reprodução HBO.

Sobre isso, comenta Duvivier: “Eu entendo: era muito mais legal ir pra Cuba, quando ninguém mandava ir toda hora. Igual ao porteiro da Danuza que está toda hora indo pra Nova Iorque: “Ô Dona Danuza, a senhora está precisando de alguma coisa da Macy's?”, debocha Duvivier fazendo referência à Macy’s New York, a maior loja de departamento do mundo.

Como mostra a indignação de Danuza, os avanços sociais conquistados pelo governo Lula foram muitos, inegáveis, alega Duvivier pontuando as principais conquistas dos dois mandatos de Lula: o Fome Zero, o aumento do valor real do salário mínimo, a geração de empregos, a redução da pobreza pela criação do Bolsa Família, a criação da farmácia popular, a construção de cisternas na região do semiárido, o reconhecimento de territórios quilombolas, o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica (Luz para Todos), a ampliação do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) o Programa Universidade Para Todos (Prouni) (Figura 90).

Figura 90 – *Greg News*: os avanços sociais nos dois mandatos de Lula (2003-2010)



Fonte: Reprodução HBO.

Contudo, analisa Duvivier, toda política conciliatória possui ônus. Um exemplo disso é o Fies: ampliado por Lula, o Fies foi responsável pela inserção de muitos estudantes em universidades privadas, mas, ao mesmo tempo, aumentou o lucro das universidades privadas, já que o governo subsidia as mensalidades. E prossegue Duvivier: Lula se tornou tão amigo de Walfrido dos Mares Guia (proprietário da Kroton, empresa brasileira no setor da educação), que fez dele seu ministro do Turismo e frequentemente pegava seus aviões particulares emprestado (Figura 91).

Figura 91 – *Greg News*: a proximidade entre Lula e Mares Guia (proprietário da Kroton)



Fonte: Reprodução HBO.

Para quebrar o tom informativo e realinhar o quadro ao programa de humor, comenta Duvivier com ar irônico: “Talvez tenha sido o Lula quem levava pessoalmente o porteiro da Danuza para Nova Iorque, só pra irritar...”. (Figura 92).

Figura 92 – Greg News: a ironia como recurso de humor



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier aponta para o lucro (199 bilhões de reais) que os bancos obtiveram durante a Era Lula (Figura 93).

Figura 93 – Greg News: o lucro dos bancos na Era Lula

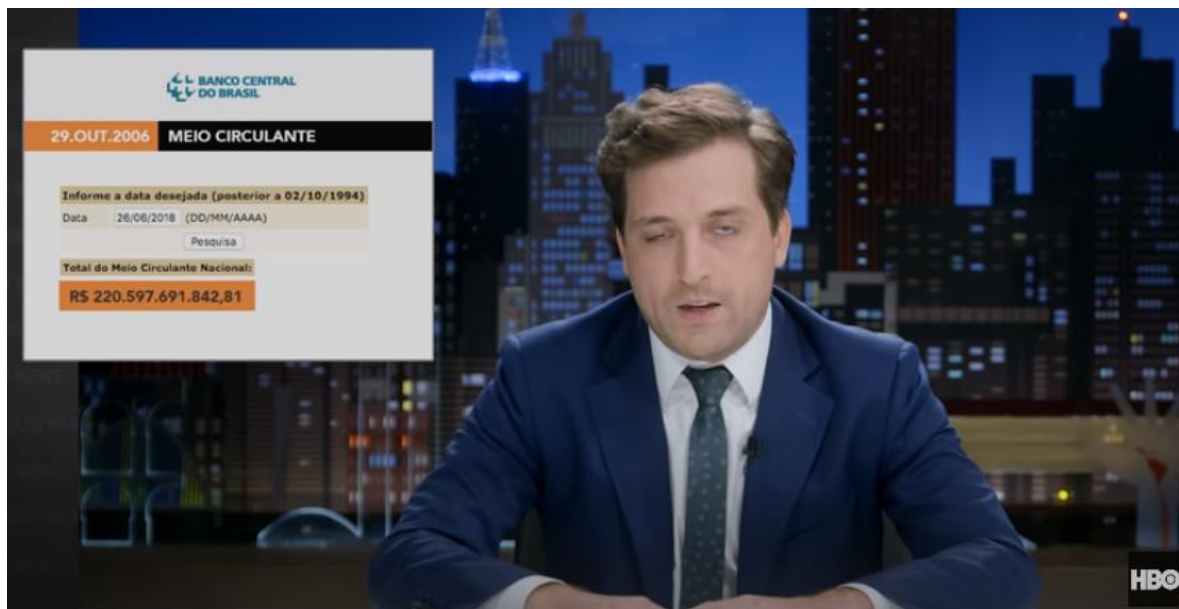


Fonte: Reprodução HBO.

Para dar ao espectador uma noção desse valor, Duvivier mostra que, segundo os últimos dados do banco central, todo dinheiro impresso que circula em moeda no Brasil inteiro soma aproximadamente 220 bilhões de reais (Figura 94). Ou seja se juntarmos todo o dinheiro (isso inclui, cita Duvivier, fazendo menção a fatos envolvendo desvio de valores, todo o dinheiro

encontrado no apartamento do Geddel, na mala do Rocha Loures e na Igreja Universal), teremos uma quantia próxima àquilo que os bancos lucraram no governo Lula.

Figura 94 – *Greg News*: valor circulante (moeda impressa)



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier endossa seu perfil *contrário ao neoliberalismo e ao mercado financeiro*, o que corrobora a posição à esquerda de *Greg News*, ao tecer uma crítica ao modelo conciliatório promovido por Lula, que – a despeito dos inúmeros avanços sociais sublinhados – não conseguiu alterar profunda e substancialmente o modelo socioeconômico do país, na medida em que os bancos foram as instituições que mais lucraram. Se o espectador conseguir, portanto, acompanhar *pari passu* o andamento argumentativo do programa, verá que *Greg News* faz frente ao neoliberalismo enquanto ideologia do capitalismo contemporâneo. Embora, não se coloque direta e nominalmente contrário aos grandes conglomerados da mídia liberal, o programa ataca os pilares da lógica perversa em que assenta essa mídia: o sistema financeiro brasileiro. E Duvivier insiste nesse ponto, quando apresenta uma entrevista em que Lula afirma: “Quando o mercado [financeiro] tem uma dor de barriga, uma diarreia daquelas insuportáveis, quem é que eles chamaram para salvá-los? O Estado, que eles negaram por vinte anos!” (Figura 95).

Figura 95 – Greg News: declaração de Lula sobre a relação do Estado com o mercado financeiro ao longo de seus mandatos

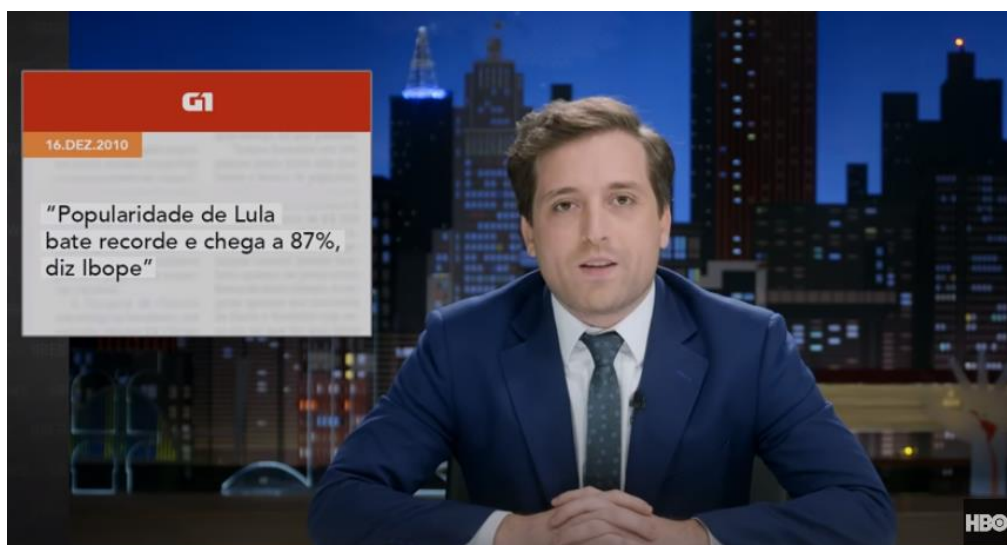


Fonte: Reprodução HBO.

Ao que Duvivier comenta: “Parece heroico, mas o que Lula está dizendo é que ele ‘limpa a bunda do mercado’, ao passo que quem deveria fazer isso, seguindo a própria lógica do mercado, seria a “mão invisível”, referindo-se ao conceito forjado por Adam Smith, como explicamos na análise do episódio “Liberalismo”.

Seguindo a apresentação da trajetória de Lula, Duvivier mostra que ao final de seu segundo mandato, Lula tinha uma aprovação de 87% (Figura 96).

Figura 96 – Greg News: popularidade de Lula ao final de seu segundo mandato como presidente



Fonte: Reprodução HBO.

Chegamos ao governo Dilma Rousseff. Duvivier comenta que, com essa popularidade, Lula escolheu quem poderia ser seu substituto: uma “ex-guerrilheira búlgara”. O apresentador explica que Dilma era uma economista que tinha ido bem no comando da Casa Civil e não estava envolvida em nenhum escândalo de corrupção e, aliás, “*não se envolveu até o final*”, sublinha Duvivier. Pois bem: Dilma foi eleita em 2010 com 56% dos votos (Figura 97).

Figura 97 – Greg News: a vitória de Dilma Rousseff em 2010



Fonte: Reprodução HBO.

Portanto, prossegue Duvivier, a primeira mulher eleita no Brasil entrou pronta para aprofundar as mudanças que Lula havia começado. A principal delas foi investir na reindustrialização do país e foi assim que ela conseguiu reduzir as tarifas de energia elétrica em 32%, gerando uma economia anual de mais de 31 bilhões de reais. Mas houve uma área em que a Dilma não foi muito conciliatória, sublinha Duvivier, mostrando uma diferença que se abre com a Era Dilma: em relação aos bancos, Dilma queria que os juros que chegam aos consumidores fossem mais baixos, pelo menos que fossem proporcionais à Selic (taxa básica de juros da economia). O jeito que ela encontrou de forçar tal proposta foi indo à televisão explicá-la, expõe Duvivier reproduzindo o vídeo de Dilma Rousseff (Figura 98).

Figura 98 – *Greg News*: Dilma Rousseff expõe em rede nacional a necessidade de baixar a taxa de juros



Fonte: Reprodução HBO.

Sobre essa posição de afronta aos juros do mercado financeiro, comenta Duvivier de modo a explicitar sua divergência com a lógica do mercado financeiro: “E foi nesse dia que eu tatuei ‘Dilmãe’ no meu antebraço”, e, em seguida, mostra uma manchete da época (Figura 99).

Figura 99 – *Greg News*: Dilma Rousseff e a redução dos juros



Fonte: Reprodução HBO.

Tanto o mercado financeiro quanto o PMDB não aceitaram de bom grado a pressão de Dilma Rousseff. O PMDB – partido do então vice-presidente, Michel Temer – passa a vetar as propostas de Dilma na Câmara, o que culminaria, como sabemos, em seu *impeachment* (Figura 100).

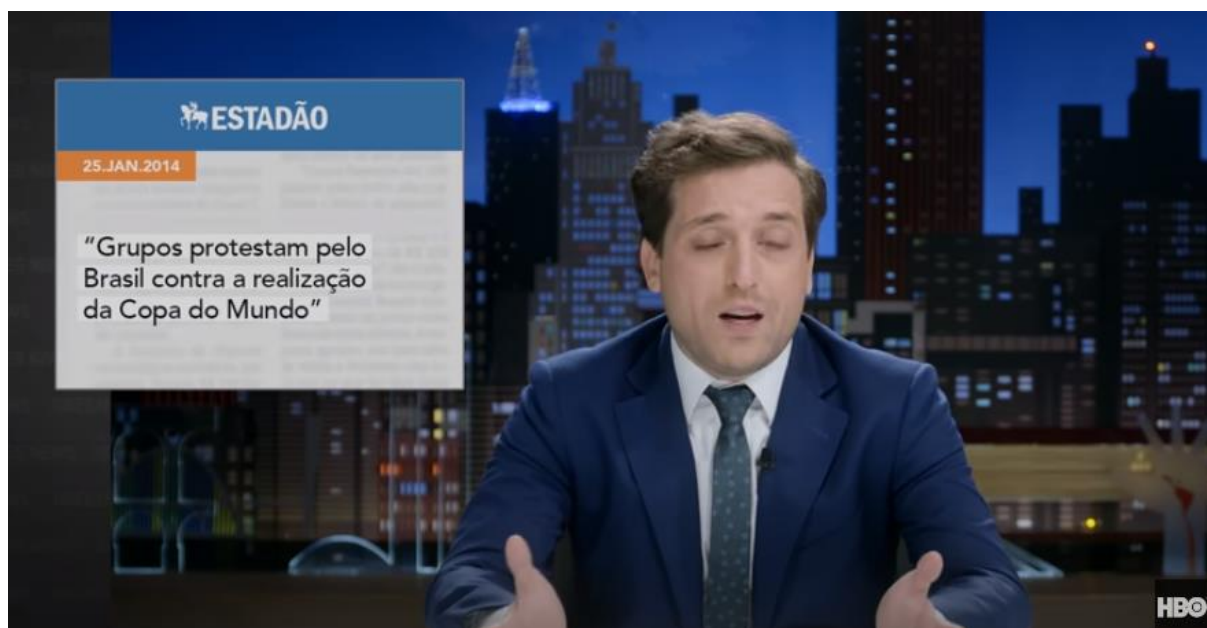
Figura 100 – Greg News: Dilma Rousseff e a oposição comandada pelo PMDB



Fonte: Reprodução HBO.

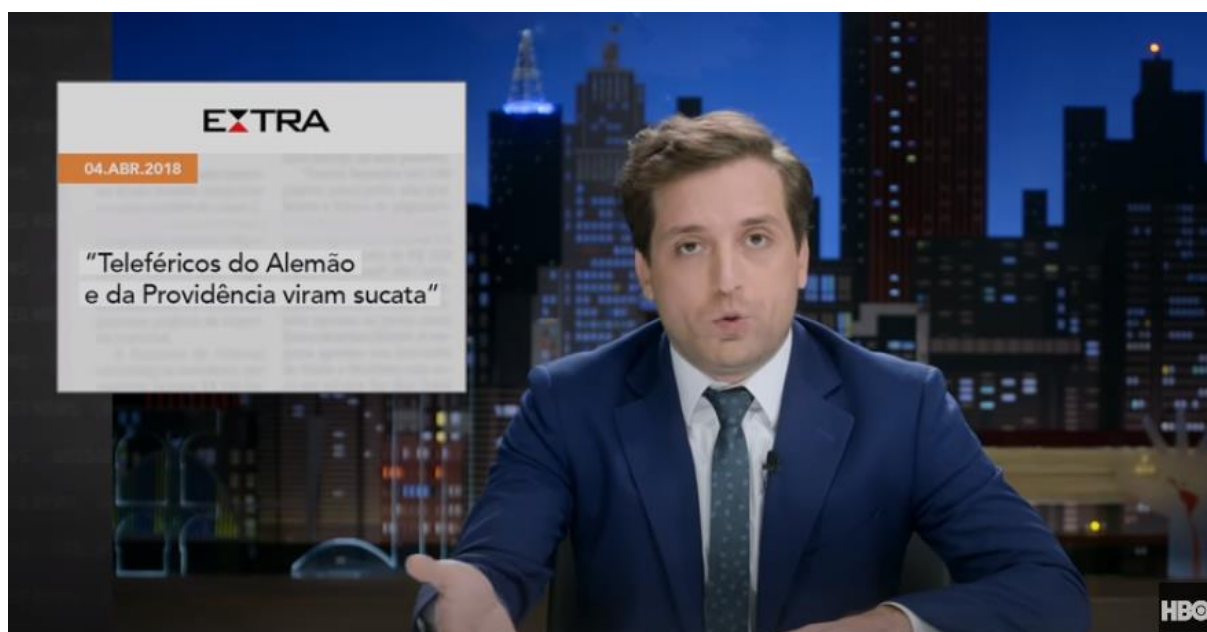
A isso, Duvivier acrescenta que, em face desse contexto, o Brasil se preparou para receber a Copa e as Olimpíadas, que seriam “o apogeu do projeto de conciliação lulista”. Ele completa dizendo que esses eventos foram uma cartada de Lula para mostrar que o Brasil havia se tornado uma potência mundial. Contudo: “Esse apogeu mostrou que a conciliação havia se tornado contradição em razão dos investimentos absurdos, que revelaram o que havia de pior nos governos petistas.” (Figura 101). Para justificar a afirmação, apresentam manchetes de jornais indicando que muitas obras viraram sucata (Figura 102).

Figura 101 – Greg News: protestos contra a realização da Copa do Mundo no Brasil



Fonte: Reprodução HBO.

Figura 102 – Greg News: obras para a Copo do Mundo viram sucata



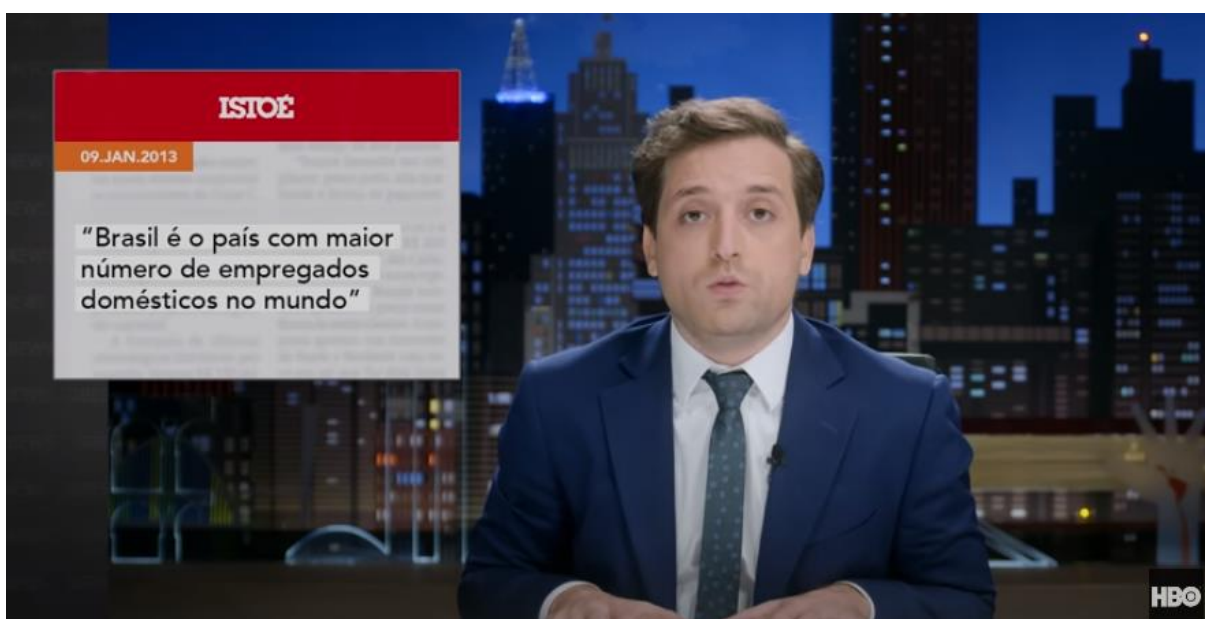
Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier comenta que a conciliação lulista não envolvia apenas banqueiros e trabalhadores, donos de universidades e estudantes pobres, mas consistia também em um projeto de conciliação política com inúmeras lideranças locais fisiológicas e corruptas. “Prefeitos e governadores, que foram essenciais para que Lula conseguisse implementar suas

políticas públicas e sociais, fizeram muita merda. E os megaeventos tornaram essa merda toda megavisível”, critica Duvivier.

Entretanto, mesmo com tudo isso, Dilma se reelegeu em 2014 e logo em 2015 sancionou a PEC 42 (que ficou conhecida como a “PEC das Domésticas”). Elogiado por Duvivier, tal medida fez muita diferença no Brasil, que é o país com o maior número de empregadas domésticas no mundo: “Tem mais empregada doméstica no Brasil do que gente na Dinamarca!”, pontua o apresentador (Figura 103).

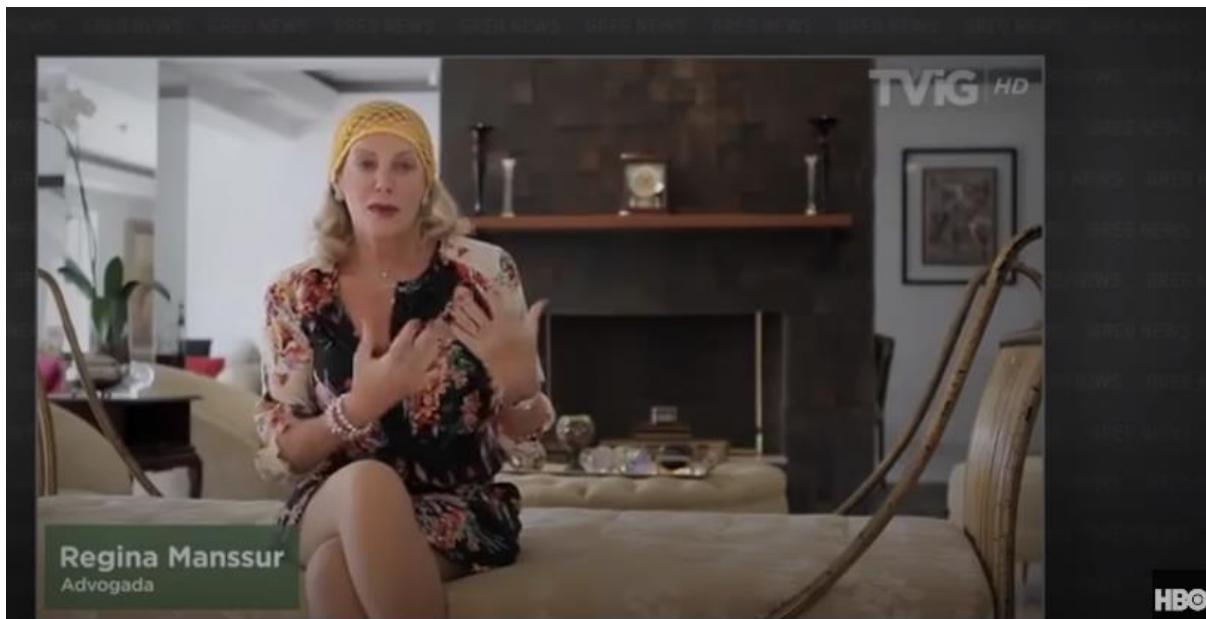
Figura 103 – Greg News: empregadas domésticas no Brasil



Fonte: Reprodução HBO.

Mas uma parte da elite brasileira não gostou muito da PEC 40, comenta Duvivier apresentando um vídeo em que a *socialite* Regina Manssur tece – sentada ao sofá de sua mansão – críticas agudas a tal medida (Figura 104).

Figura 104 – Greg News: a socialite Regina Manssur critica a PEC 42 (“PEC das Domésticas”)



Fonte: Reprodução HBO.

“Tiago Leifert diria que é fácil julgar a Regina, mas...”, ironiza Duvivier.

Dando sequência à análise conjuntural, Duvivier mostra que não era somente o ônus na contratação de empregadas domésticas que aborrecia a elite. A crise econômica também contribuiu. Para tentar se reconciliar com o mercado, Dilma substituiu Guido Mantega e por Joaquim Levy, adepto de uma linha econômica neoliberal (Figura 105).

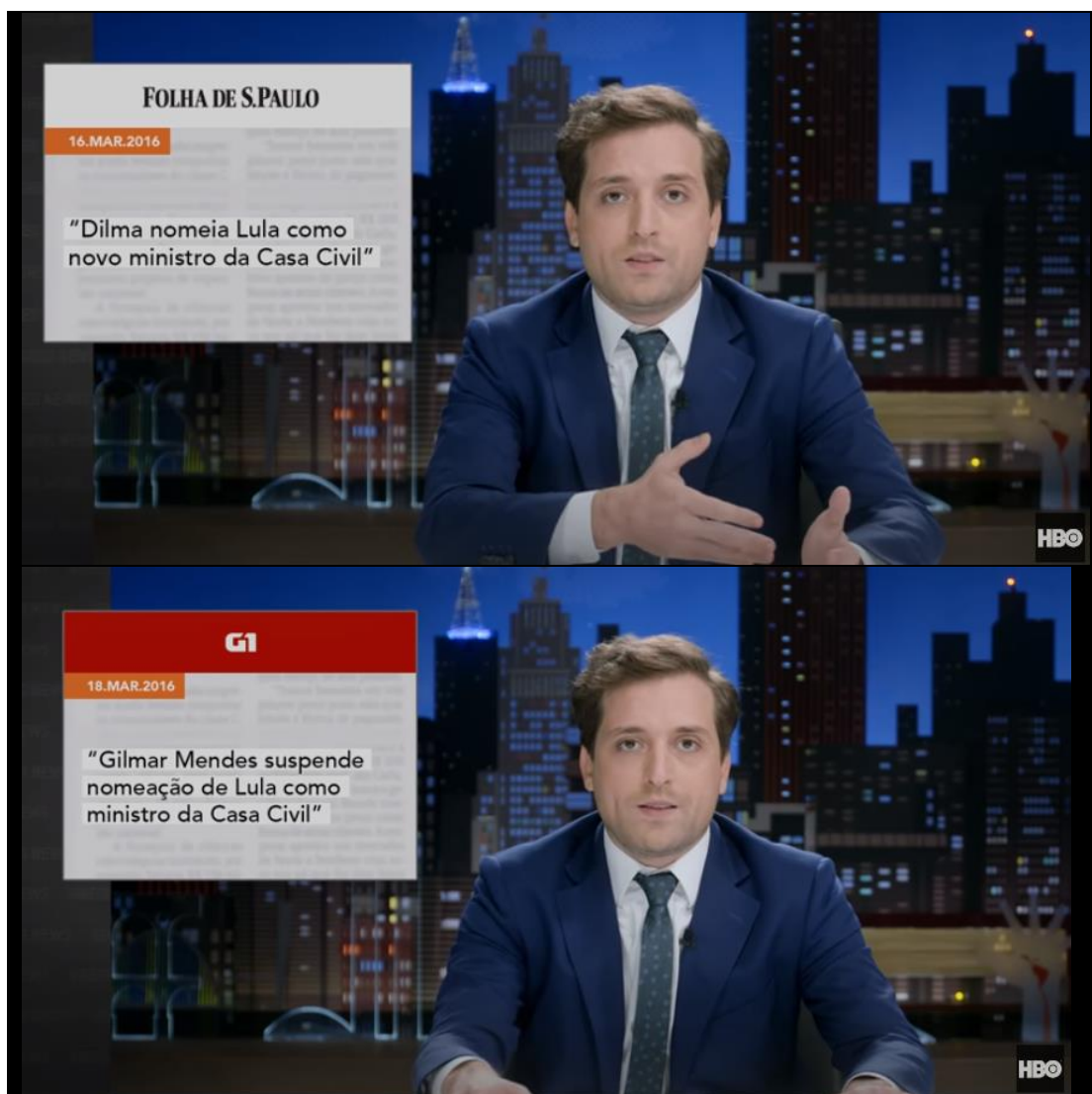
Figura 105 – Greg News: em meio à crise, Dilma substituiu Guido Mantega por Joaquim Levy



Fonte: Reprodução HBO.

Isso, contudo, além de não convencer o mercado financeiro, foi muito mal recebido pela base da esquerda, que deixou de apoiar a discípula de Lula, analisa Duvivier, mostrando que, com o avanço da Lava Jato, a rejeição a Dilma e ao PT cresceu ainda mais. Nesse ponto, diante do andamento das acusações contra Lula pela Lava Jato, Dilma já havia nomeado Lula a ministro da Casa Civil, o que valeu até o dia seguinte, quando Gilmar Mendes suspende a nomeação (Figura106).

Figura 106 – Greg News: a nomeação e a suspensão de Lula como ministro da Casa Civil



Fonte: Reprodução HBO.

Paralelamente, Lula negava as acusações orquestradas pelo então juiz Sergio Moro na Lava Jato (Figura 107).

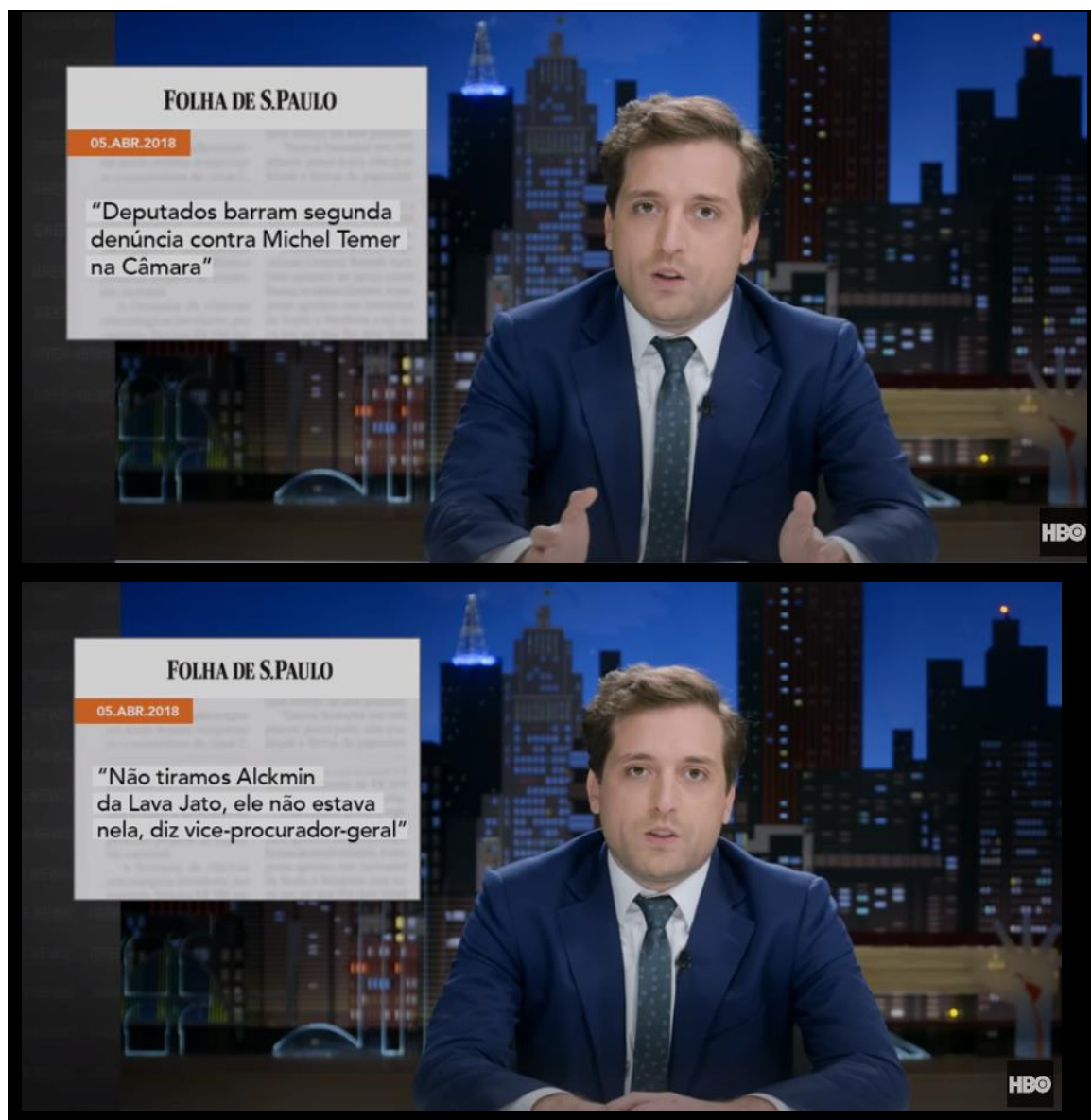
Figura 107 – Greg News: Lula e a Lava Jato



Fonte: Reprodução HBO.

O fato é que o ódio plantado contra Lula pela Lava Jato não apareceu nas denúncias contra as figuras de direita, Michel Temer e Geraldo Alckimin (Figura 108).

Figura 108 – Greg News: a parcialidade judicial em favor de Temer e Alckmin



Fonte: Reprodução HBO.

E foi nesse ano que “a conciliação deu seu último suspiro, Lula foi preso”, comenta Duvivier, criticando a Lava Jato: “Depois de um processo julgado com uma velocidade nunca antes vista neste país, acabou o amor e isto aqui virou um inferno.” Entretanto, mesmo incomunicável, Lula seguia sendo líder nas pesquisas como pré-candidato à presidência, afirma Duvivier e, se referindo a Bolsonaro – que se colocava como um “candidato solto” (o “antissistema”, apesar de estar na política desde 1991, primeiro como vereador da capital carioca, depois como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro) –, provoca: “Deve ser difícil ser você, candidato solto, rodando o Brasil, gastando uma grana e o cara lá, lendo livro”,

em alusão a Lula, que ao longo da prisão fez inúmeras leituras, conforme foi amplamente divulgado pela imprensa (Figura 109).

Figura 109 – *Greg News*: Duvivier imita Lula lendo e debocha de Bolsonaro



Fonte: Reprodução HBO.

“Entre quem ama Lula e quem o odeia Lula, há todo tipo de motivo, mas uma coisa é fato, quanto mais o tempo passa, mais a gente parece ser incapaz de superar o Lula. Lula é um gênio político e uma figura histórica tão importante, justamente por conta de sua alta flexibilidade ideológica”, assina Duvivier e cita André Singer: “Dilma quebra, mas não dobra; Lula dobra, mas não quebra”.

A frase de Singer – professor de Ciência Política na Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), Secretário de Imprensa do Palácio do Planalto (2005-2007) e porta-voz da Presidência da República no primeiro governo Lula, (2003-2007) – não é apenas retórica, pois revela um nó importante ao qual se ata a política brasileira: aderir às conciliações (flexibilidade) implica o acesso ao poder político e/ou a manutenção dele, ao passo que ousar barrar as conciliações (inflexibilidade) implica o não acesso ao poder e/ou a destituição dele, como ocorreu com Dilma Rousseff. O fato é que esse nó, presente em toda a história brasileira, conforme mostrou Duvivier, marcada por uma acomodação de interesses (interesses antípodas, seja assinalado, uma vez que não é possível, seguindo uma lógica elementar, conciliar os interesses de uma elite endinheirada aliada ao mercado financeiro e uma massa depauperada, desprovida dos direitos mais elementares), ainda se faz presente.

Sobre isso, Vladimir Safatle – professor de Filosofia da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), cujas posições políticas esquerdizantes constituem referências fundamentais para se pensar a contemporaneidade – afirma em seu último livro, *Alfabeto das colisões* (2024), que a “esquerda morreu”, ou seja, que a esquerda política perdeu sua identidade por conta das inúmeras adesões e/ou flexibilizações, sendo necessário que ela reconheça essa morte, que empreenda uma abordagem mais radical, recupere suas raízes, para enfrentar os desafios e poder, enfim, renascer. Seguindo essa linha de pensamento, Safatle não hesita em fazer críticas ao modelo petista, que, a seu ver, a despeito da busca de igualdade social, acabou pendendo para a preservação do capitalismo neoliberal praticado pelo sistema financeiro, em razão das inúmeras circunstâncias que determinam o jogo político tradicional. Os pontos de contato entre as pautas defendidas por Duvivier e Safatle não são casuais, haja vista que o humorista sempre fez questão de enfatizar sua recorrência ao pensamento do filósofo uspiano para a elucidação de questões políticas, tendo, inclusive, declarado apoio à candidatura de Safatle a Deputado Federal nas eleições de 2022.⁹⁷

Embora o ponto de vista sustentado por Safatle faça pleno sentido, acreditamos que a prática dessa radicalidade é ainda muito complexa, sobretudo em se tratando de um país como o Brasil, cujo abismo social e a falta de consciência política ainda são grandes obstáculos para se instituir uma mudança que parta do povo. Prova disso é o alinhamento ideológico conservador e reacionário de grande parte do Congresso Nacional.

É bem alinhado a essa crítica ao modelo petista de conciliação que preserva as bases do sistema bancário, símbolo do capitalismo financeiro, que Duvivier alega ser a conciliação – “a ideia de que é possível fazer o Brasil entrar em um acordo, que dá para dividir o bolo com os pobres, sem tirar dos ricos; que dá para representar o MST e consolidar o agronegócio; que dá para ser querido pelas patroas e ser querido pelas empregadas, que dá para acreditar seria possível governar com o PMDB” – que faliu e virou contradição. “E a imagem desse grande conciliador também não é mais conciliador, dado o ódio que se instaurou no Brasil”, completa Duvivier (lembrando que o programa data de 29 de junho de 2018, momento em que os discursos de ódio aliados à polarização política atingiam seu ápice). Naquele contexto, não sabíamos, obviamente, o que enfrentaríamos durante os anos em que Bolsonaro esteve à frente do Planalto, mas o fato é que nos últimos anos a cisão e o retrocesso só se aprofundaram, de

⁹⁷ Sobre isso, ver o vídeo disponível em: https://www.facebook.com/100044275607392/videos/2375445282624946/?so=watchlist&rv=video_home_playlist_video_list&paipv=0&eav=AfYxMifKYRSLCkbyV_IUi8Ej2QysRoxHPipKD_SaVN5YP_NtYzmQunAMY0wTekjHjJ_o&_rdr. Acesso em: 24 fev. 2024.

modo que seria inviável, pela via democrática, outro caminho que não fosse a conciliação mediante uma Frente Ampla com vistas a banir o mal maior: a manutenção da extrema direita no poder. E o próprio Duvivier reconheceria isso ao se engajar na campanha de Lula em 2022.

Voltando ao contexto do episódio em análise, ao se encaminhar para o desfecho, Duvivier mostra que até o boneco de pano de sua filha (um boneco do Lula) virou manchete no *Estadão* (Figura 110). “Gente, eu guarde o boneco do armário. Mas eu não tenho culpa se, mesmo preso no armário, ele continua sendo o boneco favorito dela. Aliás, eu abri o armário um dia desses e ele estava lendo todos os meus livros”, ironiza o apresentador.

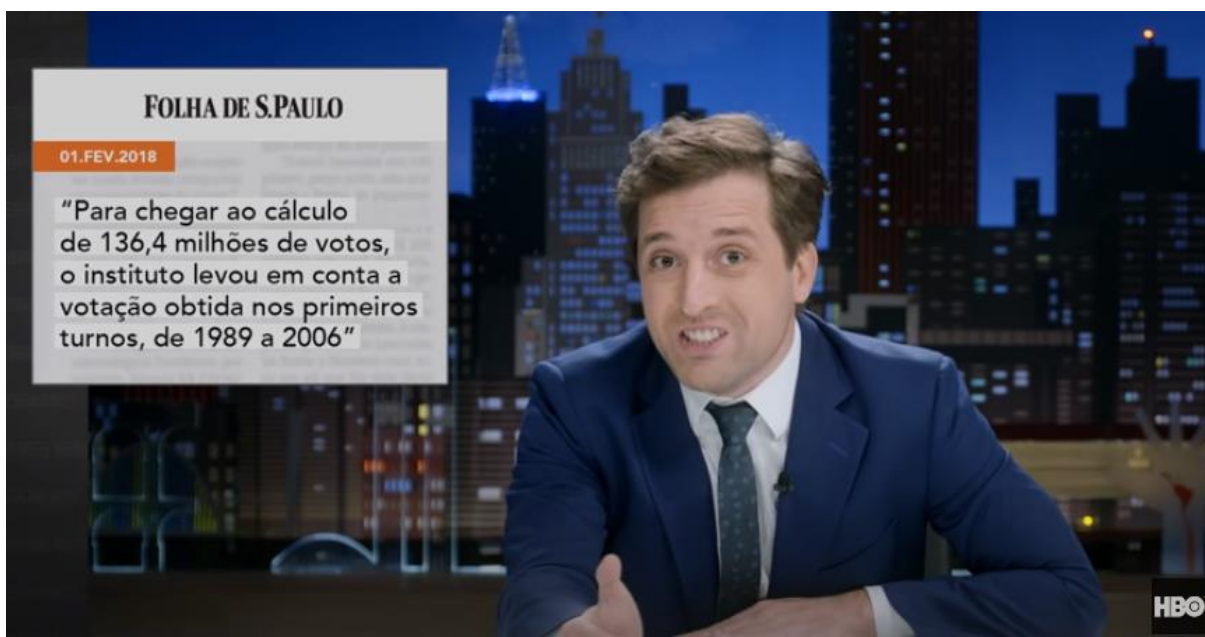
Figura 110 – Greg News: o boneco de Lula como manchete do *Estadão*



Fonte: Reprodução HBO.

A verdade é que todo mundo no Brasil tem obsessão por Lula, arremata Duvivier: “metade quer prendê-lo em Curitiba; outra metade quer prendê-lo na cama”. E defende que Lula dispute as eleições argumentando que ele chegou aonde chegou através do voto. E não foi pouco voto: Lula foi o candidato mais votado da história da humanidade (Figura 111).

Figura 111 – Greg News: Lula, o candidato mais votado na história da humanidade



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier defende que o destino do país seja conduzido pelo voto:

Uma eleição com o Lula daria a chance de superar o Lula, seja elegendo-o novamente, seja permitindo que outro candidato o derrote nas urnas, que é o lugar muito mais legítimo do que o judiciário, o qual fica atento ao calendário eleitoral na hora de dar maior ou menor velocidade na hora de determinar os processos.

O programa encerra enfatizando que – caso Lula possa disputar as eleições e consiga vencer – é necessário que desista de uma política de conciliação de interesses tão antípodas, pois ela não funcionou, que reconheça que o Brasil não está mais em um momento amistoso.

Por fim, recobrando o lastro de humor do programa e arrematando o reconhecimento dos avanços trazidos por Lula, sem negligenciar as vulnerabilidades de suas adesões, é apresentada uma paráfrase da tal “carta de amor” de Tiago Leifert a Neymar, agora endereçada a Lula. A carta busca colocar em evidência as ambiguidades de chamada “Era Lula”:

“Oi, Lu, calma,
Não vou falar com você agora.
Agora eu quero falar com o povo brasileiro.

Povo brasileiro, onde você estava com 76 anos ou vai estar?
Será que terá tirado 40 milhões da miséria?
Vai conseguir ser amigo do Obama, do Fidel, do Eike e do Sérgio Cabral?

Vai ter conseguido trazer uma Copa do Mundo pro Brasil e entregado as obras pra Odebrecht?
 Vai ter conseguido viajar todo o Brasil de ônibus, de jatinho do Mares Guia, de monomotor da polícia federal?
 Então fica na moral, só um pouquinho, e deixa o menino Lu disputar.
 Tente ganhar dele no voto.

Menino Lu,
 Sei que às vezes é difícil,
 De se fantasiar, de tomar um ácido e curtir a *vibe*,
 Então, se você conseguir voltar, não é mais para conciliar,
 Agora a gente quer ver o Lulinha bolado
 O Lula canarinho pistola
 Da próxima vez, mano, leva a capital pra Garanhuns,
 Converte a República de Curitiba e Guiana de São Bernardo
 Deixa o mercado pedir arrego o caralho
 Arranca o braço deles, Lula,
 E não me ponha o PMDB de vice, pelo amor de Deus.”

Como se observa, o programa se desenrola no momento de maior polarização política no Brasil, em meio a um verdadeiro caos marcado por discursos de ódio. É nesse contexto que Duvivier – reconhecendo o mérito dos avanços sociais trazidos pelos governos petistas – remete a um ponto muito central na história política brasileira, conforme já pontuamos: como conciliar um país cuja sociedade é sobremaneira contrastiva? Como conseguir adentrar o poder e permanecer nele sem fazer concessões ao mercado financeiro? Trata-se de questões sobre as quais continuamos (e continuaremos) nos debruçando. A verdade é que a história atual mostra que, sem conciliação, a viabilidade de se operar qualquer mudança pela via democrática é muito remota. Por outro lado, a conciliação implica concessões que perenizam a estrutura social brasileira e colocam em xeque qualquer tentativa de mudanças efetivas e profundas.

4.3.4. “Bolsonaro”

O episódio “Bolsonaro” foi ao ar em 06 de julho de 2018 (Figura 112), portanto, na semana subsequente ao episódio “Lula e a conciliação”.

Figura 112 – *Greg News*: abertura do episódio “Bolsonaro”



Fonte: Reprodução HBO.

Nesse momento, Bolsonaro havia se filiado ao Partido Social Liberal (PSL) para se apresentar como pré-candidato ao Planalto. A filiação ocorreu em março de 2018 e em julho daquele ano seu nome havia sido indicado pelo partido e registrado no TSE, que teria até 17 de setembro para fazer a análise inicial dos pré-candidatos registrados.

Quando o episódio de *Greg New* foi a ar, Bolsonaro ocupava segundo lugar nas pesquisas de intenções de voto para as presidenciais de 2018, atrás do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Sem o petista, Bolsonaro alcançava primeiro lugar. Como pré-candidato, Bolsonaro projeta-se nacionalmente com a defesa de uma agenda econômica liberal (privatização das estatais, supremacia do mercado financeiro e abstenção do Estado na condução de políticas sociais) e conservadora nos costumes, assumindo uma postura marcada por misoginia, defesa da família tradicional, intolerância às pautas LGBTQIA+, racismo, reivindicação pelo estabelecimento do porte de armas (que se associa à ideologia repressiva, o culto da violência policial), negação da ciência, entre outras posições intrínsecas ao discurso da direita radical. Com declarações nessa direção e alegando-se “antissistema”, a despeito de estar então inscrito no meio político há praticamente três décadas, Bolsonaro é acolhido por empresários e por setores da sociedade que pregam o conservadorismo de costumes, como é o caso de parte majoritária dos evangélicos neopentecostais.

Tais pautas defendidas e reiteradas enfaticamente por Bolsonaro em sua pré-candidatura constituem o alvo do então episódio de *Greg News*. Era afinal esse o único enfoque possível:

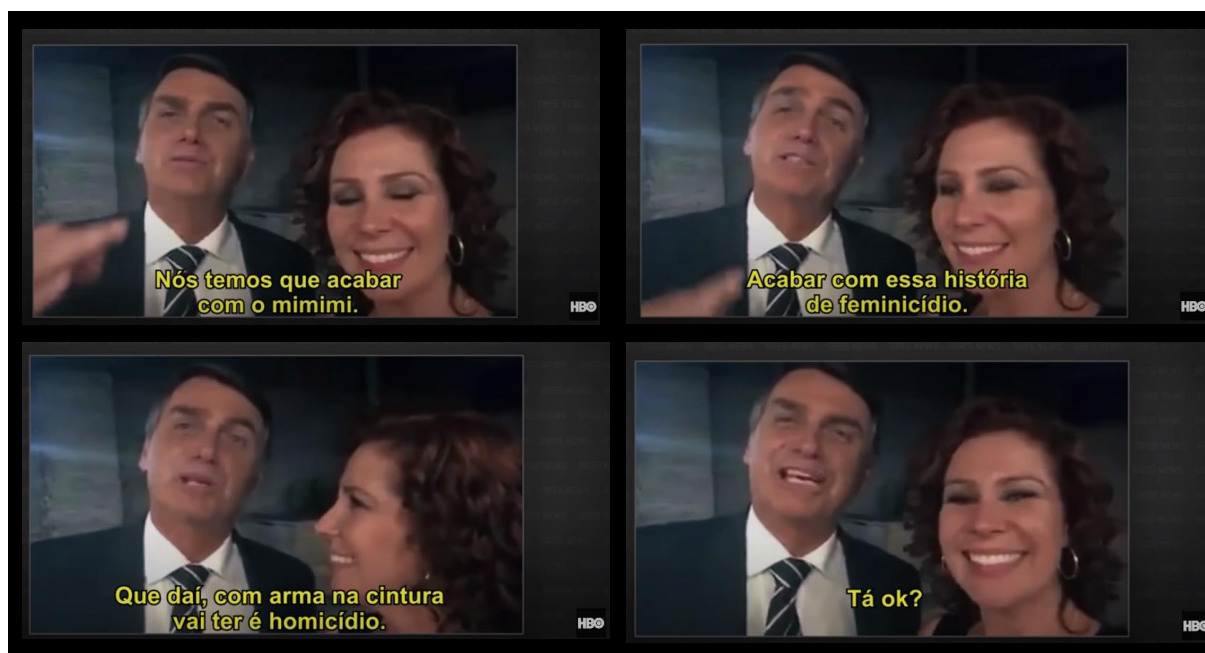
diante da atuação política pífia, embora longa, de Bolsonaro, não restava muito repertório para os programas de oposição, a não ser alardear a inócua carreira de Bolsonaro como parlamentar, bem como o risco e a gravidade que representavam suas posições ultradireitistas e contrárias à democracia. É nessa linha que Duvivier abre o episódio reportando-se direta e ironicamente aos eleitores de Bolsonaro. A interlocução que o apresentador propõe junto a esse eleitorado é irônica, na medida em que dificilmente um bolsonarista se disporia a assistir a um programa comandado por Duvivier, cuja postura de afrontamento aos costumes (o chamado “politicamente incorreto”) é conhecida do grande público.

Logo no início do episódio, Duvivier refere-se a esse eleitorado sem hesitar em afrontá-lo, demarcando com exatidão a aversão que reciprocamente os separa:

O programa de hoje é muito especial, feito para alguém muito específico: para você eleitor de Bolsonaro. Sim, eu sei que você me odeia. Quem eu quero enganar? E por quê? Porque eu sou um maconheiro de esquerda socialista de Iphone financiado pela Lei Rouanet e que gosta tanto de ir pra Cuba (deveria morar lá!). Mas a gente tem alguma coisa em comum: eu também odeio você, bicho! Que coincidência, bicho!!! A gente tem que parar de se odiar e ficar amigo, já que a gente tem esse ódio em comum.

Duvivier acrescenta: “Eu fico mesmo meio puto com você, porque você quer votar nesse cara”, ao que se segue a reprodução de um vídeo em que Bolsonaro – ao lado da conservadora ultradireitista Carla Zambelli, que, na esteira da agenda partidária de Bolsonaro, é eleita Deputada Federal em 2018 pelo PSL e reeleita, em 2022, pelo PL – assume uma postura explicitamente misógina e em favor do porte de armas (Figura 113).

Figura 113 – *Greg News*: Bolsonaro, o discurso misógino e a defesa do porte de armas



Fonte: Reprodução HBO.

Após a reprodução do vídeo, reage Duvivier: “Nossa, que vontade de cometer um ‘bolsocídio’! Aproveitar e fazer um ‘escrotocídio’!”.

O apresentador afirma que entende o motivo de o eleitor bolsonarista odiá-lo e, na sequência, mostra trechos de vídeos em que o próprio Duvivier – alinhado ao “politicamente incorreto”, uma espécie de *Charlie Hebdo* à brasileira – afronta os costumes, mais precisamente os valores cristãos. É apresentada a imagem de um vídeo produzido pelo *Porta dos Fundos*, em que Duvivier interpreta Jesus (Figura 114).⁹⁸

⁹⁸ No vídeo do *Porta dos Fundos* em questão, intitulado “Setor de RH – Jesus”, que foi ao ar em 8 out. 2012, Duvivier interpreta Jesus como um estagiário de carpinteiro. Disponível na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=LVYM6u_v52k>. Acesso em: 25 fev. 2024. O polêmico “Especial de Natal *Porta dos Fundos*: A Primeira Tentação de Cristo”, em que Duvivier encarna um Jesus gay, seria produzido apenas em dezembro de 2019.

Figura 114 – *Greg News*: uma sátira da figura de Jesus (“Setor de RH – Jesus”, *Porta dos Fundos*)



Fonte: Reprodução HBO.

Na sequência, é reproduzido o trecho de um programa exibido pela TV Folha em 2013, no qual Duvivier aponta para a existência de um fanatismo de fundo erótico em torno da imagem de Cristo (Figura 115).⁹⁹ No trecho selecionado por *Greg News*, Duvivier afirma que a admiração de figuras religiosas por parte de cristãos evangélicos possui uma conotação sexual, uma vez que tal público idolatra a imagem de um Jesus “sempre lindo, magro, com abdômen rasgadinho”. E arremata dizendo que se trata de um “tesão reprimido”.

⁹⁹ O vídeo reproduzido por *Greg News* está disponível na íntegra em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FixS4U23fBE>>. Acesso em: 25 fev. 2024. É interessante notarmos os comentários do vídeo na página do YouTube rechaçando a posição defendida por Duvivier.

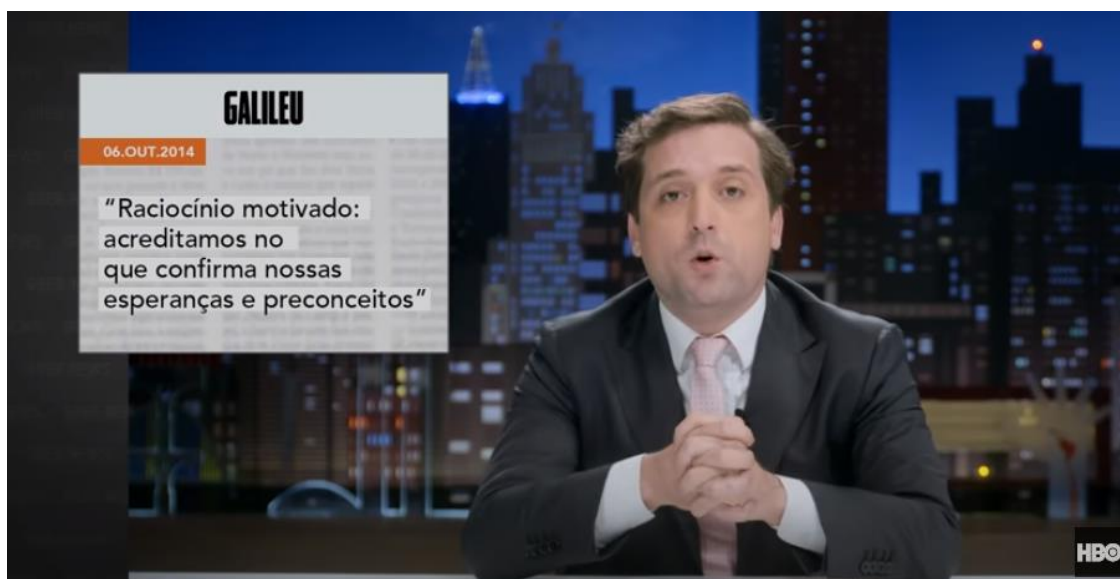
Figura 115 – Greg News: a erotização da figura de Jesus (TV Folha)



Fonte: Reprodução HBO.

Após a reprodução do vídeo, Duvivier explica que ele e o eleitor bolsonarista possuem visões de mundo efetivamente inconciliáveis e que para tais valores antipodais, inviabilizadores de quaisquer debates profícuos, existe uma explicação de teor científico. Trata-se de um fenômeno nomeado pelos psicólogos de “raciocínio motivado”: as pessoas estão abertas apenas para as informações sobre as coisas em que elas já acreditam e que reiteram seus preconceitos (Figura 116).

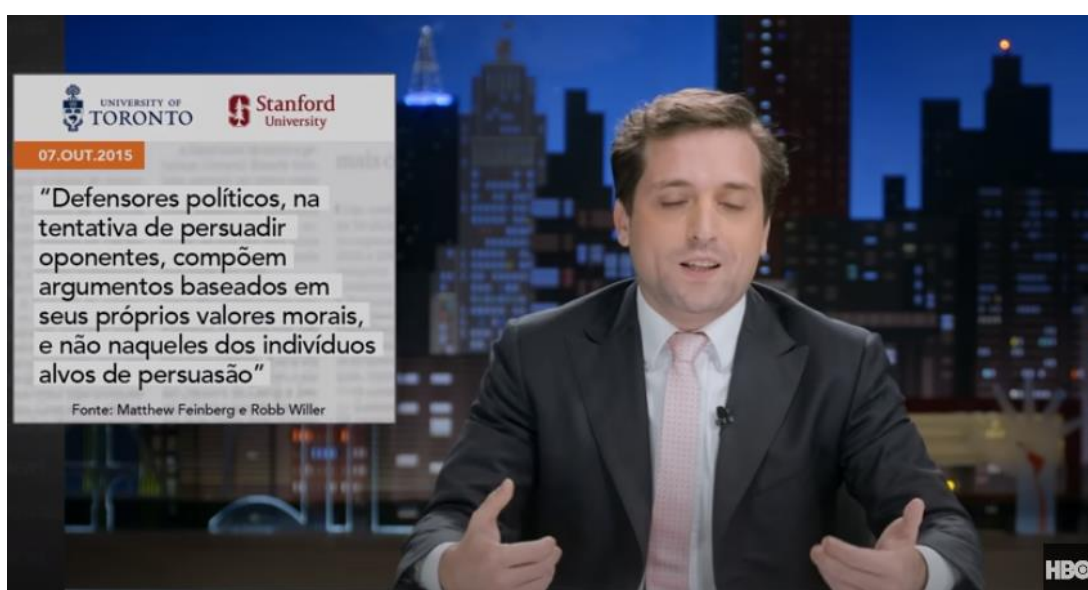
Figura 116 – Greg News: o raciocínio motivado



Fonte: Reprodução HBO.

É por causa do raciocínio motivado que discutir política é tão difícil, explica Duvivier. Esse fenômeno elucidaria a insuficiência da apresentação dos fatos para se modificarem opiniões. Para embasar essa asserção, Duvivier recorre a um experimento realizado nos Estados Unidos com progressistas e conservadores, os quais deveriam escrever um texto para modificar a opinião uns dos outros. O estudo conclui que as divergências políticas resultam, não da falta de informação, mas de diferenças de base moral (Figura 118).

Figura 117 – Greg News: experimento científico sobre o raciocínio motivado na política



Fonte: Reprodução HBO.

É interessante notar que, na sequência desse dado, o episódio se desenrola integralmente na apresentação de informações sobre Bolsonaro, buscando mostrar a gravidade e o risco de elegê-lo. Temos aqui um *recurso altamente irônico* (lembrando o étimo grego do termo ironia: *eirónéia*, “fingida ignorância”): mesmo ciente de que não mudará a posição dos eleitores bolsonaristas, por conta seus dogmas, por assim dizer, em torno dos valores morais que os aliam ao então pré-candidato, *Greg News* insistirá em mostrar as incongruências e as absurdidades que cercam o discurso de Bolsonaro. Duvivier explica que, enquanto as pessoas mais à esquerda defendem igualdade, justiça social e proteção às minorias, as que se posicionam à direita pregam a pureza moral e o respeito à autoridade.

Tendo em conta essa informação, Duvivier coloca-se numa posição compreensiva com a parte do eleitorado que optava por Bolsonaro, não por má-índole, mas por extremo enfaro da política, pela sequência de crises e pelos escândalos de corrupção fartamente noticiados pela grande mídia. Para esse núcleo de eleitores, votar em Bolsonaro seria, não uma vingança de todos os “miçangueiros de Humanas”, mas um rompante de revolta, algo como um último estertor, explica Duvivier: “Você vê no Bolsonaro alguém que dará um jeito no Brasil”. O apresentador buscará mostrar que se trata de uma visão absolutamente deturpada, que Bolsonaro não constitui solução para os problemas atravessados pelo Brasil.

Seguindo uma modalidade argumentativa que lhe é muito cara, *Greg News* constrói e organiza o discurso sobre Bolsonaro seguindo uma retórica concessiva, marcada pela admissão de um dado seguido de uma objeção ao mesmo. Trata-se de um recurso de persuasão bastante interessante, o que vale se acompanhar de perto.

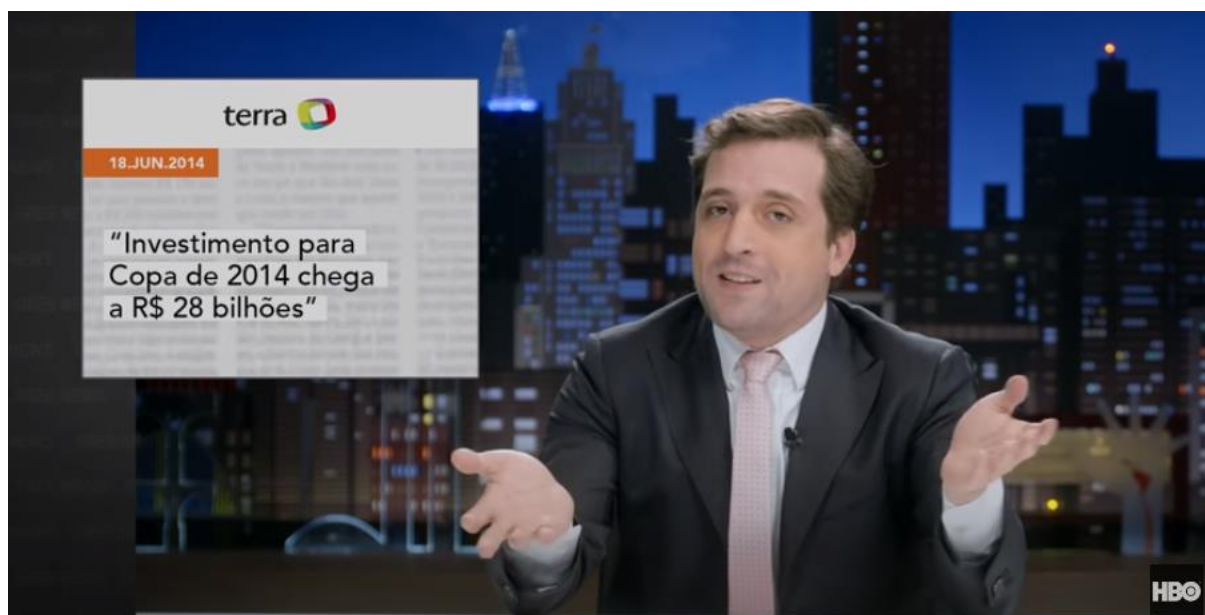
Em um primeiro momento, o discurso assume uma *postura de admissão*, o locutor (Gregorio Duvivier) se coloca numa posição compreensiva acerca do enfaro dos brasileiros como motivação para optar por Bolsonaro. Nessa linha, Duvivier demonstra assentimento com decepção do eleitorado em relação a três quatro fatos imbricados que concorriam para aquele contexto caótico: (1) os investimentos na Copa do Mundo, o que – conforme ele havia explorado no episódio “Lula e a conciliação” – teria sido um equívoco da Era Petista; (2) os escândalos de corrupção envolvendo vários partidos, conforme apurações da Lava Jato, o que ocasionava um sentimento de incredulidade política; (3) a crise econômica; (4) os altos níveis de desemprego.

Seguindo uma argumentação concessiva, são apresentadas, em um segundo momento, as *objeções reais ao argumento de que Bolsonaro seria uma solução diante de tais admissões*. Para tanto, Duvivier argumenta que o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT) não passou de um golpe orquestrado (“*golpimpeachment*”, segundo sua expressão), e põe em

evidência as denúncias envolvendo o então presidente Michel Temer e o PMDB, desvelando a postura tendenciosa das investigações conduzidas pela Lava Jato. Com esse passo, Duvivier apresenta os quatro motivos pelos quais o eleitor tendia projetar em Bolsonaro uma solução. Cada um desses motivos é desconstruído por Duvivier, que enfatiza a incongruência e o risco de se eleger Bolsonaro, tendo em conta o seu histórico e o teor de suas declarações.

Ilustrando tais etapas com as fontes mobilizadas pelo programa, temos, no que respeita à *postura de admissão*: o assentimento de Duvivier com decepção do eleitorado concernente ao contexto político, econômico e social: (1) os investimentos na Copa do Mundo (Figura 118); (2) os escândalos de corrupção envolvendo vários partidos, conforme apurações da Lava Jato (Figura 119); (3) a crise econômica (Figura 120); (4) os altos níveis de desemprego (Figura 121).

Figura 118 – Greg News: os investimentos na Copa do Mundo de 2014



Fonte: Reprodução HBO.

Figura 119 – Greg News: escândalos de corrupção envolvendo vários partidos



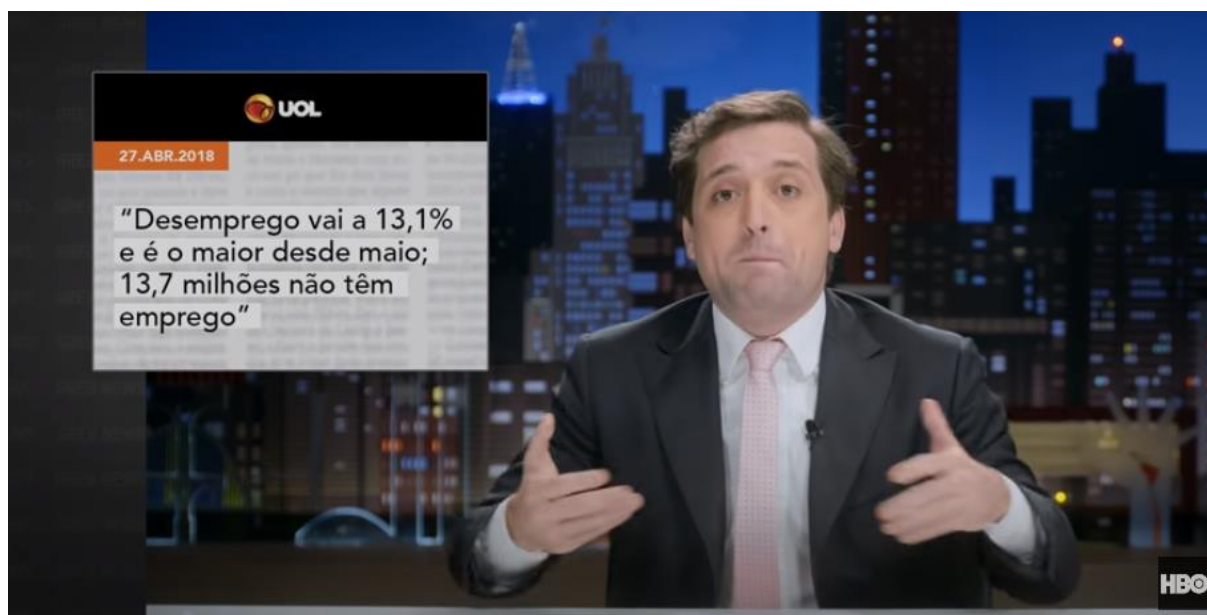
Fonte: Reprodução HBO.

Figura 120 – Greg News: a crise econômica (2017)



Fonte: Reprodução HBO.

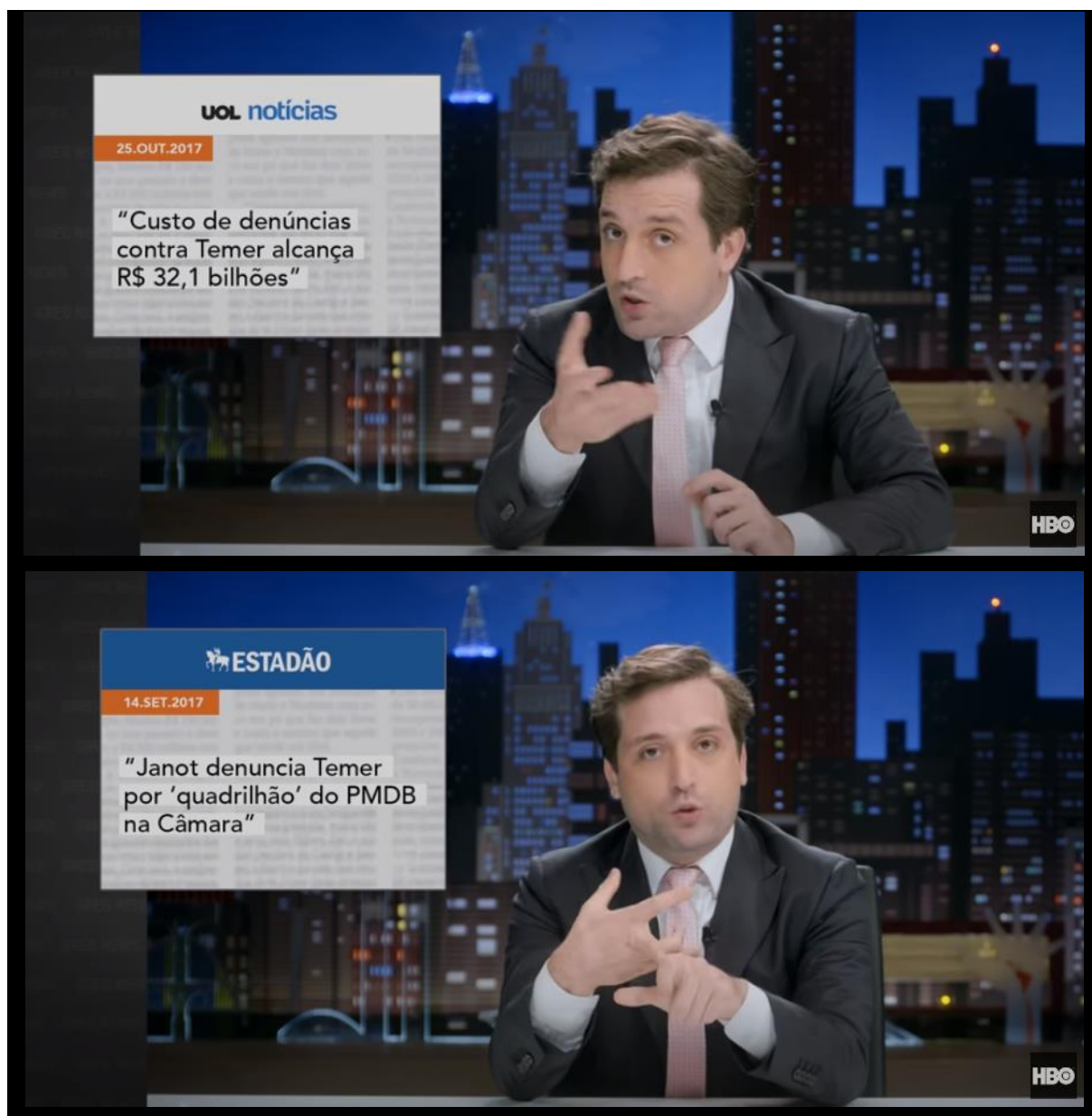
Figura 121 – Greg News: os altos níveis de desemprego (2018)



Fonte: Reprodução HBO.

Para introduzir as *objeções reais ao argumento de que Bolsonaro seria uma solução diante de tais admissões*, as quais levavam o eleitorado a um esgotamento político, a uma perda de expectativas, Duvivier traz a lume denúncias envolvendo Michel Temer e o PMDB (Figura 122).

Figura 122 – *Greg News*: denúncias envolvendo Michel Temer e o PMDB

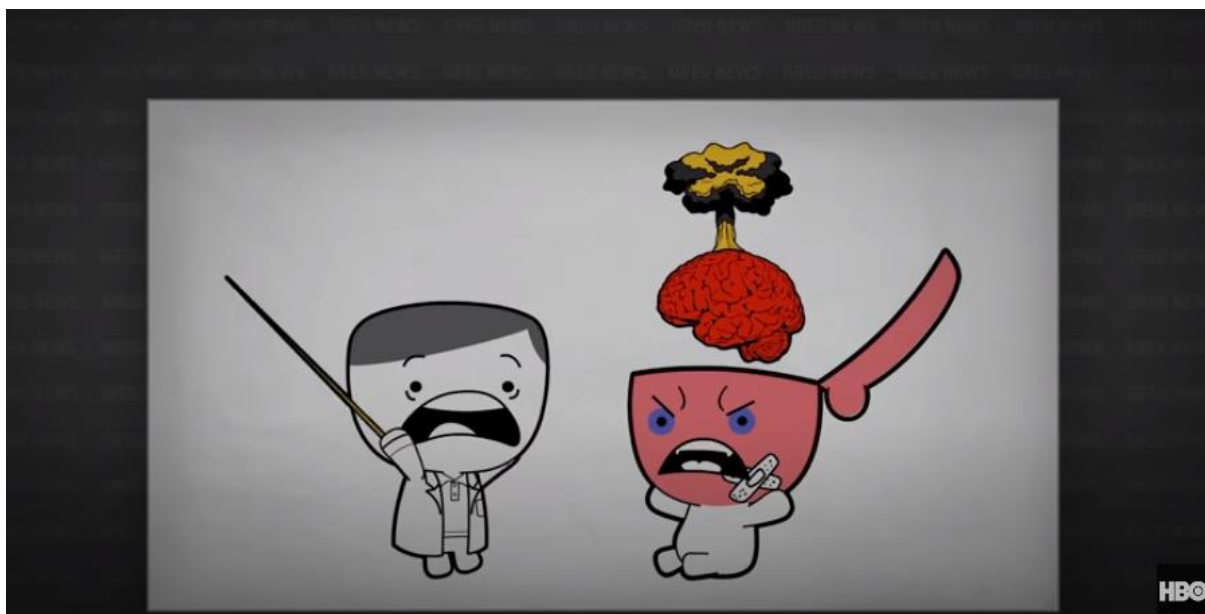


Fonte: Reprodução HBO.

Todos esses fatos conjugados conduziam o Brasil, alega Duvivier, a uma raiva generalizada, fenômeno que resultou na perda da capacidade de avaliar as situações. Para embasar esse argumento, Duvivier apresenta um vídeo contendo a seguinte explicação sobre a etiologia e o desdobramento do sentimento de raiva:

A raiva é um sentimento primitivo que nasce em uma parte do cérebro chamada sistema límbico. Quando esse sistema é estimulado, o córtex pré-frontal, que é a parte do cérebro que controla a racionalidade, para de funcionar corretamente e, então, perde-se o controle da situação. Daí o sujeito explode. (Figura 123).

Figura 123 – Greg News: a etiologia e o desdobramento do sentimento de raiva

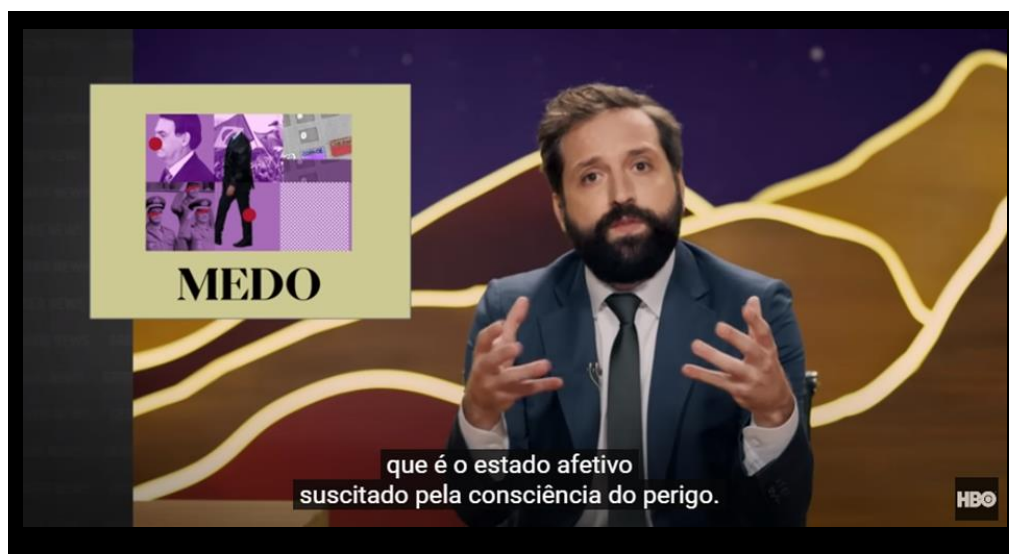


Fonte: Reprodução HBO.

Cabe assinalar que um argumento similar para embasar a compreensão do fenômeno político representado por Bolsonaro seria empregado novamente por Duvivier no episódio intitulado “Medo”, veiculado em 3 de junho de 2022.¹⁰⁰ Nesse episódio, após apresentar as diversas especificidades fobia, Duvivier define medo como “o estado afetivo suscitado pela consciência do perigo”. Nesse episódio, o medo aparece associada à imagem de Bolsonaro (Figura 124).

¹⁰⁰ Episódio disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rZmbBH_FF44>. Acesso em 25 fev. 2024.

Figura 124 – Greg News: definição de medo



Fonte: Reprodução HBO.

O apresentador mostra que, ao contrário da fobia, o medo não é uma doença. Processado em nosso cérebro muito mais rápido do que qualquer outro sentimento, o medo irracional constitui um recurso empregado amiúde pela política, no caso, a direita brasileira, para manipular o eleitorado (Figura 125).

Figura 125 – *Greg News*: o emprego do medo como instrumento de manipulação



Fonte: Reprodução HBO.

As imagens (Figura 125) referem-se, respectivamente aos seguintes discursos: o apoio de Regina Duarte a José Serra em oposição a Lula nas eleições presidenciais de 2002, Olavo de Carvalho afirma que os recursos do Estado brasileiro a serviço do comunismo mundial é função básica do PT, Lobão alega os professores são comunistas e declara seu apoio a Aécio Neves nas eleições presidenciais de 2014.

Duvivier mostra que, em um contexto após a queda soviética, tais discursos remontando ao comunismo como risco eminente não fazem sentido algum, o que provaria que o medo plantado como recurso de manipulação sempre atende a interesses em eleger determinados candidatos de direita: Regina Duarte em apoio a José Serra, Olavo de Carvalho em apoio a Jair Bolsonaro e Lobão em apoio a Aécio Neves. Ao ser empregado para fins políticos, o medo é difundido de forma irracional e alarmista de modo a se transformar em pânico.

Voltando ao episódio em análise (“Bolsonaro”), após apresentar a etiologia e o desdobramento do sentimento de raiva, que se generalizava no Brasil em 2018, Duvivier apresenta os quatro motivos pelos quais o eleitor tendia projetar em Bolsonaro uma solução. Vejamos como Duvivier desconstrói tais motivos e salienta a incongruência e o risco de se eleger Bolsonaro, tendo em conta o seu histórico e o teor de suas declarações.

Primeiro argumento a ser desconstruído: Bolsonaro representaria uma figura de combate à corrupção. Para desmentir essa ideia, Duvivier mostra que Bolsonaro foi coligado ao partido que liderava a lista de casos investigados pela Lava Jato: o Partido Progressista (PP), que de progressista não possui nada, haja vista que sua formação remonta à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido governista da ditadura militar (Figura 126).

Figura 126 – Greg News: os escândalos de corrupção envolvendo o PP



Fonte: Reprodução HBO.

Na sequência, é mostrado um vídeo em que Bolsonaro admite ter recebido de seu então partido (PP) um dinheiro repassado ilegalmente pela Friboi. A réplica a essa acusação normaliza a corrupção: “Qual partido não recebe propina?”, questiona Bolsonaro (Figura 127).

Figura 127 – Greg News: Bolsonaro normaliza PP receber propina



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier enumera ainda uma sequência de escândalos de corrupção ligados a Bolsonaro (Figura 128).

Figura 128 – *Greg News: Bolsonaro e os escândalos de corrupção*



Fonte: Reprodução HBO.

Para além dos escândalos de corrupção na política, outros dados sobre a vida pregressa de Bolsonaro são igualmente comprometedores, como o seu histórico no exército (Figura 129). Ainda no exército, Bolsonaro realizou garimpo em uma cidade próxima de Jacobina (Bahia) na

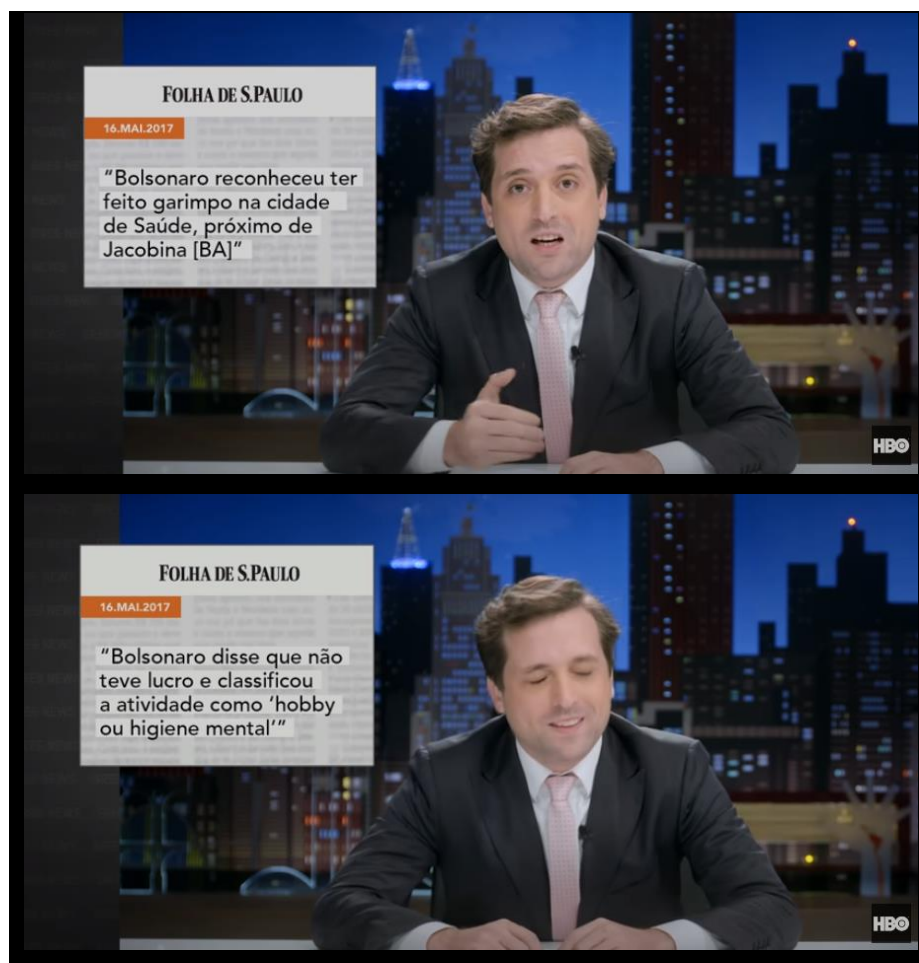
companhia de militares sob seu comando. A esse fato, Bolsonaro responde que se tratou de um “hobby”, uma “higiene mental” (Figura 130).

Figura 129 – Greg News: depoimentos sobre a conduta de Bolsonaro no exército



Fonte: Reprodução HBO.

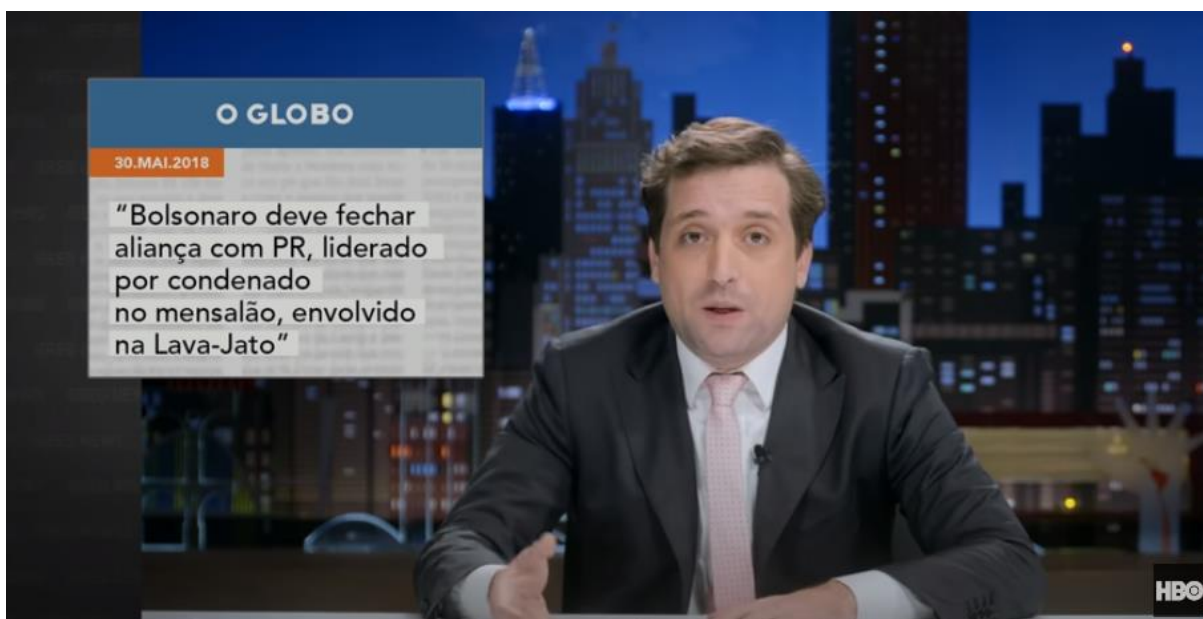
Figura 130 – Greg News: o envolvimento de Bolsonaro com o garimpo



Fonte: Reprodução HBO.

Para arrematar a lista de condutas contrárias à alegação de idoneidade política, Duvivier anuncia a negociação de aliança entre Bolsonaro e o PR (Partido da República, que se tornaria PL, Partido Liberal), liderado por Valdemar Costa Neto, que havia sido condenado por integrar o esquema do mensalão (Figura 131).

Figura 131 – Greg News: a aliança de Bolsonaro com o PR (atual PL)

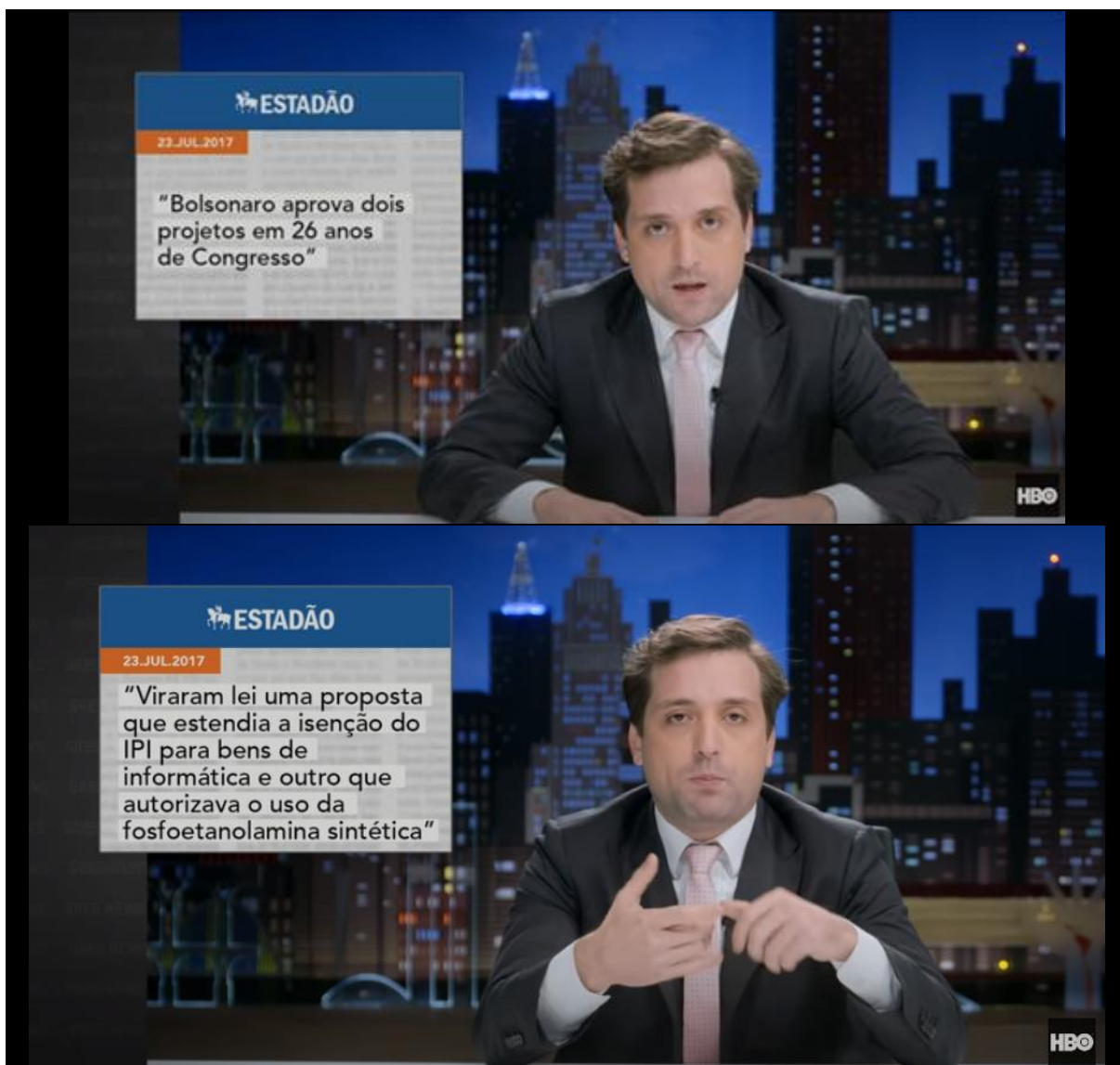


Fonte: Reprodução HBO.

Embora se apresentasse como candidato antissistema, um *outsider*, alheio ao jogo político, Bolsonaro tem uma longa carreira política, marcada por uma atuação pífia. Duvivier aponta para o fato de que, como parlamentar, Bolsonaro obteve, ao longo de 26 anos, mesmo contando com o apoio de bancadas majoritariamente conservadoras, apenas dois projetos aprovados: a proposta que estende o benefício de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para produtos de informática; a autorização do uso da fosfoetanolamina sintética, a “pílula do câncer” (Figura 132).¹⁰¹

¹⁰¹ Sobre isso, ver: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/em-27-anos-como-deputado-bolsonaro-tem-dois-projetos-aprovados/>>. Acesso em 25 fev. 2024.

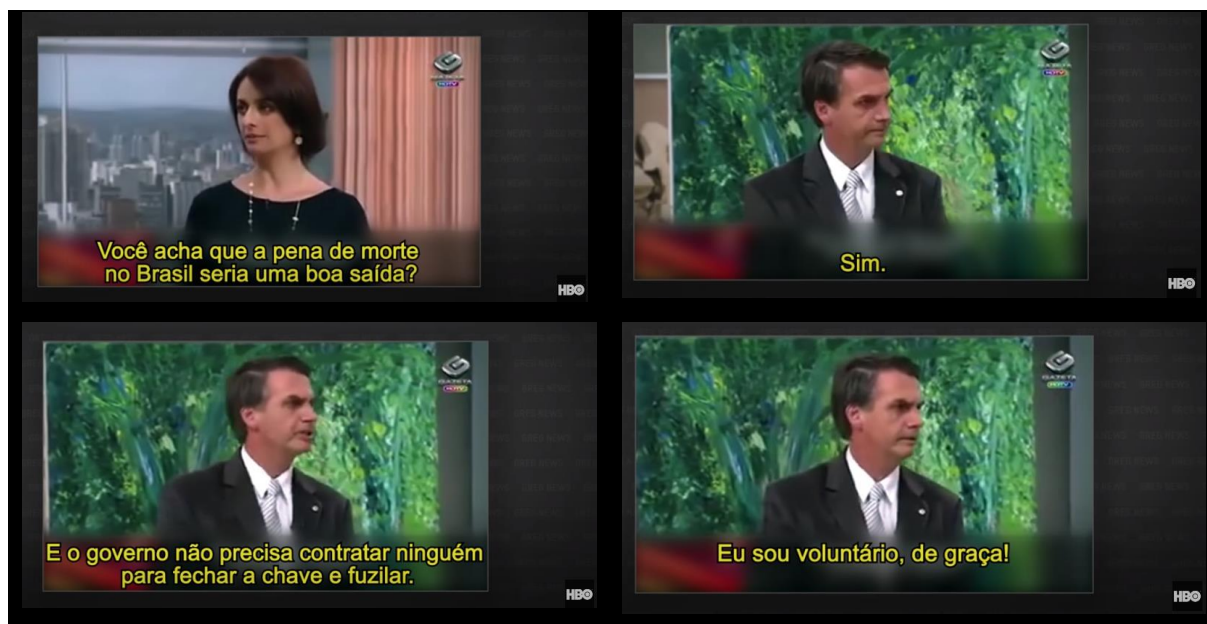
Figura 132 – Greg News: os dois projetos de Bolsonaro aprovados ao longo de 26 anos como Deputado Federal



Fonte: Reprodução HBO.

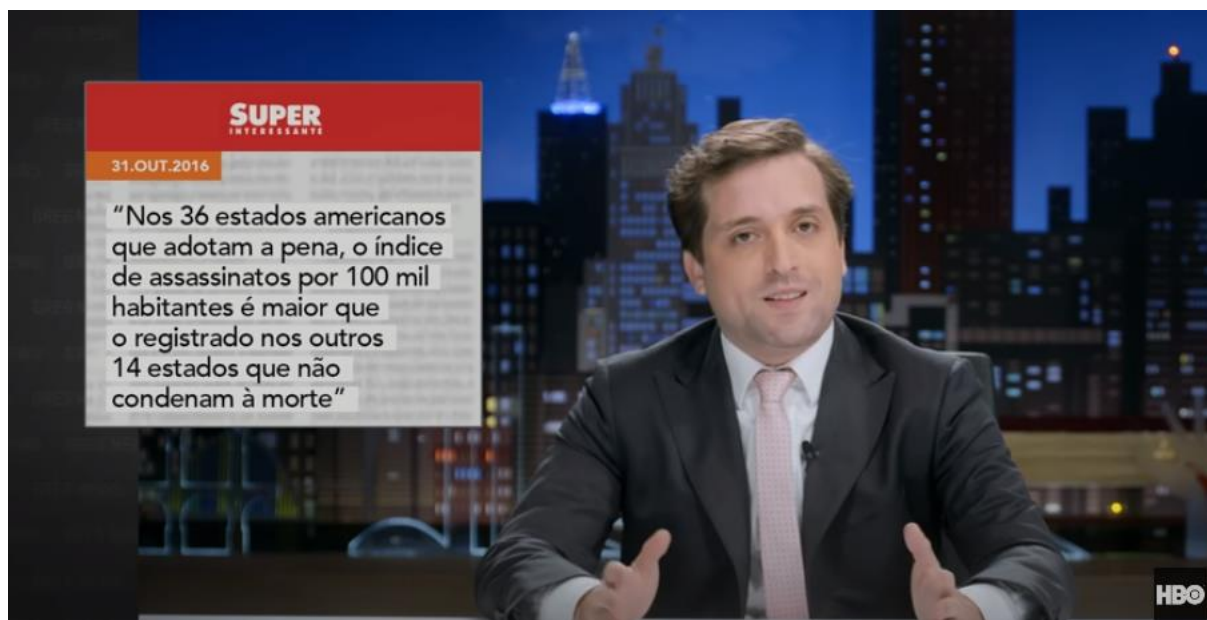
Segundo argumento a ser desconstruído: Bolsonaro representaria uma solução para o problema da falta de segurança. Duvivier mostra que os locais onde a pena de morte é regulamentada por lei, conforme defende Bolsonaro (Figura 133), amplia os casos de violência (Figura 134).

Figura 133 – *Greg News*: Bolsonaro, a pena de morte alinhada à defesa da regulamentação do porte de armas, da ideologia repressiva e do culto da violência policial



Fonte: Reprodução HBO.

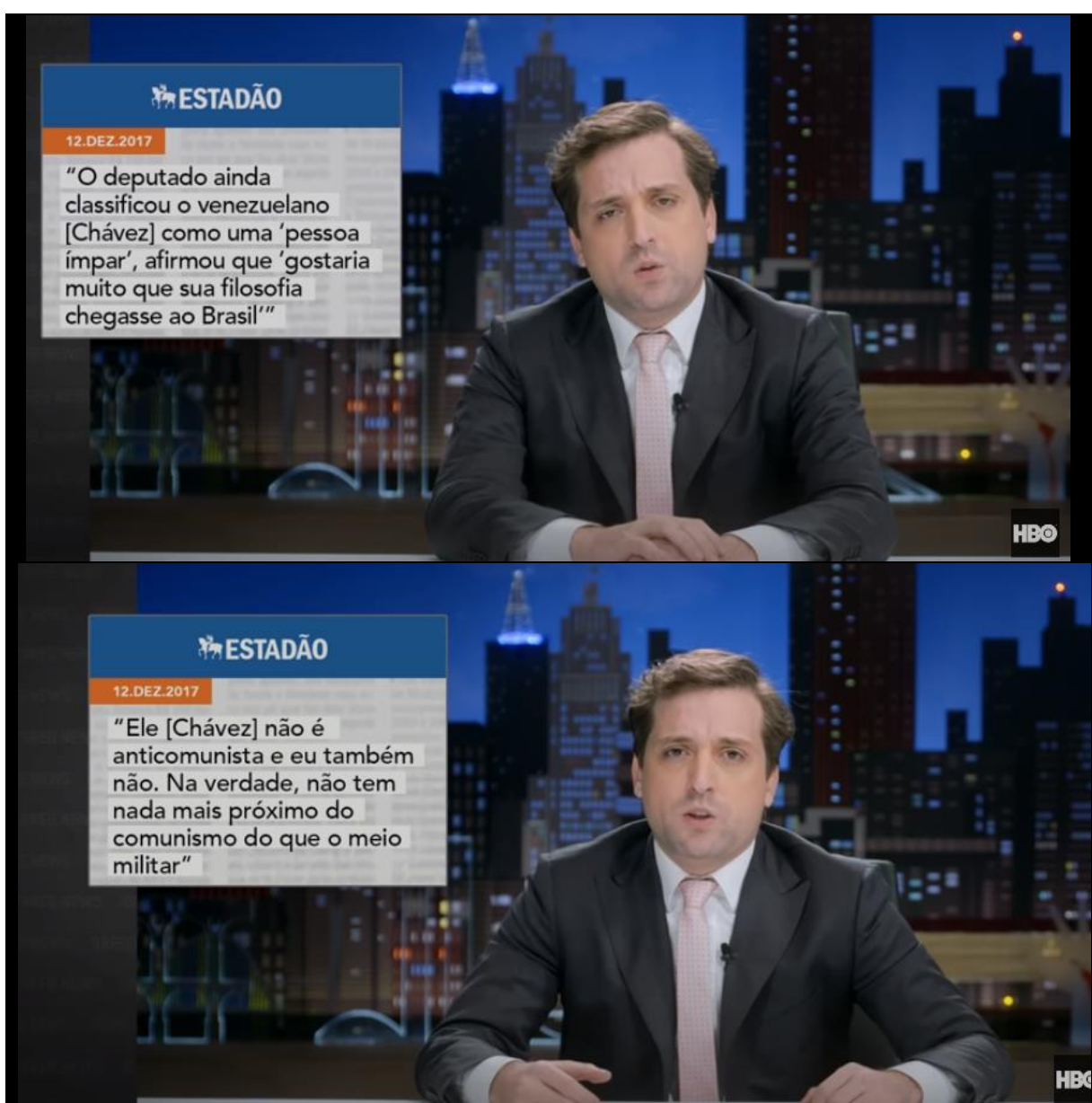
Figura 134 – *Greg News*: a aumento do número de assassinatos nos estados americanos que adotaram a pena de morte



Fonte: Reprodução HBO.

Terceiro argumento a ser desconstruído: Bolsonaro representaria uma solução para a economia. Duvivier apresenta as declarações de Jair Bolsonaro em apoio ao regime ditatorial venezuelano (Figura 135) e a afinidade entre as suas propostas e as medidas adotadas por Chávez e Maduro (Figura 136). Trata-se de um argumento importante, uma vez que uma das principais acusações ao PT por parte da ultradireita era de que o partido flertava com o regime venezuelano.

Figura 135 – Greg News: o apoio de Bolsonaro ao regime ditatorial venezuelano



Fonte: Reprodução HBO.

Figura 136 – Greg News: afinidade entre as propostas de Bolsonaro e as medidas adotadas por Chávez e Maduro



Fonte: Reprodução HBO.

Quarto argumento a ser desconstruído: Bolsonaro representaria um político espontâneo, um mito.

O discurso de Bolsonaro, de cunho misógino, contestador das pautas LGBTQIA+, racista, defensor da liberação do porte de armas, da pena de morte, da ideologia repressiva, do culto da violência policial e da negação da ciência, entre outras posições, foi recebido, por grande parte de seu eleitorado, como uma espontaneidade, um político “sem papas na língua”.

Em face dessa evidência, Duvivier usa um subterfúgio repisado por toda oposição política a Bolsonaro: reproduzir suas falas a fim de que, ao ouvi-las, seu eleitorado pudesse captar as implicações e sopesar a gravidade de suas posições.

Eis as declarações de Bolsonaro reproduzidas por Duvivier, amplamente divulgadas ao longo das eleições de 2018: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles” (Figura 137); “Eu sou favorável à tortura, você sabe disso. E o povo é favorável a isso também” (Figura138); “Eu não empregaria [uma mulher] com o mesmo

salário [de um homem]” (Figura 139); “Ninguém gosta de homossexual” (Figura 140); “Não existe homofobia no Brasil: 90% dos homossexuais que morrem, morrem em locais de consumo de drogas, de prostituição ou executados pelos próprios parceiros” (Figura 141).

Figura 137 – *Greg News*: Bolsonaro e o racismo



Fonte: Reprodução HBO.

Figura 138 – *Greg News*: Bolsonaro e o uso da violência pelo Estado



Fonte: Reprodução HBO.

Figura 139 – Greg News: Bolsonaro e o direito das mulheres



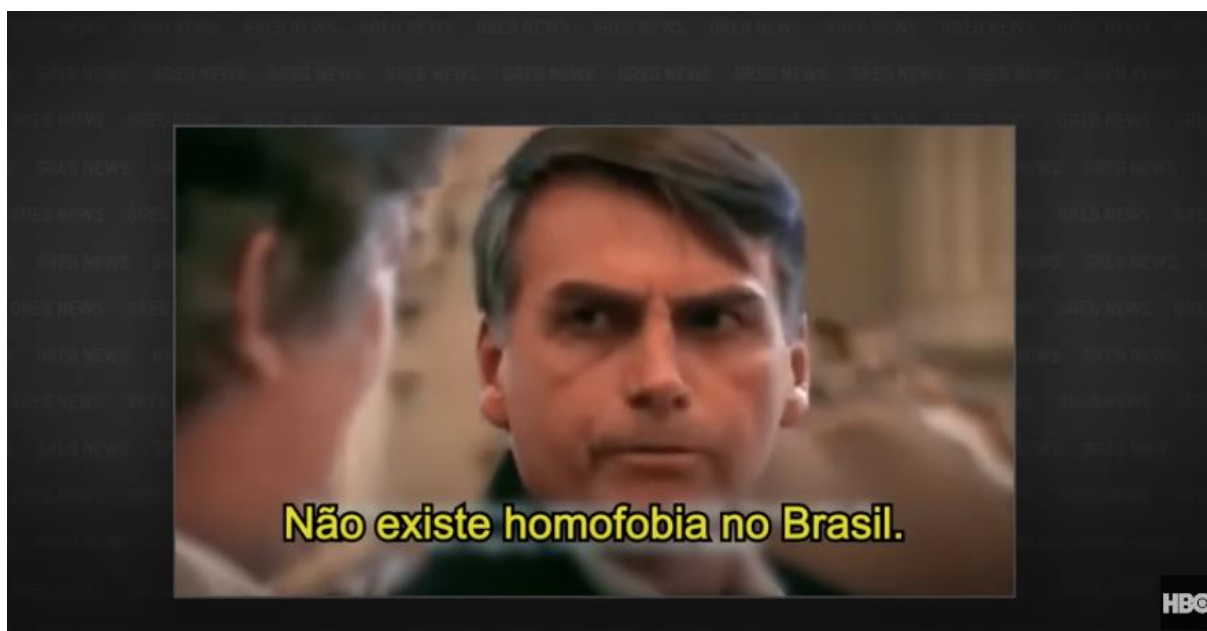
Fonte: Reprodução HBO.

Figura 140 – Greg News: Bolsonaro e a homofobia



Fonte: Reprodução HBO.

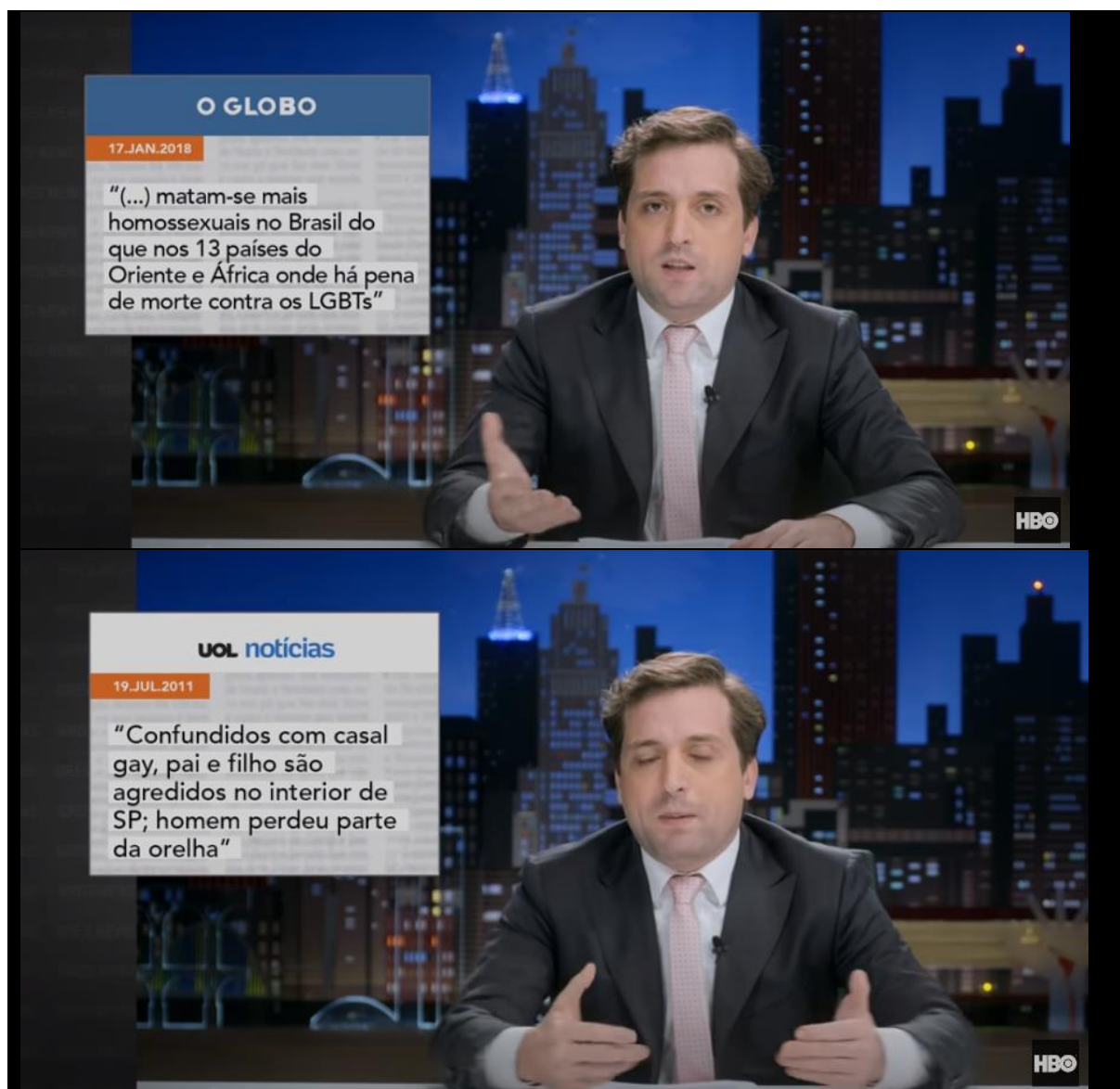
Figura 141 – *Greg News*: Bolsonaro e a negação da existência de homofobia no Brasil



Fonte: Reprodução HBO.

Desmentindo a declaração de Bolsonaro, Duvivier apresenta dados sobre a homofobia no Brasil (Figura 142).

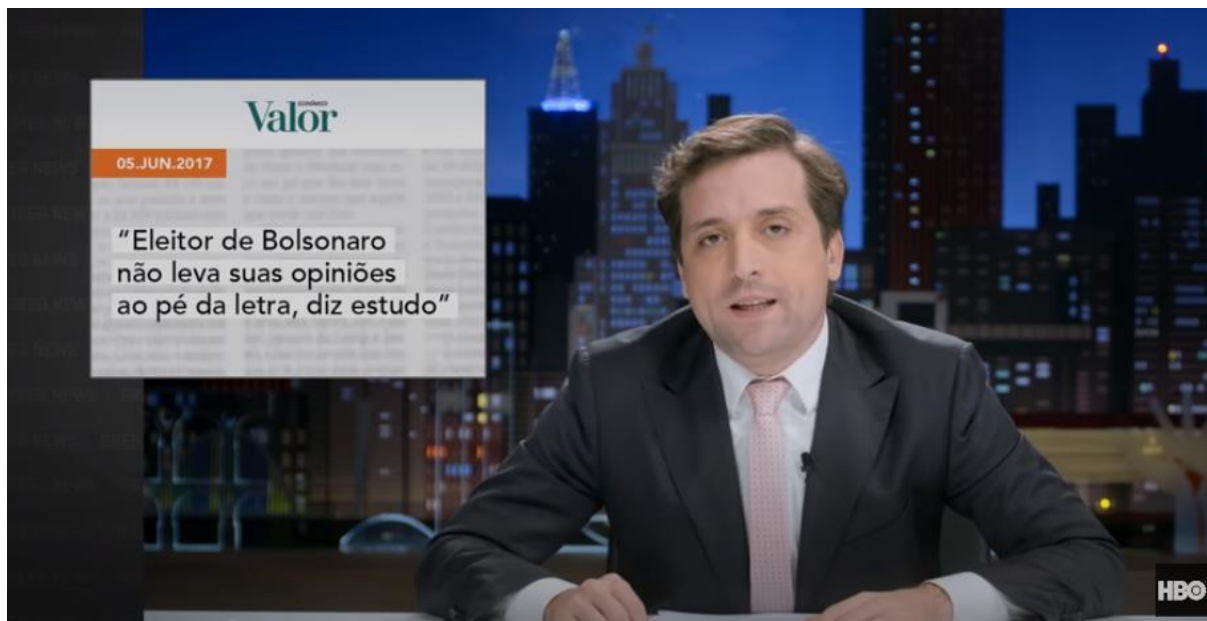
Figura 142 – *Greg News*: dados sobre o homicídio de homossexuais no Brasil



Fonte: Reprodução HBO.

Duvivier aponta ainda para uma das maiores incongruências que atravessariam todo processo eleitoral de 2018: os eleitores de Bolsonaro alegavam levar o candidato a sério, mas não tomavam ao pé da letra o seu discurso (Figura 143).

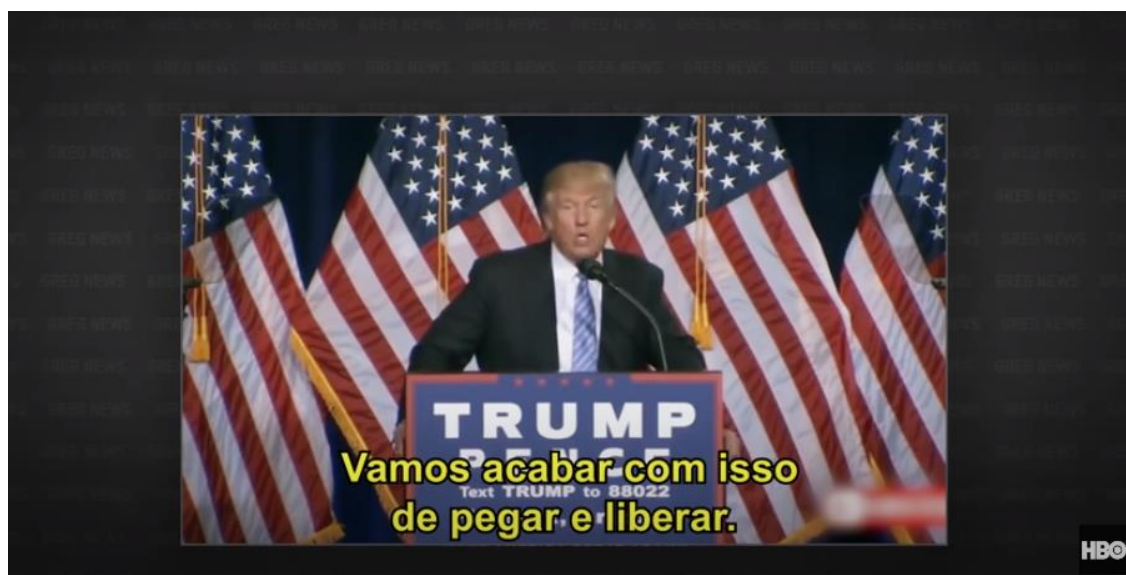
Figura 143 – Greg News: os eleitores de Bolsonaro relativizam suas declarações



Fonte: Reprodução HBO.

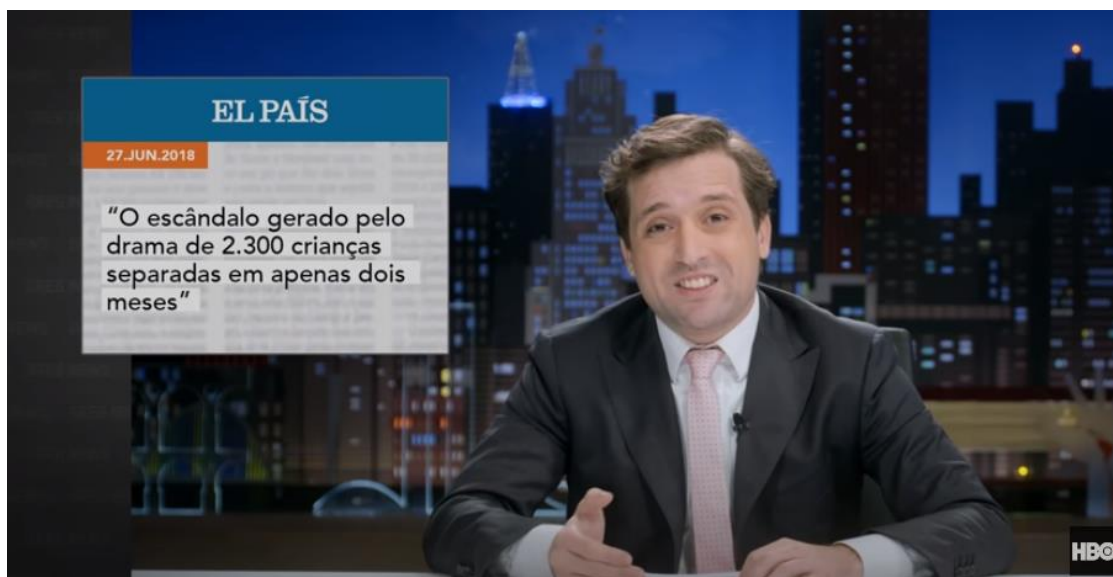
Tal incongruência explicitava que nada valeria o argumento racional para dissuadir os eleitores de Bolsonaro de sua escolha. É nesse sentido que Duvivier procura alertar para a concreção do discurso apontando a implementação real do discurso xenofóbico do ultradireitista Donald Trump durante sua campanha nos Estados Unidos (Figura 146) em sua atuação como presidente dos Estados Unidos, separando mães imigrantes ilegais de seus filhos na fronteira norte-americana (Figura 147).

Figura 144 – Greg News: o discurso de Donald Trump na campanha eleitoral de 2016



Fonte: Reprodução HBO.

Figura 145 – Greg News: governo Trump separa mães imigrantes ilegais de seus filhos na fronteira



Fonte: Reprodução HBO.

Após a reprodução de áudios de crianças estrangeiras encaminhadas para os centros de detenção pela extrema direita trumpista (Figura 146), Duvivier conclui sensivelmente emocionado: “Quando Bolsonaro diz que defende a tortura, talvez não seja modo de falar, talvez ele esteja falando sério. A ditadura que ele defende torturava mulheres grávidas e crianças. Talvez você seja racista, homofóbico, misógino. Nesse caso, você tem razão de escolhê-lo.”

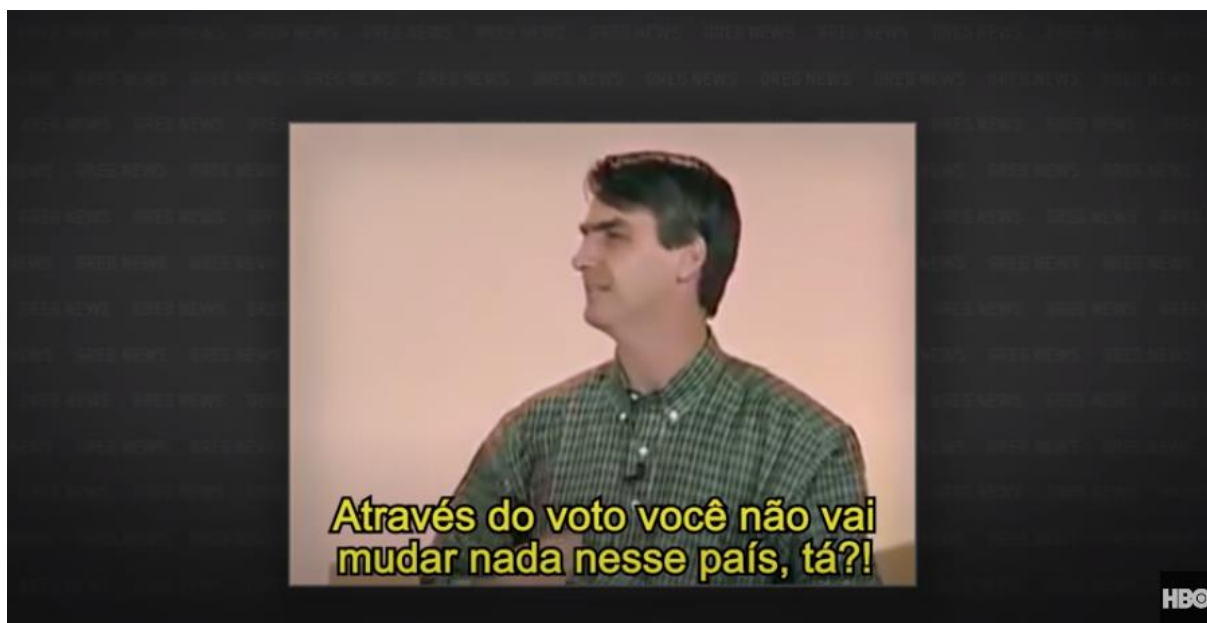
Figura 146 – Greg News: vídeo de crianças imigrantes retidas pelo governo trumpista



Fonte: Reprodução HBO.

Por fim, Duvivier – ainda se dirigindo aos eleitores de Bolsonaro – afirma: “Se você tem tendências bolsonaristas, desista do voto!”, apresentando um vídeo em que o capitão reformado se posiciona contrariamente à democracia (Figura 147).

Figura 147 – *Greg News*: a oposição de Bolsonaro à democracia eleitoral



Fonte: Reprodução HBO.

Como podemos notar, a estratégia argumentativa empregada por *Greg News* foi a mesma de que se valeu a oposição nas conturbadas eleições de 2018: apontar para o histórico pífio de Bolsonaro na política, dimensionar a gravidade de suas declarações, sopesar os valores defendidos pela extrema direita. Contudo, o desfecho é conhecido: enquanto Lula era mantido preso na Superintendência de Curitiba em decorrência de um processo conduzido arbitrariamente por Sergio Moro e seus pares na Operação Lava Jato, Jair Bolsonaro é eleito presidente no segundo turno das eleições, ocorrido em 28 de outubro de 2018, com 57,8 milhões de votos (55,13%), derrotando o petista Fernando Haddad, que obteve 47.040.819 votos (44,87%).

Nos episódios que se seguiram à temporada de 2018, Duvivier se oporia ao governo bolsonarista e aderiria à ideia de uma Frente Ampla, como recurso para vencer o fascismo à brasileira. Com efeito, como mostra Adamatti (2015), a Frente Ampla surgiu no Brasil como um recurso para aliar a esquerda e fazer a oposição ao regime militar, remontando indiretamente à uma proposta de Frente Única do PCB. A proposta da Frente Única pretendia criar uma unidade de ação da classe operária, mas mantendo a fisionomia de cada partido. Posteriormente

surgiram as Frentes Populares e as Frentes Nacionais, retomando a ideia de Frente Única, como uma aliança centrada na ação dos partidos de esquerda, democráticos e antifascistas. As frentes possuem desde reivindicações políticas e econômicas até a defesa da paz e da liberdade democrática (ADAMATTI, 2015).

No cenário polarizado que acompanhou as eleições presidenciais de 2022, Lula consegue organizar uma Frente Ampla: tendo como candidato à vice-presidência seu antigo rival Geraldo Alckmin (que se desfilia do PSDB e filia-se ao PSB), a frente contou com o apoio de Simone Tebet (MDB), do PDT (embora Ciro Gomes tenha se mantido neutro) e de ex-presidentes, como Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e José Sarney (MDB). Em uma eleição apertada, Lula é eleito no segundo turno para seu terceiro mandato como presidente com 60.345.999 de votos (50,90%) e Bolsonaro fica em segundo lugar com 58.206.345 de votos (49,10%).

A coligação de Lula ficou conhecida como “Brasil da Esperança”, utilizando, além do vermelho, as cores e o símbolo que remontam à bandeira do Brasil, que havia sido confiscado pela extrema direita para representar o ufanismo conservador (Figura 148).

Figura 148 – Logotipo utilizado pela coligação “Brasil da Esperança”



Duvivier, outrora crítico inflexível da postura conciliatória de Lula, parece se conscientizar de que o único recurso para vencer o bolsonarismo seria a aliança política entre a esquerda e núcleos divergentes, como os representados por Tebet e Alckmin. No episódio “Geraldo Alckmin” (exibido em 15 de abril de 2022),¹⁰² Duvivier reconhece a necessidade da

¹⁰² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NBOeGUZ36ZY>>. Acesso em: 27 mai. 2023.

Frente Ampla e admite que a união entre Lula e seu antigo rival cooptaria votos e esvaziaria a aclamada demanda uma terceira via, na medida em que Alckmin transferiria parte do seu capital simbólico e eleitoral para Lula:

A verdade é que, apesar de tudo que separa Lula e Alckmin, a aliança dos dois não é exatamente uma novidade histórica. No início dos anos 80, políticos brasileiros de todo o espectro democrático subiram no palanque das diretas pra acabar com a ditadura. Lula e Fernando Henrique estavam juntos. Brizola, Tancredo e Ulysses Guimarães também. Palmeiras e Corinthians também. E a Globo? A Globo não, a Globo não. A Globo, ela estava em busca de uma terceira via.

Nessa linha, no episódio destinado a Ciro Gomes (exibido em 13 de maio de 2022), Duvivier declara explicitamente que não votaria em Ciro, pois ele não teria condições de, isoladamente, fazer frente à Bolsonaro e tampouco conseguiria implementar seu ambicioso projeto com a base política de que dispunha.

Em oposição a Bolsonaro, os episódios *Greg News* que se seguiram às eleições de 2018 apontaram para os desdobramentos do governo de extrema direita e para o discurso empregado pelo então presidente Bolsonaro, como se vê no episódio intitulado “Decência” (exibido em 3 de junho de 2022).¹⁰³ (Figura 149).

¹⁰³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ucnn_Qhf0v4>. Acesso em: 27 mai. 2023.

Figura 149 – *Greg News: Bolsonaro x decência*

Fonte: Reprodução HBO.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação de mestrado ora apresentada realizou uma análise discursiva e audiovisual de *Greg News* (2017-2024) enfocando o posicionamento político do programa no contexto que antecedeu a eleição presidencial de 2018 no Brasil, marcada pela ascensão da extrema direita. Mostramos que, dentro do contexto histórico que faz parte, o programa apresenta uma linha editorial que se anuncia progressista e, portanto, contrária ao reacionarismo que se revelou no país sobretudo ao longo da última década, o programa produzido pela HBO Brasil e apresentado por Gregorio Duvivier dota-se de um formato híbrido entre jornalismo de opinião e humor. Em *Greg News*, a informação e o ajuizamento sobre os fatos correntes no universo político aliam-se ao emprego do humor como recurso crítico. O programa é inspirado no *Last Week Tonight with John Oliver*, exibido pela HBO nos Estados Unidos, gênero televisivo classificado como *late-night talk show*.

Sobre a estruturação do programa, vimos que, Gregorio Duvivier entra em cena sozinho, caracterizando-se como apresentador de telejornal. O cenário conta com uma bancada e o apresentador, vestido de terno a gravata, durante a maioria dos episódios se mantém sentado. Durante a exibição do episódio, há a inserção de notícias e dados sobre o assunto apresentado, seja em forma de *picture-in-picture* (PiP), por meio do qual as informações acompanhadas de fontes aparecem em tela minimizada à direita do apresentador, ou por meio da reprodução de recortes de vídeos. Essa recorrência de fontes fornece embasamento informativo aos espectadores e evita contestações processuais. *Greg News* aborda temas de abrangência nacional e também específicos. O roteiro traz análise crítica de acontecimentos políticos contemporâneos, bem como econômicos e sociais, muitas vezes traçando um histórico explicativo da temática a ser abordada no episódio.

Mostramos dados sobre a trajetória de Gregorio Duvivier como ator, humorista, roteirista e escritor. Seguindo a linha do humor associado ao politicamente incorreto, seu sucesso adveio com o coletivo *Porta dos Fundos*, canal do YouTube fundado em 2012. Fora das telas e dos palcos, Duvivier assume uma posição de destaque no debate público. Como vimos, além de se posicionar à esquerda na coluna que assinava no jornal *Folha de S. Paulo*, Duvivier participou de diversos atos públicos, como nas manifestações contrárias ao afastamento de Dilma Rousseff (PT) da presidência da República em 2016 e, anos mais tarde, na Vigília Lula Livre, defendendo a soltura do ex-presidente e se colocando frontalmente contrário ao lavajatismo representado sobretudo pela figura de Sergio Moro.

Na equipe do programa, alguns profissionais se destacam pelo ativismo político. Alessandra Orofino, a diretora-geral do *Greg News*, é economista, cientista política, ativista e diretora executiva da rede de ativismo Nossas. Assim como o roteirista Bruno Torturra, que é fundador do coletivo independente "Mídia Ninja". O editor-executivo é Denis Russo Burgierman, a quem tivemos a oportunidade de entrevistar. *Greg News* reúne, portanto, um perfil de figuras públicas engajadas e progressistas.

Vimos que os gêneros televisivos, aos quais podemos somar os gêneros que compõem a mídia audiovisual em seu conjunto, e o humor são instâncias históricas e dependem do contexto em que se inserem. Ao realizarmos um histórico do humor na televisão brasileira, pudemos verificar que os gêneros televisivos não possuem uma estrutura rígida, na medida em que se modificam conforme as demandas que emergem do público, acompanhando, portanto, as transformações políticas, econômicas, tecnológicas e culturais da sociedade. Também o humor apresenta um caráter temporal, haja vista que algo que tenha provocado riso no passado pode hoje ser indiferente ao público.

Até a década de 1980, predominaram os programas com uma estrutura narrativa baseada em esquetes, uma sucessão de quadros independentes, contando com uma ambientação como elemento unificador, com personagens caricatos que representavam os tipos sociais e com a insistente utilização de bordões. Bastante distinto desse perfil, *Greg News* guarda similaridades com os programas de *talk show* conduzidos no Brasil por Jô Soares. Embora o programa conduzido por Duvivier não seja de entrevistas, a semelhança ocorre no nível discurso, pois ambos são marcados por um discurso mais apurado (embora se valessem também de anedotas superficiais e da recorrência a calões, voltado para um público letrado, com um humor lastreado por sátiras, ironias e referências a fontes que, em geral, fogem ao domínio do senso-comum. Em Jô Soares e em *Greg News*, temos também – no que respeita ao modelo de apresentação, baseada em um apresentador que domina a cena e entretém o público com o emprego de um discurso marcado por humor – uma aproximação do *stand-up comedy*, gênero teatral no qual um comediante atua diante de uma plateia fazendo piadas, e dos programas de auditório, na medida em que a plateia participa da cena por meio de aplausos, risos, vaias.

Na contemporaneidade, com a popularização da internet e massificação das redes sociais, temos o surgimento de outras modalidades de humor, como é o caso da linguagem dos memes, que expressam uma cultura de apropriação associada ao próprio processo paródico pelo qual eles se constroem. Por se valerem de uma linguagem acessível, os memes representam uma nova forma de humor.

Com base na análise da história do humor, conseguimos atender ao primeiro objetivo específico da pesquisa, que é definir as categorias e estilos em que o *Greg News* se encaixa. Assim, o programa pode ser caracterizado pela combinação do formato jornalístico informativo e opinativo com elementos de humor. Cada episódio segue uma estrutura semelhante, começando com uma introdução extensa, seguida pela exploração do tema principal e concluindo com uma síntese breve. Todas essas partes são permeadas por numerosas digressões, através das quais o programa transita da temática central para assuntos periféricos. Seguindo esse percurso de desvios, o programa segue um trajeto em espiral: o discurso informativo é interrompido continuamente por comentários satíricos, e então retorna à seriedade da informação apenas para ser novamente interrompido pela sátira, muitas vezes relacionada a temas completamente alheios ao assunto político em questão. É nessas associações inesperadas que reside o cerne humorístico do programa.

Outra regularidade observada no funcionamento do *Greg News* é a presença de um discurso fragmentado, uma característica que reflete a linguagem utilizada nos meios digitais na era contemporânea. O programa parece desafiar o espectador a reunir fragmentos para entender a trama complexa da política brasileira. Por isso, podemos afirmar que o programa exige do espectador uma postura reflexiva e analítica específica. Dessa forma, embora o programa se inspire na tradição dos *talk shows*, ele incorpora uma linguagem extremamente contemporânea.

Essa alternância entre a sobriedade da informação e a sátira causa surpresa no espectador, o que provoca o riso, instigando-o a uma reflexão crítica. A partir de referências centrais sobre humor, ficou evidente que essa sátira proposital se associa àquilo que Minois (2003) afirma sobre a capacidade do riso modernidade: intervir sobre a realidade. A função crítica do riso é também teorizada por Bergson (2014), para quem o riso assume uma função corretiva.

A alternância entre a informação e o humor em *Greg News* faz eco aos escritos de Bergson também pelo fato de o riso advir do inesperado. No programa apresentado por Duvivier o risível funciona como um recurso crítico mordaz. Suas sátiras políticas apresentam – guiando-nos pela classificação de Raskin (1985) – o cunho das piadas difamatórias (*denigration jokes*), as quais atacam uma pessoa, um grupo, uma ideia ou uma sociedade inteira, e das piadas expositoras (*exposure jokes*), que visam a desmascarar um regime político, fazendo referência a eventos não amplamente publicados e normalmente suprimidos por tal regime. Mostramos que, em relação às piadas difamatórias, o alvo do programa é a extrema direita (representada por Jair Bolsonaro) e o “liberalismo à brasileira” (representado por setores econômicos e grupo

de políticos conservadores, como é o caso de Joice Hasselmann, Kim Kataguiri, João Doria, além do próprio Bolsonaro).

Com o aumento expressivo da polarização política e da violência no Brasil, o humor desempenha não apenas um papel crítico, mas também serve como um alívio e um prazer, conforme sugerido por Freud, ao ajudar a dissipar as tensões emocionais. Diante dos eventos particularmente angustiantes que marcaram as últimas duas eleições presidenciais, seria talvez insuportável acompanhar esses acontecimentos sem uma abordagem crítica que pudesse suavizar a gravidade do momento por meio do humor.

Greg News distingue-se de programas congêneres brasileiros alinhados a um perfil conservador radical e explícito, como é o caso de *Canal Hipócritas*, *Brasil Paralelo* e *Os Pingos nos Is* (Jovem Pan), na medida em que defende a liberdade de expressão por intermédio de um discurso que, embora seja politicamente engajado nas linhas do pensamento progressista, não endossa cegamente siglas partidárias.

Apesar de se poder considerar *Greg News* uma sátira política de esquerda, não existe uma abordagem direta do papel da mídia liberal nas eleições, pois, como seria de se esperar, um programa veiculado pela HBO não se prestaria a um confronto direto dos grandes veículos e comunicação. O enfoque sobre o liberalismo mantém uma certa dubiedade, o que talvez se explique pelo fato de ser esse um tema complexo, cuja teoria sofreu e ainda sofre uma série de redefinições.

Ao focar a questão dos costumes preconizados pelos políticos conservadores brasileiros que se declaram liberais, *Greg News* dá um saldo para além da dimensão econômica e política de modo a abranger a psicologia moral ostentada pelo neoliberalismo contemporâneo. O programa busca esclarecer que o neoliberalismo, na concepção da extrema-direita brasileira, não corresponde ao verdadeiro liberalismo, conforme definido pela doutrina liberal clássica. *Greg News* destaca o controle moral imposto pelos "falsos liberais" no Brasil, que se declaram liberais na economia, mas conservadores nos costumes, ao mesmo tempo em que demonstram uma lealdade inabalável ao mercado financeiro. Em nenhum momento *Greg News* defende a supremacia do sistema financeiro sobre as políticas sociais do Estado. Isso é claramente evidenciado no episódio "Lula e a conciliação", no qual Duvivier reconhece os avanços sociais alcançados durante a Era Petista, mas aponta a adesão ao mercado financeiro, simbolizada pelos bancos, como a principal fragilidade do governo Lula.

Se considerarmos o neoliberalismo como uma reação política às conquistas sociais principalmente alcançadas por meio da intervenção estatal, conforme conceito mais difundido, podemos concluir que *Greg News* desafia o neoliberalismo, já que sua narrativa apoia as

políticas sociais implementadas durante a Era Petista, enquanto critica o viés liberal associado à abordagem conciliatória de Lula com o mercado financeiro. Essa conciliação é vista como um erro, uma vez que as desigualdades sociais no Brasil revelam a existência de interesses irreconciliáveis. Duvivier evidencia que essa conciliação se voltaria contra a própria esquerda, como evidenciado pelo *impeachment* de Dilma Rousseff em 2015 (descrito pelo programa como um golpe) e pela condução parcial da operação Lava Jato, que resultou na prisão de Lula.

Tais constatações contrariam em parte a hipótese inicial, segundo a qual não se poderia considerar *Greg News* uma efetiva sátira política de esquerda, uma vez que, inserto na mídia liberal, o programa não afrontaria certas instâncias do neoliberalismo. O programa contraria parcialmente tal hipótese, pois, a despeito de se posicionar à esquerda e atacar o “liberalismo à brasileira”, mantém intocados pontos nodais envolvendo os grandes veículos de comunicação que compõem a mídia liberal.

Nos episódios posteriores às eleições de 2018, *Greg News* trava um discurso de oposição a Bolsonaro, apontando para os efeitos reais do discurso entabulado pelo ultradireitista ao longo da campanha de 2018. Contudo, o programa flexibiliza de algum modo sua visão sobre a conciliação, na medida em que assimila a necessidade de uma Frente Ampla no Brasil nas eleições de 2022. Nesse contexto, em 2022, um episódio específico do programa, o nono da sexta temporada, foi dedicado aos eleitores do candidato Ciro Gomes. Esse episódio culminou no convite feito por Ciro Gomes a Gregorio Duvivier para um debate ao vivo e online, realizado por meio das redes sociais em maio daquele ano. Essa interação entre o programa e uma figura política relevante sugere um impacto mútuo entre o cenário político e o programa, o que constituía um dos objetivos elencados nesta pesquisa.

Para um acompanhamento da posição do programa, com o propósito de se compreender de modo mais apurado em que medida a postura de 2018 é reiterada ou flexibilizada, tendo em conta os últimos acontecimentos políticos no Brasil, sugerimos, como continuidade a este estudo, uma análise futura envolvendo todas as temporadas do programa acompanhando seus núcleos temáticos. Além disso, sugerimos, por fim, que com esta análise ampla seja possível elucidar como o programa constrói e seleciona sua pauta em relação aos eventos políticos em curso.

REFERÊNCIAS

- ADAMATTI, M. M. **A crítica cinematográfica no jornal alternativo Opinião: frentismo, estética e política nos anos setenta.** 2015. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2015.
- AGUIAR, L. A.; CRUZ, J. Infotainment e legitimação da opinião: estudo de caso sobre o programa Greg News. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 42., 2019. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, s.l., 2019.
- ALBERTI, V. **O riso e o risível: na história do pensamento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- ALERTA sobre censura: Episódio de Simpsons é retirado do Disney+ de Hong Kong. UOL, São Paulo, 2021. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2021/11/30/2629_episodio-de-simpsons-e-retirado-do-disney-de-hong-kong-e-liga-alerta-sobre-censura.html. Acesso em: 25 set. 2022.
- ALTAS Horas. Apresentado por Serginho Groisman. São Paulo: Rede Globo de Televisão. 01 jun. 2013. Entrevista com Clarice Falcão. Disponível em: Acesso em: 6 set. 2022.
- AMORIM, E. R. **O Telejornalismo Paulista nas Décadas de 50 e 60.** São Paulo: Centro Cultural de São Paulo, s.d. Disponível em: <http://www.centrocultural.sp.gov.br/livros/pdfs/telejornalismo.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.
- ARAGÃO, J. Católicos e evangélicos se unem em campanha contra o Porta dos Fundos. Antônio Gonçalves: Itinga Gospel, 6 jan. 2014. Disponível em: <https://itingagospel.com.br/portal/catolicos-e-evangelicos-se-unem-em-campanha-contra-o-porta-dos-fundos/>. Acesso em 7 set. 2022.
- ARÊAS, V. **Iniciação à Comédia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- ATTARDO, S. A primer for the linguistics of humor. *In: RASKIN, V. The primer of humor research.* Berlim: Walter de Gruyter, 2008, p. 101-158.
- BASQUES, Messias. O riso como expressão de um modo de entendimento: do bergsonismo à antropologia. **Scientiae Studia**, 2011, v. 9, n. 1, p. 105–128, 2011.
- BENTO, E. PRF tentou impedir votos no NORDESTE? Dados reveladores sobre ações chegam à Justiça. **Jornal do Commercio**, Recife, 06 nov. 2022. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/mobilidade/2022/11/15115380-prf-tentou-impedir-votos-no-nordeste-dados-reveladores-sobre-acoes-chegam-a-justica.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BERGSON, H. **O Riso.** Ensaio sobre o significado do Cômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BOBBIO, N. **Direita e Esquerda. Razões e Significados de uma Distinção Política.** São Paulo: Editora UNESP, 1995.

_____. **O futuro da democracia**. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1995.

BRUNO, M. L. Humor como fonte de informação no programa “Greg News”. **Revista Científica Multidisciplinar UNIFLU**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 1, p. 205-223, 2019.

CAJAZEIRA, P. E. S. L. **O fenômeno da convergência jornalística**. Revista de Estudos de Comunicação, Curitiba, v. 15, n. 37, p. 119-136, 2014.

CARDOSO, J. B. F.; SANTOS, R. E. Humorísticos da TV brasileira: a trajetória do riso. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 1-16, 2008. Disponível em: www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina. Acesso em: 6 set. 2022.

CASTRO, T. B. Resistências cultural e política na ditadura militar: o front cultural e a Frente Ampla na luta por democracia (1966-1968). **Revista Argumentos**, Montes Carlos, v. 14, n. 1, 2017. <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/363/3631546010/index.html>

CHADE, J. ONU: proibição de candidatura de Lula em 2018 violou direitos políticos. São Paulo: UOL Notícias, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamilchade/2022/04/28/onu-lula-teve-seus-direitos-politicos-violados-em-2018.htm>. Acesso em: 14 out. 2022.

CIRO Gomes e Gregorio Duvivier batem boca durante debate em live. **G1**, Brasília, 2022a. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/05/21/ciro-gomes-e-gregorio-duvivier-batem-boca-durante-debate-em-live.ghtml>. Acesso em: 12 set. 2022.

CIRO Gomes diz que Duvivier aceitou debater na 6ª feira. **Poder360**, s.l., 2022b. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/ciro-gomes-diz-que-duvivier-aceitou-debater-na-6a-feira/>. Acesso em: 12 set. 2022.

CONSULTOR JURÍDICO. **Divulgado cronograma de audiência sobre liberdade de expressão artística**. São Paulo: ConJur, 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-out-31/divulgado-cronograma-audiencia-liberdade-expressao>. Acesso em: 7 set. 2022.

CRUZ, J. F. J. **Jornalismo, Infotainment e legitimação da opinião**: estudo de caso sobre o programa Greg News. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

DEJAVITE, F. A. Mais do que economia e negócios: o jornalismo de infotainment no jornal Gazeta Mercantil. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 3, n. 6, p. 64-72, 2003. <https://doi.org/10.13037/ci.vol3n6.563>

DUVIVIER, G. Aprendi coisa à beça, até já. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 98, n. 32.569, p. 1, 4 jun. 2018. Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/folha-de-s-paulo/20180604/282338270561491>. Acesso em: 6 set. 2022.

FELIX, F. **Diferença entre Jornalismo Interpretativo e Opinitivo**. Rio de Janeiro: Academia do Jornalista, s.d. Disponível em: <https://www.academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalistico/diferenca-entre-jornalismo-interpretativo-e-opinativo/>. Acesso em: 16 set. 2022.

FERES JUNIOR, J. **Greg não é tão News**. São Paulo: Carta Capital, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaogreg-nao-e-tao-news/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

FREUD, S. O humor [1927]. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. Tradução de Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GOES, T. 'Greg News' estreia com mordacidade, mas escolhe alvos fáceis. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 2017. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2017/05/greg-news-estreia-com-mordacidade-mas-escolhe-alvos-faceis.shtml>. Acesso em: 5 out. 2022.

GOUVEIA, A. PRF dificulta acesso em estradas do Nordeste, denunciam eleitores. **Correio Braziliense**, Brasília, 30 out. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5048054-prf-dificulta-acesso-em-estradas-do-nordeste-denunciam-eleitores.html#tags>. Acesso em: 20 out. 2022.

GREGORIO Duvivier. Companhia das Letras, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=03611>. Acesso em: 19 set. 2022.

GRUDA, M. P. P. Uma Análise do Discurso do Humor. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 5, n. 1, p. 747-760, 2011.

HOINEFF, N. **A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

JAIR Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. **G1**, Juiz de Fora, 6 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2022.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. The cultural logic of media convergence. **International Journal of Cultural Studies**, Madison, v. 7, n. 1, p. 33--43, 2004.

JUCKEL, J.; BELLMAN, S.; VARAN, D. A humor typology to identify humor styles used in sitcoms. **Humor**, v. 29, n. 4, p. 583-603, 2016.

JUSTO, J. S. Humor, educação e pós-modernidade. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Humor e Alegria na Educação**. São Paulo: Summus, 2006. p. 103-112.

LIPOVETSKY, G. A sociedade humorística. *In: LIPOVETSKY, G. A era do vazio*. Barueri: Manole, 2005.

LUCIANO Hang diz que Universidades formam ‘zumbis’ e ‘comunistas’. **Correio do Estado**, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/luciano-hang-diz-que-universidades-formam-zumbis-e-comunistas/363510>. Acesso em 13 dez. 2022.

MACIEL, A.; FONSECA, B. PRF parou cinco vezes mais ônibus no Nordeste que no Sul. **Agência Pública**, s.l., 30 out. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/10/prf-parou-cinco-vezes-mais-onibus-no-nordeste-que-no-sul/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MATTOS, S. **Um perfil da TV brasileira**: 40 anos de história. Bahia: A TARDE, 1990.

MARTÍN, M. Gregorio Duvivier: “Nossa esperança de mudança não pode vir do Lula”. **El País**, 5 maio 2017. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/06/cultura/1494025263_129888.html. Acesso em: 18 set. 2018.

MEMÓRIA GLOBO. História. Brasília: Memória Globo, 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

MENDONÇA, M. G. **O Demolidor de Presidentes**. São Paulo: Códex, 2002.

MINOIS, Georges. **História do riso e do escárnio**. Tradução de Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

MIAZZO, L. Presidente do PDT explica por que Ciro não participou da campanha de Lula no 2º turno. São Paulo: **Carta Capital**, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/presidente-do-pdt-explica-por-que-ciro-nao-participou-da-campanha-de-lula-no-2o-turno/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

MORREALL, J. **Comic relief**: a comprehensive philosophy of humor. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.

MORATELLI, V. **10 anos do Porta dos Fundos**: quando o canal de humor irritou a esquerda. **Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/10-anos-do-porta-dos-fundos-quando-o-canal-de-humor-irritou-a-esquerda/>. Acesso em: 6 set. 2022.

NAPOLITANO, M. **Coração Civil**: Arte, Resistência e Lutas Culturais Durante o Regime Militar Brasileiro (1964-1980). Tese (Livre-docência) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2011.

Moro divulga nota sobre as matérias com a troca de mensagens entre ele e Dallagnol. **O Antagonista**, São Paulo, 9 jun. 2019. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/brasil/moro-divulga-nota-sobre-as-materias-com-a-troca-de-mensagens-entre-ele-e-dallagnol/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso** – Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

PADIGLIONE, C. Greg News volta ao ar, mas fará pausa para fugir de lei eleitoral. São Paulo: **Folha de S. Paulo**, 2022. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/columnistas/cristina-padiglione/2022/03/greg-news-volta-ao-ar-mas-fara-pausa-para-fugir-de-lei-eleitoral.shtml>. Acesso em 8 set. 2022.

PEREIRA, L. C. A. Os avanços tecnológicos no telejornalismo brasileiro: de 1950 à Era Digital. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 1, p. 1-12, 2008. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/pereira-livia-avancos-tecnologicos.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

PEREIRA, L. Com Gregorio Duvivier, “Sísifo” faz curta temporada em São Paulo. São Paulo: Teatro Sérgio Cardoso, 2022. Disponível em: <https://www.teatrosergiocardoso.org.br/pt-br/noticias/com-gregorio-duviver-sisifo-faz-curta-temporada-em/>. Acesso em: 6 set. 2022

PEROTTI, I. L. **Uma tipologia do discurso de humor** (O político do humor e o humor político). 1995. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

PIOVESAN, E.; SIQUEIRA, C. **Arthur Lira é eleito presidente da Câmara dos Deputados em 1º turno, com 302 votos**. Brasília: Câmara dos Deputados, 02 fev. 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/724767-arthur-lira-e-eleito-presidente-da-camara-dos-deputados-em-1o-turno-com-302-votos/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

PIRANDELLO, L.; NOVEL, T. On Humor. *The Tulane Drama Review*, Cambridge, v. 10, n. 3, p. 46-59, 1966. <https://doi.org/10.2307/1125162>

PLATÃO. **A república de Platão**. Tradução e organização de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2014.

POSSENTI, S. O humor e a Língua. **Ciência Hoje**, v. 30, n. 176, p. 72-74, 2001. Disponível em: <http://juliofurtado.com.br/wp-content/uploads/2017/06/o-humor-e-a-lingua-texto.pdf>

GREGORIO Duvivier. **Pure People**, s.l., 2022. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/famosos/gregorio-duvivier_p3405. Acesso em: 19 set. 2022.

RAMALHO, R.; OLIVEIRA, M. **TSE decide por 6 votos a 1 rejeitar a candidatura de Lula a presidente**. Brasília: **G1**, 31 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/31/maioria-dos-ministros-do-tse-vota-pela-rejeicao-da-candidatura-de-lula.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2022.

REFKALEFSKY, E. Para além da lide: o jornalismo interpretativo brasileiro. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 20., 1997. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, s.l., 1997. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/1761768000be8aa4f85b9fa8853a290.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (Org.), **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 77-119, 2020.

SALIBA, E. T. **Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, R. P. Jornalismo de infotainment: análise discursiva da relação entre a informação e o humor em Greg News. *In*: MOLINA, A. H.; PELEGRINELLI, A. L. M.; SILVA, G. N. (Org.). **Anais VII Encontro Nacional de Estudos da Imagem IV Encontro Internacional de Estudos da Imagem**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2019. p. 37-53.

SILVA, E. M. De “cabeças falantes” a “corpos imersivos”: o papel dos apresentadores no telejornalismo brasileiro. *In*: WARD, R. (Org.). **Narrativas e Representatividades, a interdisciplinaridade na Comunicação**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins/EDUFT, 2017. p. 95-109.

SILVA, C. E. L. **Muito além do jardim botânico**: Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SILVA, E. M.; ALVES, Y. M. Bases epistemológicas do Telejornalismo Brasileiro: do Telejornalismo Falado ao Telejornalismo Expandido. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, 2017.

SOUZA, M. F. **A Teoria do Humor Brasileiro em Movimento**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

TOMÉ, B. **Foi longe demais**: os episódios de Os Simpsons que foram censurados. s.l.: Observatório do Cinema, 2020. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/listas/2020/04/foi-longe-demais-os-episodios-de-os-simpsons-que-foram-censurados>. Acesso em: 25 set. 2022.

TSE. Emissoras de rádio e TV devem ficar atentas a restrições na veiculação de conteúdo sobre as eleições a partir de sábado (6). **Brasília**: TSE, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Agosto/emissoras-de-radio-e-tv-devem-ficar-atentas-a-restricoes-na-veiculacao-de-conteudo-sobre-as-eleicoes-a-partir-de-sabado-6>. Acesso em: 10 out. 2022.

ANEXO

ENTREVISTA COM DENIS RUSSO BURGIERMAN, EDITOR-CHEFE DO *GREG NEWS*

A entrevista foi realizada pela autora desta dissertação no dia 25 de setembro de 2022, via Google Meet, tendo a duração de 34 minutos.

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita/ouvida.

INÍCIO – [00:00:02]

[00:00:02] Sônia Maria Reis de Souza: Muito bem. Denis vamos lá então para a primeira questão. Como é feita a decisão da temática de cada episódio? Vocês têm uma reunião de pauta semanal, quem compõe essa reunião de pauta...

[00:00:16] Denis Russo Burgierman: A gente tem sim uma reunião de pauta semanal na quarta-feira que é logo após a gravação. A gente grava o programa na terça à noite e... quarta pela manhã... é isso, quarta pela manhã a gente se encontra e define as... os próximos programas. A gente costuma ter também uma outra reunião nas segundas feiras da diretoria, que são quatro pessoas, que é a Alessandra Orofino, nossa diretora executiva, o Gregorio e eu e o Bruno Torturra, que somos os editores chefes, que somos do... a gente chefia o time de jornalismo. E nessa reunião de segunda a gente tenta pensar em pautas mais distantes, porque o programa funciona bem quando a gente consegue fazer com tempo, quando a gente consegue trabalhar quase um mês em cada pauta, porque um repórter fica com essa pauta explorando o tema e faz uma pesquisa vasta e tem um ponto de partida que é um texto jornalístico, quase sem piada, que é meio que a estrutura que vai redundar no programa, que vai resultar no programa. Então quando a gente tem tempo para elaborar com calma esse texto base, é bom para o programa. Mas muito frequentemente a gente não tem, porque o Brasil atropela a gente, a gente pensa em fazer uma pauta, daí um assunto se impõe, isso tem acontecido com muita frequência.

[00:02:04] Sônia Maria Reis de Souza: Sim, foi o exemplo da Marielle, por exemplo, que vocês gravaram quase que imediatamente.

[00:02:10] Denis Russo Burgierman: Foi. Foi sim.

[00:02:14] Sônia Maria Reis de Souza: Denis, você citou a equipe de jornalismo, quantas pessoas compõem essa equipe? Majoritariamente jornalistas, humoristas, como é que funciona?

[00:02:23] Denis Russo Burgierman: A gente tem um time de jornalistas e daí é assim, além do Bruno Torturra e de mim a gente tem um time de repórteres e são quatro repórteres que estão no dia a dia, é meio... Na verdade dois deles são repórteres do... duas delas, são todas mulheres. Duas delas fazem parte do time fixo e estão a disposição todos os programas e duas delas têm um acordo meio como um freela mensal, elas fazem uma pauta por mês, então elas não estão à disposição para as pautas que vão... que a gente vai inventando, elas trabalham com um prazo um pouquinho mais longo para entregar uma pauta por mês.

[00:03:07] Sônia Maria Reis de Souza: E vocês...

[00:03:07] Denis Russo Burgierman: E é o time de repórteres bem forte, a gente tem um... a Carol Pires trabalha com a gente, Carol Pires que fez o retrato narrado do Bolsonaro, uma super repórter de Brasília que é a nossa escolha para as pautas mais de bastidores e de Brasília e que demandam a gente estar em contato com os políticos. Aí tem a Fernanda Mena, que trabalha muito com direitos humanos, repórter da Folha. E a Luísa Mígues, a Mariana Filgueiras, gente com muita experiência, a Luísa que trabalhou muito na Piauí, a Mariana que trabalhou muito no Globo. Time forte para a gente ter um... a gente não encara o jornalismo... não é um roteiro como a maioria dos roteiros da TV que tem o time de pesquisa e que o trabalho criativo tá muito na mão dos roteiristas, o nosso é muito junto, é um texto híbrido, que é um texto que é ao mesmo tempo de humor e jornalístico.

[00:04:14] Sônia Maria Reis de Souza: E como que acontece essa junção para colocar o humor no texto, como é que vocês fazem? O repórter chega com o texto dele, depois da apuração feita, as entrevistas, e aí como é que é feito esse processo da construção do texto final?

[00:04:28] Denis Russo Burgierman: Do jeito mais difícil. É assim, a gente... Os roteiristas de humor trabalham em cima desse texto base, que é o texto do repórter, tem lá o Eduardo Branco e o Arnaldo Branco, dois roteiristas de humor bem experientes e que trabalham juntos no geral. Geralmente eles pegam texto e dividem na metade e cada um deles trabalha um pouco. O Gregorio também entra no texto, ele sempre entra no final, ele sempre arremata, mas as vezes ele entra junto também nesse momento, os roteiristas de humor... o texto do repórter geralmente passa por mim, ou pelo Bruno, antes de chegar para os humoristas, eu fecho o texto de humor. Mas assim, todo mundo vai colocando esses elementos. Quando a gente chega na terça feira de manhã, todo mundo já colocou pra dentro do texto tudo que tinha quer colocar, o repórter já colocou pra dentro, eu já tentei dar alguma organização para a história, os humoristas já puseram as piadas, e daí vem o mais difícil, porque a terça feira a gente trabalha juntos. A gente fecha o texto a muitas mãos. A verdade é que quem está mais com a mão no texto nesse momento é a Alessandra, nossa diretora, e o Gregorio. Mas é uma reunião que envolve umas

seis, sete pessoas e a gente faz uma reunião longuíssima, uma reunião de dia inteiro. Começa às 9h30 da manhã e vai até anoitecer, e o Gregorio vai direto gravar depois dessa reunião, é uma passagem lenta pelo texto, a gente vai discutindo e problematizando cada passagem e é por isso que o nosso texto é um texto híbrido, por isso que ele não é um texto de humor baseado em jornalismo, ele é realmente fechado junto, do jeito mais difícil, porque a gente problematiza tudo e a gente fica lá no ajuste fino. O jornalista falando “pô, essa piada está atrapalhando a informação”, o humorista falando “pô, essa informação tá atrapalhando a piada” e a gente vai tentando chegar nesse ajuste em que tanto a informação quanto a piada funcionam. Nesse sentido ele é um programa meio único, não parece outros, porque essa busca do texto híbrido, do texto que nenhum de nós seria capaz de fazer sozinho. Agora, é uma reunião exaustiva. Eu ‘tô’ aqui em São Paulo, a maior parte do time está no Rio, essa reunião é presencial. Ultimamente eu tenho entrado muito por Zoom, durante a pandemia a gente fez isso inteiramente por Zoom. Mas não é muito fácil não, né, está todo mundo junto lá e eu tentando entrar por Zoom, é uma reunião exaustiva e muito divertida.

[00:07:21] Sônia Maria Reis de Souza: Imagino. E como se dá o processo de escolha dos memes que vão entrar, as imagens, porque o meme tem um timing, ele tem uma validade. Como vocês lidam com isso?

[00:07:33] Denis Russo Burgierman: Só pra esclarecer, aquelas imagens que entram a gente chama de *pipi*, acho que vem de picture-in-picture, boa parte daquilo não é... a maior parte, grande parte daquilo tem um papel de dar credibilidade e de nos garantir juridicamente. Ali a gente, muitas vezes, usa aquele quadrinho não para a nossa narrativa, mas para colocar as fontes. É para dizer para o público “isso é piada, é engraçado, mas é verdade também, checa, dá uma olhada”. O link de tudo e você vê as manchetes, você vê que tudo aquilo... Isso serve também, e bom, várias vezes a gente foi processado e teve decisões do juiz falando que a gente estava lá citando e mostrando na fonte, ou seja, que a gente agiu com responsabilidade, com diligência, como disse um desses juízes. Então ali a gente está se garantindo juridicamente, mas a gente está também afirmando para o público que a gente não é só um programa de humor, que tudo aquilo que a gente está rindo foi checado exaustivamente, não foi inventado da nossa cabeça né.

[00:08:59] Sônia Maria Reis de Souza: E vocês têm fontes de consulta para o programa?

[00:09:04] Denis Russo Burgierman: Sim. Bom, a gente... muito daquilo as fontes são a imprensa e aí a gente busca, preferencialmente, quase sempre, depende um pouco do que a gente está querendo dizer, mas a gente normalmente busca fontes que não sejam super partidárias, a gente tenta evitar fontes muito associadas a algum campo político para mostrar

que aquilo foi pesquisado e aquilo é verdade. Às vezes a gente usa aquele espaço para fazer humor também, a gente coloca também fotos ali, por exemplo a gente está falando de uma pessoa, aparece a imagem dessa pessoa, às vezes tem algum meme, alguma coisa assim... Agora, tem entradas de humor também, muitas vezes entradas em vídeo, mas também memes né, a gente está se referindo a alguma coisa, a gente mostra algo para a pessoa dar risada. O trabalho do repórter não é fácil no Greg News e um dos principais motivos pelos quais não é fácil é o *pipi*. A gente... No texto que a gente escreve, o *pipi* entra como uma nota de rodapé, são muitos raros... aliás, nunca acontece de ter algum programa nosso que tenha menos do que 100 notas de rodapé, então é um trabalho exaustivo mesmo, além de escrever aquele texto base, texto estrutural, os repórteres estão lá colecionando os links de tudo que vai entrar naquela telinha. Então é um texto... quando você olha pra ele, ele é mais cheio de notas de rodapé do que um texto acadêmico, sabe? É um texto que realmente a gente tem que ir atrás e checar cada fonte, é bastante trabalhoso. Agora, no nosso time tem uma pessoa, que é o Eduardo Branco, que é... ele é um roteirista de humor e ele tem um repertório incrível de bobagens da internet, então ele é uma pessoa muito importante nesse processo de usar o *pipi* para fazer graça, ele encontra, ele sabe, ele é um cara muito importante para encontrar os vídeos que a gente usa pra tirar onda, ele conhece, ele lembra de um monte de coisa absurda da internet atual ou do passado, ele... porque assim, a gente usa muito o vídeo, o vídeo é importante porque o programa é uma pessoa falando, é um texto e uma pessoa falando, então é importante a gente ter essas pequenas mudanças de tom, é importante também porque elas enchem a tela e elas dão oportunidade de corte, então se tem algum erro do Gregorio, a gente não precisa voltar e gravar tudo de novo, a gente volta até o último vídeo que entrou.

[00:12:09] Sônia Maria Reis de Souza: Perfeito. Denis, e todos participam na reunião de pauta inicial, os humoristas, os repórteres, todos participam para a decisão do tema.

[00:12:17] Denis Russo Burgierman: Sim. Eu costumo dizer que a gente tem três tipos de profissional nessa reunião, os humoristas, os... os roteiristas de humor, os jornalistas e os ativistas, tem essa outra dimensão o programa, se bem que aí é principalmente a nossa diretora, a Alessandra, que é uma ativista, ela é diretora executiva de uma ONG importante, que é o Nossas, ela é uma liderança ativista, e isso é um outro aspecto que todo texto tem que ter. A gente sempre está buscando incidência, a gente quer informar, a gente quer divertir e a gente quer incidir também, a gente quer impactar nos temas que a gente trata. Então a gente está sempre com essa... essas coisas na cultura tradicional do jornalismo muitas vezes são vistas como contraditórias e para mim é bem... o Greg News não é um produto jornalístico, ele não é um programa jornalístico, ele é um texto híbrido, ele é muitas coisas ao mesmo tempo. O

jornalismo é um componente fundamental, central para o que o programa é, mas ele não é um produto jornalístico que serve só para te deixar bem informado. A gente quando acerta, quando o programa fica bom é quando a gente percebe que ele informou também, que as pessoas vão ver o programa e vão aprender e entender uma coisa que elas não estavam entendendo direito, mas um programa de sucesso, ele não é só isso, ele precisa fazer essas três coisas, ele precisa informar, divertir e incidir.

[00:14:13] Sônia Maria Reis de Souza: Certo. Você falou do departamento jurídico agora há pouco, como é a relação de vocês? Todo programa passa por eles antes? Principalmente nessa época pré-eleitoral, e aí a pausa, pelo que ficou claro no texto, é que foi por conta da legislação eleitoral, é isso?

[00:14:29] Denis Russo Burgierman: É isso, não só isso, o Gregorio está de licença paternidade também. Mas sim, a gente nunca faz o programa durante a campanha, a gente não fez em 20, nem em 18, aí acho que tem uma convicção do Gregorio, para ele é muito doído, ele não quer trabalhar com restrição. Ele... e eu acho que é uma coisa muito séria para ele isso, como humorista, para ele trabalhar com restrição, “vou fazer o programa, não posso fazer isso, isso e aquilo” é a pior coisa que existe. Então eu acho que tem aí uma negociação com o jurídico, mas tem essa decisão lá de trás de que a lei eleitoral... que não dá para fazer o que a gente faz com a lei eleitoral. A relação com o jurídico ela é muito próxima, ela tá dentro do... não é uma coisa eventual, não é “pô, a gente tem um problema, vamos falar com o jurídico”, como em todas as redações por onde eu passei, ou a gente quer fazer uma coisa, não tem certeza se pode, vamos falar com o jurídico. O jurídico está dentro do processo, e tem... aí é a Alessandra que faz essa costura, essa ponte. A Alessandra tem uma longa reunião com o jurídico todas as semanas. Depois de eles lerem o texto, tem uma... o texto volta cheio de comentários, cheio de comentários e a Alessandra negocia, e aí acho que ela faz um papel muito... a Alessandra é muito central, sem a Alessandra não tinha esse programa, ela é realmente uma liderança que faz convergir todos esses elementos. Ela não tá... quando ela vai para essa reunião com o jurídico, ela não está no espírito de vamos resolver esses problemas, ela tá no espírito... primeiro ela defende cada uma das coisas, então ela vai lá com argumentos para o jurídico e ela negocia, ela... tipo, a gente... não é que o jurídico fala “isso é problema, vamos derrubar”, o jurídico fala “isso é problema, vamos conversar até resolver esse problema”. Tanto que o jurídico é um componente, é um personagem do nosso humor, a gente sempre faz graça com isso, mas a gente é muito grato. O Greg News nunca perdeu nenhum processo, se bem que acabou de ter uma decisão de segunda instância favorável à Jovem Pan, mas a gente vai recorrer.

Eles só querem direito de resposta, na verdade, não é que eles estão nos processando, eles querem um direito de resposta, mas a gente não quer dar, a gente não acha que...

[00:17:18] Sônia Maria Reis de Souza: Não dá para dar esse direito de resposta com piada?

[00:17:20] Denis Russo Burgierman: Ah, dá. Mas o programa... Bom, não sei muito bem, porque o programa ele existe no YouTube e existe na HBO, é um slot de meia hora por semana. O direito de resposta, eu tenho a sensação que eles teriam o tempo equivalente ao do programa, ou seja, eles teriam um programa inteiro. Daí a gente vai ter um Greg News uma semana que é só a Jovem Pan falando? Mas bom, isso está longe de ser decidido, foi um juiz bolsonarista, tudo indica. A gente vive esses tempos, né. Mas o jurídico é muito chave para o programa funcionar e é didático também, eu já incorporei totalmente, já sei falar “juridiquês” sabe? É um aprendizado útil, de o que você pode afirmar, o que você não pode afirmar e os jeitos de você poder afirmar, porque muitas vezes é... Você tem que usar verbos no condicional, você não pode ficar atribuindo crimes às pessoas, mesmo aquelas que são obviamente criminosas, mas você pode dizer que elas são investigadas por crimes, que elas são suspeitas, que elas são acusadas, tudo isso... tudo isso a gente vai introjetando nessa conversa frequente com o jurídico e... é um time de jurídico também, não é uma pessoa só. É um time que está incorporado no processo, então eu disse pra você que são jornalistas, humoristas e ativistas, mas a real é que são jornalistas, humoristas, ativistas e advogados, com isso que se faz um roteiro do Greg News.

[00:19:04] Sônia Maria Reis de Souza: Legal. E você falou da vinculação do programa na HBO, que é originalmente feito para, e também no Youtube. Como é a definição de público? O público mudou ao longo dos anos, vocês fazem o programa direcionado para o público específico ou tentam abarcar outros públicos, no caso, por exemplo, daquela tentativa de conversa com os bolsonaristas, ou o programa do Ciro.

[00:19:27] Denis Russo Burgierman: Talvez esse seja um assunto, como a interlocução com a HBO é a Alessandra que faz também, talvez esse seja um assunto que ela vai conhecer com mais intimidade. Mas pelo que eu estou seguindo, a gente mais do que achar um nicho de público específico, a gente está na *vibe* de impactar o debate político, então a gente não está querendo escolher, a gente quer ter um público amplo. Eu percebo... eu não trabalhei durante toda a história do Greg News, eu ajudei a criar o programa seis anos atrás, fiz a primeira temporada, um pouquinho da segunda, saí, voltei na quarta temporada já durante a pandemia. Eu percebo que no começo era mais frequente a gente furar a bolha e, por exemplo, um programa fazer sucesso em redes de direita ligadas aos liberais, por exemplo quando a gente falou de imposto, por exemplo, isso aconteceu. Isso ficou mais difícil, até um tema que eu estudo como jornalista, eu percebo que ficou mais difícil porque as bolhas estão mais separadas

mesmo, a gente vê... tem lá o monitor do debate político na internet, o pessoal lá, o grupo do Pablo Ortelado, do Marcio Moretto, eles fazem esses mapas e essa polarização fica clara, graficamente visível, realmente teve uma separação e... parte do debate político está de um lado, parte está do outro, é um fenômeno muito claro, essa polarização do discurso. Não estou dizendo, as pessoas implicam com o termo polarização porque parece que ele implica que tem dois lados iguais, igualmente radicais, não é disso que eu estou falando, o que eu estou falando é tipo essa polarização no sentido de os polos se afastarem, se desconectarem e de não ter ninguém no meio e quem está no meio, na verdade, fica irrelevante para os dois lados. Eu acho que isso é um fenômeno que a gente, né, aconteceu com a Marina Silva isso, ela foi moderada de um jeito que todo mundo parou de ouvir ela, eu acho que isso tem a ver com a arquitetura das redes, com o jeito que as redes estão construídas, com os incentivos que os algoritmos oferecem. Agora, a gente sabe que é claro que o grosso do nosso público é um pouco mais velho e é progressista, a gente faz um esforço grande de atrair um público mais novo, e aí a gente busca temas de tempos em tempos, “pô, vamos falar com os adolescentes, com os jovens”, porque a gente quer formar público, porque a gente quer... porque a gente quer incidir onde é mais relevante, a gente quer conversar com quem tem uma vida política pela frente, decisões a tomar. Então a gente tem esse esforço. Sei lá... de tempos em tempos a gente pode se dirigir aos bolsonaristas, mas a gente sabe que a gente é enxergado como um inimigo por parte desse público, a gente é realista em relação a isso. Daí é claro que tem esse negócio, o programa é... ele é bancado pela HBO, a HBO financia o programa, ele é produzido por uma produtora, ele não é feito diretamente pela HBO, mas a HBO viabiliza o programa e ela faz com que o programa seja relevante, ela ajuda a gente... tipo, a gente tem um bom orçamento, daí a gente consegue ter uma boa equipe, daí a gente consegue ter também essa respeitabilidade, a gente é um programa da TV a cabo, desse canal que tem credibilidade e que é conhecido por ter coisas de qualidade. Agora, desde o início a Alessandra e o Gregorio já queriam fazer um programa com esse formato, eles tinham feito durante o impeachment da Dilma um esquete chamado “precisamos falar sobre Temer” que foi a inspiração para o Greg News, eles amaram fazer aquilo. Eles já estavam com esse projeto na cabeça, e daí a HBO apareceu com essa vontade de ter uma versão do *Last Week Tonight* na TV Brasileira. Juntaram essas duas vontades. Mas desde o início, o que a Alessandra negociou foi para que a gente... Porque a HBO é marcada pela exclusividade, é um canal a cabo que não está em todos os pacotes, que é um pouco mais caro do que outros streamings... Então é um canal que te dá coisas que você não tem em outros lugares, e a gente queria impacto. Daí teve essa negociação de “pô, mas a gente quer pôr no YouTube” e uma conversa, “ah, mas então não pode pôr o programa inteiro no YouTube” e a

gente foi conversando sobre o que pode e o que não pode. Daí tem esse interesse aí mesmo, o nosso interesse e o interesse da emissora, e a gente conseguiu fazer com que o programa fosse... Na verdade assim, o programa geralmente tem uma pequena escalada, notinhas e daí começa o tema principal, no YouTube você vê só o tema principal, então o programa no YouTube tem alguns minutos a menos. Mas assim, o programa tem meia hora, no Youtube você vai ver que tem 25 minutos e às vezes, na verdade, tá o programa inteiro lá. Isso é fruto dessa nossa negociação, a HBO acabou topando que o programa estivesse no YouTube, e a gente sente que daí os públicos são muito diferentes. No YouTube a gente atinge um público jovem e, não só jovem, mas mais jovem que o da HBO e a gente atinge mais gente que não é da nossa bolha, gente que está interessada no tema do programa e daí chega no programa por causa do tema. É uma lógica completamente diferente. A gente acha que a repercussão que a gente sente do programa, ela vem muito... ela vem principalmente por causa do YouTube, a HBO é mais, uma coisa mais exclusiva, um público pequeno. Bom, não sei se é pequeno ou não, a HBO não revela os números, a gente não sabe...

[00:26:16] Sônia Maria Reis de Souza: Mas quando você fala que é um público mais velho, mais velho a partir de que idade?

[00:26:20] Denis Russo Burgierman: Pois é, esses dados eu até acho que a Alessandra tem isso um pouquinho mais organizado. Agora, a gente não tem dados detalhados, a HBO não compartilha com os produtores dos conteúdos deles números detalhados sobre a audiência, porque muito do que as emissoras, os canais de *streaming* têm de importante é o controle sobre esses dados, eles não compartilham com todo mundo. A gente conversa, às vezes eles trazem notícias, às vezes eles chegam dizendo “ah, legal, esse programa funcionou”, mas a gente não tem como eu tinha na minha vida pregressa dirigindo redação que eu recebia relatórios super detalhados de audiência, a gente não tem isso. Mas a gente tem mais dados do que isso que eu to conseguindo te falar, e daí se você tiver interesse em se aprofundar nisso, eu diria que vale a pena uma conversa com a Alessandra.

[00:27:24] Sônia Maria Reis de Souza: Legal, legal. Denis, e agora a gente... falando da repercussão do programa, isso direciona de alguma forma vocês?

[00:27:34] Denis Russo Burgierman: O público?

[00:27:36] Sônia Maria Reis de Souza: Não, a repercussão negativa ou positiva do tema, isso direciona vocês no próximo tema?

[00:27:42] Denis Russo Burgierman: Sem dúvida. Como um dos nossos objetivos centrais é incidência, a gente está muito interessado em saber o que o programa faz quando chega lá, e é claro que daí a intenção não é só causar polêmica, não é só isso, pra, tipo... a gente mede

impacto de muitos jeitos e a verdade é que o impacto que mais nos move é quando realmente, sei lá, uma lei é aprovada, uma decisão é tomada, tem alguns programas que foram muito impactantes. A gente fez um programa sobre entregadores, na verdade foram dois no começo da pandemia, esse programa acabou ajudando a politizar os entregadores, eles assistiram, muito do movimento dos entregadores que veio depois foi influenciado de alguma maneira pela descoberta deles e que eles são um ato político e o programa os ajudou a chegar a essa conclusão, sabe? Ao mesmo tempo, o programa inspirou um grupo de empreendedores que criaram uma plataforma... perdão... que chama App Justo, que é uma plataforma que também os caras assistiram o programa, assim, “cara isso tá errado” e criaram, lançaram uma plataforma. Vou te pedir só um segundinho...

[00:29:34] Denis Russo Burgierman: Então a repercussão importa, mas por esse ponto de vista, do impacto, não é só quantos likes a gente recebe. Mas sim, a gente acompanha, a gente... a gente tem centenas... oi pequeno... centenas de comentários no YouTube, a gente lê e compartilha entre nós, a gente está sempre de olho na reação das pessoas. Esse é o Tito.

[00:30:04] Sônia Maria Reis de Souza: Denis, só pra gente fechar então, as pessoas que são convidadas para assistir a gravação são convidadas, há uma inscrição, como é que funciona o processo da plateia?

[00:30:22] Denis Russo Burgierman: É uma inscrição. Todo mundo pode ir, ele é gravado lá no centro do Rio, naquela zona do porto que foi reformada recentemente, tem um galpãozinho lá e tem um esquema de inscrição. A pessoa manda um e-mail e é bem importante, bem importante o público próximo, é bem diferente fazer o programa sem público como a gente vinha fazendo na pandemia. É um programa de humor, o humor é muito... no contato, uma coisa engraçada, ela não é intrinsecamente engraçada, ela é engraçada quando o outro que está do outro lado ri. Então tem um diálogo. E... O programa ajuda muito... Mas é, por inscrição.

[00:31:27] Sônia Maria Reis de Souza: Legal. E isso faz a diferença?

[00:31:30] Denis Russo Burgierman: Faz muita diferença, sim. É muito importante, estava todo mundo... quando voltou a ter público, eu estava lá no Rio, deu pra ver o alívio, a alegria do Gregorio, tipo “ah, tamo de volta”. É muito tenso fazer sem público. E tem essa coisa do humor da piada infame, quando não tem ninguém pra rir, ela não... É meio catártico, uma coisa que é uma coisa que a gente passa juntos e que é construída juntos. Teve alguns momentos que inclusive tinha uma primeira passagem, sem gravar, que servia meio como teste, o que está funcionando, o que não está funcionando, pra ir melhorando as piadas. Hoje a gente não faz assim não, também a gente já está com o pulso mais...

[00:32:20] Sônia Maria Reis de Souza: Com a mão um pouco...

[00:32:22] Denis Russo Burgierman: É, com a mão mais experiente no que... sobre isso. Mas o programa na verdade é criado junto com o público. Os que funcionam melhor são aqueles que o público entra na história e o Gregorio improvisa e a coisa vai acontecendo na frente do público. Daí qualquer erro, para a gente, volta até o último corte. É raro um programa ser gravado do começo até o final sem interrupção, às vezes acontece, mas é raro.

[00:32:58] Sônia Maria Reis de Souza: Legal. Denis, muito obrigada pela sua disponibilidade, bom domingo para você.

FIM - [00:34:11]